

FIQUE
comigo

JENNIFER L. ARMENTROUT

Como **J. LYNN**

Autora best-seller #1 do *The New York Times*



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



SUMÁRIO

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

[Leia Também](#)

[Espero Por Você](#)

[Louco Por Você](#)

[Perdendo-me](#)

[Fingindo](#)

[Encontrando-me](#)

[Saiba mais](#)

[NOTA](#)

FIQUE *comigo*

JENNIFER L. ARMENTROUT
Como *J. LYNN*

Tradução
Paulo Polzonoff Junior



© 2014 by Jennifer Armentrout

Publicado originalmente por Hapercollins

Edição feita sob acordo com Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL

© 2017 Editora Novo Conceito

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2017

Produção Editorial

Equipe Novo Conceito

Armentrout, Jennifer L.

Fique comigo / Jennifer L. Armentrout ; tradução Paulo Polzonoff Junior – Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2017.

Título original: Be with me

ISBN 978-85-8163-859-1

1. Ficção norte-americana I. Título.

CDD-3940

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1885

Parque Industrial Lagoinha

14095-260 — Ribeirão Preto — SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Dedicado ao meu irmão, que fez aniversário no mesmo dia do lançamento de Fique Comigo. Feliz aniversário, Jesse James.

CAPÍTULO 1

O chá doce aparentemente seria a morte para mim.

Não por causa da quantidade de açúcar capaz de fazer entrar em coma diabético depois de um gole. Ou porque meu irmão quase tinha causado um engavetamento entre três carros, quando entrou de repente num retorno depois de receber uma mensagem de texto com apenas duas palavras.

Chá. Doce.

O pedido de chá doce estava me fazendo encarar Jase Winstead — a personificação das fantasias que todas as meninas tinham e também de algumas que eu jamais tive. E esta seria a primeira vez que eu o veria fora do *campus*.

E diante do meu irmão.

Ah, meu Deus, isso vai ser constrangedor.

Por que meu irmão mandou uma mensagem de texto para Jase e disse que estávamos nessa parte da cidade e perguntou se ele precisava de alguma coisa? O Cam deveria me levar para passear a fim de que eu pudesse me acostumar ao lugar. Se bem que o cenário que eu estava prestes a admirar certamente seria melhor do que tudo o que até agora vi neste país.

Se eu vir outra casa de striptease, vou bater em alguém.

Cam me olhou ao aumentar a velocidade pela estrada. Parece que deixamos a Route 9 há anos. Seu olhar desceu do meu rosto para o chá que eu segurava. Ele arqueou a sobrancelha.

— Sabia que existe uma coisa chamada porta-copo, Teresa?

Fiz que não com a cabeça.

— Tudo bem. Vou segurar.

— Tuuuudo bem. — Ele prolongou a palavra atendo-se à estrada.

Eu estava agindo como uma louca e precisava me acalmar. A última coisa de que precisava era que Cam descobrisse o motivo de eu agir como uma idiota.

— Então, hum, eu achava que Jase morasse perto da Universidade.

Parecia uma pergunta à toa, não é? Ah, tinha certeza de que minha voz vacilara em algum momento durante a pergunta nem tão inocente assim.

— Sim, mas ele passa a maior parte do tempo na fazenda da família. — Cam diminuiu a velocidade e fez uma curva abrupta à direita. O chá quase saiu pela janela, mas eu o segurei com mais força. O chá não iria a lugar algum. — Você se lembra do Jack, não é?

Claro que me lembrava. Jase tinha um irmão de cinco aninhos chamado Jack, um menininho que era a coisa mais importante do mundo para ele. Eu me lembrava obsessivamente de tudo o que sabia sobre

Jase da mesma forma que as fãs de Justin Bieber se lembravam das coisas que o envolviam. Por mais constrangedor que parecesse, era verdade. Jase, sem que ele ou o mundo todo soubessem, passou a simbolizar várias coisas para mim nos últimos três anos.

Um amigo.

O salvador do meu irmão.

E a minha paixão.

Até que, há um ano, bem no começo do meu último ano no ensino médio, quando Jase acompanhou Cam durante uma visita, nossa relação se transformou em algo bem mais complicado. Parte de mim só queria esquecer. Porém outra parte de mim se recusava a tirar da memória a lembrança dos lábios dele contra os meus, a sensação das mãos dele percorrendo meu corpo ou como ele gemera meu nome como se estivesse sentindo uma dor deliciosa.

Ah, meu Deus...

Meu rosto queimava por trás dos óculos de sol com essa lembrança vívida, e virei meu rosto para a janela. Fiquei tentada a abrir o vidro e tirar a cabeça para fora. Precisava me acalmar. Se Cam descobrisse que Jase tinha me beijado, ele o mataria e esconderia o corpo numa estrada rural como essa.

E seria uma pena.

Não conseguia pensar em nada e eu precisava muito de uma distração naquele momento. Por causa da condensação do chá e minhas mãos trêmulas, era cada vez mais difícil segurar o copo. Podia ter perguntado a Cam sobre Avery e isso teria dado certo, porque ele *amava* falar de Avery, ou sobre as aulas dele e os estudos para os exames da United na primavera, mas só conseguia pensar que finalmente reencontraria Jase numa situação em que ele não podia fugir de mim.

Que foi o que ele fez na primeira semana de aula.

A vegetação fechada ao lado da estrada começou a rarear e, em meio às árvores, pastagens verdejantes tornaram-se visíveis. Cam entrou numa estradinha mais estreita. A caminhonete chacoalhava nos buracos, revirando meu estômago.

Abaixei o olhar quando passamos entre dois postes escuros. Uma corrente estava no chão e à esquerda havia uma plaquinha de madeira, na qual se lia WINSTEAD: PROPRIEDADE PRIVADA. Uma enorme plantação de milho nos recebia, mas as plantas estavam secas e amareladas, como se estivessem a poucos dias de morrer e apodrecer. Para além do milharal, vários cavalos pastavam por trás de uma cerca de madeira. À esquerda, vacas gordas e aparentemente felizes ocupavam boa parte da propriedade.

Ao nos aproximarmos, avistamos um velho celeiro — assustador como o do filme *O massacre da serra elétrica*, até com aquele galo de metal no telhado. Alguns metros para além do celeiro ficava uma casinha de dois andares. As paredes brancas estavam acinzentadas e, mesmo da caminhonete, dava para ver que havia mais tinta descascando do que nas paredes. Impermeabilizante azul cobria várias partes do telhado e a chaminé parecia prestes a desabar. Tijolos vermelhos estavam empilhados ao lado da casa, como se alguém tivesse começado a consertar a chaminé mas ficou entediado e desistiu. Havia também um cemitério de carros atrás do celeiro, um mar de caminhonetes e carros enferrujados.

Arrepiei-me inteira ao me sentar um pouco mais reta. Aquela era a fazenda de Jase? Por algum motivo, eu imaginava algo um pouco mais... novo?

Cam estacionou a caminhonete a alguns metros do celeiro e desligou o motor. Ele me encarou, acompanhando meu olhar em direção à casa. Tirando o cinto de segurança, ele suspirou.

— Os pais dele passaram dificuldades há alguns anos e só agora estão se recuperando. O Jase tenta ajudar com a fazenda e tal, mas, como você vê...

A fazenda precisava de muito mais do que a ajuda de Jase.

Fechei os olhos por um momento.

— É... encantadora.

Cam riu.

— Isso é muito gentil da sua parte.

Segurei o chá com mais força, num gesto defensivo.

— É mesmo.

— Ahã. — Ele girou o boné na cabeça, protegendo os olhos. Mechas de cabelos pretos saíam pela parte de trás.

Comecei a falar algo, porém o movimento que vi pelo canto dos olhos chamou minha atenção.

Um menininho sentado num trator em miniatura berrava e gritava. Seus braços gordinhos estavam esticados e suas mãos seguravam o volante. Cabelos castanhos desgrehados brilhavam sob o sol forte de agosto. Empurrando o trator estava Jase e, apesar de eu mal ouvi-lo, tinha certeza de que ele fazia barulho de motor. Eles avançaram pelo terreno irregular e pelos pedregulhos. Jase ria enquanto o irmão gritava: “Mais rápido! Mais rápido!”.

Jase obedecia ao irmão, empurrando o trator e o ziguezagueando até parar diante da caminhonete enquanto Jack gritava, segurando com força o volante. Nuvens de poeira subiram.

E então Jase se endireitou.

Ah, uau.

Fiquei boquiaberta. Nada neste mundo faria com que eu desviasse o olhar do espetáculo diante de mim.

Jase estava sem camisa e sua pele brilhava por causa do suor. Não tinha certeza de a qual etnia ele pertencia. Tinha de ser espanhola ou mediterrânea, porque ele tinha aquele bronzeado natural que permanecia o ano todo.

Enquanto ele dava a volta no trator, seus músculos relaxavam e flexionavam. Seu peitoral era perfeito e seus ombros, largos. Ele tinha aquela musculatura que se adquire erguendo fardos de feno. Era forte. Os músculos de sua barriga ficavam tensos a cada passo. Ele tinha uma barriga de tanquinho. Totalmente acariciável. Sua calça jeans pendia baixa — baixa o bastante para eu me perguntar se ele estava usando algo por baixo do jeans desbotado.

Era a primeira vez que eu via toda a sua tatuagem. Desde que o conheci, tinha vislumbres dela aparecendo pelo colarinho em seu ombro esquerdo e debaixo da manga da camisa. Nem mesmo sabia o que era a tatuagem — até aquele momento.

A tatuagem era imensa — um nó interminável em tinta preta, começando na base do pescoço,

avançando e serpenteando pelo ombro esquerdo e descendo pelo braço. No fim, dois círculos opostos me lembravam serpentes se enrolando e se encarando.

Combinava perfeitamente com ele.

Senti um rubor tomar conta do meu rosto e descer por meu pescoço enquanto eu levantava os olhos de novo, a boca tão seca quanto um deserto.

Os músculos sinuosos de seus braços se flexionaram enquanto ele tirava Jack do banco do motorista, segurando-o no ar sobre a sua cabeça. Ele girou, gargalhando enquanto Jack gritava e ria.

Enquanto Cam abria a porta, Jase pôs Jack no chão e gritou para meu irmão, mas eu não fazia ideia do que ele havia dito. Ele se endireitou novamente, levando as mãos à cintura. Seus olhos se apertaram ao olhar para a caminhonete.

Jase era absolutamente lindo. Não dava para dizer isso sobre muitas pessoas na vida real. Talvez celebridades e estrelas do rock, mas era raro ver alguém tão impressionante quanto ele.

Seus cabelos castanho-avermelhados eram uma confusão de ondas caindo sobre seu rosto. As maçãs do rosto eram grandes e bem-definidas. Os lábios, cheios e bem marcantes. Um quê de barba por fazer sombreava o contorno de sua mandíbula. Ele não tinha covinhas como Cam e eu, mas, quando sorria, tinha um dos maiores e mais belos sorrisos que eu vira num homem.

Ele não estava sorrindo no momento.

Ah, não, ele estava olhando para a caminhonete, a cabeça tombada para o lado.

Sedenta como estava, bebi um gole do chá doce ao olhar pelo para-brisa, absolutamente encantada com todo o potencial de fazer bebês à mostra diante de mim. Não que eu pretendesse fazer bebês, mas claro que podia praticar um pouco.

Cam fez uma careta.

— Cara, isso era para ele.

— Desculpe. — Fiquei vermelha e abaixei o recipiente. Não que importasse. Jase e eu já havíamos trocado saliva antes.

Do outro lado do para-brisa, Jase falou *merda* bem baixinho e deu meia-volta. Ele ia fugir? Ah, droga, de jeito nenhum. Eu estava com o chá doce dele!

Apressadamente, tirei o cinto de segurança e abri a porta. Meu chinelo saiu do pé e, como Cam comprou uma caminhonete antiga, dessas bem altas, havia uma enorme diferença entre mim e o chão.

Sempre fui graciosa. Caramba, eu era uma bailarina — uma bailarina muito boa e tinha equilíbrio o bastante para deixar ginastas mortas de inveja, mas isso foi antes de romper o ligamento cruzado anterior, antes do salto fatal que acabou com minhas esperanças de me tornar uma bailarina profissional. Tudo — sonhos, objetivos e futuro — ficaram em compasso de espera, como se Deus tivesse apertado um botão vermelho no controle-remoto da minha vida.

E eu estava prestes a ficar com a boca cheia de terra em menos de um segundo.

Estendi a mão para me segurar na porta, mas não a alcancei. O pé que tocava o chão primeiro estava conectado à minha perna fraca e não aguentaria meu peso. Eu ia cair e passar vergonha diante de Jase e acabaria com o chá molhando toda a minha cabeça.

Do nada, dois braços surgiram e mãos pousaram em meus ombros. Num segundo eu estava na horizontal, metade do corpo para fora da caminhonete, e logo depois estava na vertical. Meus pés penderam no ar por um segundo e então fiquei de pé, segurando o chá de encontro ao peito.

— Meu Deus, assim você vai quebrar o pescoço. — Uma voz grossa reverberou em meu corpo, arrepiando-me. — Você está bem?

Estava mais do que bem. Tombei a cabeça para o lado. Estava bem perto do peito mais perfeito que já tinha visto. Assisti a uma gota de suor descer pelo meio do peito dele e depois escorrer sobre os gomos de sua barriga, desaparecendo entre os pelos. Aqueles pelos formavam uma linha que continuava por baixo da cintura de sua calça jeans.

Cam deu a volta correndo pela frente da caminhonete.

— Você machucou a perna, Teresa?

Não ficava tão perto assim de Jase há um ano e o cheiro dele era maravilhoso — cheiro de homem com um toque de perfume. Ergui meu olhar, percebendo que meus óculos de sol tinham caído.

Cílios grossos emolduravam seus olhos, que tinham um marcante tom de cinza. Da primeira vez que os vi, me perguntei se eles eram de verdade. Jase riu e se ofereceu para me deixar tocar seus olhos a fim de descobrir.

Ele não estava rindo nesse momento.

Nós nos encaramos e a intensidade do olhar me tirou o fôlego. Senti minha pele pegar fogo, como se eu tivesse ficado no sol o dia todo.

Engoli em seco, desejando que meu cérebro começasse a funcionar.

— Estou com seu chá doce.

Jase levantou as sobrancelhas até o meio da testa.

— Você bateu a cabeça? — perguntou Cam, vindo ficar ao nosso lado.

Meu rosto ficou quente.

— Não. Talvez. Não sei. — Mostrando o chá, abri um sorriso forçado, na esperança de não parecer assustadora. — Aqui.

Jase soltou meus braços e pegou o chá. Desejei não ter sido tão ansiosa para lhe dar o chá, porque talvez assim ele ainda estivesse me abraçando.

— Obrigado. Tem certeza de que você está bem?

— Sim — murmurei, abaixando a cabeça. Meus óculos de sol estavam perto do pneu. Suspirando, eu os peguei e os limpei antes de usá-los novamente. — Obrigada por... hummm, me segurar.

Ele me encarou por um instante e se virou enquanto Jack corria na direção dele com uma camisa na mão.

— Consegui! — disse o menininho, agitando a camisa como se fosse uma bandeira.

— Obrigado. — Jase pegou a camisa e deixou o chá de lado. Ele acariciou a cabeça do irmão e, para minha decepção, vestiu a camisa pela cabeça, cobrindo o corpo. Ele olhou para Cam. — Não sabia que Teresa estava com você.

Um arrepio frio tomou conta da minha pele apesar do calor.

— Estava mostrando a cidade para ela conhecer os caminhos — explicou Cam, rindo para um cachorrinho que lentamente se aproximava de mim. — Ela nunca esteve aqui antes.

Jase fez que sim e pegou o chá de volta. Havia uma boa chance de Jack ter bebido metade dele naquele curto período. Jase começou a caminhar em direção ao celeiro. Fui dispensada. Simples assim. Minha garganta queimava, mas ignorei isso, pensando que era melhor ter ficado com o chá.

— Você e Avery vêm para a festa de hoje à noite, não é? — perguntou Jase, bebendo um gole do chá.

— O luau?! Não vamos perder. — Cam deu uma risadinha, exibindo a covinha em sua bochecha esquerda. — Vocês precisam de ajuda para montar as coisas?

Jase fez que não com a cabeça.

— Os calouros estão encarregados disso. — Ele olhou para mim e por um instante pensei que perguntaria se eu viria à festa. — Tenho de fazer umas coisas primeiro e então voltarei para casa.

A decepção sofrida cresceu dentro de mim, misturando-se à sensação de queimação na garganta. Abri a boca, mas a fechei imediatamente. O que poderia dizer na frente do meu irmão?

A mãozinha de alguém me puxou pela camisa, e eu olhei para baixo, para olhinhos cinzas que eram ao mesmo tempo infantis e melancólicos.

— Oi — cumprimentou-me Jack.

Meus lábios se abriram num sorriso contido.

— Oi para você.

— Você é bonita — disse ele, piscando.

— Obrigada. — Uma risadinha me escapou. Era oficial. Gostei do menino. — Você é muito bonito.

Jack riu.

— Eu sei.

Ri novamente. O menino era, com certeza, o irmãozinho de Jase.

— Certo, já chega, Casanova. — Jase terminou de beber o chá e jogou o copo numa lata de lixo próxima. — Pare de dar em cima da menina.

Ele ignorou Jase, estendendo a mão.

— Sou o Jack.

Peguei a mãozinha dele na minha.

— Sou Teresa. O Cam é meu irmão.

Jack me puxou para baixo com seus dedinhos gordos e sussurrou:

— Cam não sabe como selar um cavalo.

Olhei para Jase e Cam. Eles estavam conversando sobre a festa, mas Jase nos observava. Nossos olhares se encontraram e, como vinha fazendo desde que eu comecei a estudar em Shepherd, ele rompeu

o contato visual rapidamente.

Uma pontada de frustração tomou conta do meu peito enquanto eu voltava minha atenção para Jack.

— Quer ouvir um segredo?

— Sim! — O sorriso dele se ampliou.

— Também não sei selar um cavalo. E nunca andei a cavalo antes.

Seus olhos se arregalaram como se fossem a lua.

— Jase! — gritou ele, correndo em direção ao irmão. — Ela nunca andou a cavalo!

Bom, lá se foi meu segredo.

Jase me olhou e dei de ombros.

— Verdade. Eles me matam de medo.

— Não deveriam. Cavalos são animais bem calmos. Você provavelmente gostaria deles.

— Você deve mostrar a ela! — Jack correu até Jase, praticamente se jogando às pernas dele. — Você poderia ensinar como me *ensinou*!

Meu coração bateu forte no peito, em parte por causa da sugestão de Jase me ensinar algo e por causa do medo daqueles “dinossauros”. Algumas pessoas têm medo de serpentes e aranhas. Ou fantasmas e zumbis. Eu tinha medo de cavalos. Parecia um medo legítimo, levando em conta que um cavalo poderia pisoteá-lo até a morte.

— É “ensinou”, não “ensinou”, e tenho certeza de que Tess tem coisas melhores a fazer do que andar a cavalo por aí.

Tess. Prendi a respiração. Era o apelido dele para mim — a única pessoa que me chamava assim, mas não me importava. Nem um pouco. Enquanto Jack exigia saber por que tinha dito que meu nome era Teresa e Jase explicava que Tess era um apelido, fui tragada pela lembrança da última vez que ele me chamou assim.

— *Você não tem ideia do que me faz querer — disse ele, os lábios tocando meu rosto, me deixando toda arrepiada. — Caralho, você não faz ideia, Tess.*

— Posso usar o banheiro antes de ir embora? Tenho que voltar — disse Cam. — Prometi a Avery um jantar antes da festa.

— Vou mostrar onde é — anunciou Jack, segurando Cam pela mão.

Jase fez uma cara feia.

— Tenho certeza de que ele sabe onde é.

— Tudo bem — Cam o dispensou. — Vamos, carinha, me mostre o caminho.

Os dois seguiram rumo à sede da fazenda, e Jase e eu ficamos oficialmente sozinhos. Um beija-flor decolou em meu peito, voando para lá e para cá como se fosse sair de dentro de mim enquanto uma brisa quente ganhava força, soprando os fios de cabelo que escapavam do meu rabo de cavalo.

Jase observou Cam e Jack seguirem pelo gramado como se fosse um homem observando o último salva-vidas sendo ocupado enquanto o Titanic começava a afundar. Uau, isso meio que era ofensivo,

como se ficar sozinho comigo fosse o equivalente a se afogar e virar comida de tubarão.

Cruzei os braços e fiquei séria. A irritação queimava minha pele, mas o incômodo óbvio dele me satisfez. Nem sempre foi assim. E as coisas certamente já estiveram melhores entre nós, ao menos até a noite em que ele me beijou.

— Como está a perna?

O fato de ele ter puxado conversa me surpreendeu e eu balbuciei:

— Ah, não está tão mal. Quase nem dói mais.

— Cam me contou o que aconteceu. Sinto muito. Sério. — Ele ficou quieto, estreitando os olhos enquanto ficava tenso. — Quando você vai voltar a dançar?

Apoiei-me no outro pé.

— Não sei. Espero que logo, assim que meu médico permitir. Estou cruzando os dedos.

Jase fez cara de preocupação.

— Torço muito por você. Ainda assim é uma droga. Sei o quanto a dança é importante para você.

Só consegui menear a cabeça, mais emocionada do que deveria pela solidariedade sincera na voz dele.

Seus olhos finalmente voltaram a encontrar os meus e prendi a respiração. Aqueles olhos... sempre me deixavam atordoada ou faziam com que eu quisesse coisas loucas. Naquele instante eram de um cinza intenso, como nuvens de tempestade.

Jase não estava feliz.

Passando a mão por seus cabelos úmidos, ele bufou demoradamente. Um músculo em sua mandíbula começou a latejar. A irritação dentro de mim se transformou em algo confuso, fazendo com que a queimação na minha garganta subisse para os olhos. Tinha de continuar falando para mim mesma que ele não sabia — que não havia como ter ficado sabendo o que eu estava sentindo, a mágoa e a dor da rejeição não eram culpa dele. Eu era apenas a irmãzinha de Cam, o motivo de Cam enfrentar tantos problemas há quase quatro anos e o porquê de Jase começar a visitar nossa casa todos os fins de semana. Foi só um beijo roubado. Só isso.

Comecei a me virar para esperar por Cam na caminhonete, antes que eu fizesse algo constrangedor, como cair no choro. Minhas emoções estavam todas confusas desde que machucara a perna, e ver Jase não estava ajudando em nada.

— Tess, espere. — Ele se aproximou de mim com um só passo de suas pernas longas. Parou tão perto que seus tênis velhos quase tocaram os dedos dos meus pés. Estendeu os braços, a mão pairando perto do meu rosto. Ele não me tocou, mas o calor de sua mão marcou minha pele. — Precisamos conversar.

CAPÍTULO 2

A mecha de cabelo que Jase tentou tocar caiu em meu rosto enquanto aquelas palavras pendiam entre nós. Senti um frio na barriga, o mesmo que sentia segundos antes de entrar no palco. O medo sempre formava uma bola de gelo no meio do meu peito quando eu parava diante dos juízes e me posicionava, esperando pelo início da música. Por mais que tivesse entrado em várias competições e me apresentado em diversos recitais, sempre havia um segundo em que tudo o que eu mais queria era sair correndo do palco.

Entretanto, eu não fugiria nessas ocasiões e o mesmo servia para Jase. Não fugiria daquela conversa. Há muito tempo, eu já fui uma covarde. Com medo de falar sobre o que Jeremy — meu ex-namorado do inferno — estava fazendo. Eu não era mais aquela menininha. Eu não era mais uma covarde.

Respirei fundo.

— Tem razão. Precisamos mesmo conversar.

Jase baixou a mão e olhou por trás do ombro para a casa. Sem dizer nada, ele pôs uma das mãos nos meus ombros. Surpresa pelo contato, dei um salto e fiquei vermelha.

— Vamos dar uma volta?

— Claro. — O beija-flor voltou com força, abrindo um buraco no meu peito.

Não fomos muito longe, já que podíamos ainda ser vistos da casa. Com toda aquela terra, sabia que havia lugares mais escondidos, mas ele me guiou até uma cerquinha próxima, cercada por um campo do outro lado, onde cavalos pastavam.

— Quer se sentar? — perguntou ele e, antes que eu pudesse responder que podia ficar de pé, suas mãos enormes pousaram em minha cintura. Perdi o fôlego quando ele me ergueu como se eu não pesasse mais do que seu irmão e me sentou no alto da cerca. — Isso deve ser melhor para o seu joelho.

— Meu joelho...

— Você não deveria ficar andando por aí. — Ele cruzou os braços.

Segurei-me na madeira áspera, com um pouco de pena de mim mesma porque a última coisa sobre a qual queria conversar era meu joelho. Ele não disse nada e ficou me encarando e eu fiquei lá, sentada e muda, forçando-o a falar de outra coisa.

Meu silêncio durou cinco segundos até que disse a primeira coisa que me veio à mente.

— É uma estupidez.

— O quê? — perguntou ele, de testa franzida.

— O nome da cidade.

Com os nós dos dedos, ele afastou as mechas mais compridas de cabelos castanhos do rosto.

— Você está com raiva por causa do nome da cidade?

— Spring Mills é mesmo uma cidade? Você meio que vive em Spring Mills, não é? — Diante do olhar de confusão de Jase, dei de ombros. — Digo, o nome não é na verdade algo como Hedgesville ou Falling Waters? Só porque tem um enorme Walmart não significa que seja uma cidade.

Jase me encarou demoradamente e riu — uma risada deliciosa. Eu adorava quando ele ria daquele jeito. Por mais irritada que eu estivesse ou por mais que quisesse atingi-lo com um golpe de caratê no meio das pernas, quando Jase ria era como se o sol brilhasse nos meus olhos.

Ele se encostou na cerca e, alto como era, nossos olhos ficaram no mesmo nível quando ele se aproximou e colocou um braço sobre meus ombros. Jase me puxou para perto — tão perto que, se eu erguesse minha cabeça, nossas bocas estariam a milímetros uma da outra. Meu coração fez vários *pliés* em meu peito. Se falar sobre cidades fictícias e Walmarts o deixavam com vontade de me abraçar, eu começaria a falar de lugares como Darksville e Xangai e...

— Às vezes acho que você não bate bem. — Ele me apertou, apoiou o queixo em minha cabeça e perdi o fôlego. — Mas gosto disso, gosto de você. Gosto mesmo. Não sei direito o que isso revela sobre mim.

Pliés? Meu coração agora era um ninja. Talvez aquela conversa não me fizesse querer ficar choramingando no canto. Relaxe.

— Que você é incrível?

Ele riu e sua mão desceu por minhas costas e tudo acabou. Ele ficou todo tenso ao meu lado.

— É, mais ou menos isso. — Fez-se silêncio e então ele me encarou mais uma vez. Seus olhos adquiriram um tom quase azul-claro. — Gosto mesmo de você — repetiu ele, baixinho. — E assim é mais difícil de resolver. Não sei por onde começar, Tess.

O ninja em meu coração caiu morto. Eu tinha uma ideia de por onde Jase podia começar. Que tal se ele falasse por que não tinha respondido a nenhum e-mail ou mensagem de texto desde aquela noite há um ano? Ou por que ele parou de visitar nossa casa com Cam? Não tive oportunidade de lhe fazer essas perguntas.

— Desculpe — disse ele. Fechei os olhos enquanto o ar saía dos meus pulmões. — O que aconteceu entre nós? Não deveria ter acontecido e me desculpe mesmo.

Abri a boca, mas não consegui dizer nada. Ele estava pedindo desculpas? Parecia que ele tinha me dado um soco no estômago, porque pedir desculpas significa que ele *se arrependia* do que fizera. Eu não me arrependia, nem um pouco! Aquele beijo... a forma como ele me beijou deixou claro para mim que havia mesmo uma atração incontrolável, aquele desejo capaz de causar uma dor deliciosa, e que havia faíscas queimando quando nossos lábios se tocaram. Arreponder-me? Eu vivia à base daquele beijo, idolatrando e comparando com todos do passado, que não eram muitos, e todos depois dele, que eram ainda menos, e ele se arrependia *daquele beijo*?!

— Bebi muito naquela noite — continuou ele, aquele músculo em sua mandíbula latejando no mesmo ritmo de seu coração. — Eu estava bêbado.

Fechei a boca assim que compreendi o que aquelas palavras significavam.

— Você estava bêbado?

Ele desviou o olhar, passando as mãos pelos cabelos novamente e semicerrando os olhos.

— Não sabia o que eu estava fazendo.

Algo horrível se revirou em meu estômago. Era a mesma sensação de quando eu caí de mau jeito depois do meu salto. Aquela sensação horrível que foi um alerta da dor que viria.

— Você tinha bebido umas duas cervejas naquela noite.

— Duas? — Ele não olhava para mim. — Ah, sei que foi bem mais do que isso.

— Sabe que foi? — Minha voz desafinou quando uma emoção diferente começou a tomar conta de mim. — Eu me lembro daquela noite *com clareza*, Jase. Você mal bebeu duas cervejas. Não estava bêbado.

Jase não disse nada, sua mandíbula travou como se estivesse prestes a quebrar os molares quando o encarei. Pedir desculpas já era péssimo, mas dizer que estava bêbado?! Aquele era o pior tipo de rejeição.

— Você está basicamente dizendo que não teria me beijado se estivesse sóbrio? — Desci da cerca e o encarei, resistindo à vontade de lhe dar um soco no estômago. Ele abriu a boca, porém me adiantei. — O beijo foi assim tão nojento para você?

Sua cabeça virou-se na minha direção de repente e algo queimava em seus olhos, escurecendo-os.

— Não foi isso o que eu disse. Não foi nojento. Foi...

— Claro que não foi nojento! — Havia várias situações na minha vida em que Cam me dizia que eu não tinha o bom-senso de manter minha boca fechada. Aquele estava prestes a se tornar uma dessas situações. — *Você me beijou. Você me tocou. Você disse que eu não tinha ideia do que aquilo fazia com você...*

— Eu sei o que disse. — Seus olhos brilhavam de raiva. Ele me encarou com uma graça que era quase destruidora. — Só não sei por que disse aquelas coisas. Deve ter sido por causa da cerveja, por que não há outro motivo para eu ter feito e dito aquelas coisas!

A raiva tomou o lugar da mágoa. Meus punhos se fecharam. Não é possível — não tinha como duas cervejas fazerem-no agir daquela forma.

— Você não é fraco. Estava no controle de suas faculdades mentais. E senti algo quando me beijou, porque não dá para beijar daquele jeito sem sentir nada. — Assim que aquelas palavras saíram da minha boca, meu coração disparou. Pensar aquilo era uma coisa, mas dizer em voz alta mostrava o quão... o quão *ingênuas* as palavras pareciam.

— Você tinha uma queda por mim há quanto tempo? Claro que acha que foi algo incrível. Jesus, Tess, por que acha que não falei com você neste tempo todo? Sabia que pensaria que haveria algo a mais — disse ele, e meu rosto pegou fogo. — Foi um erro. Não me sinto atraído por você, não daquele jeito.

Recuei como se ele tivesse me estapeado. Parte de mim não estava mais aguentando. Eu deveria ter corrido quando ele disse que precisava conversar. Ou ao menos ter mancado de volta para a caminhonete. Que se dane a coragem e isso de gostar do confronto! A dor e a vergonha se prenderam à minha garganta, enchendo meus olhos d'água. Eu era transparente como uma janela, então ainda bem que estava usando óculos de sol para esconder meus sentimentos, mas ele deve ter visto algo em minha expressão, porque fechou os olhos por um breve instante.

— Merda — xingou ele, baixinho, a pele em torno de seus lábios um tom mais claro. — Não quis dizer

isso. Eu...

— Acho que quis, sim — ataquei, recuando mais um passo. Jase tinha razão. Aquela noite foi um erro, um beijo idiota que eu tinha atrelado sentimentos e revivido durante a ausência dele. Acho que nunca me senti tão estúpida na vida. — Você foi bem claro.

Ele xingou novamente ao se aproximar, baixando a cabeça e fazendo com que seus cabelos ondulados caíssem para a frente.

— Tess, você não entende...

Soltei uma risada ríspida quando a vergonha explodiu dentro de mim como uma barragem se rompendo.

— Ah, tenho certeza de que entendo muito bem. Você se arrepende. Entendi. Foi um erro. Você provavelmente não quer nem se lembrar. Minha culpa. E não importa. Que se dane! — Eu estava toda atrapalhada, mas não conseguia parar de passar vergonha da pior maneira possível e não olhava para ele. Não podia, então encarava os tênis dele, sujos de grama. — Não que eu vá ficar aqui por muito tempo mesmo. Assim que meu joelho curar, vou embora. E não vai demorar muito. Então você não precisa ter medo de me encontrar por aí e ter de tocar nesse assunto novamente. Não que você tenha sido o único cara a...

— Beijá-la? — Diante da rispidez de seu tom de voz, ergui a cabeça. Ele tinha os olhos semicerrados, reduzidos a uma nesga prateada. — Quantos meninos você já beijou, Teresa?

Não muitos. Dava para contar numa mão e eu só precisava de dois dedos para contar quantos meninos foram além disso, mas eu estava com o orgulho ferido.

— Bastante — respondi, cruzando os braços. — Mais do que o bastante.

— Mesmo? — Algo transpareceu rapidamente em seu rosto. — Seu irmão sabe disso?

Bufei.

— Como se eu fosse conversar com meu irmão sobre isso. Ou como se ele tivesse algo para falar sobre *onde* eu ponho minha boca.

— Onde? — repetiu ele, a cabeça tombada para o lado como se tivesse de refletir sobre aquela única palavra em sua mente. Assim que chegou à conclusão do que significava, seus ombros largos ficaram tensos. — Onde você está colocando seus lábios?

— Ah, não é da sua conta.

Ele me encarou com mais intensidade.

— Claro que é da minha conta.

Ele vivia num universo paralelo?

— Acho que não.

— Tess...

— Não me chame assim — disse bruscamente, respirando fundo.

Jase tentou me tocar, mas me afastei rapidamente dele. A última coisa de que precisava era ele me tocando. Havia determinação em sua expressão.

— Onde você...?

A porta da casa se fechou com um baque atrás de nós, me salvando. Jase recuou, respirando fundo enquanto seu irmão corria pelas pedras e pelo gramado.

A uns dois metros de distância, o menininho se lançou em direção a Jase, gritando:

— Capa do Super-homem! Capa do Super-homem!

Ele pegou Jack e o girou, prendendo os braços do irmão em volta do pescoço. Jack pendia às costas dele, meio que como uma capa humana.

— Desculpe por ter demorado tanto. — Cam deu uma risadinha nervosa, sem saber por que eu estava tensa. — Sua mãe fez limonada. E bolo de maçã. Tive de comer um pouco.

Jase sorriu, mas baixou a cabeça quase ao mesmo tempo.

— Compreensível.

Fiquei lá como uma estátua. Um passarinho poderia ter feito cocô na minha cabeça que nem assim eu teria me mexido. Meus dedos pareciam adormecidos, de tanta força que eu fazia para fechar as mãos.

Quando Jase se virou de lado, Jack sorriu para mim.

— Você vai aprender a andar a cavalo?

A princípio, não entendi do que ele estava falando, mas aí me dei conta e não sabia o que dizer. Duvidava que Jase iria querer me ver na fazenda novamente e até mesmo se eu tinha coragem para subir numa daquelas coisas.

Cam me olhava com as sobrancelhas arqueadas; Jase olhava para o chão, tenso; Jack esperava por minha resposta.

— Não sei — respondi, a voz áspera. Esforçando-me para não passar ainda mais vergonha, abri um sorriso. — Mas, se eu aprender, você vai me ajudar, não é?

— Sim! — entusiasmou-se Jack. — Posso *ensinar*!

— Ensinar — murmurou Jase, segurando Jack pelas pernas. — Como disse, carinha, ela provavelmente tem coisa melhor para fazer.

— Nada é melhor do que andar a cavalo — argumentou Jack.

Abraçado ao irmão, Jase se endireitou e me olhou. Sua expressão parecia destroçada e desejei não ter mencionado a questão de andar a cavalo. Jase provavelmente pensou que eu estava falando sério, tentando descobrir uma maneira de vê-lo.

Depois disso, não queria nunca mais ver a cara dele.

Era sofrido perceber que eu me sentia daquela forma. Antes do beijo, éramos amigos — bons amigos. Trocávamos mensagens de texto. E-mails. Conversávamos sempre que ele estava com Cam. E agora tudo estava acabado.

Não vou chorar. Não vou chorar. Esse era meu mantra particular ao voltar para a caminhonete e entrar nela usando minha perna boa como apoio. *Não vou chorar por causa daquele babaca.* Também me obriguei a parar de olhar para Jase, mas o vi com Jack até meu irmão voltar.

— Pronta para voltar? — perguntou Cam fechando a porta.

— Pronta. — Minha voz estava estranhamente áspera.

Ele me olhou ao ligar o motor, franzindo a testa.

— Você está bem?

— Sim — disse, pigarreando. — É a alergia.

O olhar de curiosidade dele era esperado. Não tinha alergia a nada. Meu irmão sabia disso.

Cam me deixou em frente ao condomínio West Woods. Depois de pedir que ele desse oi a Avery por mim, saí da caminhonete *com cuidado* e subi a calçada estreita rumo ao Yost Hall, pegando minha chave.

Tive sorte com o dormitório. Como me registrei mais tarde, todos os quartos do Kenamond e Gardiner Hall, geralmente destinados aos calouros, estavam cheios. Quase não consegui um quarto. Um dia antes do início das aulas, apareci no departamento responsável pela moradia dos alunos torcendo para ser colocada em algum lugar — *qualquer lugar*. Minha única outra opção era morar com Cam e, por mais que eu amasse meu irmão, viver com ele era a última coisa que eu queria.

Foi um tanto difícil, mas deu-se um jeitinho e acabei num apartamento no residencial West Woods, o que é bem melhor do que aqueles quartos minúsculos nos outros prédios.

Usando meu cartão-chave, entrei no salão frio e fui até a escada. Poderia ter subido de elevador até o terceiro andar, mas pensei que ir de escadas seria bom para a minha perna já que não tinha autorização para fazer nenhum exercício mais pesado. Em breve eu seria autorizada. Tinha de ser, porque, se eu pretendia voltar ao estúdio na primavera, precisaria estar em forma.

Estava ofegante ao chegar à porta da minha suíte. Era incrível como meu corpo se transformou de *O Exterminador do Futuro* para *Bob Esponja* num tempo tão curto.

Suspirando, passei o cartão-chave na fechadura e entrei na sala do apartamento. Só queria me deitar na cama, enfiar a cabeça sob o travesseiro e fingir que nada tinha acontecido.

No entanto, isso seria pedir demais.

Bufei ao ver o lenço rosa pendurado na maçaneta do quarto. Fechando os olhos, resmunguei.

Lenços rosas eram o código para “entre por sua própria conta e risco”. Em outras palavras, minha colega de quarto estava fazendo amorzinho gostoso. Ou eles estavam lá dentro brigando em silêncio e, se estavam brigando em silêncio, em pouco tempo estariam brigando em voz alta.

Ao menos eu ainda tinha acesso ao banheiro.

Arrastei-me até o sofá marrom gasto e me joguei nele com a graciosidade de uma cabra-montesa prenha, deixando minha bolsa cair ao meu lado. Apoiei a perna machucada na mesinha de centro e espreguicei-me, na esperança de aliviar a dor no joelho.

Um barulho do outro lado da parede me assustou. Olhei para trás, franzindo a testa na direção da parede. Não mais do que um segundo mais tarde, um gemido abafado arrepiou os pelinhos da minha nuca.

Não parecia um gemido feliz à beira do prazer. Não que eu soubesse. As poucas vezes que fiz sexo praguejei contra todos os livros de romance lançados, que me fizeram acreditar que eu estaria velejando entre nuvens. Mas aquele som não parecia certo.

Com a perna na mesa, me estiquei toda e tentei ouvir o que estava havendo no quarto. Debbie Lamb, a menina que dividia o quarto comigo, era caloura e parecia boazinha. Além de não me crucificar por ter de dividir o quarto comigo por todo o semestre, ela parecia ser inteligente e tranquila.

No entanto, o namorado dela era diferente.

Alguns segundos se passaram e ouvi um urro bem masculino. Com o rosto quente, girei tão rápido que quase levei uma chicotada dos meus cabelos. Peguei um travesseiro e coloquei-o sobre o rosto.

Eles com certeza estavam fazendo sexo.

E eu estava ali sentada, ouvindo-os como uma tarada.

— Ah, meu Deus! — Minha voz soou abafada. — Por que estou na faculdade?

Uma dor leve atingiu meu joelho como um lembrete.

Lentamente, tirei o travesseiro do rosto. A porta à minha frente, que levava ao outro quarto do apartamento, permanecia fechada. Não tinha visto as pessoas que dividiam aquela parte com a gente nenhuma vez desde que as aulas começaram. Em parte, eu estava convencida de que eram invisíveis ou eram lamas ou entraram para o Programa de Proteção a Testemunhas, obrigadas a ficar escondidas em seus quartos. Sabia que não estavam mortas porque as ouvi algumas vezes quando estava na sala de estar. Elas sempre ficavam em silêncio quando me ouviam andando pelo apartamento.

Estranho.

Apoiando a almofada de encontro ao peito, peguei minha bolsa e dela tirei meu celular. Pensei rapidamente em mandar uma mensagem de texto para Sadi, mas não falava com ela desde que deixei o estúdio de dança em julho. Não falava com nenhuma de minhas amigas desde então.

A maioria delas estava em Nova York. Sadi entrou para a Joffrey School of Ballet, a mesma escola que me deu uma bolsa de estudos integral. Elas estavam vivendo minha vida — meu sonho. Mas a bolsa de estudos não foi cancelada. Os professores me deixaram na espera, prometendo um lugar para mim no outono, se minha contusão tiver melhorado.

Guardei o celular de novo na bolsa e me recostei, mantendo o travesseiro por perto. Dr. Morgan, especialista da WVU que fez minha cirurgia, acreditava que eu tinha 90% de chance de me curar completamente, desde que eu não sofresse outro acidente. Muitas pessoas pensariam que era uma boa probabilidade, mas os 10% restantes me matavam de medo, e eu me recusava até mesmo a pensar no assunto.

Mais de quarenta minutos se passaram até que a porta do quarto se abrisse e Debbie saísse de lá, arrumando seus cabelos castanhos na altura dos ombros, alisando as pontas. Ela me viu e ficou toda vermelha.

— Ah! Você está aqui há muito tempo? — Debbie se encolheu toda.

— Não. Só há alguns minutos... — Minha voz sumiu. Dei uma olhada mais cuidadosa em Debbie, que ajeitava a barra de sua blusa floral. Seus olhos estavam vermelhos e inchados. Eles andaram brigando. De novo. Eles devem ter feito as pazes, mas brigavam tanto que eu me perguntava se eles tinham tempo para outra coisa que não discutir e fazer as pazes com sexo.

Erik apareceu, os dedos mexendo na tela do celular. Seus cabelos curtos e escuros estavam arrepiados.

Ele era bonito, para dizer a verdade, mas não entendia o que Debbie via nele. De jeito nenhum. Ele era importante na fraternidade que Jase fez parte, foi uma espécie de estrela do basquete no ensino médio, mas tinha a personalidade de uma hiena encurralada.

Ele guardou o celular no bolso da calça jeans, sorriu para mim, mas era um sorriso nervoso, um sorriso que me deixou inquieta.

— Você está bem? — perguntei a Debbie.

— Claro que ela está — respondeu Erik, rindo.

Eu a encarei, ignorando-o, mas ela fez que sim com a cabeça rapidamente.

— Sim, estou ótima. Vamos comer antes de irmos à festa. Você vem?

Minha boca se abriu, mas Erik também respondeu por mim.

— Parece que o joelho dela a está incomodando, então ela provavelmente vai querer ficar aqui.

Fechei a boca. Debbie pareceu incomodada quando Erik começou a puxá-la para a porta.

— Você vai à festa?

Não tinha sido convidada, mas sabia que, se aparecesse, ninguém diria nada — ninguém a não ser Jase, e eu não queria vê-lo. Dei de ombros.

— Ainda não sei direito.

— Certo, bom... — Ela hesitou.

— Amor, vamos, estou morrendo de fome. — Erik a segurou pelo braço, os dedos afundados na carne dela. — Está ficando tarde.

Algo se revirou no meu estômago ao ver aquilo. Quantas vezes Jeremy tinha me segurado daquele jeito? Muitas. Ver aquilo me deu náusea. Fez com que eu me lembrasse de coisas que deveriam ser esquecidas.

O sorriso hesitante de Debbie desapareceu.

— Mande-me uma mensagem se quiser... ou se precisar de algo.

Erik resmungou algo baixinho e eles se foram. Fiquei ali sentada, com a perna apoiada na mesinha de centro, olhando para a porta, mas meus pensamentos tinham recuado alguns anos no tempo.

— *Você sabe que estou morrendo de fome — disse Jeremy, aproximando-se e me segurando pelo braço. Ele apertou até eu gritar. O carro de repente pareceu pequeno demais. Não havia ar. — O que você estava fazendo que demorou tanto? Falando ao telefone?*

— *Não! — Sabia que deveria permanecer imóvel, não tentar me livrar, porque isso só o deixaria com mais raiva. — Só estava falando com Cam.*

Ele relaxou, os dedos afrouxando.

— *Ele está em casa?*

Fiz que não.

— *Estava conversando com ele...*

— *No telefone?* — *Num segundo, ele deixou de ser bonitinho e passou a ser monstruoso. Fiz cara de dor quando seus dedos se afundaram na minha blusa. — Achei que você tinha dito que não estava ao telefone...*

Tremi para me livrar da lembrança, feliz por descobrir que eu só sentia uma raiva superficial. Por muito tempo, eu passava mal só de pensar nele, mas aqueles dias tinham passado.

Jeremy foi um machista violento, mas eu não era mais vítima dele.

Tinha superado o que ele me fizera. Completamente.

Desviando o olhar da porta, apertei o travesseiro até que meus braços doessem. Não tinha prova de que Erik estava machucando Debbie, era mais um sexto sentido, e sabia que os ferimentos não seriam visíveis. Não se Erik fosse esperto, o que Jeremy nunca foi.

Passei o restante da tarde comendo coisas que comprava na vending machine no corredor e lendo meu histórico de mensagens antes de ir dormir. Ao ficar ali deitada, em meio ao quase-sono, me senti muito mal. Ali estava eu, a poucos meses de completar dezenove anos, em uma noite de sábado e quase dormindo antes das dez.

“Mal” não expressava como eu estava me sentindo.

Virei-me de lado, encarando a parede, caí no sono pensando se a rejeição de Jase teria doído tanto se eu não tivesse machucado a perna.

O toque do meu celular parecia distante ao me acordar um pouco mais tarde. Abri os olhos de repente, confusa. A luz verde do relógio no criado-mudo anunciava 1h25 da madrugada. O celular tocou novamente.

Tateando até encontrar o aparelho, peguei-o e estreitei os olhos diante da mensagem. Eu a li uma vez. Achei que estava sonhando. Li a segunda vez. Achei que tinha me esquecido de como se lê. Então me sentei e apertei os olhos para me livrar do sono. O quarto escuro entrou em foco o suficiente para eu ver que a cama do outro lado do quarto estava vazia. Olhei para o telefone novamente.

Preciso falar com vc.

Era uma mensagem de Jase.

Na segunda mensagem se lia: *Estou aqui fora.* Meu coração disparou.

Jase estava ali.

CAPÍTULO 2

Eu só *podia* estar sonhando.

Pelo menos era o que eu pensava ao encontrar meu chinelo, calçá-lo e pegar meu cartão-chave. Por um instante pensei em ignorar a mensagem, mas meu corpo parecia ter vontade própria.

Eu certamente iria querer me sujeitar a um golpe mortal de caratê pela manhã por causa disso.

Ao deixar meu apartamento, comecei a temer que isso fosse uma espécie de piada, porque como Jase sabia qual dormitório eu estava? Mesmo que ele soubesse que eu estava em West Woods, havia seis edifícios no condomínio. Duvidava que ele tivesse perguntado a Cam.

Senti um frio na barriga e meu estômago se revirou ao descer as escadas, segurando-me no corrimão. A escuridão se insinuava das janelas da escadaria. Talvez eu estivesse mesmo sonhando e isso se revelaria um pesadelo. O corrimão se transformaria numa serpente — meu Deus, eu *odiava* serpentes — ao estilo *Beetlejuice*.

Rangendo os dentes, tirei a mão do metal liso do corrimão e manquei até o primeiro andar. A recepção estava em silêncio, exceto pelo ruído abafado de uma secadora localizada na área de serviço.

Ao sair para a noite, o frio se espalhou pelo meu corpo. Queria ter pensado em pegar um casaquinho. Fazia um friozinho surpreendente ao ar livre.

Parei sob a marquise, segurando o cartão-chave com força enquanto estudava a calçada e as árvores que margeavam a entrada. Os bancos estavam vazios. Não havia ninguém ali. Além dos grilos, os únicos barulhos que se podia ouvir eram risadas distantes e música baixinha, pontuados aqui e ali por um grito de felicidade.

Meu coração ficou pesado ao sair dali, tirei os cabelos do meu rosto com a mão livre. Aquilo era uma palhaçada. Ou talvez ele quisesse enviar uma mensagem de texto para outra pessoa e estava esperando do lado de fora de outro dormitório. Minha pele gelava ao pensar nele mandando mensagens para outra menina de madrugada, o que era uma burrice.

Avancei vários metros pela calçada, espiando entre árvores e arbustos fechados. Meu rosto começou a queimar e parei no meio do caminho. Troquei o peso da minha perna dolorida para a outra. O que eu estava fazendo ali? Nem mesmo trouxe meu telefone comigo. Tinha de ser um erro ou uma piada ou...

Uma sombra apareceu por entre as árvores, avançando pelos arbustos. Era alta e forte e, ao entrar sob a luz do poste, fiquei boquiaberta. Era mesmo Jase, mas o que ele estava fazendo ali? Quando ele se virou para mim, suas mãos se afastaram da área do zíper em sua calça jeans. Ah, meu Deus.

— Jase? — perguntei, baixinho, avançando mais rápido em direção a ele.

Ele ergueu a cabeça ao ouvir minha voz.

— Aí está você. — Ele disse isso como se estivesse me esperando há horas. Ele retorceu um dos lados de seus lábios. — Você está aqui.

Meu peito se encheu diante da visão de seu meio sorriso. Lembrar-me do que ele tinha dito mais cedo me ajudou a ignorar o nervosismo.

— Você estava fazendo xixi?

O sorriso aumentou.

— Estava apertado.

— Num arbusto?

— Alguém precisava aguar-lo.

Torci a boca ao encará-lo. Os cabelos desgrenhados caíam sobre sua testa, tocando quase os olhos. A velha camiseta que ele usava estava esticada nos seus ombros e peito largos. Ao erguer a mão para arrumar os cabelos, a barriga de tanquinho durinha ficou exposta entre sua calça jeans de cintura baixa e sua camiseta.

Desviei o olhar porque aquela era a última coisa de que eu precisava.

— Você está bêbado.

— Ah... — Ele tombou para a esquerda como se houvesse uma força gravitacional desequilibrando-o.

— Não diria que estou bêbado. Mas talvez um pouco tonto.

Arqueei a sobrancelha enquanto ele tombava para a direita. Foi quando notei a caixinha rosa no banco.

— Isso é seu?

Ele acompanhou meu olhar e riu.

— Merda. Me esqueci disso. Trouxe um presente para você.

Franzi a testa enquanto ele se aproximava, quase caindo de cara antes de se recuperar no último instante.

— O que é isso?

Ele me entregou a caixa.

— Algo tão gostoso quanto eu.

Soltei uma risada bem atraente e olhei para baixo. Pela tampa de plástico dava para ver um enorme cupcake. Olhei para Jase.

Ele levantou um dos ombros, num gesto de desprezo.

— Cupcakes são bons. Pensei que eles eram gostosos e gostaria de dividi-los com você.

— Obrigada. — Abri a caixa e enfiei o dedo na cobertura. Saboreando, quase gemi diante da doçura.

Jase engoliu em seco e desviou o olhar.

— Acho que vou me sentar. Você deveria também... você sabe, por causa da sua perna.

Como se eu tivesse me esquecido disso. Jase me observava enquanto eu relaxava, sentindo meu joelho mais duro do que o normal.

— A sua perna a está incomodando?

Abri a boca, mas ele se adiantou.

— Nem pensei nisso. Você provavelmente não deveria ficar apoiada na perna por tanto tempo e...

— Estou bem. — Dei uma mordidinha no cupcake. Era como uma onda de prazer em minha boca. —

Quer um pouco?

— Claro!

Dividi o cupcake ao meio e lhe entreguei metade. Em cinco segundos Jase o devorou. Terminei o meu bem rápido e, depois de jogar a caixa num cesto de lixo próximo, respirei fundo.

— Você não veio aqui só para me dar um cupcake, não é?

— Ah, não.

— O quê... o que você está fazendo aqui, Jase?

Ele não respondeu de imediato, mas, assim que me encarou, senti seus olhos surpreendentemente ríspidos.

— Quero conversar com você.

— Isso eu entendi, mas achei que já tinha dito tudo o que queria, e você aparecer aqui era a última coisa que eu esperava. — Senti-me uma megera por falar assim, porém era verdade. E ele meio que merecia. Eu não era capacho de ninguém.

Jase desviou o olhar e seus ombros ficaram tensos; então ele se aproximou e se sentou ao meu lado. O cheiro de álcool era fraco. Ele me olhou, sem dizer nada, esticou o braço e segurou minha mão livre. Meus olhos se arregalaram quando ele ergueu minha mão, virou-a para cima e beijou-a.

Sim. Ele estava bêbado. Minha pele pinicava onde ele a beijou, como se fosse um choque elétrico. Sem saber o que dizer, eu o vi colocar minha mão de volta sobre meu colo.

— Sou um babaca — disse ele, por fim.

Fechei e abri os olhos lentamente.

— Não deveria ter dito aquela merda que disse antes. Não foi certo e eu estava mentindo. — Ele respirou fundo, desviando o olhar para o banco vazio em frente ao nosso. — Não estava bêbado naquela noite. Longe disso.

Meu coração começou a bater mais forte assim que ele beijou minha mão e ganhava força enquanto ele falava. Minha voz era quase um sussurro.

— Eu sei.

— E não acho que você só supôs que aquilo significava algo porque tinha uma queda por mim ou coisa do tipo. — Um lado de seus lábios se contorceu novamente. Ele tinha razão neste sentido, o beijo significara tudo para mim. — Eu só... não deveria tê-la beijado naquela noite... tocado você. Não que tenha sido nojento ou coisa assim, mas porque você é a irmãzinha de Cam. Você é intocável.

Ao encará-lo, o rebuliço passou do peito para o estômago. Qual era o problema com Jase? Ele se sentia mal porque Cam era seu amigo? Sério? Parte de mim queria bater na cabeça dele. Outra parte de mim queria deitar em seu colo, porque se era assim que ele pedia desculpas, podíamos dar um jeito nisso. Não podíamos? Ou isso importava?

No entanto, só fiquei ali, olhando para ele como em todas as vezes que fora visitar Cam. Se começasse a rir, eu daria um soco em mim mesma.

— A situação... saiu do meu controle naquela noite, Tess. Você... você é linda. Sempre foi e, droga, isso não mudou.

Ele me achava bonita. Espere aí! A situação saiu do controle dele? Dividida entre a lisonja e o insulto, balancei negativamente a cabeça.

— De qualquer forma, eu só queria pedir desculpas. — Ele me olhou, metade do seu rosto oculto pela luz. — E se você achar que sou o maior babaca do mundo, eu entenderei.

O que ele dissera mais cedo ainda doía como se eu tivesse sido picada por um enxame de vespas, mas o que ele estava dizendo agora amenizava um pouco a dor.

— Não acho isso.

Jase ficou imóvel por um instante e então se virou para mim, a cabeça tombada para o lado novamente. Nossos olhares se encontraram e percebi que não podia desviar o olhar.

— Você ainda é tão... doce.

Doce? Resisti à vontade de vomitar. Claro que Jase me achava doce e legal e inocente e fofa como um velho e gasto ursinho de pelúcia. Não era exatamente assim que eu queria que ele me visse.

Assim que ele desviou o olhar, soltei o ar que estava prendendo. Molhando os lábios, passei a beirada do meu cartão-chave sobre a flanela macia da minha calça de pijama.

— Então você decidiu vir aqui no meio da noite para me dizer isso?

— Não exatamente no meio da noite — disse ele, com um sorrisinho. — Está mais para “tarde da noite”.

— Isso não faz muito sentido. — Franzi a testa.

— Se você tivesse bebido algumas latinhas de cerveja, talvez fizesse.

Fiquei séria, lembrando-me de que ele estava mais do que só um pouco tonto.

— Por que você não esperou até que, sei lá, estivesse sóbrio e o sol tivesse nascido para ter esta conversa?

— Não podia esperar — disse ele sem hesitar, tão rápido que não havia dúvida do quão importante eu era para ele. — E a festa estava horrível.

— Mesmo? — Por algum motivo, não conseguia imaginar que o grande luau fosse tão ruim assim.

Jase fez que sim e arqueou as sobrancelhas, unindo-as.

— Isso... Isso anda martelando na minha cabeça. Tentei afogar as mágoas. Não funcionou. Cheguei à conclusão de que precisava lhe dizer antes de eu desenvolver um caso grave de intoxicação alcoólica.

Então a festa não estava ruim; era mais o caso de ele estar se sentindo culpado a ponto de me procurar. Não sabia o que pensar disso tudo. Eu era obcecada e em algum momento me convenci de que estava loucamente apaixonada por ele. Na noite em que ele me beijou pensei... bom, pensei um monte de bobagem. Achei que ele me acordaria na manhã seguinte e declararia seu amor eterno e sua devoção a mim diante do menino Jesus e de toda a minha família. E todos ficariam emocionados com a ideia, até

mesmo Cam. De alguma forma uma relação entre uma aluna do último ano do ensino médio e um calouro na faculdade poderia dar certo. Em vez de vir pra visitar meu irmão, Jase viria me ver todos os fins de semana e iria às minhas apresentações de dança e em Nova York quando eu fosse para a faculdade de balé e...

E nada disso aconteceu.

Jase e Cam foram embora na manhã seguinte antes mesmo de eu acordar e só o revi depois que comecei a estudar em Shepherd. Em algum momento do ano passado, pensei que tinha superado essa paixão, que tinha engolido as fantasias ingênuas e estúpidas. Até namorei uma ou duas vezes, mas na verdade nunca o esqueci. Eu não o tinha superado. Claro! E ter visto Jase, ter estado perto dele, fez com que eu me lembrasse de tudo o que me atraía a ele — sua gentileza, seu humor e sua esperteza. E mesmo que essas características não estivessem tão evidentes no momento, sabia que elas ainda existiam. O fato de ser madrugada e de ele ter me procurado para pedir desculpa eram provas disso.

Ele se recostou, espreguiçando as pernas compridas.

— Tess... Tess... Tess...

— O que foi? — Obriguei-me a encará-lo depois de ficar olhando para o chão por muito tempo.

Jase estava me observando novamente, indecifrável. Seus olhos estavam brilhando muito, quase prateados, e seu olhar ganhou intensidade. Ele emitiu um som grave com a garganta, um xingamento misturado com um gemido. Eu não entendia. Minha atenção acompanhou a dele e bufei, surpresa e trêmula.

Foi então que percebi que não estava usando sutiã, o ar fresco da noite e a malha fina da minha camisetinha não ajudavam a esconder o que estava acontecendo.

E, naquele momento, havia muita coisa acontecendo.

Meus mamilos estavam duros, forçando o tecido. O suor se acumulou no meu rosto e comecei a cruzar os braços. Me dei conta de que Jase estava olhando, olhando *mesmo*. E, para alguém que dizia ter perdido o controle “da situação”...

Espere um pouco. Ele estava bêbado no momento.

Cruzei os braços.

— O quê? — perguntei novamente.

Jase ergueu o olhar excitado e podia jurar que ele se deparou com meus lábios.

— Por que você veio aqui? A este lugar?

A pergunta me pegou desprevenida, assim como o jeito que ele perguntou, como se não esperasse me encontrar ali, na mesma faculdade dele.

— Eu... minha perna... — Não vou conseguir falar uma frase completa? A brisa amena ganhou força, soprando em meus cabelos. — Não sabia mais o que fazer.

— Você nunca planejou fazer faculdade, não é?

— Não. Não assim.

— Então o quê...? — Jase parou, segurando uma mecha dos meus cabelos. Enquanto ele a ajeitava,

seus dedos tocaram meu rosto, provocando um arrepio que desceu por minhas costas. A mão dele permaneceu ali por um segundo e então caiu no espaço entre nós, um espaço que de repente pareceu muito menor. — O que você está estudando?

Demorou um instante para meu cérebro processar a pergunta.

— Magistério.

Ele torceu a boca mais uma vez, jogando o braço sobre o encosto do banco, ainda de frente para mim.

— Isso requer um tipo especial de pessoa.

— Como assim? — A escolha do curso foi algo de última hora porque não tinha planejado seguir uma carreira convencional. Abri o manual do aluno e basicamente escolhi a primeira coisa que vi. Lecionar parecia uma ideia boa e estável. O plano B que eu não pretendia usar.

— Crianças são difíceis, Tess, principalmente nessa idade.

— Como se você soubesse. — Sorri e me lembrei de como ele era com o irmãozinho. — Eu gosto de crianças.

Uma sombra repentina passou por seu rosto.

— Sim, olha, é melhor eu ir. Está tarde e você provavelmente quer voltar a dormir. — Ele começou a se aproximar, mas parou. — Somos amigos, certo? Você e eu? Tipo... tipo antes?

Tipo antes de ele me beijar. Segurei-me diante do palpitar do meu coração. Era isso. Mesmo que Jase pensasse que sou bonita e se sentisse atraído por mim, ele não agiria. Por causa de Cam ou qualquer outra coisa, o que quer que sentisse por mim não bastaria. E não importava. Seria apenas amiga dele. Não que eu planejasse ficar aqui por muito tempo. Se eu tiver autorização, terminarei o semestre e voltarei ao estúdio.

Jase... Jase novamente se tornaria uma lembrança.

Abri um sorriso forçado.

— Sim. Somos amigos.

— Que bom. Ótimo. — Ele abriu um sorriso maior e era aquele sorriso enorme que aumentava sua beleza, que provavelmente fazia as mulheres do país todo enlouquecerem. Ele se levantou e eu o vi quase cair para a esquerda. Jase jogou as mãos para cima, se equilibrando. — Uau.

Quando ele tirou do bolso a chave do carro, eu me levantei. Não senti dor no joelho dessa vez.

— Você não vai dirigir.

Ele me lançou um olhar de repreensão e riu.

— Estou bem.

— Você não está bem. Não consegue nem mesmo ficar de pé.

— Que bom que para dirigir não preciso ficar de pé.

Arregalei os olhos.

— Jase...

Ele deu outro passo trôpego e eu o segurei, passando minha mão por seu antebraço. Antes mesmo que meus dedos encostassem nele, Jase se surpreendeu com o contato e seu olhar se voltou para mim. A sensação da pele quente dele marcava a minha, mas tirei proveito da situação.

Tirei as chaves da mão dele e o soltei, recuando.

— Você não vai dirigir.

Jase não tentou recuperar as chaves.

— Então o que você espera que eu faça? Durma neste banco?

Podia sugerir que ele ligasse para um de seus amigos, mas não foi isso o que fiz.

— Você pode ficar comigo.

Ele arregalou os olhos e soltou uma risada ríspida.

— Ficar com você?

Fiz uma cara feia.

— Sim, o que há de engraçado nisso?

Ele começou a responder, mas pareceu repensar o que diria. Vários segundos se passaram.

— O Cam vai me matar.

— O Cam vai me matar se eu deixar você dirigir assim. Além do mais, há um sofá no apartamento. Não o estou convidando para dividir a cama comigo.

Sob a luz do poste, seus olhos brilharam. A expressão que de repente encheu os olhos dele fez as pontas das minhas orelhas pegar fogo.

— No apartamento ou na sua cama — disse ele finalmente. — Seu irmão ainda vai me matar.

Havia uma pequena chance de isso acontecer, mas Cam ficaria mais irritado se eu o deixasse dirigir. Além do mais, nenhum de nós poderia ligar para Cam vir buscar o amigo bêbado. Como explicaríamos a presença de Jase aqui?

— Ele não precisa saber.

Jase não parecia convencido, no entanto, quando me virei para voltar ao prédio, ele chegou trôpego ao meu lado. Ele ficou em silêncio, seguiu-me até meu quarto e me deixou abrir a porta do apartamento.

— A Debbie não voltou ainda. — Acendi um abajur. — Ela talvez passe a noite com..

— Erik — interrompeu Jase, olhando em volta e estudando a sala de estar. Duvidava que fosse a primeira vez que ele via um daqueles apartamentos. — Eles ainda estão na festa. Quem está no outro quarto?

— Não sei. — Peguei o travesseiro do chão e o coloquei sobre o braço do sofá. — Não os vejo. Acho que são vampiros ou coisa assim.

Ele riu e passou por mim, sentando-se no sofá. No segundo seguinte ele estava deitado, com os olhos fechados e respirando fundo. Uau. Deve ser ótimo dormir assim tão rápido.

Fui até meu quarto e peguei a colcha que minha mãe tinha feito e voltei à salinha. Ele não se moveu

quando fiquei entre a mesinha de centro e suas pernas compridas, mas seus olhos se entreabriram.

— Amigos? — murmurou ele.

A pontada de decepção se perdeu no sobressalto que meu coração deu quando ele sorriu para mim. Eu era uma idiota mesmo. Jogando a colcha sobre ele, comecei a recuar.

Jase moveu-se com rapidez e me segurou pelo pulso, imobilizando-me com uma pegada carinhosa.

— Tess? Somos amigos?

Perdi o fôlego quando seus dedos se moveram em círculos na palma de minha mão. O toque me deixou louca, me confundindo completamente.

— Sim, somos amigos.

— Que bom — disse ele, repetindo o que tinha dito lá fora. — Perfeito.

Sem me soltar, ele me puxou até que meu quadril estivesse apoiado no sofá ao lado do dele. Eu pensava em tanta coisa e ainda assim não tinha ideia do porquê fiz esta pergunta:

— Como você sabia onde ficava meu dormitório?

— Tenho minhas fontes. — Sua mão subiu por meu braço, parando perto do meu cotovelo, onde seus dedos acariciavam minha pele sensível.

O que ele estava fazendo? Tinha quase certeza de que amigos não agiam assim. Tinha certeza de que eu não fazia aquilo com meus amigos homens. Mas, na verdade, eu não tinha muitos amigos, só alguns do estúdio. E Jase não me tocara daquele jeito antes. Nem mesmo nos segundos antes de me beijar. Estávamos conversando e eu lhe dei um abraço de boa-noite, mas, ao me afastar, ele me segurou e... perdeu o controle da situação. Perderíamos o controle da situação outra vez? Ele estava bêbado. Eu sabia que deveria me afastar por mil motivos diferentes, mas não me movi.

E isso fazia de mim uma moça estúpida.

Ainda assim não me movi.

O toque de seus dedos me deixou toda arrepiada. Um desejo tomou conta dos meus seios e desceu pelo resto do meu corpo. Meus lábios se entreabriram sozinhos. Eu sabia que era errado. Sinceramente, sabia, mas nunca, jamais reagi dessa forma a um simples carinho. Nem sabia que era possível minhas entranhas se contorcem assim tão deliciosamente por causa do carinho na parte de dentro do meu cotovelo.

— Amigos — murmurou ele novamente, e então me puxou.

Com o coração disparado, não resisti. Nem cogitei isso no momento em que ele levantou a cabeça e seu hálito quente dançou sobre meus lábios e rosto. Tremi toda quando o peito dele se estufou, se aproximando do meu.

Uma emoção profunda ganhou força em meu peito e tinha sabor de pânico. O autocontrole veio do nada. Uma consciência surgiu, e eu me afastei antes de me transformar num capacho com BEM-VINDO tatuado na minha testa.

Jase sentou-se calmamente enquanto eu me levantava. Meu desequilíbrio, a bebedeira dele e a falta de apoio não combinaram muito bem com a colcha que eu tinha colocado sobre ele, que enrolou as pernas no tecido. Eu recuei e bati na mesinha de centro. Ele continuou em movimento me puxando, meio que

rolando e meio que se sentando. Caímos do sofá.

Bati no chão de costas e Jase caiu sobre mim, tirando o ar dos meus pulmões. Passou-se um instante e abri meus olhos com esforço. Estava jogada sobre o tapete, incapaz de mover minhas pernas e braços.

— Ah, meu Deus — consegui dizer. — Você está morto?

Ele riu, plantando as mãos ao lado dos meus braços e erguendo o torso. O ar preencheu meus pulmões.

— Não, de jeito nenhum... você está bem?

— Sim. E você?

Seus cílios escuros e espessos se abaixaram e ele riu.

— Não sei. Acho que quebrei você.

— Perguntei se você estava bem — esclareci num tom de voz estranho aos meus ouvidos. O peso e a proximidade dele fizeram meu coração disparar. — Me quebrar não tem nada a ver com isso.

— Estou mais preocupado com você, mas você realmente amorteceu minha queda. Que gentil de sua parte, Tess. — Ele riu e, meu Deus, sabia que ele estava bêbado. Droga, ele tinha de ser assim tão adorável mesmo bêbado? Remexendo-me para liberar meus braços, ele se virou e nossos corpos acabaram juntinhos de todas as formas possíveis. Fiquei imóvel quando um som rude e sensual reverberou no peito dele. Ergui os olhos, encarando-o, mas não nos movemos. Não falamos. Os lábios dele se entreabriram numa respiração rápida e fraca. Meu peito se estufou contra o dele num resfolegar trêmulo. Eu o sentia pelo tecido fino do meu pijama, bem onde ele ficava duro entre minhas coxas. Não havia como ignorar o tamanho e a grossura dele.

Um calorão percorreu todo o meu corpo. Vários lugares latejaram quando ele me encarou. Encantada, assisti a seus olhos adquirirem um tom de prata derretida. Vários arrepios percorreram minhas costas. O latejar ganhava força no meu ventre, disseminando por meus membros.

Havia um quê de confusão em seus olhos e novamente disse a mim mesma que ele estava bêbado, mas isso não serviu de nada para amenizar meu desejo e o calor do olhar dele.

— Isso... isso é inesperado — disse ele, com uma voz que atçou todas as minhas terminações nervosas. — Tess, eu... — Seus olhos se fecharam e ele bufou demoradamente. — É bom ter você embaixo de mim, muito bom.

Meu coração pareceu parar e então ganhou força. As palavras dele despertaram uma luxúria que eu não estava muito acostumada, nem entendia direito. Só sabia que queria envolvê-lo e segurá-lo bem perto.

— “Bom” não é a palavra certa. Talvez “perfeito”? — Parecia que ele estava falando sozinho. — Merda — rugiu ele, e então apertou seu quadril contra meu corpo, pressionando bem ali onde eu mais latejava. Dobrei os dedinhos do pé e fiquei ofegante. Um arrepio tomou conta do meu corpo. — Você acredita em destino?

A pergunta veio do nada, mas não tirou meu estupor.

— Não sei — sussurrei. — E você?

— Digo, você acredita que algumas coisas simplesmente foram programadas para acontecer? — murmurou ele, abaixando a cabeça até seus lábios tocarem meu pescoço. Outro resfolegar contido entreabriu meus lábios. — Tipo, por mais que você faça, por mais que se convença do contrário, as

coisas simplesmente vão acontecer? Coisas que não posso impedir.

Meu corpo venceu meu cérebro, ignorando o que ele dizia, e eu nem tinha certeza se ele sabia o que estava falando. Meu braço direito estava livre e ergui a mão lentamente, pousando os dedos contra as mechas frias e sedosas de seus cabelos.

Seus lábios deslizaram em minha pele novamente e então a ponta de sua língua tocou meu pulso. Joguei-me para trás, o que fez com que nossos quadris se pressionassem. Ele me beijou no mesmo lugar, mordiscando minha pele, não a ponto de deixar uma marca, mas a ponto de provocar uma confusão dentro de mim.

— Você nunca soube. — Ele trocou o peso para o outro braço e sua mão tocou meu rosto, jogando minha cabeça para trás.

Um trovão ribombou em minhas veias, tão perigoso quanto uma tempestade de verão.

— Nunca soube o quê?

Jase fez que não com a cabeça enquanto a ponta áspera de seu dedo tocava meu lábio.

— Eu nem sempre... ia visitar Cam. Ele não era o único motivo para eu fazer aquela viagem todos os fins de semana. — Enquanto eu ficava chocada, ele ria e fechava os olhos. — Eu ia vê-la. Isso me torna um canalha, claro. Quantos anos você tinha? Dezesseis? Que merda.

Aquelas palavras, misturadas à sensação *dele*, foram como uma explosão, mas havia pouco tempo para assimilar e ficar obcecada quanto ao significado daquilo e até mesmo para questionar. Ele baixou a cabeça e meu corpo ficou tenso. Ele ia me beijar e eu não o rejeitaria. Não agora. Não depois do que ele tinha admitido. Não sentindo meu peito inchado, o que anulava aquela horrível sensação de desprezo de antes.

Sua boca tocou meu nariz e ele deu um beijo em minha testa saindo de cima de mim e ficando de lado. A mão que envolvia meu rosto desceu por entre meus seios, parando pouco acima do meu umbigo. Aquele beijo doce fervilhou em meu peito, mas esperei que ele continuasse.

Mas os lábios não me tocaram novamente.

Virei minha cabeça para a dele e abri os olhos. Fiquei boquiaberta ao me dar conta. Deitado ao meu lado no chão, Jase tinha caído de bêbado.

CAPÍTULO 4

Forrest Gump parecia ter acampado em minha mente. A frase *Idiota é quem faz idiotice* era repetida sem parar. Eu deveria ter ignorado a mensagem de texto de Jase. Deveria ter concordado quando ele disse que era um babaca. Deveria ter ligado para alguém vir recolher o rabo bêbado dele. Não deveria ter esperado por algo além de um beijo na testa. E eu realmente não deveria acreditar em nada do que ele disse na noite passada, por mais que quisesse. Porque ele estava embriagado.

As palavras de um ébrio eram as reflexões de um sóbrio. Era o que meu pai sempre dizia, mas eu não achava que fosse verdade. Não à luz esclarecedora da manhã.

Não consegui colocar Jase no sofá na noite passada. Então acabei colocando um travesseiro sob a cabeça dele e jogando a colcha sobre seu corpo. Depois, sentei-me no sofá, com vontade de me levantar e ir para a minha cama, mas me perdi um pouco observando-o dormir. Como disse, idiota é quem faz idiotice. Ao estudar a delicadeza de seus traços não tão evidentes quando ele estava acordado, caí no sono.

Quando acordei, no domingo pela manhã, a colcha que eu colocara sobre ele tinha sido colocada sobre mim. E o travesseiro substituíra o apoio de braço. Jase foi embora.

Havia uma parte de mim que queria acreditar que ele tinha dito a verdade na noite passada, porque aquele beijo... foi tão carinhoso. Mas ele estava bêbado e agora não estava mais aqui. Gostaria que ele me pedisse desculpas. Podíamos seguir em frente e ser amigos, mas queria me castigar por ter corrido para fora no meio da noite para falar com ele, como se eu estivesse desesperada e esperasse por um beijo dele.

Em qualquer outro lugar, menos na testa, mas aquilo foi tão... tão gentil.

— Argh. — Joguei a cabeça em minhas mãos.

Fiquei surpresa demais com a mensagem de texto dele. Achava que ele tinha perdido meu número de propósito e... bom, eu era uma menina. Essa era minha desculpa. *Somos apenas amigos*. Continuo repetindo isso para mim mesma incontáveis vezes. Precisava colocar isso na minha cabeça dura.

— Parece que você não teve uma boa noite.

Ergui a cabeça ao ouvir a voz de Debbie. Ela estava na porta com dois copos de café nas mãos.

— Ahh...

Os cabelos castanhos de Debbie estavam presos com uma presilha roxa. Ela colocou um dos copos quentes na minha mão.

— Tenho uma pergunta.

— Tudo bem. — Sentei-me na minha cama, cruzando as pernas. — Talvez eu possa responder.

Tirando o chinelo, ela abriu um sorrisinho rápido e se jogou na cama de frente para mim.

— Então, cheguei aqui hoje de manhã por volta das... hummm, digamos que por volta das quatro da manhã e achei que estava maluca, porque Jase Winstead dormia no chão e você no sofá, toda encolhidinha feito um bebê.

Senti o rosto ficar vermelho e quente.

— Ah, é, bom...

Debbie riu enquanto eu tropeçava nas palavras.

— Ora, quando vejo Jase em lugares inesperados, espero vê-lo numa cama, não num chão. Só estou dizendo... mas, vamos, fale de uma vez. O que ele estava fazendo aqui? Eu o vi na festa e ele não parecia querer estar lá... Ah! Agora faz sentido! — Ela abriu um sorriso. — Ele queria estar em outro lugar, com você.

Era um enorme salto lógico.

— Não é bem assim. — Diante do olhar de dúvida dela, bebi um gole do café doce e resisti à vontade de perguntar em quais “lugares inesperados” ela vira Jase. — Sério. Nós nos conhecemos há um tempo. Você sabe que meu irmão é amigo dele, não?

— Sei quem é seu irmão. Todos sabem. — Ela passou uma das mãos pelo cabelo. — Mas não sabia que *you* era amiguinha de Jase.

Dei de ombros.

— Ele estava bêbado, então não pude deixá-lo voltar dirigindo para casa. Ele capotou no sofá. Só isso. Não tem nada mais interessante para contar.

Ela arqueou uma das sobrancelhas escuras.

— E por que ele estava aqui bêbado?

Meeeeerda! Boa pergunta. Bebi um gole demorado de café para ganhar tempo.

— Ele estava saindo com outra pessoa ou coisa assim. Tinha bebido e me mandou uma mensagem para dar oi.

Ela retorceu o nariz.

— Ah, que coisa mais chata.

Eu ri.

— Desculpe.

— Droga, esperava que você me contasse uns detalhes sujos e que eu pudesse saborear sua história. — Ela riu quando arregalei os olhos. — Pare com isso! Jase tem essa... sei lá, *intensidade* nele. Como se fosse o tipo de cara que te come e muda sua vida.

— Come e muda sua vida? — repeti estupidamente. As poucas vezes em que fiz sexo não foram assim tão impressionantes. — Bom de cama? Ah, meu Deus...

Abri um risinho amarelo e mantive o copo por perto.

— O Erik não estava com você, não é mesmo?

— Não.

A tensão se dissipou do meu pescoço. Se Erik tivesse estado aqui, tenho certeza de que ele se voltaria para Cam ou outro de seus amigos de fraternidade. — Posso lhe pedir um favor? Por favor, não conte a Erik que Jase esteve aqui. Não quero que as pessoas interpretem mal...

— O que elas obviamente fariam — provocou ela.

— Exatamente. E não quero que Cam fique irritado sem motivo.

Ela rolou de lado, colocando o copo no criado-mudo.

— Cam faz o tipo irmão superprotetor?

— Você não faz ideia. — Bufei

— Mas é legal ter alguém que se preocupe com você — disse ela, esticando as pernas. — Aposto que ele é um saco quando se trata de namorados.

Bebi outro gole e concluí que era hora de mudar de assunto.

— Por falar em namorado, estou surpresa por Erik não ter voltado com você.

Ela mordeu o lábio.

— Ele quis voltar para a festa, então...

Então o que Erik queria ele conseguia. Exatamente como Jeremy. Olhei para meu copo, desejando dizer algo, mas senti que estava invadindo o espaço dela. No entanto, ficar em silêncio seria horrível. Ninguém na escola me perguntou nada ao ver Jeremy segurar meu braço ou gritar comigo pelos erros mais insignificantes. Todos viraram a cara. Era mais fácil assim.

Fechei meus olhos com força sentindo a impotência voltar como uma velha amiga carente, da qual você não consegue se livrar. Não era mais aquela menina. Não era uma vítima.

Quando o telefone de Debbie tocou, abri os olhos para vê-la tirá-lo do bolso rapidamente.

— Oi, amor, eu estava... — As palavras dela foram cortadas repentinamente e fiquei tensa. — Você...

— Ela se virou e jogou os pés no chão. Ao se levantar, ela me encarou. Uma mancha avermelhada surgiu em seu rosto. Ela desviou o olhar ao sair correndo do quarto. — Erik, meu amor, desculpe. Não sabia...

Ela parou na porta, abaixando-se para pegar os chinelos que tinha tirado. Seus shorts de algodão subiram por suas coxas, revelando a pele sob seu quadril. Arfei, mas o som deve ter se perdido entre o que quer que Erik estivesse dizendo a ela.

Ferimentos em tons amarelados e azulados marcavam a pele dela. Alguns mais antigos. Alguns tão novos, tão incrivelmente roxos, que eu sabia que tinham sido causados nas últimas vinte e quatro horas.

Debbie se endireitou, o chinelo pendendo de seus dedos.

— Já estou indo. Só precisava abastecer... sei que você me disse para abastecer na noite passada, mas estava tarde... — Ela respirou fundo. — Desculpe.

Senti um aperto no peito ao vê-la fechar a porta atrás de si. Fechei meus olhos, mas não podia apagar o que vira e o que aquilo significava. Todos os ferimentos, um punhado de hematomas, foram causados onde normalmente não seriam vistos.

Eles foram escondidos.

Minha camiseta estava começando a ficar grudada nas minhas costas e meu joelho direito doía. A caminhada da aula de história em Whitehall até o recital de música no *campus* oeste era mesmo horrível nesse calor. Pior ainda era o fato de que, se eu quisesse comer algo, teria de arrastar meu traseiro feliz até o *campus* leste.

— Você deveria ter pegado o ônibus — disse Calla Fritz, trocando a mochila de ombro. — Não há motivo para você andar tanto assim.

— Estou bem.

— Meu radar de mentira disparou. — Calla tirou o rabo de cavalo comprido e dourado debaixo da alça da mochila. Eu a conhecia só desde a semana passada, quando as aulas começaram. Cursávamos história e música juntas, mas nesse pouco tempo descobri que ela era bem direta quando queria.

Além de Debbie, ela era provavelmente minha única amiga. Avery não contava porque era namorada do meu irmão e tinha que gostar de mim. Pouco antes de eu sair de casa mamãe dissera que algumas de suas amigadas mais duradouras começaram no primeiro ano de faculdade.

Eu não achava que isso fosse acontecer comigo. Até mesmo minha amizade com Sadi, dançávamos juntas desde os cinco anos, não durara.

— Você começou a mancar quando passamos pelo campo de futebol — acrescentou ela.

O suor fazia com que os óculos de sol escorregassem pelo meu nariz. Arrumando-os, sorri para ela. Baixinha e curvilínea, Calla Fritz me lembrava uma daquelas pin-ups dos anos 1950. O tipo de menina que dança em casas noturnas e ganha muito dinheiro com isso.

Mas, assim como eu, Calla estava longe de ser perfeita. Uma cicatriz cobria o lado esquerdo do seu rosto, dos lábios à orelha. Com maquiagem, era uma marca fraca. Não sabia como ela havia se machucado e não perguntei. Achava que seria algo que ela me diria por vontade própria.

— Sempre manco — expliquei. Esconder minha perna machucada era impossível com o belo corte rosado que decorava meu joelho. Eu preferiria escondê-lo, mas não suportava o calor do fim de agosto. — E preciso fazer exercício.

Ela bufou.

— Que se dane, minhas coxas precisam de exercício. Você precisa de um hambúrguer.

— Já viu minha bunda? Ela conheceu vários hambúrgueres de perto e intimamente. E está flertando com batatas-fritas.

— Tudo bem. Minhas coxas são feitas de milk-shake.

Ri e suspirei ao entrarmos no túnel que unia os dois lados do *campus*. Como era subterrâneo e iluminado por luzes de orientação, ali estava pelo menos uns cinco graus mais fresco.

— Eu me pergunto se alguém perceberia se eu simplesmente me deitasse no meio disso — disse Calla.

— Provavelmente, mas eu estaria ao seu lado.

Calla passou o restante do trajeto reclamando por ter de estudar apreciação musical sendo estudante de enfermagem. Eu não a culpava. Era uma matéria fácil, mas não muito interessante. Nosso professor não se esforçava. Afinal, quase todos na sala estavam ali porque tinham de estar.

A faculdade é muito estranha. Era como o ensino médio com pouca ou nenhuma influência dos pais. Ainda tínhamos de cursar matérias que não queríamos, só que tínhamos de pagar por elas, o que realmente é um saco.

O auditório estava quase cheio e nos sentamos nos fundos. Sentando-me no meio, fiquei aliviada ao me sentar. Meu joelho imediatamente me agradeceu. Ajeitei os óculos de sol, rangendo ao notar a camada de suor na minha testa. Nada como estar toda suada para a aula. Eu estava bem preparada para o outono.

— Acorde-me daqui a dez minutos — disse Calla, abaixando-se no assento. Ela manteve os óculos de sol no rosto. — Porque até lá terei vontade de prestar atenção.

Eu ri.

— Eu a acordarei.

Enquanto a turma enchia, comecei a folhear meu caderno, procurando pelas folhas que estava usando para minhas anotações na semana passada. Só percebi alguém se aproximando do assento vago à minha esquerda ao ouvir a poltrona ranger. Olhei e fiquei boquiaberta.

Jase Winstead se espalhara arrogantemente no banco ao meu lado, as pernas compridas dobradas e os braços preguiçosamente jogados para trás dos assentos. Usando uma calça jeans desbotada e uma camiseta, ele parecia ter todo o direito de estar ali, principalmente com sua mochila apoiada contra uma das pernas.

Só que eu não entendia por que ele estava ali.

Um meio sorriso surgiu num dos cantos de sua boca.

— Oi.

Olhei em volta para ter certeza de que estava na aula certa. Ao meu lado, Calla olhava para Jase e tirava os óculos de sol. Eu estava no lugar certo.

— Oi — respondi.

O sorriso aumentou um centímetro.

— Você parece surpresa.

— Estou mesmo — concordei, livrando-me do estupor inicial. — O que você está fazendo aqui?

Ele bateu com o dedo no caderno.

— Tive uma reunião com meu orientador na semana passada para ter certeza de que cursaria tudo o que preciso. O fato é que eu ainda precisava cursar apreciação musical e esta era a única turma que não estava cheia. Então eu me matriculei meio atrasado.

Jase parou e seu olhar vasculhou lentamente meu rosto. Seu corpo era a personificação da calma, mas havia uma angustiante intensidade em seu olhar.

— Na verdade eu estava sentado à sua frente. Você não me viu, mas eu a vi.

Não havia como Jase saber meus horários, e o fato de ele estar ali não tinha nada a ver comigo ou com sua visita tarde da noite no sábado. Eu sabia disso, mas não me impediu de fervilhar com esperança e empolgação.

— Bom, isso é... hummm, isso é bem legal.

O outro lado da boca de Jase se curvou para cima.

Fiquei toda vermelha e desviei o olhar rapidamente. Certo. Eu daria um jeito nisso. Jase e eu resolvemos as coisas. Estamos bem. Tudo estava bem. Éramos *amigos*. E as coisas que ele disse e como se sentiu em cima de mim na noite de sábado não importavam. Ele estava bêbado. Outro erro. Apeguei-me a isso, porque considerar outra possibilidade certamente daria início a todo um mundo de mágoas.

Olhei para ele, roubando um olhar de rabo de olho. O olhar dele ainda estava fixo no meu rosto, mas lentamente descia para meu colo. Minha perna direita estava esticada e segurava meu caderno de uma forma que não dava para esconder a extensão da cicatriz em meu joelho. Senti meu rosto queimar ao trocar o caderno de perna.

— A aula é bem chata — disse Calla, estendendo a mão e chamando a atenção dele. — Sou Calla, por sinal.

Ele estendeu a mão esquerda, cumprimentando-a e olhando rapidamente para ela. Ele não se demorou na cicatriz dela e, por isso, ganhou pontos de bônus no quesito compaixão.

— Sou...

— Jase Winstead — disse ela, recostando-se. — Conheço você. Bom, não *conheço* você. Ouvi *falar de você*.

Um rubor surgiu em seu rosto. Ele estava com vergonha?

— Ouviu, é? — perguntou.

Ela fez que sim e um sorriso contido, quase cínico, se formou em seus lábios.

— Acho que todas as mulheres do *campus* ouviram falar de você.

Revirei os olhos.

Ele riu.

— Ah, entendo...

— Entende? — perguntei, arqueando a sobrancelha.

Atendo-se ao palco assim que o professor apareceu, Jase mordeu o lábio. Havia algo de infantil nessa ação, algo estranho e também sensual. Os músculos da minha barriga se enrijeceram diante da imagem repentina dele mordiscando *meu* lábio como tinha feito no meu pescoço. A pele ali se arrepiou como um lembrete. Uma sensação de choque percorreu minhas veias diante da lembrança de como ele tinha rebolado os quadris.

Nossa, eu precisava transar ou coisa assim.

— Algumas pessoas dizem que sou bem popular... — finalmente afirmou ele.

— Com as *moças*? — perguntei, tirando uma caneta da minha bolsa.

Cílios espessos se fecharam quando ele me lançou um olhar de lado.

— Talvez.

— Certamente — murmurou Calla, baixinho.

Ri enquanto Jase se ajeitava no assento. Ele estava incomodado com sua reputação estelar?

Que bonzinho.

— Então — comecei, sem conseguir resistir à vontade de provocá-lo. Falava baixinho enquanto o professor começava a discutir os seis elementos da música. — E essas moças têm coisas boas ou ruins a dizer sobre você?

Ele ficou em silêncio escrevendo as palavras *ritmo* e *melodia* no caderno. Achei que ele não responderia.

— Depende de para quem você pergunta.

— Depende do quê?

Seu sorriso se abriu novamente.

— Vários fatores, mas posso lhe garantir que a maioria delas terá muitas coisas boas a dizer. — Seus olhos acinzentados procuraram os meus novamente enquanto ele abaixava a cabeça, o bastante para seu hálito quente alcançar meu rosto. — Na verdade, coisas *incríveis*.

Meu coração parou de bater. Ele estava flertando comigo? Engoli em seco.

— Que tipo de coisas?

Ele não respondeu, então me obriguei a prestar atenção à aula. Sentia Calla me encarando. Ela não tinha ideia de como eu conhecia Jase e provavelmente achava que eu era uma das meninas com muitas coisas boas a dizer a respeito dele.

Queria dizer que o comentário dele era pura arrogância, mas, sabendo quão bem ele beijava, tinha certeza de que Jase também era hábil em outras coisas. As meninas provavelmente estavam se vangloriando do talento dele em fóruns de discussão na internet.

Jase se ajeitou na cadeira e eu fiquei rígida ao sentir o hálito dele no meu pescoço, bem embaixo da orelha, me provocando naquele lugar sensível que me fazia querer sair rodopiando — o mesmo lugar que ele havia mordiscado, lambido e beijado. Num sussurro, ele disse:

— Acho que você sabe *exatamente* sobre que tipo de coisas elas me elogiam.

Não tinha ideia do que foi falado na aula de apreciação musical. Saber o quão perto Jase estava de mim me distraiu completamente. Sempre que a perna ou o braço dele tocava o meu, eu me perdia.

E eu tinha todo um semestre disso pela frente.

Havia uma parte de mim que queria ficar com raiva daquilo, mas eu estaria mentindo para mim mesma. Saber que eu veria Jase três vezes por semana aumentou minha vontade de frequentar a aula.

Afinal, o que havia de errado em admirar um cara lindo?

Jase saiu da sala comigo e com Calla, e parecia que a temperatura tinha subido uns dez graus e que o sol tinha ganhado ainda mais força.

— Para onde vocês estão indo? — perguntou Jase, passando a mão por seu cabelo desganhado.

— Vou voltar para meu apartamento — respondeu Calla, arrumando os óculos de sol. Ela me olhou. — Você não vai voltar para o *campus* leste?

Pensando na tortura que seria a caminhada, fiz que sim.

— Sim, em algum momento. Tenho aula à uma da tarde em Knutti. Então tenho uma hora para chegar lá.

— Posso lhe dar uma carona — ofereceu Jase, parando no limite do pavilhão que cercava o departamento de artes. Ele me encarou rapidamente, mas não rápido o bastante para eu não perceber que ele estava observando minha perna. Fiquei tensa. — Posso ser seu motorista particular — acrescentou ele com um risinho cheio de malícia.

Por um instante, perdi-me um pouco naquele sorriso e senti algo se contraindo na minha barriga, mas consegui fazer que não com a cabeça.

— Obrigada, porém você não precisa se desviar do seu caminho.

Jase acenou para alguém que o chamou, mas a atenção dele estava voltada para mim.

— Eu levo você. Meu carro está aqui mesmo, no estacionamento dos fundos.

— Mas...

— Não é nada de mais. — Ele estreitou os olhos diante do reflexo intenso de um carro que passava. — Estou mesmo indo para lá.

— Isso é muito gentil da sua parte — disse Calla, lançando-me um olhar que me mandava calar a boca. — O joelho dela a está incomodando mesmo.

Fiquei vermelha de vergonha.

— Minha perna não está me incomodando tanto. E preciso fazer exercícios. Andar é bom... — Soltei um gritinho quando Jase passou a mão pela minha cintura e se abaixou, me jogando sobre seus ombros como se eu não pesasse mais do que um saquinho de açúcar. Minha bolsa escorregou pelo meu braço, caindo no chão. — O que você está fazendo?

— Ficar aqui de pé discutindo sua capacidade de caminhar até o *campus* leste neste calor está me deixando muito impaciente.

Segurei-me na camisa dele, incapaz de enxergar em meio aos meus cabelos.

— Então vá embora! Não precisa me pegar assim como um homem das cavernas.

— Você não vai andar até lá! — Ele pôs a mão na parte de trás da minha coxa, chegando perigosamente perto de apalpar meu bumbum. — Por isso estou levando você assim.

— Bom, é uma forma de acabar com a discussão — Calla riu.

Erguendo a cabeça, olhou para ela em meio aos meus cabelos.

— Você não está ajudando.

Ela sorriu para mim, pegou minha bolsa e a entregou para Jase, que já esperava.

— Vejo vocês mais tarde.

— Traidora — resmunguei.

— Obrigado — disse Jase, dando meia-volta, e eu me segurei para não cair. Ele começou a caminhar pela rua. — Como está aí em cima?

— Como acha que estou? — perguntei, ríspida.

Ao passarmos por um grupo de alunos, eles começaram a rir. Um dos caras gritou:

— Então é assim que Jase consegue as meninas!

Meu corpo todo ficou tenso.

Ele se virou de repente, me fazendo soltar um gritinho. Andando de costas, ele riu.

— Algumas delas precisam de um tratamento mais direto.

— Estou disposta a um tratamento mais direto assim — disse uma voz feminina. — Quando você não estiver ocupado.

Xinguei.

— Olha a língua, Tess, *a língua* — Jase me repreendeu, virando-se.

Segurando-me com apenas uma das mãos, bati nele na região dos rins com a outra.

— Ai!

Meus lábios se abriram num sorriso.

— Se minha outra mão estivesse livre... — Sabia exatamente no que ele estava pensando.

— Se você acha por um segundo que pode...! — Resfoleguei por causa do andar dele. — Seu babaca.

— Acho que você precisa de um tapinha.

Minha boca se abriu para responder grosseiramente, porém ele tinha chegado ao carro e, por algum motivo, levar um tapinha não soava *tão mau* assim. Mas ele tinha de estar só me provocando, porque não iria pôr as mãos na bunda da irmãzinha de Cam de jeito nenhum.

Jase soltou minha bolsa e abriu a porta. Ele moveu a mão e os calos ásperos percorreram a parte de trás das minhas coxas. Tremi com o calor e mentalmente xinguei a reação do meu corpo.

Ele estendeu os braços, me segurando pelos quadris.

— Você pode soltar minha camisa agora.

— Ah. — Soltei-o.

Os ombros dele tremeram com uma risada e então a parte da frente do meu corpo escorregou de encontro ao peito dele. O ar ficou preso na minha garganta diante do contato inesperado. Arrepios tomaram conta de certas partes do meu corpo. Meus pés estavam na rua, mas as mãos dele se detiveram nos meus quadris.

— Aí está — disse ele, a voz mais grave agora que ele tirou as mãos de mim. — Você consegue subir, não é?

Tirando os cabelos do meu rosto, respirei fundo.

— Não sou uma inválida.

— Não disse que você era.

— Posso andar, sabia? E subir em jipes.

Ele pegou minha bolsa, jogando-a no banco de trás.

— Tenho certeza de que você pode.

Quando arqueei uma sobrancelha, percebi que ele realmente ficaria ali de pé até que eu entrasse no carro. Bufando, virei-me e subi. Ele deu uma risadinha nervosa, fechou a porta e deu a volta pela frente do carro.

Ele ligou o carro e um vento quente saiu dos dutos, jogando cabelos no meu rosto. Seus olhos eram de um tom cinza metálico ao pousarem em mim.

— Certo. Por que você não queria que eu lhe desse carona?

— Não que eu não quisesse que você me desse carona. — Encolhi-me toda, ao ver que todo o bom humor dele desapareceria.

— Mesmo? — Ele estendeu a mão, tirando os óculos de sol do corta-luz. Ajeitando-os sobre o nariz, ele se recostou no assento. Mechas de cabelo caíram para a frente, resvalando na armação dos óculos.

Ele estava lindo com aqueles óculos de sol.

Apesar de ter os olhos escondidos, não havia como escapar do olhar dele. Ninguém era capaz de olhar para você como Jase Winstead. Era como se ele enxergasse o meu íntimo, expondo camadas e mais camadas.

— É por causa de sábado à noite? Eu estava bem bêbado. Merda, não me lembro de nada depois de ter entrado no seu apartamento.

Os pelinhos da minha nuca se eriçaram.

— Nada?

Ele fez que não com a cabeça.

— Então só Deus sabe o que disse e fiz, e eu devo ter dito algo, porque você não queria entrar no carro comigo.

Parte de mim queria lhe dar um chute no saco, por mais que eu soubesse, sem sombra de dúvida, que ele estava bêbado — bêbado o suficiente para não se lembrar de ter dito que eu era o motivo de ele visitar tanto Cam ou do momento que ficamos no chão. Precisei de toda a força para não atacá-lo com isso, mas de que isso adiantaria? Ele estava bêbado e eu é que fui encontrá-lo e o deixei entrar no meu apartamento. Tudo isso era temporário e eu não podia permitir que a situação de bosta piorasse ainda mais.

Respirei fundo e soltei tudo, lentamente.

— Você não fez nem disse nada que me deixasse com raiva.

Ele ficou em silêncio por um instante.

— Mas eu dormi no chão e você no sofá?

— Sim... hummm, você meio que caiu e ficou ali. — Dei de ombros. — Eu caí no sono no sofá.

— Legal. — Ele deu uma risadinha curta. Vários segundos se passaram e pensei em sair do carro. — Somos amigos, não?

Meu coração se encolheu todo por causa das minhas convicções quanto à nossa relação.

— Sim.

— Corrija-me se estiver errado, mas amigos dão carona a amigos, não é?

Fiz que sim, sabendo para onde a conversa estava indo.

— Então qual o problema?

Desviando o olhar, bufei demoradamente. Ficar perto dele não ajudava em nada minha determinação de pôr um ponto final nessa paixão idiota, mas havia outro motivo.

— Não quero que as pessoas pensem... — Segurando a barra da minha bermuda, balancei negativamente a cabeça. — São muitas as coisas que não posso fazer no momento: dançar, me exercitar, correr e até mesmo *trotar* tranquilamente. Mas posso caminhar. E isso é praticamente tudo o que posso fazer.

Me senti meio estúpida depois de dizer isso e não tinha certeza se ele entendia como era difícil para mim deixar de ser tão ativa e me tornar uma preguiça. E não um filhotinho bonitinho de preguiça.

— Ah, e eu aqui pensando que você estava secretamente esperando que eu lhe desse carona. — Ele engatou a marcha a ré.

Eu ri.

— Desculpe por decepcioná-lo.

— Você nunca me decepciona. — Olhando para trás ao dar ré, ele sorriu e eu me perguntava se ele tinha visto como meu coração se acelerou ao ouvir aquilo. — Entendo o que você diz. É difícil quando se está acostumado a fazer algo que era tão comum quanto respirar para você.

— É. — Puxei um fio solto na barra da bermuda. — Sinto a emoção de dançar e correr. Sabe? A energia. É algo que me acalma e sou só eu... — Não tinha certeza se estava fazendo sentido. — E não tenho mais isso.

Engatando a primeira, ele soltou o volante um pouco. E ficou em silêncio ao navegar pelo estacionamento.

— Você sabe que há outras coisas que pode fazer.

Tipo sexo? Aposto como isso era relaxante, no fim das contas.

— Sabe o que descobri que é muito relaxante? — perguntou ele, sem saber que minha mente, em distração, pensava bobagem. — Cavalgar.

— Ah... — Fechei os olhos com força.

Ele riu.

— Na verdade não há nada igual. Estou lhe dizendo, Tess. Você já sentiu que estava voando ao dançar?

— Sim — sussurrei, um tanto quanto impressionada. Era disso que eu mais sentia falta.

Ele meneou a cabeça.

— É assim que você se sente sobre um cavalo. Você deveria tentar. Acho que adoraria.

Ajeitei-me, sem saber o que dizer a respeito disso. Aquilo era um convite para a fazenda dos pais dele? Importava? Para mim, subir numa sela era como brincar com um tiranossauro furioso.

— Fome? — perguntou ele, mudando de assunto antes que eu pudesse responder. — Estou indo para o Den. Cam e Avery estão lá. Eles devem ter uma comida melhor do que o refeitório.

Tinham mesmo. Dei de ombros.

— Vamos lá. — Ele estendeu o braço, cutucando-me. — Venha comer com a gente.

Meus lábios se torceram ao olhar para ele. Esse... esse era o Jase do qual eu me lembrava. Provocador. Aberto. Divertido. Alguém com quem eu podia conversar e ser honesta. Por mais estúpido que fosse, me peguei desejando que ele se lembrasse do que tinha acontecido depois que entrou no meu apartamento. Se bem que talvez fosse melhor que ele não se lembrasse.

— Não quero parecer a irmãzinha segurando vela.

— Você não é.

Lancei-lhe um olhar ríspido.

— Eu segurei vela por boa parte da vida. Eu o segui até a faculdade.

— Você não o seguiu, Tess. — Ele fez silêncio, diminuindo a velocidade num cruzamento, olhando-me. Aquele meio sorriso tinha voltado. — E, sabe de uma coisa?

Meus lábios reagiram, se curvando nos cantos.

— O quê?

— Ele não se importa se você o seguiu. Ele está feliz por você estar aqui — disse. — Não me importo se você o seguiu. E estou feliz por você tê-lo seguido.

CAPÍTULO

Prei de discutir com Jase sobre cavalgar em vez de caminhar rapidamente, especialmente depois que as folhas dos enormes bordos do *campus* trocaram de cor, de um verde brilhante para uma bela composição de vermelho, dourado e marrom. Setembro acabou e outubro começou com uma chuvinha que parecia interminável. O outono estava a caminho e todas as manhãs e noites um friozinho soprava de Potomac, alertando que possivelmente seria um inverno bem frio e úmido.

E, ao menos uma vez por semana, Jase colocava um cupcake no Jeep, mantendo-o frio numa caixinha termina no banco de trás. A caminho do *campus* leste, dividíamos a deliciosa guloseima. Ele me faria ganhar cinco quilos assim, mas até então eu tinha comido vários sabores de cupcake — Twix, Oreos, morango, chocolate branco, Skittles, que eram meio que nojentos, banana e chocolate e um de chocolate amargo que estava tão ruim que fiquei meio enjoada.

Hoje comíamos um cupcake vermelho aveludado com um tipo de cobertura de queijo cremoso.

Estava divino.

O lugar onde ele comprava estes cupcakes merecia uma medalha de ouro por serem deliciosos.

Nuvens espessas enchiam o céu quando a aula de apreciação musical terminou, na quarta-feira. Ia chover novamente. Mais uma vez. Por causa do meu joelho, tinha de tomar cuidado com as calçadas escorregadias. Cair de bunda seria tão constrangedor quanto arrasador.

Dei adeus a Calla ao entrar no Jeep. Assim que Jase ligou o carro, o canal Elvis Presley na rádio começou a tocar. Eca. Enquanto ele saía da vaga, aproximei-me e troquei para o canal Octane.

Jase parou — simplesmente parou no meio do estacionamento.

— Você acabou de fazer o que acho que acabou de fazer?

— O quê? — perguntei inocentemente.

Carros se acumulavam atrás de nós, mas o Jeep bloqueava o caminho. A expressão dele me dizia que não se importava.

— Você simplesmente trocou Elvis por... — Ele olhou para o rádio, rindo irritadamente. — por Godsmack?

— Ei! Não fale mal de Godsmack.

— Não tenho problemas com eles. — Alguém buzinou. Ele ignorou. — Até que mexam com Elvis.

— Não gosto de ouvir Elvis.

— Não podemos mais ser amigos. — Ele fez um muxoxo e arqueou as sobrancelhas.

Eu ri.

Jase estreitou os olhos e finalmente, graças a Deus, avançou com o Jeep.

— Ainda bem que você é bonita, se não eu a tiraria à força do carro.

Gargalhei e me recostei no banco.

— Poderia dizer o mesmo de você sobre seu gosto questionável. — Um sorriso enorme apareceu em meus lábios quando ele me lançou um olhar desconcertado. — Música sertaneja é uma dessas coisas.

— Ah, você não sabe o que é música boa. — Jase virou à esquerda. — Vou ter de educá-la.

Senti algo queimar em meu peito e me esforcei para ignorar isso. Discutimos música enquanto ele procurava um lugar para estacionar. Demorou um pouco desde que passou por várias vagas disponíveis. Eu sabia por quê. Ele não queria que eu andasse e, apesar de este cuidado com minha perna geralmente me deixar nervosa, não disse nada quando ele deu a volta várias vezes até que uma vaga surgiu entre Sara Creed e o Den. Foi legal da parte dele, gentil até, e não podia deixar de pensar que isso significava alguma coisa.

— Como está o Jack? — perguntei quando ele começou a falar de Johnny Cash.

Um brilho tomou conta de seus olhos, um olhar de orgulho, e eu fiquei toda contente por dentro.

— Ele está ótimo. Começou no jardim de infância este ano. A professora dele, a sra. Higgins, disse que ele é a criança mais inteligente da turma.

Sorri, deslizando pelo assento do carro.

— Tem certeza de que ele é seu irmão?

— O que você quer dizer com isso? — Ele apareceu diante de mim e pegou minha bolsa no banco de trás antes que eu pudesse me mover. Lá estava aquele olhar estranho em seus olhos acinzentados. — Claro que ele é meu irmão!

— Estava brincando. — Tentei pegar minha bolsa, mas ele a pendurou no ombro. — Você sabe, ele sendo a criança mais esperta da classe, eu não tenho certeza se puxou isso de você.

— Haha. Jack pegou inteligência, beleza e charme de mim.

— Ahã.

Rindo alto, ele segurou minha bolsa com uma das mãos e colocou o outro braço sobre meus ombros. O peso foi repentino e me distraiu, arrepiando-me a nuca e deixando meus braços cheios de bolinhas.

Para Jase, isso não era nada de mais. E provavelmente nem notava os olhares ao subirmos as escadas até o Den, passando por pessoas que o conheciam — porque *todos* o conheciam. Lembrei-me facilmente da primeira vez que ele fez algo assim, na noite em que chegou sem aviso.

Foi no fim de semana depois do... *incidente* com Cam. Meu irmão tinha bebido até cair no porão, depois de esvaziar toda a coleção de uísque do nosso pai. Jase aparentemente estava falando com Cam por mensagem de texto e ficou preocupado. Ele jogou tudo para o alto e dirigiu várias horas para vê-lo.

Fiquei paralisada ao encontrar Jase na entrada de casa, conversando com a mamãe e o papai. Ele era o menino mais lindo que já vira — os cabelos mais curtos na época, mas não menos revoltos, e seus olhos de um cinza metálico que pousaram onde eu estava meio que escondida, espiando pela porta da sala de estar.

Algo transpareceu em seu olhar e tive medo de ele ter visto naquele momento o que tinha causado o

problema de Cam. Fazia muito frio naquela noite, como sempre nas noites do começo de dezembro, mas a casa de repente se tornara sufocante e quente demais.

Escondi-me de novo, mas dessa vez lá fora, encolhida numa das poltronas da varanda, observando as estrelas que piscavam, me perguntando exatamente como isso tudo foi acontecer.

E foi assim que Jase me encontrou. Em vez de me dar uma lição sobre o que acontecera com Jeremy e tudo o que Cam fizera, ele conversou comigo sobre o Natal, a dança, perguntou qual a minha matéria preferida na escola e falou de tudo o mais que não tinha a ver com o que quase destruíra nossa família. Até então, ele nunca tinha me perguntado sobre Jeremy e nunca tocara no assunto com Cam. Aquilo simplesmente não existia entre nós.

Quando meus dedos se transformaram em blocos de gelo, Jase colocou o braço nos meus ombros e me guiou de volta para a casa, para o calor, e talvez tenha sido naquele momento que me apaixonei por ele.

Então esse gesto simples provavelmente não significava nada para ele.

Mas, em mim, meu íntimo tinha se contorcido em minúsculos e complicados nós. Pior ainda quando o braço dele tocava meu rabo de cavalo, jogando minha cabeça para trás e me arrepiando toda. Prendi a respiração quando ergui o olhar e, inesperadamente, encontrei o olhar dele, ao pararmos diante das portas francesas azuis e douradas.

Os olhos dele tinham um tom prateado, um cinza profundo e brilhante que contrastava com a escuridão de suas pupilas. Seu olhar era indecifrável para mim, mas havia um quê de calor nele, algo intenso que me atraiu. Meus lábios se entreabriram.

Jase fechou os olhos. Sua boca contornou as palavras, mas as portas se abriram e o ar frio que saiu lá de dentro interrompeu o que quer que ele fosse dizer. Aquele estranho e malicioso meio sorriso apareceu assim que ele desviou o olhar.

Ele tirou o braço dos meus ombros ao entrarmos no Den pela porta em que a comida era pedida. Só então ele pôs minha bolsa em meu ombro. Nossos dedos se tocaram assim que peguei a alça e fiquei toda vermelha.

Ele abaixou a cabeça perigosamente perto de tocar meu rosto com os lábios ao falar.

— Notei uma coisa em você.

Assim tão perto um do outro, meu coração disparou por dois motivos diferentes. De imediato, meu olhar procurou a mesa onde meu irmão se sentava. Felizmente, ela ficava do outro lado do salão e eu conseguia ver a ponta da cabeça de Avery. Eles estavam de costas para nós.

— O quê? — perguntei, meio sem fôlego.

Jase não respondeu imediatamente e fiquei nervosíssima porque tudo naquele momento parecia íntimo e ao mesmo tempo exposto ao público.

— Você fica muito mais vermelha agora.

E isso fez com que meu rosto queimasse ainda mais.

O sorriso de lado aumentou.

— Isso realmente me deixa curioso para saber no que você está pensando.

Eu morreria mil mortes antes que contasse *aqueles* pensamentos.

— Não estou pensando em nada.

— Ahã. — Ele passou um dos dedos por meu rosto quente, recuando e se endireitando. Virando-se para a fila que se formava, ele disse: — Não sei de você, mas eu estou morrendo de fome.

Meneando a cabeça, segui-o para o fim da fila. Eu *estava* morrendo de fome, mas não de comida — dele. Ele me tocando novamente, me beijando, me olhando com aquele meio sorriso que causava um efeito estranho em mim, e eu não deveria estar pensando nisso.

Principalmente estando a minutos de nos sentar com meu irmão, que não gostaria da ideia de me ver babando por seu melhor amigo.

Usei o tempo na fila para recuperar o controle, pedi uma salada de frango, pensando que as folhas compensavam a carne crocante. Jase pediu uma porção de fritas e aquele tipo de hambúrguer cuja gordura vai diretamente para a bunda.

Com os pratos à mão, nos aproximamos da mesa. As mulheres viraram a cabeça e abaixaram juntas, sussurrando e rindo ao andarmos pelo labirinto de mesas quadradas brancas. Duvidava que ele não notasse aquilo. Ainda mais com seus lábios se curvando num sorrisinho convencido.

Meus olhos se estreitaram.

— Hei! — Avery bateu no lugar vago à sua esquerda. Seu rosto se abriu num enorme sorriso de boas-vindas. A menina era linda com seus cabelos ruivos e olhos gigantes. — Estávamos nos perguntando por onde vocês dois andavam.

Ignorei a parte do “vocês dois”, como se fôssemos um par, como se fôssemos um casal.

— Oi.

Cam fez uma cara feia ao se recostar, enfiando os dedos nos cabelos de Avery. Estava começando a acreditar que era impossível para ele não tocá-la o tempo todo.

— O que tá pegando?

— Provavelmente nada relacionado à sua inteligência. — Jase se sentou à minha frente, abrindo um sorriso nervoso para meu irmão.

— Ah, que esperto — disse Cam, revirando os olhos.

— Gosto de achar que sou mesmo.

Rindo, sentei-me ao lado de Avery e acenei rapidamente para Brit e Jacob. Não os conhecia muito bem. Eles geralmente estavam à mesa quando eu vinha aqui, mas a preferência de Brit por fritas com maionese me revirava o estômago. Hoje, graças a Deus, ela estava comendo pizza. Ao lado dela, Jacob estudava sobre um livro grosso, seu rosto marcado por dúvidas.

— Já começou a chover? — perguntou Avery.

Fiz que não, tirando meu garfo de plástico da embalagem.

— Mas parece que vai chover logo.

— Vai chover assim que tivermos de andar até o *campus* oeste. — Ela suspirou e olhou para Brit.

— Que sorte a nossa. — Brit cutucou Jaboc. — Você vai me deixar pegar seu chapéu emprestado se começar a chover?

Ele ergueu a cabeça, levando a mão ao alto de sua cartola. Para mim, ele meio que parecia Bruno Mars.

— Não, não posso deixar meu cabelo ficar molhado. Sinto muito por seu azar.

— Isso não é nada cavalheiresco. — Brit enfiou um dos dedos por sob a aba.

— Ainda bem que não me considero um cavalheiro, não é? — Seus olhos escuros brilharam, bem-humorados, e ele voltou sua atenção a mim. — Querida, realmente espero que você arranje amigos melhores do que estes ao meu lado.

— Hei! — Brit ficou boquiaberta. — Que merda é essa? Sou ótima em escolher amigos. Pergunte para Avery.

Ela meneou a cabeça enquanto sua mão direita desaparecia sob a mesa.

— Verdade.

— Acho que a Brit é uma boa pessoa. — Sorri ao pegar um pedaço crocante de frango.

— Obrigada — disse ela, sorrindo maldosamente para Jacob.

Enquanto eu terminava o frango na minha salada, a conversa pairava sobre a mesa, mudando do treino de Cam para o teste de futebol na primavera no United e depois para a próxima festa do fim de semana.

— Não sei se vai ser uma coisa grandiosa. — Jase devorou o hambúrguer e estava comendo as batatas fritas. — Sei que Erik e Brandon estão organizando tudo. Você vai, não é? — perguntou ele a Cam.

Cam olhou para Avery primeiro. Que bonitinho.

— Vamos?

Ela mordeu o lábio e fez que sim com a cabeça.

— Acho que sim.

Não conheço Avery muito bem, mas sabia que, para ela, ir a uma festa era um esforço. Ela não parecia gostar muito deste tipo de coisa.

Brit e Jacob planejavam ir e eu mantive minha atenção à salada, caçando os pedaços de pepino. Na escola, eu não ia a muitas festas por causa da dança, então eu não tinha mesmo ideia do que esperar de uma festa de faculdade. E parecia que eu não descobriria isso tão cedo.

— Você vai, não é? — falou Jase, e eu me perguntei com quem ele estava falando. Então o senti me dar um chutinho sob a mesa e ergui a cabeça. Ele arqueou as sobrancelhas. — Tess, você vai?

Fechei os olhos com força, a surpresa tomando conta de mim.

— Sim — consegui dizer, pigarreando. — Sim, posso ir.

— Espere aí. O quê? — Cam tirou o braço de Avery. Merda. Parem as máquinas! Ele não a estava tocando. Ele se aproximou, me olhando com aqueles olhos azuis. — Você tem dezoito anos...

— Tenho quase dezenove — interrompi, concluindo que isso fazia diferença. Afinal, meu aniversário era no dia dois de novembro e estávamos a menos de um mês dele.

— Ainda assim, você não tem permissão legal. — Cam olhou para Jase. — Sério que você acabou de convidá-la para uma festa de fraternidade?

Ah, meu Deus, eu queria matar meu irmão!

— Constrangedor — murmurou Jacob, fechando o livro didático.

Jase enfiou uma batata frita na boca.

— Você vai levar sua *namorada* a uma festa de fraternidade.

— Isso é diferente — respondeu ele.

Suspirei.

— Cam, dá para você calar...

— Não gosto da ideia de você se divertindo numa fraternidade. Aqueles caras...

— Como eu — interrompeu Jase, piscando para mim.

Fiquei toda vermelha.

— Exatamente — resmungou Cam. — É bem isso.

— Cam, quando você começou a frequentar festas de fraternidade? — Brit riu.

— E não diga que agora é diferente — me intrometi, pegando uma folha de alface. — Porque você vai a festas desde os quinze anos.

Cam se recostou, e foi quando vi que Avery esteve com a mão na perna dele o tempo todo. Alarme falso. Eles *não* deixaram de se tocar.

— É diferente — insistiu ele. — Sou homem.

— Merda, você está falando sério? — Jase arregalou os olhos e riu, nervoso. — Poderia ter me enganado.

— Não sou eu quem precisa de um corte de cabelo. — Cam pegou a garrafa de água. — Estou com vontade até de fazer tranças nele.

— Eu poderia fazer isso — Jacob provocou, sorrindo. — Sou muito bom com tranças.

— Acho que vou deixar isso para outra hora, mas obrigado. — Jase mordeu o lábio.

— Assim é a minha vida. — Ele suspirou.

Avery ajeitou uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Você deveria mesmo vir e sair com a gente. Cam... — Ela lhe lançou um olhar que o calou por um tempo. — Cam ficará *bem* com isso. Na verdade, vamos lhe dar carona.

Meu irmão abriu a boca novamente, mas dessa vez foi Jase quem o interrompeu.

— E se Cam não lhe der, eu lhe dou uma carona. De qualquer forma, você vai. É oficial.

— Ou eu — ofereceu-se Brit. — Não sou a melhor das motoristas, mas...

— Eu darei carona a ela — disse Cam com um suspiro. — Que se dane.

Meu sorriso aumentou enquanto via a derrota completa de Cam. Fui tomada pela emoção e me senti

meio patética, mas aquela era minha primeira festa universitária. Meu olhar pairava longe. Precisava encontrar algo bonitinho para usar. Uma camisa nova e sensual seria legal. Talvez eu pudesse convencer Avery a fazer compras comigo.

Jacob balançou a cabeça e seu olhar se voltou para algo atrás de nós.

— Cara, lá vamos nós de novo.

— Não consigo nem olhar. Sério. Eu sinto vergonha alheia. — Com medo, Brit abaixou a cabeça e bateu nos olhos com as mãos espalmadas.

Virando-se no meu lugar, imediatamente vi do que eles estavam falando. Senti um frio na barriga ao ver Debbie e Erik no final das mesas enfileiradas, diante do carneiro pintado na parede. Erik falava sem parar e ela estava vermelha de vergonha.

— Aquela menina não mora com você? — perguntou Jase, baixinho.

Fiz que sim com a cabeça, observando-os por sobre os ombros.

— Sim. O namorado dela... Ele é...

— Ele é um idiota — reagiu Jase, e me virei de novo, surpresa. Ele pegou outra batata frita. — Um idiota de primeira linha.

— Verdade. — Cam virou-se para Avery, abraçando-a pela cintura. Ele pousou o queixo no ombro dela, fechando os olhos. — Digo, ele pode ser legal, mas não sabe agir corretamente. — Parando, ele a beijou no pescoço. — Eu, por outro lado, sei.

Jase fez um som de desprezo.

— Não odeie — murmurou Cam.

Meu olhar encontrou o de Jase por um instante e eu não consegui me segurar. Olhei por sobre meus ombros mais uma vez. Erik segurou Debbie pelo braço e agora os lábios dela se moviam velozmente. O que quer que eles conversavam estava chamando a atenção da mesa à frente.

Quis me levantar e tirar as mãos de Erik da minha amiga. Na verdade, queria me levantar e chutá-lo no saco. Enquanto me forçava a me virar, as palavras borbulhavam em minha garganta — palavras de desconfiança.

Jacob balançou a cabeça e ergueu os braços, espreguiçando-se.

— Meninas são estúpidas. Sem ofensa nem nada.

— Claro. — Brit fez uma cara feia.

— Pode explicar? — Avery se entregou ao abraço de Cam e agora formavam a imagem perfeita de como um casal apaixonado deveria parecer.

— Olha, não me importa que ele seja bem-dotado, inteligente ou popular. — Jacob se recostou, olhando para onde Debbie e Erik foram, de pé do lado de fora das portas abertas, ainda discutindo. Debbie parecia prestes a chorar. — Qualquer menina que aceite uma coisa dessas é uma idiota.

Fiquei séria, meu garfo já estava a caminho da boca. A folha de alface ficou pairando ali. Brit, assim como Jacob, não parecia afetada pela afirmação. Os dois não tinham ideia de que eu já fora uma daquelas meninas idiotas. E, por mais que eu jamais fosse aquele tipo de menina novamente, será que eu poderia

ser para sempre *aquela* tipo de menina?

Dedos gelados percorreram minhas costas enquanto eu abaixava a mão. Tinha oficialmente perdido meu apetite. Avery ficou em silêncio; assim como Jase e meu irmão. Claro que eles sabiam. Não tinha contado para Avery, mas sabia que Cam tinha contado para ela, porque, de certa forma, tinha estragado a vida de Cam anos atrás.

Como não tive a coragem ou o bom-senso ou o que quer que fosse necessário para contar a verdade, ou para simplesmente abandonar Jeremy, meu silêncio deu início a uma cadeia de eventos que quase destruíram meu irmão.

— Vou sair e chegar mais cedo na aula. — Peguei minha mochila, pendurei-a no ombro e me levantei.
— Não quero ser pega pela chuva.

— Teresa — disse Cam, a voz calma. — Você...

— Encontro vocês mais tarde. — Mantive o olhar na minha salada, pegando-a sem ousar olhar para ninguém.

Jogando a comida fora, fui até a porta pela qual entramos, evitando o lado onde tinha visto Erik e Debbie. Nuvens cheias e ameaçadoras haviam surgido e o cheiro da chuva era forte, mas ela ainda não tinha começado a cair.

Um nó se formou em minha garganta ao sair para a calçada. Jacob não falou nada por mal. Sei disso, mas a verdade é que as palavras dele ainda doem. Não queria pensar em Jeremy nunca mais. Porém ele continuava a surgir como uma ferida antiga. Se pudesse apagar da memória o tempo que passei com ele, apagaria.

Talvez você não tenha superado o que ele fez, sussurrou uma voz interior intrometida que eu imediatamente mandei se calar.

— Tess.

No meio da subida eu parei e me virei. Meu coração fazia a mesma coisa sempre que ouvia a voz *dele*. Não importava que tinha acabado de passar umas boas duas horas com ele ou que meu passado menos do que perfeito explodira sobre a mesa do almoço. Eu era impotente.

Havia um sorrisinho tímido em seu rosto ao se aproximar de mim. Segurando carinhosamente meu braço, ele me tirou da calçada, do caminho das pessoas que passavam. Segurei minha mochila com mais força.

— Você saiu muito rápido — disse ele. — Não tive a oportunidade de lhe perguntar uma coisa.

Ele ainda me segurava pelo braço, a mão quente e forte contra minha pele.

— O quê?

Jase me olhou como se Jacob não tivesse dito nada e como se eu não tivesse saído com o rabo entre as pernas. Em vez disso, ele sorriu, descendo a mão pelo meu braço, fazendo carinhos circulares no meu pulso.

Meu Deus, se Cam aparecesse agora e visse isso...

— O que você fará depois da aula amanhã? — perguntou ele.

Arregalei os olhos e, caramba, era como se um milhão de frases invadissem meu cérebro ao mesmo tempo. Ele perguntou? Ele? Ele? Tive de parar mesmo e forçar minha mente a pensar direito.

— Hummm... Saio da aula à uma da tarde, mas não tenho mais nada planejado.

— Que bom.

Esperei por mais explicações, porém não ouvi nada.

— Que bom?

— Sim. — Ele se aproximou e chegou tão perto que seus sapatos tocaram os meus. — Porque agora você já tem um compromisso.

CAPÍTULO

Calla estava no corredor, segurando um Twizzler.

— Então você não tem ideia do que vai fazer hoje?

— Não. — Segurei na barra da minha camisetinha. — Jase só me mandou usar roupa confortável. Isso é bom, não é?

O olhar dela estudou minha calça jeans e tênis.

— Ainda está fresquinho lá fora, amiga. Talvez seja melhor repensar a calça jeans.

Olhei demoradamente para o guarda-roupas pequenino e para a bermudinha solitária que morava ali, realmente não queria ficar o tempo todo preocupada com o olhar dele sobre minha cicatriz. Não que eu devesse me importar com isso, mas me importava, claro. E não estava tão fresco assim, não como estava há um mês.

— Vou ficar com a calça jeans.

Ela me estudava, torcendo a ponta do rabo de cavalo com os dedos.

— Não dá para notar, sabia? Só dizendo. Que seja — continuou ela, antes que eu pudesse me manifestar. — Onde está Debbie?

Olhei para a cama vazia e feita.

— Não sei. — Eu não a via desde ontem e ela entrou no quarto por poucos segundos antes de sair correndo.

— E seus outros colegas de quarto?

— Boa pergunta. — Desviei o olhar da cama. — Ainda não os vi.

— Estranho — sussurrou ela, virando-se. Ela foi devagar até a porta deles. — Quero bater.

— Não!

— Mas...

Meu telefone vibrou e meu coração disparou. Saindo da cama, rapidamente li a mensagem.

— Ele está lá fora esperando por mim.

Calla riu.

— Ah! Então vamos!

Pegando a bolsa, joguei o telefone dentro dela depois de enviar uma mensagem rápida. Saímos do quarto e passamos por portas abertas em apartamentos de pessoas que obviamente tinham colegas normais.

— Então isso é um encontro? — perguntou Calla, seguindo para o elevador, afastando-me das escadas.

— Certo?

— Não.

Ela arqueou a sobrancelha para mim enquanto as portas se fechavam.

— Acho que ele gosta de você.

Por um instante, acalentei a ideia de isso talvez ser um encontro e ele gostar de mim. *Estou feliz por você ter feito isso.* Uma risadinha cresceu em meu peito. Certo, pensar que aquilo seria um encontro não era uma coisa boa. Balancei a cabeça negativamente.

— Eu já disse. Eu o conheço há algum tempo. Ele é o melhor amigo do...

— Cam — interrompeu-me ela. — Eu sei. Mas ele não está com o Cam. Está com você. E duvido que ele a levará neste passeio por causa do seu irmão.

Abri a boca, no entanto, como não tinha pensado na possibilidade de ele estar fazendo isso por causa da amizade com meu irmão, fiquei séria. E se esse fosse o motivo mesmo? Levei a mão à barriga. Não queria a piedade dele nem nada disso. Pior ainda, e se ele estava fazendo isso porque pensava em mim como uma irmã?

Bom, acho que poderia excluir essa coisa de irmã.

— Ah, sua expressão é meio que assustadora.

Dei um jeito de relaxar minha expressão.

— Melhor assim. — Ela riu quando o elevador parou e as portas se abriram.

— Sério? — Quando ela fez que sim, passei a mão pelos cabelos e deixei os braços caírem ao lado do corpo, saindo do elevador. A recepção estava cheia. Metade das pessoas estava espalhada pelos sofás e cadeiras. Parei à porta, vendo o Jeep dele ligado e parado num local proibido.

— Posso lhe dizer uma coisa? — perguntou Calla assim que saímos.

Meu coração já batia forte.

— Claro.

— É que eu preciso dizer isso, sim? Esse cara... — Uma risadinha surgiu em seu belo rosto, escondendo a cicatriz.

— O quê? — perguntei, parando a alguns metros do Jeep. Calla era da região. Era mais nova do que Jase, como eu, mas talvez soubesse de coisas que eu ignorava. Não que isso importasse. Não importava. Éramos amigos.

E eu estava começando a parecer um disco riscado.

— Esse cara é incrivelmente gostoso. Só isso. — Calla suspirou e começou a se afastar de mim.

Um sorriso se formou em meus lábios e ri, os músculos se contraindo e depois relaxando.

— Sim, tenho de concordar com isso.

Ela olhou para o Jeep e riu, acenando.

— Divirta-se.

Respondendo ao aceno, respirei fundo e fui até o local onde ele me esperava. Ele se abaixou, abrindo a porta do passageiro por dentro. Várias mechas castanhas caíram sobre seu rosto, tocando a ponta de seus cílios. Luke Bryan tocava no rádio.

— Oi, menina linda.

— Oi. — Subi e fechei a porta, exageradamente alegre com o cumprimento. E não achei aquilo muito saudável. Pegando o cinto de segurança, olhei para ele novamente e tentei não parecer uma idiota.

Sem camisa.

Jase possivelmente — e estava disposta a apostar um dinheiro que não tinha nisso — tinha o corpo mais bem formado do mundo. Mesmo sentado, seu abdômen era definido e parecia pedra ao toque. Meu olhar percorreu o músculo de seu braço, acariciando de longe o desenho intrincado de sua tatuagem.

— Pronta? — perguntou ele, abrindo aquele sorriso de lado.

Sem ter ideia do que ele estava falando, simplesmente fiquei olhando. Ele riu, estendendo a mão e pegando o meu cinto de segurança. Ao puxá-lo, os nós de seus dedos tocaram meu peito.

Prendi a respiração quando um prazer percorreu minhas veias.

O cinto de segurança foi preso e ele ergueu a cabeça. Seus olhos brilharam, prateados.

— Está bom assim?

Fiz que sim.

Ainda sorrindo, ele voltou para seu lugar e pegou a caixinha rosa que só então notei ali. Meu Deus, eu não era nada observadora.

Ele a entregou para mim.

— Já comi metade. Não consegui aguentar.

Sorri, abri a caixa e dei uma mordida. Queria muito um cupcake. Havia algo de excitante em não saber que sabor aquilo teria.

Uma mordida e gemi.

— Ah, meu Deus, isso é Reese's Pieces?

Ele fez que sim.

— Sim. É bom pra caralho, não é?

— Quero me casar com esse cupcake.

Jase riu alto, tirando o Jeep do meio-fio. Só conseguiria falar depois de comer o cupcake e depois que a sensação de seu toque breve e provavelmente acidental se esvaísse em minhas veias e, quando isso enfim aconteceu, já estávamos na estrada, indo para Martinsburg.

— Aonde vamos? — perguntei.

— É uma surpresa. — Ele me lançou um olhar de lado. — Se bem que você talvez se arrependa de usar calça jeans. O homem do tempo disse que a temperatura deve chegar até os vinte e cinco graus hoje

à tarde.

O que era quente para um começo de outubro, mas que se dane.

— Estou bem.

— Está mesmo. — Aquele sorrisinho cresceu.

— Você...? Isto é mesmo... — Encarando-o, soltei uma gargalhada.

— Incrível?

Fiz que não com a cabeça, rindo como uma completa idiota.

— Isto é mesmo horrível!

Ele riu e se aproximou, trocando para uma rádio de blues.

— Achei que era calmo.

Minha boca se abriu para perguntar por que ele estava tentando parecer calmo, mas por sorte eu me detive. Aquela pergunta provavelmente acabaria me fazendo parecer uma idiota ao ser respondida.

Obrigando-me a olhar para fora, pousei as mãos nas pernas.

— E então? Como foram suas aulas hoje? — Fiz uma cara feia diante da pergunta patética, mas Jase não pareceu notar.

— Foram boas. Desde que eu consiga cursar todas as matérias que faltam no próximo semestre, devo me formar na primavera.

— Que ótimo. — Abri um largo sorriso, talvez um sorriso largo demais. Não tinha ideia do que Jase planejava fazer depois de formado, mas duvidava que ele fosse ficar por aqui. E não deveria me preocupar com isso. — Para onde você vai depois de se formar?

Jase se ajeitou no banco do motorista, mantendo uma das mãos no volante e a outra sobre a perna.

— Bom, com um diploma em estudos ambientais, poderia ir a qualquer lugar, mas vou ficar aqui ou trabalhar em Washington se conseguir algo no Ministério do Interior ou na WVU. Você sabia que eles têm um centro de pesquisas agrícolas em Kearneysville?

— Você não vai embora? — Minha pergunta foi rápida.

— Não posso — disse ele, acrescentando rapidamente: — Digo, gosto daqui.

Não ignorei a tensão repentina em seus ombros. Mordiscando o lábio, olhei para ele de novo.

— Não pode?

Ele não disse nada ao esticar o braço e mudar novamente o rádio para a estação de sertanejo. Alguém começou a cantar algo sobre uma lágrima na cerveja, mas eu não estava prestando atenção. O que ele quis dizer com aquilo de não poder ir embora? Nada o mantinha aqui. Ele podia ir para qualquer lugar, principalmente se arranjasse algo no Ministério do Interior.

Passando uma das mãos pelos cabelos despenteados, ele me olhou:

— E quanto a você?

— Eu? — Ele estava tentando mudar de assunto.

— Sim. Você. Você pretende ficar por aqui? — O escárnio em sua voz me deixou tensa. — Lecionando?

— O que você quer dizer com isso? — Fiquei indignada diante da entonação dele.

Ele riu, mas, por algum motivo, o riso parecia ríspido.

— Pare com isso, Tess, lecionar para um monte de crianças do ensino fundamental? Sério?

— Certo. Não entendo. Você agia como se lecionar fosse uma boa ideia e eu... — Virando-me para ele, cruzei os braços.

— É uma boa ideia, mas não é...

— O quê? — exigi, ficando toda na defensiva. — Não é o quê?

— Você. — Ele me olhou e entrou na Queen Street. — Não é você.

Encarei-o e depois soltei uma risada.

— Que bobo. Como você sabe o que eu sou ou não? — A raiva ganhou força em mim e não ousei analisar melhor por quê. — Você mal me conhece, Jase.

— Conheço você.

— Não conhece, não. — Bufei.

Aquele meio sorriso que me deixava furiosa reapareceu.

— Ah, Tess...

— Não diga “ah, Tess” para mim. Quero saber por que você está tão convencido de que serei uma péssima professora.

— Não disse que você seria uma péssima professora. — Ele parecia se divertir, e eu queria saber o que ele achava tão engraçado. — Você seria uma ótima professora. As crianças provavelmente a amariam e talvez você fosse feliz assim, mas não é o que você quer.

— Na verdade, gosto de trabalhar com crianças. No estúdio, me oferecia para ajudar com as turmas mais novas. — Olhando pela janela, via os shopping centers e prédios darem lugar rapidamente a árvores e campos abertos. — Então que seja.

— Certo. Você não está entendendo o que estou dizendo.

— Claro que não — respondi atravessadamente.

— Você seria uma ótima professora, Tess... Mas você é uma... Você é uma artista. E sempre foi o que você quis fazer. — Jase suspirou.

Fechei os olhos com força, como se estivesse fazendo isso para afastar a verdade.

— Não é o que eu sempre quis fazer.

— Não?

— Não.

— Não acredito em você — disse ele. — E eis por quê. Você dança desde que aprendeu a andar. Você só está aqui até poder voltar a dançar, não é? Toda essa coisa de lecionar é um plano B para o caso de

— Você *não* *poder* dançar. Não é o que você sempre quis fazer. Você já admitiu isso para mim.

Minha boca se abriu e eu pretendia dizer que ele estava errado, mas, meu Deus, não foi isso o que saiu da minha boca trêmula.

— Há um ano eu não achava que estaria sentada aqui, matriculada na faculdade. Isso nem passava pela minha cabeça. E você tem razão. Quando o dr. Morgan me falar, mês que vem, que posso voltar a dançar daqui a três meses ou coisa assim, é isso o que farei, porque é isso o que amo fazer. O que há de mau nisso? Não estarei *aqui*, onde parece que não entendo nada.

Jase ficou em silêncio por uns instantes.

— Não há nada de errado com isso.

Sentindo-me como se tivesse me despido sem motivo, joguei as mãos para o alto, frustrada.

— Então qual o sentido desta conversa?

— Não sei. Você é que começou. — Ele sorriu e deu de ombros.

— Não comecei!

Jase retrucou:

— Sim, começou. Você perguntou o que eu planejava fazer. Só estava perguntando o mesmo.

— Quero bater em você. — Revirei os olhos.

Ele riu.

— E agora ainda mais. — Lancei-lhe um olhar de raiva.

Diminuindo a velocidade para entrar numa estradinha estreita que me parecia vagamente familiar, ele tombou a cabeça para o lado. Um segundo de silêncio se passou.

— Bom, se você ficar mesmo aqui e decidir lecionar, vai ser incrível nisso. E, se não, tudo bem também. Sei o quanto a dança é importante para você.

Não sabia como responder a isso, e então percebi onde estávamos. Sentando-me bem reta, vi a plaquinha pendurada na corrente.

— Estamos na fazenda?

— Sim.

Um nervosismo repentino tomou conta de mim.

— Por quê?

— Pensei numa coisa. — Ele piscou e contive um gemido enquanto meu estômago se revirava. — Você vai ver.

Arregalei os olhos enquanto avançávamos pela estradinha cheia de buracos e saliências. Para além do milharal e do pasto onde as vacas estavam, vi o que achava que Jase estava pensando.

Um quê de medo desceu por minha espinha ao me lembrar da nossa conversa sobre dançar e cavalgar.

— Ah, não...

Jase riu ao estacionar o Jeep diante do celeiro.

— Você nem sabe o que está se negando a fazer.

Com o coração disparado, passei as mãos suadas na calça jeans e engoli em seco. A última coisa que eu queria era ter uma morte horrível em frente ao menino pelo qual tinha tantos sentimentos.

— Jase, não sei. Cavalos são enormes e nunca cavalguei. Eu provavelmente vou ca...

Ele pôs a ponta dos dedos nos meus lábios.

— Pare — disse, baixinho, os olhos acinzentados fixados nos meus. — Você não precisa fazer nada que não quiser. Certo? Você só tem de confiar em mim. E você confia em mim, não?

Antes que eu pudesse responder, ele moveu a mão, passando o dedo no meu lábio. Estremeci enquanto sua mão pairava sobre meu queixo, desaparecendo.

— Tess?

Respirando fundo, fiz que sim com a cabeça, mas provavelmente concordaria até em fazer algo dentro de um triturador de madeira se ele tocasse meus lábios novamente.

— Confio em você.

— Que bom. — Ele abriu um sorrisinho rápido e saiu do carro.

Acompanhei-o com os olhos, sentindo-me um pouco tonta. Era verdade. Eu confiava nele e aquilo era importante para mim. Não confiara em nenhum homem depois de Jeremy, nenhum além do meu irmão.

Mas confiei em Jase assim que o conheci.

CAPÍTULO 7

Eu não ia morrer. Ao menos era o que dizia para mim mesma ao sair do carro em meio ao calor pegajoso. O verão não queria ir embora da região.

Minhas mãos tremiam quando Jase se juntou a mim. Infelizmente, ele vestiu uma camiseta branca pela cabeça, cobrindo aquela paisagem para meus olhos. Era uma pena, porque, se eu ia mesmo acabar com o pescoço quebrado hoje, ao menos fazia isso olhando seu peito e abdômen.

A porta do celeiro se abriu e um homem mais velho surgiu de lá. Mesmo sem jamais tê-lo visto antes, logo percebi que era o pai de Jase. Era como encarar Jase daqui a trinta anos.

Com cabelos da mesma cor exuberante, castanhos, a pele escurecida pela vida ao sol ou por uma ascendência há muito esquecida, ele era alto e magro como o filho. Olhos metálicos se alternavam entre Jase e eu e então se arregalaram ao se voltarem ao filho.

Ele pôs o balde de metal que segurava no chão e arqueou as sobrancelhas escuras. Um sorrisinho de surpresa apareceu no seu belo rosto.

Jase riu, colocando a mão nas minhas costas.

— Oi, papai, esta é a Teresa. Ela é a irmã do Cam.

Ele reconheceu o nome.

— A irmãzinha do Cam? Ah, a bailarina.

Senti que ficava vermelha. Como era possível que este homem soubesse disso? E se essa informação veio do meu irmão, só Deus sabe o que mais Cam contou a ele.

— Ela mesma — respondeu Jase, subindo a mão um pouquinho.

— Olá — cumprimentei, acenando a mais constrangida possível.

O sorriso do pai dele aumentou ao se aproximar de nós, a cabeça tombada para o lado num maneirismo que me lembrava Jase.

— Você não pode ser parente de Cam. Não há como uma menina linda ter o mesmo DNA daquele feioso.

Soltei uma gargalhada de surpresa. Acho que gostei daquele cara.

— E não há sentido também em você estar aqui com este daqui. — Ele meneou a cabeça na direção de Jase, que franziu a testa. — Você deve estar perdida.

Certo. Eu *realmente* gostei daquele cara.

— Tem razão. Nem sei quem é esta pessoa.

A testa franzida de Jase se transformou numa careta quando ele olhou para mim.

— O que é que está acontecendo?

O pai dele piscou e, naquele instante, percebi que Jase herdou não só a aparência dele, mas também a personalidade.

— Então o que vocês estão fazendo aqui? — Ele pegou um lenço vermelho do bolso de trás e limpou as mãos ao olhar para o filho. — Jack está com sua mãe na casa da Betty.

— Eu sei. Ele vai para lá todos os dias depois da escola. — Jase deixou a mão cair e senti um arrepio nas costas. — Vou mostrar os cavalos a Tess.

O sr. Winstead olhou para o filho.

— Bom, estarei lá de volta se você precisar de alguma coisa.

— Estaremos bem, papai. — Jase começou a se virar.

— Não estava falando com você. — Ele me olhou, com malícia nos olhos. — Se o menino não se comportar com você, me avise que darei um jeito nele.

— Ah, meu Deus — resmungou Jase, passando a mão no queixo. — Ela é uma amiga, papai.

— Ahã. — O pai dele recuou, pegando o balde. — Se você for só amigo de uma menina bonita assim, então você está fazendo algo de errado, filho.

Meu sorriso chegou até as orelhas enquanto eu me virava lentamente para Jase.

— Nem pense nisso — alertou Jase. Ele me olhou como se quisesse estrangular o pai e se abaixou, dando-me a mão. — Vamos, antes que eu envergonhe meu pai com um belo soco caipira.

O pai dele riu ao nos ver de mãos bem dadas.

— Amigos?

— Papai — bufou Jase.

Ri enquanto ele me puxava rumo à cerca e seu pai desaparecia de volta ao celeiro.

— Gosto do seu pai.

— Claro que gostou. — Ele bufou de novo.

— Ele agiu como se você não trouxesse... muitas meninas para cá.

— Não trago mesmo. — Parando, ele soltou minha mão e me encarou, passando por uma portinha. — Como você acabou de conhecer meu pai, então tenho certeza de que entende por quê.

Parte de mim se sentia lisonjeada por ele ter me trazido para sua casa, um lugar onde nenhuma outra menina estivera. Mas eu era amiga dele e as outras provavelmente não.

— Aqui — disse ele, colocando a mão nos meus quadris e me erguendo como se eu não pesasse nada. — Aí está.

— Eu poderia ter feito isso sozinha — murmurei.

Ele deu de ombros.

— Eu sei. — Segurando minha mão de novo, ele cuidadosamente me guiou pelo mato alto, rumo ao limite do cercado. — Tome cuidado. Tem uma maldita marmota ou toda uma família delas vivendo nessa

fazenda. Tem buracos por todos os lugares.

— Certo. — Não estava pensando em fazendas ou marmotas. Atenta ao peso e à sensação da mão dele firmemente entrelaçada à minha, não tinha muito espaço na mente para me preocupar com buracos no chão.

Ele estava em silêncio ao me guiar rumo à porteira do cercado. Soltando minha mão, ele abriu a trava. As dobradiças rangeram quando os portões de metal se abriram.

— Não tenho certeza. — Hesitei.

Um sorrisinho fácil apareceu e ele se aproximou de onde eu estava.

— Tess, vamos lá. Você disse que confiava em mim.

Tocando o peso do corpo de pé em pé, olhei por sobre os ombros dele. Do outro lado do enorme curral, dois cavalos pastavam, balançando os rabos pretos.

— Confio mesmo em você.

— Então venha comigo.

Um dos cavalos, sua pelagem era uma mistura de branco e preto, ergueu a enorme cabeça. Ele virou o focinho para o nosso lado da cerca. Nenhum dos dois cavalos tinha selas.

— Eles não vão matá-la pisoteada. — Ele segurou minha mão novamente. — E não espero que você suba num deles.

Levantei a cabeça.

— Não?

Ele abriu um sorrisinho e segurou uma mecha de cabelo que caiu sobre meu rosto, ajeitando-a.

— Não. Hoje é só para conhecer os cavalos.

— Nunca tive um encontro com um cavalo.

— Você vai amá-los. — Ele me puxou e torci a boca. — Eles são mesmo bonzinhos. Jack cavalgou já um milhão de vezes e, se eu achasse que eles são perigosos, não o deixaria chegar perto deles.

Era um bom argumento.

— Certo — disse, respirando fundo. — Vamos fazer isso.

Ele não me deu chance de ter dúvidas. Em poucos segundos, entramos no curral. Havia outro balde de metal no chão, cheio de cereais.

— Vou chamá-los, certo? Eles virão correndo. É hora de dar comida. Então se prepare.

Com um aperto na garganta, fiz que sim.

Meu medo parecia sem sentido até Jase levar dois dedos à boca e assoviar. Os cavalos levantaram a cabeça e saíram correndo, seus cascos batendo no solo, correndo na nossa direção.

Caramba.

Dei um passo para trás, parando na parede intransponível de músculos que era Jase. Um braço me envolveu pela cintura, assim que comecei a me afastar, mantendo-me no lugar, a parte da frente dele

apertando-me por trás.

— Está tudo bem. — Senti seu hálito quente contra meu ouvido e fiquei dividida entre me apavorar com os dinossauros correndo na nossa direção ou me apavorar por estar nos braços de Jase. — Você está se saindo muito bem.

Segurei o braço dele e fechei os olhos com força. Meu coração batia exageradamente, saltando em meu peito à medida que o trovejar dos cascos se aproximava, fazendo o chão tremer. Uma repentina nuvem de poeira preencheu o ar e uma brisa quente e úmida acariciou meu rosto. Encostei-me ainda mais a Jase, desviando o olhar.

— Você tem visita, Tess. — Ele pousou o queixo no alto da minha cabeça, o que fez com que minha pulsação tentasse vencer meu coração. — Duas, para ser mais claro.

— Certo.

Fez-se uma pausa.

— Você está de olhos fechados?

— Não.

Seu queixo deslizou por minha cabeça e ele começou a rir.

— Você está de olhos fechados. — Ele riu novamente. — Abra-os.

Xingando baixinho, abri um dos olhos e me joguei contra Jase, que me abraçou com mais força.

— Ah, uau...

O cavalo branco e preto estava mais perto, a não mais de trinta centímetros de mim. O marrom não estava muito mais longe, balançando a cabeça e dando bufadinhas. Meus olhos arregalados se alternavam entre as duas criaturas.

— Eles não são carnívoros, certo? Porque, com este tamanho, eles poderiam me comer.

Jase gargalhou e ergueu a mão, pousando-a no meio da minha barriga, sob meus seios.

— Cavalos não comem pessoas, sua bobinha.

— Sempre tem uma primeira vez — eu disse, com os olhos estreitos.

O cavalo branco e preto moveu os lábios como se estivesse rindo para mim.

— Esse daqui? O sr. Amigável? Jack o chama de Bubba Um — disse ele, com uma voz calma e carinhosa. Senti um arranhão na garganta quando seu dedo se moveu em círculos sobre o tecido fino da minha camisetinha, tocando uma parte do meu sutiã. — E o marrom é o Bubba Dois.

Com a boca seca, umedei os lábios.

— Assim é mais fácil se lembrar dos nomes.

Ele riu e seus dedos começaram a se mover para cima e para baixo, alcançando meu umbigo e subindo novamente. Era quase como se ele não percebesse o que estava fazendo nem notasse a reação eletrizante que estava provocando em mim.

— Também acho, mas o nome verdadeiro dele é Relâmpago.

O tal cavalo balançou a cabeça, agitando a crina despenteada.

— Relâmpago parece combinar mais — admiti, relaxando à medida que o tempo passava. Talvez essa fosse a intenção dele. Distrair-me com carinhos leves e *quase* inocentes. Estava dando certo. — E quanto ao Bubba Dois?

— Ah, o que está olhando para o balde de cereais? — Seu rosto tocou o meu enquanto eu ria. — Este é o Trovão. E vamos dar comida a eles. Juntos.

A fricção dos dedos dele na minha camiseta provocou arrepios que subiram e desceram por minhas costas.

— Com as mãos?

O risinho que ele abriu me fez sorrir também.

— Sim. Com nossas mãos.

— Depois de ver os dentes deles, não tenho certeza disso.

— Vai dar tudo certo. — Ele tirou a mão da minha barriga e me segurou pela cintura. Lentamente, ergueu minha mão diante do meu corpo. — Fique assim.

— Jase... — Meu coração disparou.

Relâmpago se aproximou correndo e pôs o focinho úmido na minha mão. Fiz uma cara feia, esperando que ele comesse meus dedinhos. Mas o cavalo não fez nada. Nadinha. Ele vasculhou minha mão e relinchou baixinho.

Jase guiou minha mão pela mandíbula de Relâmpago, até suas orelhas pontudas e inquietas.

— Está vendo? — murmurou ele. — Não é tão ruim, é?

Fiz que não com a cabeça, meus dedos sobre a pelagem macia. Relâmpago pareceu antever a direção do carinho, apertando a cabeça contra minha mão enquanto meus dedos se entrelaçavam à sua crina. Não era ruim.

Jase se mexeu por trás de mim e, num instante, todos os pensamentos sobre cavalos desapareceram. O quadril dele se alinhou ao meu e mordisquei o lábio, atenta à mancha branca no focinho de Relâmpago.

Eu podia sentir Jase. E não havia dúvida em minha mente de que ele estava afetado por nossa proximidade. Reconhecer isso e perceber que ele estava excitado me deixou tonta, do mesmo jeito que acontecera naquela noite. Um calor se espalhou por meu pescoço. No fundo, eu estava racionalizando a reação física dele. Ele era homem. Nossos corpos estavam juntos. Então eu deveria simplesmente ignorar aquilo, mas meu corpo não estava correspondendo à minha mente. Meu corpo estava operando num nível completamente diferente. Um desejo se fixou na minha barriga. Uma vontade intensa e doce percorreu minhas veias.

— Não é tão assustador, é? — A voz dele soou mais grossa e exuberante. — Eles são como cachorros. Bom, como um cachorro capaz de transportar cem quilos, ou mais. — Soltando minha mão, ele recuou e o vazio repentino do corpo dele foi como um choque frio. — Confie em mim.

Então ele me deu um tapinha no traseiro.

Gritei, arregalando os olhos, e comecei a correr em direção a Jase, mas Relâmpago, aparentemente

irritado com a falta de atenção, pôs o focinho no meu braço.

— Ah...

— Tudo bem. Você estava fazendo carinho nele. E ele não comeu sua mão.

Pensei nisso enquanto Relâmpago me olhava com seus olhos escuros. Acariciando-o atrás da orelha, ainda estava morrendo de medo. Os cavalos eram incrivelmente enormes de perto e eu sinceramente não conseguia me imaginar sentada neles, principalmente num chamado *Relâmpago*.

Jase voltou a ficar ao meu lado, colocando o balde entre nós. Trovão o seguiu, o rabo balançando, num sinal de impaciência. Depois de se abaixar e pegar um punhado de aveia, Jase se levantou. O focinho marrom imediatamente procurou a mão dele e Jase me olhou.

— É bem fácil.

Apesar de deixar um cavalo comer na minha mão não ser algo que eu me imaginava fazendo, não reclamei quando Jase colocou um pouco de aveia na minha mão. Com cara de medo, ofereci-a para Relâmpago.

— Você deveria se ver agora. — Jase riu e balançou a cabeça. — É bonitinha.

E provavelmente um tanto ridícula. Meu rosto ficou vermelho quando Relâmpago comia os flocos de aveia na minha mão.

— Exigente?

Jase riu e acariciou o pescoço de Trovão com a mão livre.

— Acho que ele está demorando porque gosta de você.

— É mesmo? — Sorri e lentamente estendi a outra mão, acariciando o focinho elegante. Muito tempo se passou enquanto eu pensava em como acabei aqui. Aquilo era muito mais do que uma missão de reconhecimento de cavalos sem motivo algum. Entendi o que Jase estava tentando fazer. Tudo estava ligado à conversa no Jeep. Substituir a emoção e o prazer da dança por outra coisa.

O fato de ele se importar o suficiente para fazer isso, para perder seu tempo, me emocionou. Mais do que um beijo roubado há mais de um ano ou uns carinhos rápidos. A emoção se apegou à minha garganta enquanto Relâmpago comia a aveia, fazendo cosquinha na palma da mão.

Não sabia por que Jase estava fazendo aquilo comigo. Sim, éramos amigos — amigos já há algum tempo. Quando ele visitava Cam, também me visitava, mas aquilo se parecia mais com o que amigos fariam.

Se bem que eu não era uma especialista em ter amigos.

Enquanto ficava ali parada, a brisa incapaz de eliminar a fina camada de umidade recobrir minha pele, percebi com repentina clareza que eu era bastante... solitária. Porque se Sadi ou qualquer uma das minhas amigas no estúdio fossem verdadeiras amigas, ainda manteríamos contato, apesar de não termos mais um objetivo em comum. Não era só inveja ou amargura o que estava entre nós. Sem a dança, simplesmente não havia mais nada.

Engoli em seco a queimação em minha garganta.

— É mesmo como voar?

Jase me olhou e fez que sim.

— É.

Deixando de lado o nó na garganta mais uma vez, voltei minha atenção para Relâmpago, comendo mais aveia. Havia algo de tranquilizador naquilo tudo — o silêncio da fazenda, o gesto simples.

— Isso não é tão ruim — admiti, baixinho.

— Eu sei. E vai melhorar depois que entender o que *aqui* significa para você.

Mordi o lábio, lembrando-me do que dissera no Jeep.

— Quando é que você se tornou tão sábio?

— Sempre fui extremamente sábio. Tanto que considero isso uma maldição.

Ri baixinho.

— Na verdade, é a experiência. Na vida surgem coisas que você nem sempre espera, Tess. Confie em mim. Coisas que podem mudar tudo na sua vida. O que você pensava que queria, quem você achava que era. Coisas que o fazem reavaliar tudo, por mais que isso não pareça algo bom no começo. — Ele deu de ombros, fixando o olhar em Trovão. — Às vezes se revelam bem melhores do que você imaginava.

Pelo modo como a clareza transparecia em sua voz, não tinha dúvida de que ele tinha experiência com o inesperado.

— Sabe de uma coisa? — perguntou Jase depois de uns minutos. — O que Jacob disse no Den ontem não era verdade.

A mudança súbita de assunto me surpreendeu. Enquanto Relâmpago comia na palma da minha mão, eu olhava para Jase.

— O quê?

Trovão, depois de comer, afastou-se enquanto Jase limpava as mãos na calça jeans. Ele veio até onde eu estava, acariciando calmamente a orelha de Relâmpago, já que eu tinha abaixado a mão livre.

— Você sabe do que eu estou falando, Tess. E sei por que você saiu logo depois.

Minha primeira reação foi negar, porque a negação era quase sempre mais fácil do que enfrentar a verdade. Principalmente quando a verdade é humilhante. Mas Jase conhecia bem a tal verdade. No momento, a negação só me faria parecer estúpida.

— Não quero falar disso.

— Tess...

— Eu poderia viver feliz para sempre se jamais ouvisse o nome dele novamente ou se não tivesse de pensar em como ele era ou como eu me sentia ao lado dele e... — Minha voz inesperadamente falhou e me obriguei a respirar fundo. — Não quero me lembrar de como me sentia com tudo aquilo.

Fez-se um momento de silêncio.

— Mas você sabe que nunca vai esquecer e precisa entender que o que Jacob disse não era verdade.

Suspirando, observei Relâmpago comer os últimos grãos de aveia.

— O que ele disse é verdade.

— Não...

— É verdade. Eu era uma daquelas “meninas idiotas” que deixam um cara bater nelas. — Ri, mas o som da minha risada feria meus ouvidos. — Quase arruinei a vida do meu irmão porque permiti que a situação chegasse àquele ponto. Confie em mim, eu sei.

— Aparentemente eu não sei de merda nenhuma. — Jase segurou minha mão, limpando os restos de aveia. — Você não chegou perto de arruinar a vida do seu irmão. Ele tomou a decisão de ir atrás daquele babaca. Não você. E não posso culpá-lo por fazer isso. Se tivesse sido eu, teria matado aquele imbecil.

Meu olhar se voltou para ele bruscamente e tudo o que vi foi honestidade em seus olhos.

— Não. Você não teria feito isso, Jase.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Ah, sim, teria. E, sabe de uma coisa? Isso é errado pra caralho, mas teria sido a *minha* escolha. Assim como foi a escolha de Cam. Isso *não é e nunca* foi culpa sua. Não importa o que aconteceu entre você e aquele *babaca* — ele cuspiu a palavra. — Você não teve culpa do que aconteceu no Dia de Ação de Graças.

Encarei-o e — ah — queria acreditar nele. O peso daquela culpa era pior do que o peso de um futuro desperdiçado. No entanto, um pouco da responsabilidade se dissipou. Aquilo era bem verdade, mas baixei o olhar, acompanhando Relâmpago, que se afastava. Com a falta de atenção, o cavalo se pôs a seguir Trovão.

Jase ainda segurava minha mão, os dedos escorregando até meu pulso.

— E você não era estúpida.

Contive uma risada e ergui a cabeça.

— Certo. Por que você está me dizendo tudo isso? Por que você está tentando fazer com que eu me sinta melhor?

— Porque é verdade. — Ele ficou sério e um olhar de preocupação surgiu em seus belos traços. — Você tinha quantos anos quando começou a namorar aquele cara?

Dei de ombros.

— Quantos anos, Tess? — Havia determinação em seu tom de voz.

Balançando a cabeça, tentei tirar a mão, mas ele a segurou. A conversa toda me fez querer esconder sob as enormes pilhas de feno atrás de nós.

— Tinha catorze anos quando comecei a namorar, foi no verão anterior ao meu primeiro ano no ensino médio. Feliz com a resposta?

Ele não pareceu feliz.

— Você era jovem.

— Era, mas ele... — Meus dedos se fecharam.

— Ele não batia em você na época? — Jase disse isso com tanta naturalidade que fiz uma careta. Os

contornos em sua boca se suavizaram. — Quando ele bateu em você pela primeira vez?

Era fácil lembrar. A lembrança estava bem fresca na minha mente.

— Tinha acabado de completar dezesseis anos. Pisei nos tênis Nike dele acidentalmente.

Jase desviou o olhar. Um músculo latejava em sua mandíbula. Quase dez meses se passaram entre a primeira e a última vez que Jeremy me bateu. Dez meses de segredo, escondendo os ferimentos e me perguntando o que eu estava fazendo para merecer aquilo.

Dez meses que nunca mais quero ter de lembrar.

— Mesmo com dezesseis anos, você era nova. Você *ainda* é nova — disse ele finalmente, a voz amena, mas nervosa. — Não posso nem imaginar pelo que você estava passando, você era só uma criança, Tess. Não era estúpida. Você estava com medo.

O nó veio do nada, ocupando toda a minha garganta. Minha voz soou áspera ao falar.

— Achava que tinha culpa.

— Você não tinha culpa. — Seus olhos brilharam intensamente. — Por favor, diga-me que você sabe que não tinha culpa.

— Agora eu sei. — Piscando rapidamente, limpei a garganta. — Não tinha culpa pelo que ele fazia, mas meu silêncio com certeza não ajudou em nada.

— Tess...

— Entendo o que você está dizendo, mas deveria ter contado a alguém. Não dá para discutir isso. O silêncio não é uma virtude. É uma doença. Um câncer que o come por dentro e fode sua cabeça. Agora eu sei disso. Na época não e... — Deixei a frase no ar, balançando a cabeça e respirando fundo. Pensei em Debbie naquela hora. — E, bom, agora as coisas são diferentes.

— São mesmo, mas você não era estúpida e não teve culpa. E, como estou dizendo, é o que é. Sem discussão.

Fiz uma cara de surpresa.

— Sem discussão?

Ele fez que sim e sorriu com um dos cantos da boca.

— Sim. Vale o que eu disse.

— Ah. Claro.

O risinho aumentou e ele cutucou meu braço. Seus olhos se iluminaram com um tom acinzentado.

— Não duvide da minha autoridade.

Ri e fiquei surpresa por conseguir fazer isso depois de uma conversa tão séria e triste.

— Você não tem autoridade nenhuma.

Ele riu.

— Ah, minha autoridade está aí. O tempo todo. É uma autoridade reservada. Você nem a percebe em ação.

Revirei os olhos, porém, à medida que a dor inicial da estranha conversa se dissipava, aceitei as palavras dele sem discutir. Por mais que eu tivesse dificuldade para aceitar que não tinha culpa na confusão, sabia que Jase acreditava firmemente no que dizia. E isso tinha relevância. Droga, era muito importante.

— E então? O que você achou do encontro com os cavalos? — perguntou ele, e era como se uma nuvem espessa tivesse desaparecido. Voltamos oficialmente a um território seguro. — Não foi tão ruim, foi?

— Não. — Sorri para ele. — Não foi nada ruim.

— Então da próxima vez talvez você cavalgue num deles. No Relâmpago?

Meu estômago se revirou um pouco.

— Ah...

— Estarei com você — acrescentou ele, abaixando a cabeça. — O tempo todo.

Eu me imaginei praticamente no colo dele, os braços dele em volta da minha cintura, me segurando forte e... senti tesão. Precisava pôr um freio nesses pensamentos antes que minha mente virasse um filme pornográfico.

Ele riu uma risada grossa e sensual, e aproximou-se. Os tênis dele tocaram os meus e tive de dobrar o pescoço para olhá-lo nos olhos.

— Dá para ver que você gosta da ideia.

— O quê? — Fiz uma cara feia. — Não. Estava pensando na aula de música clássica amanhã. Não estamos estudando o período barroco? Uma coisa bem empolgante. Estou bem entusiasmada.

Um sorrisinho malicioso se formou em seus lábios.

— Acho que não é por isso que você está excitada nem que este tipo de coisa a excita.

— Não é você.

— Que seja. — O olhar de provocação se intensificou. — Você estava pensando em mim.

Bufei. Como uma porca.

— Ah, acho que não. Não penso nada em você.

— Você é uma péssima mentirosa.

— E você tem um ego horrível. Pior do que o do meu irmão, e isso é uma proeza e tanto.

— Pode dizer o que quiser. Eu sei do que estou falando. — Ele abaixou a cabeça e seus lábios tocaram meu rosto, dando início a um incêndio em minhas bochechas. — Está vendo? Você está vermelha e eu não fiz nada ainda.

— É o sol — respondi, recuando antes que fizesse algo estúpido. Como segurá-lo num golpe mortal e molestá-lo. — Estou tendo uma insolação.

Ele segurou uma gargalhada.

— O sol não está nem brilhando.

Bufei.

— Como se isso fizesse alguma diferença.

— Sabe de uma coisa?

Tombando a cabeça de lado, esperei. Aquele risinho irritante parecia permanentemente gravado no rosto dele.

— É bonitinho.

— O quê? — Esperava que ele não estivesse pensando aquilo de mim porque gostaria de ser vista como algo além de “bonitinha” por ele.

— Você. — Ele segurou uma mecha dos meus cabelos e fez cosquinha no meu pescoço enquanto eu lutava contra a vontade de pôr a língua para fora. — Toda esta *cena*, você fingindo que não fica sentada pensando em mim o tempo todo. Você provavelmente fica sentada no seu quarto e escreve meu nome em todo o seu quadro de anotações.

— Ah, meu Deus. — Eu ri.

— E então você sonha comigo, não é? Você fica acordada e...

Minha risada o interrompeu e eu o golpeei com a mão livre, mirando o peito. O que ele estava dizendo era ridículo. Certo... Talvez não a parte do sonho. Ele realmente estrelou alguns deles. Mas minha mão jamais o atingiu. Ele a segurou no ar com a outra mão demonstrando um reflexo incrível e me puxou para perto com um gesto rápido e suave.

Impressionante.

— Violência não é legal — disse ele, rindo. — E se enganar também não.

Senti um calor no peito diante da dificuldade daquela conversa. Os biquinhos do meu peito se eriçaram bruscamente.

— Você deveria ouvir o que está dizendo. Você disse que se arrependia de ter me beijado, então por que eu ficaria sentada pensando em você? Eu segui em frente, cara.

Assim que as palavras saíram da minha boca e meu olhar se fixou ao dele, percebi que tinha cometido um erro. Não sei no que ele estava pensando, mas a intensidade daquele olhar prateado tomou conta de mim. De alguma forma o papo deixou de ser uma provocação inocente e conversa mole — porque o que eu estava dizendo para ele era uma mentira bem ruim — e se transformaram nisso...

O bom humor desapareceu de seu rosto belo.

— Nunca disse que me arrependi de tê-la beijado.

— Tenho certeza de que disse.

— Tenho certeza de que *não* disse. — Os olhos dele queimavam como metal líquido.

Balancei a cabeça lentamente. Fiquei confusa e sem saber o que dizer.

— E não me arrependo de tê-la beijado.

No meu peito, meu coração saltou diante de tais palavras.

— Não?

— Não. — Ele desviou o olhar por um instante, tenso, antes que seu olhar se voltasse para mim novamente. — Eu deveria. Queria me arrepender.

— Eu não — sussurrei antes que conseguisse me deter. — Não me arrependo nada.

Ele me olhou por um instante e suas mãos soltaram meus pulsos. Ele estendeu os braços, abrindo uns centímetros de distância entre nossos corpos e eu pensei que deveria ter ficado de boca fechada.

— Merda — disse ele, a voz embargada, me puxando novamente para perto.

Jase abaixou a cabeça e sua boca encontrou a minha antes que eu percebesse o que ele faria. Meu cérebro estava muito atrasado em relação ao que estava acontecendo, mas ele me beijou — ele *estava* me beijando. A boca de Jase estava na minha e não havia nada de ameno ou doce naquele beijo.

Queimei-me em poucos segundos.

A boca se movia juntamente com as mãos dele que seguraram meu rosto, jogando minha cabeça para trás. Fiquei na ponta dos pés, colocando minha mão no peito dele. Sob a palma da minha mão, o coração dele batia tão rápido quanto o meu. Ele estremeceu, e acho que deixei de respirar.

Mais de três anos apaixonada por ele, um ano desde que nossos lábios se tocaram, e Jase... ah, meu Deus, ele finalmente estava me beijando.

Com a mente em disparada e os sentidos perdidos, tremi quando ele mordiscou meu lábio, da mesma forma que tinha feito com meu pescoço, e depois passou a ponta da língua por meus lábios, pedindo que eles se entreabrissem. Ele aprofundou o beijo, saboreando-me — me possuindo e, ao mesmo tempo, me libertando. Aquele beijo não era nada como o beijinho roubado há um ano. Mergulhei naquelas águas enquanto um tremor primitivo ressoava em meu peito.

Por um instante tive medo que o pai dele nos encontrasse assim e, bom, seria bem constrangedor. O medo desapareceu quando as mãos dele desceram por meu pescoço, passando pelos ombros e chegando aos meus quadris. Ser pega assim pelo pai dele? Não era um problema.

Meu coração se inflou até eu achar que não aguentaria mais; ele me segurou com mais força pelos quadris. Ergueu-me sem interromper o beijo. O instinto se apoderou de mim. Envolvi-o com minhas pernas e o abracei pelo pescoço, enfiando os dedos nas mechas macias de seus cabelos.

Ele começou a andar e eu não sabia para onde estava indo, mas estava impressionada com sua capacidade de fazer várias coisas ao mesmo tempo, com o movimento de sua língua entrelaçada à minha, com as mãos dele segurando meu bumbum sem que ele hesitasse.

Uma sensação louca tomou conta de mim assim que Jase se abaixou e minhas costas atingiram o feno. O corpo forte dele pairando sobre o meu, me aprisionando. Os gravetos finos e espetados cutucavam meus braços, os lábios dele me calavam e ele me fez perder a respiração deitando-se sobre mim. O feno absorveu nosso peso, recebendo-nos enquanto uma das mãos de Jase descia até minha coxa, colocando minha perna sobre a dele. Aquilo não era nada parecido com a noite em que ele estava bêbado. Sabíamos bem que estava consciente do que fazia. Estávamos os dois *presentes*.

A pressão — o lugar onde ele estava duro e eu, molinha — não dava muito espaço para pensar. Eu o sentia e, quando a parte de baixo do seu corpo se insinuava contra o meu, gemi diante do puro prazer que vertia em mim. Joguei meu quadril para cima, acompanhando o movimento dele, e o gemido que ele soltou foi como um trovão no meu sangue.

— Caramba — gemeu ele contra meus lábios inchados. — Ah, caralho, Tess, eu...

Os lábios dele se fundiram aos meus novamente, mas havia algo de mais profundo naquele beijo. Quase ternura. Achei ter sentido a mão dele trêmula de encontro à minha cintura, entrando por baixo da camiseta. Sabia que minhas mãos tremiam e meus dedos se afundavam nos cabelos dele. A pele áspera de sua mão subiu por minha barriga e eu me joguei contra ele, precisando e desejando muito mais.

Naquele momento, quando nada parecia existir além dos nossos beijos, do sabor dele e da minha sensação, eu poderia ter perdido o controle.

Numa fazenda.

Perto de um celeiro.

No feno.

Os lábios dele abandonaram os meus e choraminguei, sentindo a falta deles imediatamente. A risadinha arrogante dele me deixou desejosa, e então seus lábios marcaram com fogo um caminho em meu pescoço. Joguei a cabeça para trás, dando-lhe todo o acesso que ele queria.

E ele aceitou.

Ele beijou um ponto sensível em meu queixo, acariciando meu pescoço com o nariz. Seus lábios diminuía a queimação da barba por fazer em torno de sua boca. Meu corpo inteiro ansiava por ele, queria mais — queria tudo o que ia além *daquilo*.

Como se eu estivesse num túnel, ouvi o motor de um carro. A princípio achei que era apenas minha imaginação — rezei para que fosse. Mas, à medida que o tempo passava, o som aumentava.

Jase saiu de cima de mim, pôs-se de pé e recuou. O ar pareceu frio, apesar do dia abafado. Num estupor, meu olhar o percorreu por inteiro. A palha estava grudada em sua camiseta e nos pelinhos de seu braço. Minha atenção se deteve naquele ponto abaixo da cintura dele antes que eu olhasse para meu próprio corpo. Minha camiseta estava toda amassada.

O carro fez a curva na estradinha e um brilho avermelhado apareceu para além do milharal verde e amarelo.

Minha capacidade de raciocínio ainda precisava avaliar os acontecimentos. Então, quando Jase se aproximou e me levantou, não estava preparada. Tombei um pouco à direita e tentei me arrumar antes de apoiar o peso na perna machucada. Ele me segurou antes que eu caísse, me ajeitando enquanto eu ofegava como se tivesse feito uma série de movimentos no palco.

— Que merda, Tess — disse ele, passando os dedos pela barra da minha camisetinha. Ele endireitou a minha roupa enquanto eu ficava lá feito uma imbecil. — Isso...

O carro parou ao lado do Jeep de Jase e a porta do passageiro se abriu e alguém saiu de lá. Uma mulher gritou.

— Jase! — berrou a vizinha. O irmão dele saiu correndo rumo ao curral. — Jase!

Fiquei paralisada, sabendo que estava coberta de feno e vermelha demais, como se uma insolação fosse agora realmente possível. Meu olhar procurou Jase.

— Sinto muito. Isso não deveria ter acontecido — disse Jase, e então se virou e se afastou.

CAPÍTULO

Jack se jogou nos braços de Jase. Jogando o menino para o alto, Jase o girou num círculo. Qualquer pessoa teria perdido um olho se estivesse muito perto. Jack gritou feliz, os olhos bem fechados e a boca aberta.

Senti um aperto no peito ao vê-los juntos. Jase... seria um ótimo pai um dia. Não que eu fosse vivenciar em primeira mão ele como pai, já que eu era um gigantesco erro ambulante de acordo com ele. Saber disso doía como se eu tivesse pisado numa colmeia de abelhas e começado a chutá-la. Não sabia por que doía tanto assim. A ideia de ter bebês estava tão longe do que eu planejava fazer no futuro próximo, porém isso não aliviava o aperto no peito.

Jack pediu para parar e assim que seus pés tocaram o chão ele saiu correndo na minha direção. Abraçando-me com os bracinhos pelas pernas, ele me olhou, rindo de uma forma que derreteu meu coração. O menino era adorável.

— Aprendeu a andar a cavalo? — perguntou ele, surpreendendo-me com sua memória.

Abri um sorriso forçado.

— Eu dei comida a eles, mas não aprendi a cavalgar. — E, aparentemente, jamais aprenderia, pela velocidade com que Jase e eu avançávamos.

— Por que você não *ensinou* a ela? — perguntou Jack, virando a cabeça na direção do irmão.

— Ensinou — corrigiu Jase distraidamente. Aproximando-se, ele segurou Jack pelo braço. — Você é como uma amebazinha.

Jack fez uma cara feia, apegando-se às minhas pernas.

— O que é uma a-me-ba?

Jase riu, beliscando o irmão mais uma vez.

— Algo que tem a tendência de grudar em outras coisas. Você deveria se soltar.

Por um instante, não parecia que ele se soltaria, até que ele afrouxou seu abraço surpreendentemente forte. Jase levantou a cabeça, afastando seu irmão de mim. Nossos olhares se colidiram e ele rapidamente o desviou.

Ah, droga. A viagem de volta ao dormitório vai ser divertida. Mas não tão constrangedora quanto falar com a mãe dele pela primeira vez parecendo que tinha acabado de me levantar do feno. Que era meio o que tinha acontecido.

A sra. Winstead sorriu afetuosamente enquanto eu acompanhava os dois irmãos até o carro, porém a surpresa estava gravada em sua expressão. Era uma bela mulher com poucas rugas ao redor da boca e dos olhos. Usando calça jeans e uma camisa velha, ela parecia conhecer bem a fazenda e não tinha medo de botar a mão na massa.

Respirando fundo, estendi a mão enquanto Jase pegava o irmão no colo, jogando-o sobre os ombros como um saco de batatas. Não haveria apresentações. Não como tinha havido com o pai dele. Não depois do que aconteceu, e me senti constrangida, totalmente deslocada, como se não pertencesse àquele lugar. E não pertencia mesmo. Uma queimação se alojou em minha garganta, aumentando a dor no meu peito.

Fiquei toda vermelha.

— Oi. Sou Teresa.

Jase olhou bruscamente para mim, por causa do embargo em minha voz e eu pigarreei, atendo-me à mãe dele.

— Sou irmã de Cam.

Seus olhos castanhos brilharam ao ouvir o nome do meu irmão.

— Ah, sim. Como está seu irmão?

Naquele território conhecido, comecei a relaxar um pouco.

— Está bem. Ele vai fazer teste para o D.C. United no começo do ano que vem.

— Sério? Que ótimo ouvir isso. — Ela olhou para Jase, que agora estava fazendo a coisa da capa do Super-Homem com o irmão novamente. Meu Deus, eles eram lindos juntos. Suspiro. — Sabia que Jase costumava jogar futebol?

— Mamãe — reclamou Jase.

Fiz que sim com a cabeça.

— Sim, Cam mencionou isso uma ou duas vezes, mas nunca me contou por que ele parou.

A sra. Winstead abriu a boca, mas Jase virou Jack, colocando-o em segurança no chão.

— Temos que ir, mamãe. — Ele mal olhou para mim. — Vamos, Tess.

Cruzei os braços e recuei, mordendo a língua. Eu *não era* um cachorrinho e não obedecia às ordens dele.

— Quero ir! — disse Jack correndo para o Jeep, mas Jase o deteve.

— Não, carinha. Você tem que ficar aqui.

— Mas quero ir com você. — O lábio inferior do menininho começou a tremer.

— Eu sei, mas tenho que levar Tess de volta para casa, tudo bem?

Jack fez um bico, claramente a poucos segundos do que provavelmente se transformaria num ataque de birra de proporções épicas. Jase ajoelhou diante dele, sobranceiras arqueadas, segurando-o pelos ombros. Ele se abaixou ao nível do menino, bem diferente do que a maioria dos caras da sua idade fariam.

— Eu vou voltar, certo? Vamos tomar sorvete. Que tal assim?

Jack ficou todo animado, mas a mãe dos dois fez cara feia.

— Jase, você vai estragar o jantar dele. De novo.

— Não vamos estragar nada, não é? — Jase mostrou a língua.

— Não! — Ele riu.

— Certo. Agora entre em casa. — Ele se levantou, guiando Jack até onde a sra. Winstead esperava. — Voltarei daqui a pouco. — Ele se virou para mim e fiquei tensa.

Sentindo-me constrangida como uma bailarina no palco pela primeira vez, acenei para a sra. Winstead e Jack.

— Foi bom vê-los.

Ela sorriu, olhando para Jase e depois para mim.

— Espero vê-la novamente.

Ah, que bom, tudo ficou ainda mais constrangedor.

Fiz que sim. Afinal, o que mais eu faria? Jack se soltou da sra. Winstead e me deu um último abraço. Abraçando-o, percebi que seria bem difícil não amar o menininho.

Parte de mim queria ficar para trás e arranjar uma carona de volta para o *campus*, mas isso pareceria estranho. Assim, depois que Jack saiu correndo, fui até o Jeep. Sempre um cavalheiro quando queria, Jase abriu a porta.

Não agradei.

Jase entrou, soltando um suspiro maior do que qualquer suspiro meu, o que me irritou. Afinal, por que *ele* estava contrariado? Com a expressão séria, ele deu a volta com o carro e saiu pela estradinha de cascalho. Só falou quando já estávamos perto do fim da estradinha.

— Tess...

— Não — disse, interrompendo-o. — Não quero ouvir nada do que você tenha a dizer no momento. E, se você me disser que o que acabou de acontecer é um erro de novo... — Minha voz falhou vergonhosamente. — Vou lhe dar um soco. Sério.

Os lábios dele se curvaram como se ele achasse que eu estava brincando.

— Não deveria ter dito dessa forma, mas...

— Não — alertei, sentindo que ele estava prestes a dizer algo ainda pior. — Só me leve para casa. Só me leve para casa. — Apertei os lábios para impedir meus lábios de tremerem como uma covarde e senti os olhos dele em mim. — Só quero ir para casa.

Fez-se um silêncio e então ele disse:

— *Caralho!*

Em vez de acelerar, ele pôs o Jeep em ponto-morto. O carro parou de funcionar enquanto ele se virou no banco para ficar de frente para mim.

— Você não entende, Tess.

Revirei os olhos, prestes a fazer um comentário inteligente, mas parei ao sentir minha garganta se fechando.

— Tem razão. Não entendo. Você se sente atraído por mim. Você me quer, mas continua me afastando. É por causa do Cam? Porque, sério, isso é ridículo, Jase. Ele é meu irmão, não o protetor da minha

castidade.

Jase fez uma cara feia, como se sentisse um sabor amargo.

— Certo. Isto é algo em que não quero pensar.

— Ah, cale a boca.

Seus traços se abrandaram e ele segurou o volante.

— Certo, não é o Cam. Talvez no começo fosse, porque ficar com a irmãzinha dele é ultrapassar todos os tipos de limites, mas dou um jeito nisso.

— Claro que dá — murmurei, virando-me para a janela do passageiro. — Ou seu pau supera tudo isso bem rápido.

Jase conteve uma tossida.

— Tess, eu... só não quero que você fique comigo. Você realmente não quer isso.

Soltei uma risadinha curta.

— Uau. Então esta é uma nova tentativa. Você não está me rejeitando e é mais como se eu o rejeitasse? Muito bem.

— Não é nada disso — insistiu ele. — Confie em mim. Há coisas que você não sabe a meu respeito e, se soubesse, não estaria sentada aqui.

Voltando a olhar para ele, franzi a testa.

— Você matou alguém? Esquartejou a pessoa e deu aos porcos?

— O quê? — Ele fez uma cara de zangado. — Não.

— Você espancou ou estuprou uma menina? Tem filhos presos num porão em algum lugar? Ou é um terrorista?

— Caralho. Não. — Seu rosto se contorceu numa expressão de nojo.

— Certo — disse, lentamente. — Então não tenho ideia do que você poderia ter feito de tão horrível.

Ele desviou o olhar, balançando a cabeça.

— Você não entende, Tess. Não *posso* ter você.

— Mas você me tem! — sussurrei, e então fechei bem a boca. Disse mesmo isso? Horrorizada, só pude ficar olhando enquanto ele arregalava os olhos.

Ah, meu Deus, eu realmente disse aquilo em voz alta.

Era verdade. Eu era de Jase, percebesse ele isso ou não, me quisesse ou não. Não podia mudar o que sentia por ele ou o que queria.

— Não — disse ele, sombras se formando em seus olhos. — Não quero magoá-la.

Mas... havia um “mas” não expresso no fundo da minha alma.

Fechei os olhos, respirei fundo, sentindo o aperto no meu peito se formar e aumentar. Expus tudo aquilo para ele tão tolamente e aquilo era tudo o que ele tinha para dizer? Constrangidíssima, eu só

queria ir embora.

— Por favor, me leve para casa.

Ele permaneceu imóvel no banco do motorista.

— Tess...

— Me leve para casa!

Fez-se um silêncio momentâneo e ele pôs as mãos no colo.

— Ele é meu filho! — gritou Jase, impressionando nós dois, e depois repetiu baixinho, como se não acreditasse que estava mesmo dizendo aquilo. — Jack é meu *filho*.

CAPÍTULO

Achei que não o tinha ouvido direito. Tinha de ter entendido algo diferente do que ele disse, porque não havia como Jack ser filho dele. Jack era *irmão* dele.

Mas ao encará-lo e notar a palidez em seu rosto e a clareza de seus olhos cinzas, soube que o que ele disse era algo muito raro e desconhecido de praticamente todo mundo, algo que era verdadeiro.

— Jack é seu filho? — Balancei a cabeça, pasma.

Jase me encarou por um tempo e depois se pôs a olhar para a frente. Vários segundos se passaram antes de ele falar.

— Merda. Eu... Ninguém sabe disso, Tess, além dos meus pais. Cam sabe, mas ele jamais contaria nada. Ninguém mais sabe.

Sem me surpreender com o fato de Cam saber disso, ainda estava um pouco chocada por ele não ter me dito nada. Se bem que isso nunca foi da minha conta.

Realmente não sabia o que pensar disso tudo enquanto ele me encarava. Meus pensamentos estavam acelerados. Jase e Jack se pareciam muito mesmo, mas *irmãos* também se parecem. Jase era muito apegado a Jack e ele parecia ter uma ligação de mão dupla com o menino, mas o mesmo acontecia com muitos *irmãos*. Jase parecia ter Jack como prioridade sobre várias coisas, mas *irmãos* faziam isso.

Mas eles não eram irmãos.

Eram pai e filho.

Merda.

De repente muitas coisas fizeram sentido. Além de como ele agia com Jack por perto, havia nossa conversa mais cedo. Como parecia saber por experiência própria que algumas das melhores coisas da vida são inesperadas. E isso provavelmente explicava por que ele não jogava mais futebol nem planejava assumir um trabalho depois da faculdade que o obrigasse a se afastar. Queria estar presente para o filho, independentemente da situação entre eles. Isso também explicava por que não mantinha meninas por perto, afinal ele realmente tinha um filho e, apesar de não estar ativamente criando a criança, um dia a criaria. E isso seria demais para uma menina. Entendia isso. Estava bem surpresa.

Jase era *pai*.

Ele com certeza era um FILF^[1] — um pai com o qual eu gostaria de transar.

Fechei bem os olhos. Ah, meu Deus, não acreditava que tinha pensado nisso. Mas ele *era* mesmo um pai.

Perdi o fôlego e então engoli em seco quando ele se aproximou, tirando algo — um pedaço de feno — dos meus cabelos. Ele brincou com o graveto nos dedos enquanto eu o observava como uma idiota.

— Ele... ele sabe?

Jase fez que não com a cabeça.

— Não. Ele acha que os avós são seus pais.

— Por quê? — Fiz a pergunta antes que pudesse refletir sobre quão intrusiva era. Meu Deus, aquilo foi muito rude de minha parte. Mas queria saber. Precisava saber como Jase, alguém que claramente amava o menino mais do que tudo na vida, estava deixando outra pessoa criá-lo.

— É complicado — respondeu ele, recostando-se no assento. Ele passou a mão pelo rosto e suspirou. — Eles o criam desde o nascimento como filho. Até o adotaram. Eu pareço um lixo dizendo isso, não é? — Ele virou a cabeça na minha direção e havia dor em seus olhos, o que me deu um aperto no peito. — Nem mesmo consigo criar meu próprio filho. Meus pais o criam e ele nem sabe. Isso não me torna mais tão atraente, não é?

Pisquei rapidamente, boquiaberta, e não tinha ideia do que dizer.

Ele riu rispidamente, jogando a cabeça para trás de encontro ao banco. A tensão se dissipava em seus ombros.

— Não estou criando meu próprio filho — repetiu ele, e soube imediatamente que ele dizia isso para si mesmo com alguma frequência. — Durante cinco anos, meus pais o têm criado. Quero mudar isso, mas não posso voltar no tempo e, além disso, como mudo isso agora? Contar a verdade destruiria o mundo dele e não quero fazer isso. Isso também magoaria meus pais, porque eles pensam em Jack como filho. — Jase fechou os olhos. — Sou uma porcaria de pai.

Jase riu uma risada sem graça novamente e eu me endireitei sentada.

— Você não é uma porcaria.

— Ah, pare com isso. — Um sorriso de autodepreciação apareceu. — Acabei de lhe dizer que tenho um filho. Tenho quase *vinte e dois* anos e tenho um filho de *cinco anos* que meus pais criam. Faça a conta, Tess. Tinha dezesseis anos quando ele foi concebido. Dezesseis. Ainda no ensino médio. Claro que não é algo de que me orgulho.

— É algo de que você tem vergonha?

O olhar dele sobre mim se intensificou e ele pareceu refletir sobre a pergunta.

— Não — respondeu, baixinho. — Não tenho vergonha de Jack. Nunca terei. Mas tenho vergonha de não estar sendo responsável e de não estar agindo como pai dele.

Mordi o lábio, querendo fazer muitas perguntas enquanto o carro entrava na outra estradinha.

— Então você tinha dezesseis anos quando ele foi concebido? Você era só uma criança, certo? Assim como eu era uma criança quando fiquei com Jeremy.

— É diferente. — Ele fechou os olhos. — Isso não justificava nada de minha parte.

— Quantos jovens de dezesseis anos você conhece que podem ser pais? — perguntei.

— Muitos são.

— E daí? Isso não significa que todo jovem de dezesseis anos tenha condições e esteja preparado para isso. Tenho certeza de que eu não teria condições. E meus pais teriam me ajudado. — Parei, percebendo como uma idiota que são necessárias duas pessoas para fazerem um bebê, pelo que eu sabia. — Você não

era o único responsável. Tem de haver uma mãe. Onde está...?

— Não quero falar sobre ela — disse ele bruscamente, e me assustei com o tom de voz dele. — *Nada* disso tem a ver com ela.

Uau! Certamente havia algum drama mamãe-bebê ali.

— E ajudar não é o mesmo que adotar. — Seus olhos se entreabriram. — Quando contei aos meus pais o que estava acontecendo, eles ficaram irritados, queriam que eu concluísse o ensino médio, fosse para a faculdade e continuasse jogando futebol. Eles não queriam que eu desistisse de tudo.

— Não os culpo — disse, baixinho. Mas e quanto à mãe?

— Então era isso ou entregar Jack para a adoção, porque eu não estava preparado. Por pior que isso possa parecer, no começo eu não o queria. Não queria ter nada a ver com ele; antes de ele nascer e de eu vê-lo pela primeira vez, desisti dele de uma forma.... — Sua voz ficou embargada e ele pigarreou. Era óbvio que, quem quer que fosse a mãe, ela não estava presente depois que Jack nasceu, e eu estava *morrendo* para saber por quê. — Então eles pediram para adotá-lo e a adoção lhes foi cedida. Analisando agora, percebo que fui egoísta pra caralho. Eu deveria ter assumido a responsabilidade, mas não fiz isso e não há nada que eu possa fazer para mudar isso agora.

— Mas você faz parte da vida dele, Jase. E dá para ver que você queria ter feito as coisas de outra forma. Isso não é o que mais importa? O fato de você amá-lo acima de tudo?

Jase jogou a cabeça para trás mais uma vez e bufou.

— Eu o amo mais do que tudo, mas isso não justifica as decisões que tomei.

A raiva tomou conta de mim e me esqueci da coisa da mãe.

— Você me disse há pouco que eu era muito nova aos dezesseis anos, que eu não podia me considerar responsável por ter ficado em silêncio e não falar sobre Jeremy para ninguém. Minha idade e ingenuidade me dão passe livre, mas não para você?

Ele abriu a boca.

— É isso? Se sim, isso não é justo e é algo muito subjetivo de uma forma bem errada. — Não pretendia me calar tão cedo. — Você não pode me dizer que preciso deixar para lá as decisões e ações do passado, sendo que você se recusa a fazer o mesmo!

Jase se recostou no banco do carro, o pomo de adão subindo e descendo enquanto ele procurava a coisa certa a dizer, mas estava com problemas.

— Merda. Agora você me pegou.

— Ah, mas peguei mesmo.

Ele deu um meio sorriso, mas seu olhar era melancólico.

— Você... você não precisa de tudo isso. — Ele voltou seus olhos nublados para mim. — Você é jovem e tem toda a vida pela frente.

Fiz cara de espanto.

— O que é que tem a ver? Eu gosto de você, Jase. Muito. Tá bom? E quero ficar com você. — Meu rosto pegou fogo, mas continuei: — Isso é tão óbvio, mas está tomando decisões e complicando tudo na

sua mente sem nem mesmo *me perguntar* ou pensar em como eu me sinto sobre tudo isso.

— E como você se sente, Tess? — Ele ficou sério e seus olhos brilharam com uma luz acinzentada. — Você realmente quer ficar comigo agora? Depois de saber tudo isso? E você acha que é inteligente da nossa parte nos envolvermos? E se isso acontecer? E se você se aproximar do Jack?

Cruzei os braços.

— Por que você não iria querer que eu me aproximasse dele? Achei que você tinha dito que eu seria...

— Você está planejando ir embora, Tess. Você não pensa em ficar por perto. E eu jamais deixaria o menino ser magoado só porque você quer transar.

Afastei-me, fazendo uma cara feia. Lágrimas se acumulavam em meus olhos e minha garganta queimava. Era aquilo o que ele realmente pensava? Depois de tudo o que eu disse? Depois de tudo o que ele disse e fez por mim? Ele resumia tudo ao fato de eu querer transar?

Saber que era isso o que ele pensava doeu mais do que a rejeição.

— Sabe de uma coisa, Jase? — Minha voz hesitava, mas segui em frente. — O fato de você ter um filho criado pelos pais ou de não ousar nem mencionar o nome da mãe não é o que me afasta ou o que me faz mudar de ideia quanto a você. É como *você* age e como faz suposições tão idiotas que me afasta.

CAPÍTULO

Jase não apareceu na aula na sexta-feira.

Parte de mim não se surpreendeu quando começou a aula sobre música barroca e Jase não apareceu. O caminho de volta ao dormitório foi cheio de um silêncio tenso.

O que eu disse a ele era verdade. Sim, fui surpreendida pelo fato de Jack ser filho dele. Aquilo era a última coisa que eu esperava. Analisar isso agora era fácil e a bobagem do caso era verdadeira. Mas não pensava mal dele. Não mesmo. Certo. Isso não era totalmente verdade. Claro que pensava nele de uma forma diferente. Ele era um pai, meu Deus do céu. Eu não conhecia pais com quase a minha idade, mas isso não o tornava pior e não mudava o que eu sentia por ele. Se bem que um namoro com ele seria difícil.

Seria difícil de qualquer forma.

Mas ele tinha um menininho a quem um dia poderia contar a verdade e qualquer garota no futuro de Jase teria de aceitar e estar preparada para isso. Quem sabe se um dia eu poderia ser isso, mas ele não me deu nem chance.

Como disse a ele, o problema era como ele me via. O fato de ele acreditar que eu me envolveria na vida de Jack sem perceber como uma partida repentina o afetaria.

De vez em quando, os olhos de Jase encontravam os meus no caminho de volta, e então ele desviava o olhar rapidamente. A única coisa que ele me disse foi “tchau”. Só isso.

E isso me deu um aperto no peito.

Jase não me ligara e eu me recusava a ser quem entraria em contato como fiz da última vez, só para ser friamente ignorada.

Jack é meu filho.

Por mais estúpida que eu possa parecer, meu coração sofria por ele. Apesar da babaquice no que dizia respeito a mim, ele amava aquele menino e isso o estava matando, as escolhas que ele fez quando era apenas uma criança.

Assim como minhas escolhas me perseguiram.

E havia ainda o caso da mãe ausente sobre quem ele se recusava terminantemente a falar. Onde estava ela? Ela ainda vivia aqui por perto? E a aspereza em sua voz era sinal de mágoa?

Senti uma pontada de dor no peito e quis dar um soco em mim mesma. Não era possível que eu tivesse ciúme de uma mulher que não tinha nem nome, mas havia algo ali — e tinha a sensação de que a relutância dele em se envolver seriamente com alguém tinha mais a ver com a mulher do que com Jack.

Isso importava?

Ele disse que foi um erro e, apesar de ter admitido algo tão grande e de ter sido tão honesto comigo, isso não mudava a forma como ele me via. Sim, entendia por que ele me afastava, mas isso não mudava o

resultado.

Não deveria tê-lo deixado me beijar. Não que eu já não soubesse como isso terminaria, mas a dor no meu peito latejava ao olhar para o lugar vago ao meu lado. Mal dormi na noite passada e, quando amanheceu, a dor tinha tomado conta de mim. Meus sentimentos e pensamentos estavam todos entrelaçados num novelo de confusão.

Mas e agora?

Agora eu estava irritada.

Eu não o tinha beijado — não agora e nem da primeira vez. Não era eu quem tinha motivos para não estar num relacionamento. Era ele, e era ele quem insistia em dar em cima, continuava me dando beijos que arrebatavam minha alma para logo depois me afastar.

Não tinha muita experiência no que dizia respeito a meninos e sexo e amizades, mas sabia o bastante para reconhecer que eu o achava gostoso antes de ele me beijar. O corpo dele provara isso assim que me abraçou enquanto alimentávamos Relâmpago. E eu entendia que desejo e sentimento eram coisas completamente diferentes.

Droga, eu mergulhava em desejo umas três vezes por semana, dependendo de quem eu via.

E eu entendia que só o fato de ele ter um filho não significava que ele havia deixado de sentir algo por mim — e Jase *me queria*. Mas isso era mais importante?

Tinha de haver mais. Ele queria que eu vivesse outras coisas além da dança e o que disse ontem sobre o que aconteceu com Cam não ter sido minha culpa fez sentido. Isso significava que ele se importava, certo? Claro que ele se importava, afinal eu era a irmã de Cam... droga.

A irritação pinicava minha pele enquanto eu me ajeitava na cadeira, segurando a caneta com força, até a tampinha se quebrar. Abafei o sentimento até ele se transformar num pontinho de raiva — raiva era melhor do que mágoa.

Meu Deus, o que mais me irritava era estar sentada na aula de apreciação musical e eu provavelmente vou tirar zero na prova porque passei os últimos trinta minutos pensando obsessivamente naquele babaca.

— O período barroco viu a criação da tonalidade — disse o professor Gibson. — Tonalidade é a linguagem musical na qual uma hierarquia tonal específica se baseia num conceito central, a tríade tônica.

Hã?

Passando a acompanhar a aula já pela metade, não tinha nenhuma ideia do que Gibson estava falando e, à medida que ele continuava, minha confusão só aumentava.

— Os compositores mais conhecidos do período barroco são Johann Sebastian Bach...

Eu queria esfregar *Sebastian Bach* na cara de Jase.

— Você está bem? — perguntou Calla enquanto a aula chegava ao fim.

Peguei meu caderno e fiz que sim.

— Sim, só estou cansada.

Ela se levantou sem dizer nada. Na aula de história, ela tinha perguntado sobre ontem e, como eu não sabia como expressar o que acontecera com palavras, e sem usar palavrões, disse a ela que tudo tinha ido

bem.

Apesar do sol, o ar frio quando saímos do prédio do departamento de arte me fez ficar feliz por estar usando calça jeans. Pobre Calla, usando sua bermuda vermelha de algodão, parecia que estava prestes a ficar com a bunda congelada.

— Sabe, sempre que Gibson fala de Sebastian Bach, eu só consigo pensar naquele cantor de rock nos anos 1980 que era bem gostoso. Duvido que o verdadeiro... — Ao virarmos uma esquina, ela respirou fundo. — Ah, nossa!...

Curiosa, acompanhei o olhar dela, envolvendo minha cintura com os braços. Fiz uma cara feia. Um cara de cabelos castanhos bem curtos atravessava o estacionamento. Havia uma fila de carros entrando e saindo e ele cortou caminho entre um carro e uma van. Usando calça azul-escura de nylon e uma camisa de Shepherd cinza sobre seus ombros largos e o belo peitoral, ele parecia saído de um daqueles anúncios de boas-vindas para os alunos.

Eu o vira algumas vezes perto de Whitehall. Era difícil ignorá-lo, com seus traços angulosos e lábios expressivos. Olhei para Calla.

— Quem é ele?

— Você não o conhece? — perguntou ela, segurando a barra da bermuda. — É Brandon Shriver.

— Brandon Shriver? — Tirei os óculos escuros da bolsa e os coloquei. — Gosto do nome.

— Eu também. Mas estou surpresa que você não o conheça. Ele é amigo de Cam e Jase.

Abri um sorrisinho forçado. Jase. Já estava fingindo que ele nem existia. Não estava dando muito certo.

— Ele começou a estudar aqui na primavera, mas é mais velho do que eu. — Ela ficou toda vermelha. Calla tinha vinte anos, então tentei entender aquilo. Ela respondeu antes que eu pudesse perguntar. — Ele viveu no exterior durante alguns anos. Acho que estuda pedagogia, o que é estranho. Ele é gostoso demais para virar professor.

— Hei — disse, dando-lhe uma cotoveladinha. — Eu vou ser professora.

— Mas não quero fazer bebês com você. Com ele — disse ela, suspirando sonhadoramente. — Com ele é bem diferente. Ah, lá vem ele.

E lá vinha ele. Subindo o meio-fio, ele cruzou o pavilhão. A não mais do que um metro de nós, ele nos olhou. Imediatamente notei que ele tinha olhos verdes, algo que não tinha notado antes. Aquele olhar brilhante se demorou sobre Calla e depois sobre mim, antes de se voltar para Calla, que acenou rapidinho e seu rosto ficou vermelho como o esmalte.

— Oi.

— Oi. — Ele tinha uma bela voz grossa. Ele olhou para trás e se aproximou de onde estávamos. — O tráfego está horrível. Espero que vocês não estejam planejando sair do *campus* tão cedo.

Um segundo se passou e Calla balançou negativamente a cabeça.

— Não nas próximas duas horas. E você?

Ela sabia muito bem que eu não ia a lugar algum, mas dei corda.

— Não. Acho que vou andando até o *campus* leste. — O que já parecia estranho, depois de tantos dias pegando carona. Como o clima, tudo mudava de repente. Livrei-me daquele pensamento.

Brandon fez que sim, batendo com a ponta do caderno na coxa.

— Você parece conhecida — disse ele, os olhos se estreitando até exibir somente uma faixinha esmeralda. — Cursamos alguma matéria juntos?

Se estudássemos juntos, eu provavelmente me interessaria mais pela matéria. Enquanto o sol passava por trás de um trecho interminável de nuvens, coloquei os óculos de sol na cabeça, ajeitando as mechas mais curtas de cabelo para trás.

— Você conhece o irmão dela — informou Calla.

— Conheço? — Ele voltou a atenção para ela.

— Sim. — Calla virou o rosto de um jeito que só seu perfil, a parte sem cicatriz, ficava visível a ele. — Ela é irmã do Cameron Hamilton.

— De jeito nenhum. — Os lábios dele se abriram num sorriso sincero e me perguntei se havia algum lugar no mundo onde as pessoas não me conheceriam apenas como a irmã de Cam. — Estou vendo... sim, os olhos.

Senti minha bochecha pegar fogo.

— De qualquer forma, ele é um cara bom. — Brandon se equilibrou no outro pé. — Ele faz parte daquela fraternidade, não é? Aquela com Jase Winstead?

Droga, eu realmente não conseguia escapar daquele homem.

— Não, mas ele é amigo de Jase e alguns outros meninos e vai a várias festas de fraternidade.

— Como a festa deste fim de semana? — perguntou ele. Quando fiz que sim, ele olhou para uma Calla estranhamente silenciosa. — Vocês vão?

— Não, tenho que trabalhar. — Calla pigarreou.

— Onde você trabalha? — O interesse surgiu em sua expressão anteriormente estoica.

Nossa, aquela conversa estava tão estranha quanto dois macacos tentando transar com uma bola de futebol. Mas era bonitinha a forma como Calla continuava lançando olhares para Brandon. Enquanto ela respondia à pergunta, olhei em volta e recuei um passo. Um conhecido Jeep preto e cinza deu a volta numa caminhonete, parando no meio-fio. A janela foi abaixada e fiquei boquiaberta.

Jase estava atrás do volante, usando um boné de beisebol azul-escuro virado para trás. Tufos de cabelos castanhos apareciam por sob a aba.

Ah, eu tinha uma queda por homens usando bonés.

Aparentemente eu tinha uma queda por caras que eram *pais* usando bonés.

Seu olhar cor de aço passou de mim para Brandon. O olhar sombrio em seu rosto me deu frio na barriga.

— Oi, Shriver, como é que tá?

— Tudo bem, cara. O que você anda inventando? — Brandon sorriu.

Boa pergunta.

— Estou aqui para pegar a Tess. — Um sorriso contido apareceu em seu rosto. — Está pronta?

Como assim? Fiz cara de espanto. Ele estava aqui para me pegar, depois de tudo o que aconteceu ontem? Depois de faltar à aula de música? Depois de me beijar e pedir desculpas por isso e me contar a coisa de ser pai e *então* me insultar? Será que ele vivia num universo paralelo onde todas essas coisas eram aceitáveis?

— Tess? — chamou ele, a impaciência soando como um alarme em seu tom de voz.

A raiva enfiou suas garras em mim e me senti mais do que tentada a me virar e sair correndo, mas Brandon e Calla me olhavam com uma expressão dupla de curiosidade. Apesar de querer enfiar meu dedo do meio na cara dele, a última coisa que queria era dar um escândalo no meio do pátio. Dar piti só chamaria a atenção e a única atenção que me deixava à vontade era a que eu obtinha no palco. Isso provavelmente tem a ver com todos os escândalos que Jeremy causara no passado.

Segurando firmemente a alça da bolsa, virei-me para Calla e Brandon.

— Vejo vocês mais tarde.

Brandon pareceu um tanto surpreso ao acenar adeus. Calla riu para mim como se eu tivesse acabado de aceitar um pedido de casamento. Eca. Com a expressão séria, atravessei o pavilhão e abri a porta do passageiro, batendo-a com força atrás de mim. Havia uma caixinha rosa no colo dele e, se ele tivesse me dado aquilo, eu talvez jogasse o cupcake na cara dele.

O tom de seus olhos se aprofundou ao me ver apertar o cinto. Um tempinho se passou e ele disse:

— Brandon Shriver?

Fiquei quieta, recostando-me no banco.

— Acho que perdi o começo da conversa, porque não tenho ideia do motivo de você estar mencionando o nome dele.

— Você estava conversando com ele. — Ele ficou sério.

— Sim — disse, baixinho. — Assim como Calla. Nem o conheço direito.

Engatando a marcha do Jeep, ele se ateve ao caminho.

— Não parecia. Você sabe que ele é mais velho do que eu, certo? Velho demais para você...

— Está falando sério? — Fiquei toda ereta e aumentei a distância entre nós.

— Não precisa ser grossa. — Ele piscou uma vez e estreitou o olhar.

— Eu sou grossa pra caralho se eu quiser ser grossa pra caralho — ataquei. — Merda!

Ele torceu a boca e minha raiva aumentou.

— Mas, sério, Brandon é... bom, ele passou por muita coisa e você não precisa chegar perto nem ficar íntima desse tipo de gente.

— Ah, obrigada pelo conselho, *papai*. — Ele me lançou um olhar, que devolvi. — Mas não pedi seu conselho. E, até onde sei, posso conversar com quem bem entender... *espere*. — O músculo idiota, mas necessário, no meu peito se contraiu todo. — Você está com ciúmes?

— O quê? — Ele bufou ao se aproximar do estacionamento em frente aos dormitórios. — Não estou com ciúme nem nada. Sinceramente, sentimentos não têm nada a ver com o que estou lhe dizendo. O Brandon é um cara legal, mas...

— Você é inacreditável! — Virei-me no banco, o que fez com que a bolsa caísse do meu colo. — Por que é que estamos falando do Brandon?

Fez-se uma pausa.

— Houve um acidente na Route 45 e eu vinha da fazenda, então não teve como eu chegar a tempo para a aula — disse ele, como se aquilo explicasse tudo. — Aqui está o cupcake. Tem Snickers dentro...

— Foda-se o cupcake! — Encarei-o e ele me encarou de volta, como se eu tivesse sugerido que jogássemos um bebê no meio da rua. Minha cabeça girava. — O que é que isso tem a ver com tudo?

— Não faltei à aula de propósito. Não quero que você pense isso. — O que era exatamente o que eu estava pensando, mas claro que não admitiria isso agora. Ele passou a mão pelo boné, enfiando-o ainda mais na cabeça. — Então foi por isso que não estava lá e é por isso que estou aqui agora. E deu certo, porque você estava esperando por mim..

— Eu *não estava* esperando por você.

Ele me olhou, as pálpebras baixas.

— Então você estava conversando com Brandon.

— Ah, meu Deus. — Joguei as mãos para cima. — Esta é uma conversa estúpida e não precisamos ficar falando disso.

— Do que precisaríamos conversar, Tess? — perguntou ele, entrando na estrada e parando completamente. O tráfego aumentara perto do cruzamento.

— Você sabe exatamente sobre o que precisamos conversar. Ontem..

— Ontem foi ontem. — Ele se recostou, passando a mão no queixo. — As coisas saíram do controle. Acontece.

Arqueei as sobrancelhas.

— Acontece? Com frequência? Você simplesmente aparece e *acontece* de acabar beijando meninas? Você escorrega e cai dentro das bocas? Se sim, deve ser uma vida bem estranha.

— Bom.. — O sorrisinho em seus lábios era malicioso e provocador, mas eu não suportaria aquilo. Ele suspirou. — Tess, você é uma menina bonita e eu sou um cara e...

— Ah, cale a boca.

Ele arregalou os olhos.

— Nem conclua esta que vai ser a frase mais idiota na história das frases idiotas. Você já está atraído por mim.

— Não disse que não. — O trânsito não avançou nem um centímetro, e o músculo em seu queixo latejava como um velocímetro.

— E este é o problema, certo? Você está atraído por mim. Você me quer, mas vai negar isso só por causa do Jack? — A raiva fez meu coração acelerar e incentivava minha voz, as palavras que se

formavam dentro de mim precisavam ser ditas. — Ah, claro. É porque só estou interessada em *transar*.

Ele bateu com as duas mãos no volante. Borbulhando de frustração e mais meio milhão de outros sentimentos, soltei o cinto de segurança. Ele se enrijeceu.

— Tess...

— Fique quieto. Sério. Isso não é legal. Você não pode me beijar e depois pedir desculpa. Duas vezes. Isso é ofensivo. Nem pode ficar tão bêbado que convenientemente não se lembra do que disse para mim. — Abaixei-me, pegando a mochila. Precisava me afastar dele antes que batesse na cabeça dele ou chorasse. As duas coisas seriam aterrorizantes e estranhamente gratificantes. — Você sabe que gosto de você. Há quanto tempo você sabe disso? Droga, você até mesmo jogou isso na minha cara. Mas você queria ser amigo e entendo que você não é um cara normal. Você tem um filho.

— Não o estou criando...

— Você ainda assim é um pai! — gritei e, quando ele se recostou, tentei me acalmar. — Olhe, estou tentando ficar bem com tudo isso. Mas você não pode me beijar se somos *amigos*. Você não pode dizer nada quando converso com outros homens se somos *amigos*.

Jase respirou fundo.

— Tem razão.

Um nó estúpido fechou minha garganta. A concordância dele era errada. Não sei por quê, já que isso deveria ser o certo e teria sido mais fácil. Jase vinha com uma enorme bagagem. Segurei a maçaneta. Aquela coisa chamada orgulho dificultava eu ficar sentada no carro ouvindo o que ele tinha a dizer.

— Vejo você mais tarde.

— Tess! — Ele tentou me segurar, mas eu já estava fora do Jeep, no meio da rua congestionada. — Pare, não faça isso. Precisamos...

— Não precisamos de nada. Chega. — Bati a porta e me afastei. O peso no meu peito ameaçou subir por minha garganta e, se isso acontecesse, a coisa ficaria confusa. E feia. Feia como assistir a *O diário de uma paixão*.

Mas continuei andando, correndo entre as pistas. Quando o ouvi me chamar pelo nome, ignorei. O peso no meu estômago me segurava, mas consegui reunir os trapos da minha dignidade e me recompor.

Jase e seus beijos e andar a cavalo e *tudo o mais* que ficassem no tráfego. Ele sempre se afastou. Agora era a minha vez.

CAPÍTULO

Chorei como um bebê furioso naquela noite.

Ainda bem que Debbie tinha saído com Erik, então não havia testemunhas para meus soluços. O que disse a Jase precisava ser dito. Se pretendíamos tentar ser ao menos amigos ou termos uma convivência social, os beijos e tudo o mais tinham de cessar, porque por mais que eu me sentisse bem enquanto aquilo acontecia, não me sentia bem depois do acontecido. Sim, ele se sentia fisicamente atraído por mim. Sim, ele gostava de mim. Sim, eu o queria. Sim, ele tinha um filho e a mãe desse filho em algum lugar. Mas o que quer que ele sentia por mim não era o bastante para vencer os medos que ele tinha ou o limite invisível que ele traçava para nós.

Saber de tudo isso não mudava o fato de que me magoava muito.

E, verdade seja dita, duvidava que podíamos mesmo ser amigos. Eu era honesta o bastante comigo mesma para admitir que eu não conseguia separar a gentileza dele e meus sentimentos, e eu sempre daria sentido a coisas que não tinham. E ele agia de acordo com a atração física sem pestanejar. Droga, não ficamos muito perto um do outro, mas, assim que ficávamos sozinhos, algo acontecia.

Algo sempre aconteceria.

Isso só piorava as coisas, porque eu sabia que, se deixasse tudo para lá e surfasse a onda dos hormônios, provavelmente teria um pouco de Jase. Algum dia. Mas não teria o bastante e, pensando no que sentia por ele agora, não precisava deste tipo de dor.

E isso só confirmaria o que ele achava que queria dele.

Minhas têmporas latejavam e não era nem nove da manhã quando Debbie apareceu com Erik atrás de si.

— Oi. — Erik se jogou na minha cama e esticou as pernas compridas. — E aí?

Encarei-o por um instante e olhei para Debbie. Um olhar de desculpa surgiu em seu rosto.

— Nada de mais. Só tentando estudar um pouco. — Meneei a cabeça em direção ao meu livro de biologia. — Só isso.

Erik se apoiou nos cotovelos.

— É manhã de sábado e você está estudando? — Ele riu e me imaginei chutando-o para fora da cama. — Uau. Você não deve ter nada melhor para fazer.

Estreitei os olhos.

— Ou ela só é realmente dedicada — disse Debbie, sentando-se na beirada da cama. Ela abriu um sorriso para mim. — É biologia, não é? A matéria é bem difícil e...

— Introdução à biologia não é difícil. — Erik riu novamente e balançou a cabeça. Pela primeira vez eu concordava com ele, mas talvez não considerasse a matéria difícil porque, estranhamente, me interessava por ciência. — O que a Deb não lhe disse é que ela reprovou em biologia no segundo ano e

teve de fazer a matéria duas vezes.

Debbie ficou vermelha e cruzou os braços.

— Obrigada, Erik.

Ele deu de ombros.

— Ainda bem que você é gostosa. — Ele deu uma risadinha que aposto que considerava encantador, mas que na verdade era apenas vulgar. — Porque quanto a ser inteligente... Veja bem...

Olhei para ela e teria de ser cega e uma pessoa bem ignorante para não notar a mágoa e a vergonha na expressão dela. A raiva se armou como uma serpente prestes a dar o bote e minha boca se abriu antes que eu conseguisse me segurar.

— Você é um babaca.

Erik virou rapidamente a cabeça na minha direção, olhos arregalados, enquanto Debbie ofegava.

— O quê? — perguntou ele.

Tarde demais para engolir as palavras, e eu tampouco queria.

— Você ouviu bem. — Peguei meu livro e caderno. Levantando-me, guardei-os na mochila. — Dizer isso é babaquice. Portanto, você é um babaca.

Debbie estava paralisada na cama, boquiaberta. Dois pontos em seu rosto ficaram vermelhos. A boca de Erik se mexia como se tivesse um caminhão de palavras feias que queria me dizer, mas as estava filtrando. E aposto que o filtro tinha um nome.

Cam.

— Vou à biblioteca. — Sorri docemente, colocando a mochila nas costas e me virando para Debbie. — Desculpe.

Havia um olhar estranho e vítreo nela, o que me deu um frio na barriga. A satisfação desapareceu rapidamente quando saí do quarto. Eu já estava no corredor quando entendi o que significava aquele olhar.

Medo.

Uma sensação incômoda permaneceu comigo durante as várias horas em que fiquei na biblioteca fria e silenciosa. Não deveria ter chamado Erik de babaca. Não porque ele não fosse, porque era, mas o medo no olhar de Debbie me lembrava de mim mesma.

Ninguém jamais chamara Jeremy de babaca. Ao menos não diretamente, mas, se o tivessem chamado assim, ele teria me culpado, e aposto que Erik culpava Debbie. E por isso eu me sentia péssima.

Percebendo que não tinha ideia do que lera no último capítulo, esfreguei o rosto com as mãos. Estudar não fazia sentido no momento. As palavras ficavam desfocadas. A cadeia alimentar e o colapso do ecossistema não faziam sentido.

Fechei o livro e olhei para as mesas vazias. Não havia uma viva alma no segundo andar. Suspirando, peguei meu celular da bolsa. Nenhuma ligação perdida ou mensagens de texto. Claro que não. Por que fui olhar? Não que eu esperasse que Jase entrasse em contato comigo e eu nem queria mesmo.

Eu era uma péssima mentirosa.

Quando finalmente arranjei coragem para voltar ao meu apartamento, nosso quarto estava vazio. A cama de Debbie estava feita. Nada estava quebrado ou fora do lugar, mas eu não me surpreendi. Erik não teve nenhum ataque de nervos ainda. Jeremy nunca teve.

Era oito horas quando decidi entrar no banho e me aprontar para a festa. Parte de mim queria não ir, mas aquela era a primeira festa para a qual me convidavam e ou eu ia, enfrentando a possibilidade de ter de lidar com Jase, ou ficava em casa sentindo pena de mim mesma.

Achei melhor deixar a autopiedade para trás naquela noite.

E ir à festa seria uma boa oportunidade de provar a mim mesma que tinha superado Jase — que podia ficar perto dele sem me descontrolar.

Depois de secar meu cabelo, prendi-o num rabo e vesti uma calça legging preta. A camisetinha estava fora de questão, então decidi usar uma blusa mais comprida de bolinhas e minha saia jeans preferida e já bem gasta. Assim que calcei a sapatilha, meu telefone vibrou.

Colocando o celular no bolso de trás, juntamente com o cartão-chave, respirei fundo e saí. A noite vai ser divertida. A noite vai ser normal. Eu seria como qualquer outra menina de dezenove anos saindo para uma festa. Eu me divertiria.

Estacionado na calçada, Cam estava atrás do volante do carro de Avery. Enquanto eu corria até a porta de trás, Cam se afastava do banco do passageiro, onde Avery se sentava com o rosto tão rosado quanto um cartão de Dia dos Namorados.

Entrei, dando uma risadinha.

— Vai ser incrível se vocês dois saírem da faculdade sem terem procriado e gerado todo um time de futebol.

Avery arregalou os olhos castanhos.

— Ah, nossa, não...

Ri, prendendo o cinto de segurança enquanto os olhos de Cam apareceram no espelho retrovisor. Abri um sorriso enorme para ele.

— O quê? Nada de filhos?

— Ah, não num futuro próximo — respondeu ele.

— Mas isso significa que vocês pensaram no assunto? — Eu me perguntava se Jase alguma vez cogitou ter filhos com a mãe de Jack. Provavelmente não aos dezesseis anos, mas no futuro.

O rosto de Avery agora estava completamente vermelho.

— Na verdade, não. Digo, isso é bem sério. E nós não somos tão sérios assim. — Ela deu um tapinha no braço de Cam quando ele a encarou. Avery se virou, rindo. — De qualquer forma, você está linda. Adorei a camisa.

— Obrigada. Você também está. — E estava mesmo, usando calça jeans e uma bela camisa verde que combinava perfeitamente com os cabelos dela. — Quantas pessoas vão estar na festa?

— Não muitas — respondeu Cam, virando o volante. — Não é uma festança. Você provavelmente vai

ficar entediada.

— Ela não vai se entediar. — Avery riu. — Jacob teve que desistir, mas Brit vai.

— Legal. — Relaxei contra o banco apesar do embrulho no estômago.

— O Ollie vem? — perguntou ela a Cam.

Um sorriso apareceu em meus lábios. Encontrei Ollie, o antigo colega de quarto de Cam, algumas vezes. Ele se formou na primavera e, apesar de não o conhecer bem, eu o conhecia o suficiente.

— Acho que ele vai aparecer mais tarde. — Cam estendeu o braço, encontrando a mão de Avery sem nem olhar e entrelaçando os dedos aos dela.

Foquei meu olhar na janela, um tanto quanto incomodada. Não porque eles se tocavam — e eles sempre se tocavam — mas porque havia uma pontinha de inveja deles dentro de mim. Eu não deveria sentir inveja deles.

Balançando negativamente a cabeça, pigarreei.

— O que o Ollie está estudando mesmo?

— Medicina.

Arregalei os olhos.

— Sério? Caramba! Não achava que ele fosse... — Hummm, como digo isso de uma forma mais gentil? — Achei que ele tinha fumado o cérebro todo.

— É o que eu também pensava. — Avery riu.

— O Ollie é mais inteligente do que se imagina — disse Cam. Ele passou pelo Sheetz, o que me fez desejar um pretzel de queijo e pimenta. — Caramba, ele é mais inteligente do que ele mesmo imagina.

Avery e Cam, então, entraram numa conversa sobre como os dois realmente acreditavam que havia alguma coisa entre Brit e Ollie, mas ninguém lhes contava. Segurando as mãos uma na outra até que os nós dos dedos doessem, fiquei atenta às sombras do lado de fora do carro. Assim que Cam virou à direita num cruzamento, passando por várias ruazinhas escuras sem iluminação pública, meu coração disparou.

Ele parou quase no fim da rua e estacionou numa vaga diante de um casarão de três andares que parecia todo aceso. Com o estômago revirado, saí do carro e respirei o ar frio. Pensei em chamar Cam de lado para contar que sabia sobre Jack, mas não me pareceu certo, como se não fosse da minha conta.

Avery apareceu ao meu lado, me dando o braço.

— Pronta?

Fiz que sim. Enquanto nós três cruzávamos a rua e íamos para a porta da fraternidade, eu só conseguia pensar em como Jase reagiria ao me ver. Ele ficaria irritado com minha presença? Ou ficaria feliz? Enlouquecido?

Que se foda. Não importava. Eu não estava ali por causa de Jase.

Cam manteve a porta aberta e Avery me deixou entrar. Nunca tinha entrado numa fraternidade antes, então não sabia direito o que esperar, mas ainda assim me surpreendi um pouco.

O salão de entrada estava limpo e cheirava bem. Havia uma fileira de tênis perto da porta e nada de

buracos nas paredes. Eu não sei direito por que esperava encontrar buracos.

— Ei! — gritou Cam, passando por nós e entrando na sala de estar. — E aí?

Avery revirou os olhos e me soltou.

— Uau. Isso nem foi tão alto.

Vários caras estavam na sala, reunidos em torno de um sofá e uma televisão. Senti um arrepio ao reconhecer Erik. Ele levantou os olhos e rapidamente se ateu ao jogo. Ele se sentava estranhamente ereto. Ao lado dele, Debbie parecia bem. Ela sorriu e me acenou rapidamente.

Acenei de volta, querendo pedir desculpas pelo que acontecera mais cedo, mas sabia que naquele instante ou quando Erik estava por perto não era uma boa ideia.

Brandon Shriver estava ao lado de Erik, um controle numa das mãos e uma cerveja na outra. Ele meneou a cabeça para mim e se virou para Cam, mostrando o controle.

— Quer?

— Não. — Cam virou o boné de beisebol para trás. — É todo seu.

— O barril está lá fora, cara — disse um loiro que nunca tinha visto antes. Ele estava sentado no braço de uma velha poltrona. Seu olhar passou por Avery e se deteve em mim. Bebendo um gole da garrafa, ele riu. — E acho que vamos ter um jogo de birita daqui a pouco.

Retribuí o sorriso. O cara era bonitinho, por mais que não tivesse cabelos escuros ou olhos cinzas. Então tá, concluí que era uma coisa boa. Meu sorriso começou a crescer.

— Incrível. — Cam se virou, tirando o braço do ombro de Avery. — E pare de olhar para a minha irmã, babaca.

Fiquei boquiaberta.

— Sim, senhor. — O cara riu e piscou.

— Cam. — Avery lhe deu um soquinho na barriga e eu me virei, o rosto queimando. — Pare — disse ela, dando outro soquinho nele.

Ele deu de ombros e foi até a porta aberta que dava para a garagem.

— Ei, eu disse que ela podia vir. Não disse que ela não se arrependeria.

Apressando-me, abri caminho por eles e lhe dei uma cotovelada do lado do corpo. O contentamento tomou conta de mim enquanto ele resmungava.

— Pelo que sei, não precisava da sua permissão, bundão.

— Verdade — intrometeu-se Avery.

Ele fez uma cara feia.

Lancei-lhe um olhar que o alertava de que, se abrisse a boca novamente, eu o machucaria. Mexendo no meu rabo de cavalo, ele segurou meu braço, dobrando-se e beijando Avery no rosto.

— Quer entrar no jogo de birita?

— Acho que vou deixar para lá. — Ela fez que não. — E você?

— Eu também. — Não tinha a menor ideia de como jogar aquilo.

— Então está tudo bem para você? — perguntou ele baixinho para Avery e, como ela fez que sim com a cabeça, ele a beijou na testa mais uma vez. — Estarei bem ali.

Arqueei as sobrancelhas. Bem ali era *em frente* às cadeiras de jardim vazias. Enquanto ele corria até o grupo de homens reunidos em torno da mesa de tênis, fomos até o barril e voltamos para nossos lugares com copos plásticos vermelhos cheios de cerveja.

Observei meu irmão com os caras por uns instantes, dando um gole no líquido amargo. E outro.

— Não há muitas meninas aqui.

Avery se recostou, esticando as pernas.

— Não frequento muitas festas, mas acho que festas deste tipo são mais reuniões de amigos. Então geralmente são apenas eles e as namoradas.

— Então eu estou meio deslocada? — Fazendo uma cara feia, dei outro gole.

— Bom... você quer a verdade ou algo para se sentir melhor? — Ela sorriu para mim.

Ri.

— Pode me dizer a verdade nua e crua.

A pele em torno de seus olhos criava rugas à medida que seu sorriso aumentava.

— Bom, digamos que, se você quer conhecer alguém, está no lugar certo.

Bufando, olhei para a mesa.

— Como se isso fosse acontecer com Cam por perto.

— Verdade. E o cara lá na sala? — Ela bebeu um gole de cerveja e abaixou as mãos. — O nome dele é Eddie. Acho que ele é um cara bem legal, então...

Olhando para trás, não podia ver a sala de estar, mas podia ouvir os sons do vídeo game e as risadas.

— Cam provavelmente espancaria o cara se eu conversasse com ele.

— Vou distraí-lo. — Avery riu.

Durante a hora seguinte, tramamos, mas a conversa mudou para a viagem que ela e Cam planejavam fazer a Poconos durante o recesso de outono.

— Parece mesmo muito romântico.

— Foi ele quem sugeriu. — A cor das maçãs do rosto dela quase combinava com seus cabelos.

— Ah. — Eu o observei, rindo. Quem diria que meu irmão era tão bonzinho? — Estou orgulhosa dele.

— Tenho tanta sorte. — Ela riu.

— Acho que ele é quem tem.

Uma bolinha passou por nós, batendo na parede perto de um alvo de dardos. Avery balançou a cabeça quando um dos caras correu atrapalhadamente atrás dela.

— Como está seu joelho?

— Tudo bem. Só dói de vez em quando. Tenho consulta uma semana antes do Dia de Ação de Graças.

— Estou torcendo por você. — Ela olhou para a mesa. Cam estava fazendo o que acho que era uma dança da vitória. Ou estava tendo uma convulsão.

— Você sente falta de dançar? — perguntei.

Ela fez que sim.

— Sim. Sinto muito. — Fez-se uma pausa rápida e ela engoliu em seco. — Qual era seu recital preferido?

Os olhos de Avery se iluminaram quando lhe contei do último recital — antes de eu estragar tudo. Apesar de não dançar há anos, dava para ver que ela ainda adorava aquilo. Naquele instante prometi que, em algum momento, a faria dançar novamente.

Olhei para meu copo vazio, desejando saber onde estava Jase. Não vira o Jeep dele lá fora, mas sabia que muitos tinham estacionado nos fundos. Não perguntei porque não estava ali por causa dele.

De jeito nenhum.

Mas por que ele vivia ali na fraternidade, e não na fazenda? Ele não queria ficar perto de Jack? Ou isso seria o oposto do que ele *precisava*?

Peguei outro copo e mais um quando Cam estava ocupado olhando apaixonadamente para Avery em meio ao grupo. Outra menina apareceu em algum momento, mas, pela forma como um dos caras a abraçava pela cintura, achei que ela era namorada dele.

Brittany chegou, seus cabelos loiros curtos presos num rabo-de-cavalo. Menos de três minutos depois de ela nos abraçar, Ollie apareceu pelas portas abertas da garagem, os cabelos soltos chegando aos ombros.

Ele ergueu os braços quando quase todos gritaram seu nome, um sorriso se abrindo em seu belo rosto.

— Ah, vocês sentiram minha falta!

Brit revirou os olhos, mas, antes que ela pudesse dizer algo, Ollie se pôs ao lado dela.

— Oi, Avery e senhorita Teresa, como vocês estão nesta bela noite?

— Estamos bem. — Ri, balançando negativamente a cabeça.

— Ótimo. — Ele segurou o rabo de cavalo de Brit. — Preciso pegá-la emprestada por um segundo, *sí*?

Brit revirou os olhos, mas seu rosto adquiriu um lindo tom rosado.

— Já volto. O *Señor* Fodatardo não vai me querer por muito tempo.

— Vai demorar um pouco — corrigiu ele, e Brit ficou mais vermelha.

Ficamos olhando os dois saírem para a noite e então eu voltei a olhar para Avery.

— Interessante — murmurou ela.

— Acho que eles estão juntos. — Olhei para ela, rindo.

Ela fez cara de espanto e meneou a cabeça.

— Diria que com certeza há algo acontecendo ali.

A combinação da situação entre Erik e Debbie e a ausência de Jase não ajudaram meu bom e velho fígado, mas estavam ajudando muito meu humor. Já na metade do quarto copo, não me importava com a presença ou não de Jase. Talvez mais tarde, quando Avery levasse Cam para fora, como o planejado, eu iria falar com Ernest... ou Edwin. Seja lá qual for o nome dele. E provaria para mim mesma que homens sem bagagem podiam beijar tão bem quanto Jase, se não melhor. Este era o plano. Mas antes precisava ir ao banheiro, se não morreria.

— Preciso encontrar o banheiro. — Levantei enquanto uma bola de pingue-pongue voou pela garagem, batendo no alvo de dardos mais uma vez. — Precisa de alguma coisa?

Avery balançou a cabeça e olhou para o copo de cerveja no qual mal tocara.

— É melhor usar o banheiro lá de cima, no segundo andar — sugeriu ela, levantando a cabeça com um sorriso. — Não é tão nojento.

— Mas ainda assim é nojento?

— Bastante.

— Então me deseje sorte.

— Você vai precisar. — Rindo, ela fez uma cara de nojo.

Fui até a porta da casa no mesmo instante em que Cam se afastou da mesa e se jogou sobre Avery. Era como se ele estivesse esperando minha partida para lhe roubar um beijo. E, uau, como ele a beijou. Segurando o rosto dela nas mãos, ele abaixou a cabeça até que não houvesse espaço entre eles.

Um sorriso surgiu em meus lábios, mas havia uma dor no meu peito — um quê de inveja. E aquilo era errado. Não deveria ter inveja do namoro do meu irmão. Os dois mereciam o amor que compartilhavam, mas eu queria saber como era aquilo. Conhecer em primeira mão aquele tipo de amor que curava, e não fazia mal.

E talvez eu estivesse um pouco bêbada.

Na sala de estar, os dedos de Erik e Brandon voavam pelos controles. O rosto dos dois era de concentração e determinação. Debbie levantou a cabeça do seu lugar no braço do sofá ao lado do namorado, uma expressão de tédio em seu belo rosto.

Lancei-lhe um olhar solidário em vez de perguntar por que ela estava ali sentada se se sentia tão entediada. Já sabia a resposta. Porque Erik a queria ali, onde pudesse vê-la. Controlá-la. Um sabor amargo subiu por minha garganta quando alcancei as escadas. Precisava sair da sala antes que o chamasse de babaca novamente.

Levei uns instantes para subir as escadas. Minha noção de profundidade parecia um tanto quanto abalada no momento. No alto da escada, parei e olhei o corredor.

— Ah...

Havia várias portas dos dois lados, a maioria delas fechada, exceto por uma no fim do corredor, e ali ficava claramente o quarto onde vivia um acumulador de garrafas de Mountain Dew. Eca.

Sem ter opção além de abrir as portas, comecei com a mais perto à minha esquerda. Bati e, sem obter resposta, tentei a maçaneta. A porta estava trancada. Por sorte não era o banheiro. O cômodo seguinte era um quarto vazio e o seguinte era uma lavanderia com calças jeans e meias por todo o chão.

Eles precisavam de uma governanta ou coisa assim.

Fechando a porta antes que eu começasse a lavar a roupa para as criaturas tristes que viviam ali, dei a volta num par de tênis deixado no meio do corredor e fui até a porta seguinte. Bati com os nós dos dedos na porta e, sem obter resposta, segurei a maçaneta. A porta se abriu com facilidade, revelando não um banheiro, e sim um quarto arrumado e...

Ah, meu Deus.

O quarto não estava vazio.

Levei uns poucos segundos para compreender tudo, mas meu cérebro estava lento para processar. E aquilo parecia ter durado uma eternidade.

Jase sentado numa cadeira, de costas para a mesa organizada. Havia uma caixa rosa ali. Sabia o que era e, por algum motivo, aquilo... aquilo fez tudo o mais parecer muito pior. A camisa dele estava entreaberta, como se tivesse cansado de abotoá-la. As pernas dele estavam abertas e esticadas, sério, e os braços pendiam nas laterais do corpo.

Ele não estava sozinho.

CAPÍTULO

Em frente a Jase estava o tipo de menina capaz de fazer com que eu me sentisse um vômito seco da semana passada num bom dia. Ela era linda. Cabelos compridos negros brilhavam como vidro e um corpo perfeito e bronzeado, macio nos lugares certos.

Ela estava sem blusa.

Usava apenas uma saia de algodão e um sutiã vermelho que mostrava que alguns seios podiam desafiar a gravidade.

E tinha a sensação de que aqueles peitos eram naturais.

Eu a vira algumas vezes pelo *campus*, sempre com meninas igualmente belas. Não sabia o nome dela, mas, naquele instante, eu a odiei como se estivéssemos disputando o mesmo papel numa apresentação. Eu a estava encarando. Talvez fosse a cerveja. Talvez fossem os seios. Precisava parar de olhar.

Segundos se passaram desde que abri a porta até que Jase e a menina me vissem. Algo brilhou em seus olhos cinzas metálicos e ele abriu a boca. Senti algo quente e depois frio quando nossos olhares se encontraram.

Então era ali que Jase esteve.

Acho que ele não tinha dificuldades para transar com outras meninas.

Uma risada surgiu, escapando antes que eu pudesse segurar. Tapei a boca com as mãos. Não deveria ter bebido tanto.

As sobrancelhas perfeitamente feitas da menina arquearam ao me encarar. A irritação marcava o contorno de sua boca carnuda.

— Com licença?

Meu estômago se revirou várias vezes. Por um instante, não consegui me mover. Um aperto no peito tomou conta de mim. Ele estava dando cupcakes para outras meninas? Ah, meu Deus... não conseguia nem pensar naquilo.

Então comecei a falar e andar.

— Desculpe. Estava procurando o banheiro.

— Aqui obviamente não é o banheiro — respondeu ela sarcasticamente.

Senti um calor no rosto e um nó na garganta. Ele tinha me beijado. Há menos de quarenta e oito horas. Tocou-me. Contou-me a verdade sobre Jack. Obviamente eu tinha pegado aqueles momentos minúsculos e os transformado em algo grande.

— Desculpe — disse novamente, meu olhar se voltando para Jase, que se levantava. — Eu... — Parei de falar quando a bola de emoções parou na minha garganta. Com pressa de sair dali, virei-me rápido demais, batendo com meu joelho esquerdo na porta. O gritinho da dor repentina escapou dos meus lábios.

— Ah, querida — murmurou a menina.

Com o rosto vermelho feito pimenta, virei-me. Precisava cair fora dali.

— Tess — chamou Jase. — Espere um segundo... *Tess!*

Não parei. Nem quando ele me chamou pelo nome e nem quando a menina o chamou. Esquecendo-me do porquê de ter subido as escadas, desci-as correndo. Meu coração batia de uma forma que me deixava enjoada. Dividida entre a vergonha e a surpresa, evitei a sala de estar e fui diretamente para a porta lateral na cozinha.

O bom-senso saiu pela janela, desaparecendo como a camisa daquela menina. Saí para o ar frio e... continuei caminhando. Segui a calçadinha com ervas-daninhas e me pus entre dois carros parados no meio-fio. Virei à direita e segui adiante.

Havia uma voz na minha mente me dizendo que eu estava sendo estúpida e exagerando, mas estava mergulhando de cabeça no drama. Só sabia que ficar na festa não estava escrito nas minhas estrelas. Não havia como encarar Jase depois do que eu obviamente interrompi e, na verdade, não havia como encarar mais ninguém.

Meu celular tocou um toque abafado e eu o deixei tocar.

Queria ir para casa.

Minha casa de verdade — não meu dormitório. Queria voltar a maio e não dar aquele salto idiota que destruiu *tudo*. Se pudesse, eu não estaria ali. Não estaria perto de Jase.

Assim que cheguei ao último quarteirão antes do conjunto de ruas escuras perto da estrada principal, soube que deveria ter pedido a Avery para me levar para casa, mas não queria estragar a noite deles. Podia ter pedido a Debbie, mas Erik teria enlouquecido.

Meu celular vibrou novamente no bolso de trás e eu o ignorei mais uma vez.

A cerveja amenizava a dor no joelho. Ou talvez fosse a dor no peito que fazia com que tudo o mais parecesse insignificante. Ou talvez a cerveja fosse a culpada por eu tentar andar mais de um quilômetro até o *campus* no meio da noite.

A última casa naquele quarteirão estava escura e em silêncio, e um caminhão passou pela estrada tão rápido que acelerou meu coração. Parei no final da rua, erguendo as mãos e puxando os cabelos para livrá-los do rabo e deixá-los caírem no meu rosto.

Ele tinha me beijado. Ele tinha me tocado. Ele tinha me segurado. Ele tentou me fazer encontrar algo além da dança para eu poder voar de novo.

Lágrimas estúpidas queimavam no fundo dos meus olhos, em parte por causa da frustração e em parte... bom, era mais estupidez do que querer voltar andando para casa. O vento soprou em algumas mechas dos meus cabelos, despenteando-me.

O que eu estava fazendo? Cam ficaria louco se eu não voltasse. Ele provavelmente ligaria para a polícia. E Jase? Ele provavelmente pensava que eu era uma doida, mas ele disse... e eu achei... me enganei.

Fechei os olhos com força para conter as lágrimas. Ver Jase com outra menina doeu como um chute na cara. Aquilo me fez duvidar de que o que eu sentia por ele era apenas uma paixãozinha, porque isso não

era como se reage ao ver sua paixãozinha passageira com outra pessoa.

Abri os olhos, odiando o fato de sentir meus cílios úmidos. Aquilo não era eu. Eu não era esse tipo de menina. Não era...

Dois faróis iluminaram a rua, rapidamente me envolvendo. Virei-me e meu coração disparou. Era um Jeep, mas não podia ser.

De jeito nenhum.

Os freios rangeram quando o carro parou com os pneus cantando ao meu lado, e de repente eu estava encarando Jase pela janela do passageiro. Os olhos dele estavam ocultos, e seus lábios estavam fechados e sérios, furiosos.

— Liguei para você.

Não tinha uma resposta para aquilo que não incluísse “vá se foder”.

Jase deitou metade do corpo no banco do passageiro e agora eu só podia ver os olhos dele, que eram de um cinza profundo e tempestuoso.

— Entre no carro.

— Não. — A palavra saiu e, merda, não foi bom dizê-la.

— Entre no carro, Tess. — Ele me olhou.

— Acho que não.

Ele desviou o olhar, respirando fundo antes de voltar a atenção para mim.

— O que você está fazendo aqui tão longe? É melhor não ser o que acho que é, porque você não pode ser tão burra.

E, assim, um botão sentimental foi acionado. A raiva tomou conta do meu corpo. Saí diretamente da dramalândia para a terra das loucas.

— Não posso ser tão burra assim? O fato de você me perguntar o que estou fazendo é uma burrice, sendo que é óbvio pra caralho. Estou voltando andando para casa.

Ele me olhou como se eu tivesse admitido ter um pênis.

— Vai andando para casa?

— Não fui clara? — ataquei. Não foi a resposta mais esperta, mas fui recompensada quando a expressão dele nublou ainda mais.

— Você está maluca? — Como não respondi, ele xingou e virou o volante para a calçada. Com o motor ligado, ele saiu do Jeep e estava diante de mim num instante. Com toda a sua altura, ele pairou sobre mim, mas só conseguia ver a camisa ainda desabotoada. — Antes de mais nada, você está andando numa importante *autoestrada*. Um carro pode vir correndo perto demais do acostamento e atropelá-la. Matá-la, Tess.

Como que para provar o que ele dizia, um carro veio correndo pela estrada, música soando dos altofalantes. Na hora certa. Cruzei os braços.

— Eu...

— Ou alguém poderia parar. — Ele me segurou pelo queixo, obrigando-me a encará-lo quando comecei a desviar o olhar. — E não alguém interessado em apenas lhe dar uma carona para casa. Está me entendendo?

Empalideci.

— Entendo, mas...

— E ainda tem seu joelho. Você pensou nisso? — Cara, ele estava descontrolado. Jase ainda segurava meu queixo, desafiando-me a piscar. — Você acha que é bom para sua lesão andar tanto assim? E por quê?

Abri a boca para dizer algo que provavelmente não melhoraria em nada a situação, mas não foi isso o que saiu da minha boca.

— O cupcake era para ela?

Maldição! Jamais beberia novamente. Que se foda a cerveja e o barril.

Jase continuou me encarando e passou-se um tempo que pareceu uma eternidade antes de ele me soltar e praguejar.

— Entre no carro, Tess. E não discuta comigo. — Ele começou a se virar, mas de repente voltou a olhar para mim. — Foda-se.

Ele nem me deu a chance de segui-lo. Como no primeiro dia da aula de música, num segundo eu estava de pé e no outro estava nos ombros dele. O mundo virou e meus cabelos caíram para a frente desgrenhados.

— O que é isso? — gritei, segurando-me na camisa dele. — Coloque-me no chão!

— De jeito nenhum. Não vou ficar aqui discutindo com você. — Ele avançou até o Jeep e abriu a porta. — Você e eu vamos conversar...

— Não quero conversar com você! — Bati com as mãos espalmadas nas costas dele. Ele não disse nada, virando-se e colocando-me no banco da frente. — Você...

— Se você sair desse banco, juro por Deus, vou me sentar em cima de você — advertiu ele.

— Eu não... o quê? Se sentar em mim? Quantos anos você tem? Dois?

Jase segurou a porta.

— Fique aí.

— Não sou um cachorro.

Ele se abaixou, colocando o rosto bem perto do meu. De perto, seus olhos tinham um incrível tom prateado.

— Fique aí. Se você sair, vou correr atrás de você. Como um cachorro.

— É uma imagem bem interessante. — Torci o nariz.

— Foque-se nesta imagem por uns segundos. — Erguendo-se, ele bateu a porta com força.

Não houve tempo o bastante para debater realmente toda a coisa de correr e me perseguir. Ele entrou no carro antes mesmo que meu cérebro entendesse o que estava acontecendo.

— O cupcake não era *para ela*.

Não acreditei nele.

— Era para *ocê*. Merda, não acredito que *ocê* ia voltar para casa andando — disse ele, balançando a cabeça e passando os dedos nos cabelos. — Por quê? Por causa de mim?

— Não. De jeito nenhum. Só queria ir para casa.

— Claro. *ocê* não sabe mentir.

— *ocê* é péssimo em reconhecer as pessoas — disse, cruzando os braços. A cerveja se revirava no meu estômago. — E por que *ocê* está aqui? *ocê* não tem uma menina seminua esperando por *ocê* no quarto?

— E isso não teve nada a ver com o motivo da sua saída?

Abri a boca, mas logo a fechei. Merda. Olhei pela janela, de boca bem fechada.

— Eu obviamente estava interrompendo.

— Na verdade, fiquei feliz por *ocê* ter interrompido.

— Ah, claro que ficou. — Soltei uma risada seca.

Fez-se silêncio quando ele virou à direita.

— Não era o que *ocê* pensou. O que estava acontecendo ali? Nada aconteceria.

— Não sou idiota, Jase. E, sinceramente, *ocê* me deve uma explicação? Não. Somos amigos, lembra? *ocê* pode conversar ou transar com quem quiser. E posso conversar e transar com quem quiser. Afinal, só quero tran...

— Eu lhe devo uma explicação, sim, droga. — Ele segurou o volante com força. — E espere, transar com quem quiser? Com quem *ocê*...?

Perdi o fôlego de um jeito horrível, queimando meus olhos.

— Não quero conversar.

— Precisamos conversar — interrompeu ele, a voz dura. — Precisamos conversar desde ontem.

— Tenho um telefone. — Choraminguei em direção a ele no banco do carro, pondo a mão no painel.

— *ocê* não ligou nem nada.

Ele me olhou de soslaio.

— Achei que tinha de deixá-la se acalmar. Eu teria conversado com *ocê* hoje à noite, se Cam não estivesse por perto.

— Ah, mas adivinha quem estava ocupado demais, hein? — Meu Deus, sabia que parecia falsa e orgulhosa. Precisava calar a boca.

Jase respirou fundo.

— Não a convidei para a festa, Tess. Ela apareceu por conta própria.

— E suponho que ela simplesmente tirou a camisa? Isso lhe acontece muito sem aviso? — Ri rispidamente. — Que vida interessante *ocê* deve ter. Caindo na boca das meninas e depois as fazendo

arrancar a roupa.

Aquele meio sorriso apareceu.

— Bom, realmente tenho uma vida encantadora...

— Cale a boca.

Ele suspirou.

— Tess, não estou mentindo para você. Ok? O nome dela é Steph. Ficamos algumas vezes, mas não recentemente. Nem mesmo sabia que ela estaria ali hoje. Ela apareceu e tirou a camisa.

Bufei.

Um músculo latejava em sua mandíbula.

— Ela queria fazer mais. Não vou mentir. Eu *rapidamente* cogitei isso porque sou um homem, mas não fiz, porque não é ela quem quero. E nada aconteceu. Ela tirou a camisa pouco antes de você entrar no quarto.

Encarei-o por um instante e desviei o olhar. Acreditar nele era o equivalente a se jogar diante de um carro. E, droga, queria acreditar nele. Meu peito implorava para que eu acreditasse nele.

— Merda, Tess, até mesmo comprei um cupcake para você. — Fez-se uma pausa. — Você realmente acha que estaria transando com aquela menina sabendo que você estava na festa?

— Você não sabia que eu estava ali.

— Sabia — retrucou ele.

Certo. Que seja. Dei de ombros.

— Droga, Tess, você realmente acha isso? — Ele praguejou novamente. — Você pensa isso?

— Você me beijou e se arrependeu. Você disse coisas de que não se lembrava quando estava bêbado, então...

Jase pisou no freio e paramos no meio da rua escura. Arregalei os olhos e me virei para ele.

— O que você...?

— Nada acontece entre mim e Steph há meses, Tess. Nada. E sabe de uma coisa? Eu nunca a beijei.

— O quê? — Fechei e abri os olhos.

— Nunca. E faz anos desde que realmente beijei uma menina, então não fique aí sentada pensando que sabe o que aconteceu. Você não sabe.

Havia uma boa chance de alguém vir correndo pela rua e nos atingir.

— Mas você me beijou.

— Beijei. Merda, eu realmente a beijei e...

— Como posso acreditar nisso? — Melhor ainda, por que deveria acreditar? Não importava. Não mesmo.

Jase praguejou novamente e então sua mão me pegou pela nuca. Quando ele me puxou, meu coração

disparou. Ele me beijou. Não havia nada de lento naquele beijo. Era um beijo firme e duro. Ele me beijou como se demarcasse território ou como se não fizesse isso há muito tempo. O sangue se transformou em lava nas minhas veias. Ele interrompeu o beijo e só pude encará-lo, meu coração batendo enlouquecidamente.

Acreditava nele.

Não sei por que ou como um beijo poderia provar o que ele dizia, mas provou. Até o fim dos meus dias, acreditaria no que ele disse.

Ele voltou ao seu lugar, ofegante, e acelerou. O carro começou a se mover novamente.

— Isso foi o que não aconteceu entre mim e ela. Nunca, Tess.

Talvez tenha sido a cerveja. A necessidade de provar que eu podia ser tão sensual, ousada e atraente quanto a menina no quarto dele sem tirar a camisa ou ter os seios dela. Ou talvez tenha sido o beijo. Ou pode ter sido todas as emoções crescendo no meu peito e o desejo que se empoçava entre minhas pernas. Talvez fosse tudo isso. Não importava. Meu cérebro foi desligado e eu já estava me movendo antes que qualquer pensamento racional pudesse se formar e antes que eu pudesse pensar nas consequências. Ou talvez tenha a ver com o fato de Jase estar com muitos problemas. Ou com mágoas.

Abaixei-me sobre o painel central, pousando meus lábios no cantinho da boca de Jase. Ele não se afastou quando pus a mão entre as pernas nele, segurando-o. Só então ele se mexeu, mas contra minha mão. Ele estava duro, fazendo pressão contra o zíper da calça.

— Ah! — murmurou ele e, ao afastar a cabeça um pouco, vi a mão dele mais distante de mim segurar com força o volante. Ele me lançou um olhar de soslaio com olhos entreabertos. — O que você está fazendo?

— Não é óbvio? — Subi a mão, acompanhando todo o impressionante tamanho dele.

Ele respirou fundo, voltando a olhar para a estrada.

— Nada é óbvio quando se trata de você. — Ele poderia ter tirado minha mão ou me mandado parar. — Nada do que você faz nesse mundo é óbvio.

As palavras se misturaram ao torpor estranho e cálido que invadia meus pensamentos. Minhas mãos sabiam o que fazer. Eu já tinha feito aquilo. Um poucas vezes, mas imaginava que era como andar de bicicleta. Não dá para esquecer ou errar.

Se bem que essa é uma forma nada sensual de ver isso.

Abri o botão da calça jeans dele, abrindo cuidadosamente o zíper. O barulhinho pareceu mais alto do que o ar que entrava pelas janelas parcialmente abertas.

Jase respirava ofegante quando pus os dedos em volta da pele quente e dura, tirando-o.

— Tess — gemeu ele. Ele estremeceu e se jogou contra minha mão quando o segurei firme. O Jeep diminuiu a velocidade.

A pele dele era vermelha, lisa como seda, e eu estava inacreditavelmente impressionada. Durante uns segundos fiquei paralisada pela sensação dele. Eu o senti da base à ponta, e meu estômago roncou.

— Ah, meu deus, isso vai me deixar louco. — A voz dele estava embargada. — Você realmente...

Estiquei-me ao máximo e abaixei a cabeça. Senti o sabor salgado dele na ponta da minha língua. Movi minha mão para baixo lentamente e continuei explorando, colocando-o mais e mais na minha boca.

— Tess — murmurou ele, o corpo ficando tenso enquanto eu o saboreava pela primeira vez. Ao subir, passei a língua pela cabeça. — Caramba, onde você aprendeu a fazer isso? Merda. Não responda. Não quero saber. Prefiro achar que você nasceu com esse talento.

Uma risada irrompeu e vibrou sobre ele. Jase praguejou e seu corpo se enrijeceu em resposta. Não sabia que uma risada nessa posição era capaz de fazer isso com ele. Ele estava latejando na minha mão e na minha boca. O instinto pareceu assumir o controle quando combinei a mão e a boca.

— Você vai me matar, matar a gente. — Ele jogou o quadril para cima e ouvi o barulho do motor. — Caralho! — resmungou ele enquanto eu aumentava a velocidade. — Você está me matando.

Sorri e passei a língua na cabeça. O suor me empapava, escorrendo por meu corpo. Sentia uma dor entre as pernas. Nas poucas vezes em que fizera isso, não fiquei excitada. Não assim. Era como se fosse a primeira vez que realmente queria fazer aquilo, e isso me deixou com tesão.

Um murmúrio de triunfo foi abafado quando a mão livre dele me segurou pela nuca. Ele me pegou pelos cabelos, e colocou um pouquinho de peso na minha cabeça. Ele me guiou por uns instantes e então sua mão desceu, envolvendo-me pelo pescoço. O polegar dele encontrou minha pulsação, acariciando a pele até que eu tivesse de apertar minhas pernas uma contra a outra.

— Não vou aguentar muito. Ah, merda, eu... — Ele jogou o quadril para cima e tremeu. Jase me segurou mais uma vez pela nuca. — Tess, você tem que parar ou eu vou...

Não pretendia parar. Não sei por quê. Nunca tinha engolido antes. A ideia me enojava, mas não com ele. Aparentemente, Jase era minha estrela interior de filme pornô. Precisei de mais um movimento de língua e mão e ele gritou meu nome, pulsou e ejaculou.

Quando acabou, beijei-o antes de me levantar, guardá-lo e fechar o zíper da calça jeans dele. A mão dele tremia contra minha nuca quando voltei para o meu lugar, a pressão dos dedos dele marcada na minha pele.

Jase ficou olhando para a frente, a boca entreaberta e o peito subindo e descendo. Sua expressão era incompreensível. Olhei pela janela. A estrada era longa e escura. Não reconhecia nada, então sabia que não era a Route 45. Fiquei surpresa por ele não ter batido o carro.

Meu olhar se voltou para ele quando abaixou a mão. Ele estava sério e ainda respirava ofegante. Meu coração pareceu parar e então bateu estrondosamente. Ah, meu Deus. Não deveria ter feito aquilo. Havia mil — não, um milhão — de motivos para eu não ter feito aquilo. Tantas que poderia escrever um guia épico sobre como fazer a coisa errada. Talvez não se deva fazer aquilo com homens com filhos. Como vou saber?

Imediatamente comecei a pensar em desculpas. Eu bebi. Estava confusa. Não comi muito hoje. Talvez eu tivesse diabetes e fosse dada a movimentos involuntários de cabeça. Ah, claro, parecia crível. Vou escrever isso para usar mais tarde.

Sem dizer nada, Jase me olhou — quer dizer, olhou para o acostamento. Ele virou, parando bruscamente. Estendi o braço, segurando-me antes que batesse de cara no painel.

Com o motor do carro ligado, ele estava estranhamente em silêncio ao abrir a porta e sair.

— Merda — murmurei, observando-o se colocar diante dos faróis, seu belo perfil destacado pela luz amarelada.

Ele ia me tirar do carro? Ia me fazer andar de volta do meio do nada? Aquilo parecia uma reação exagerada. Certo? Afinal, acho que lhe dei um delicioso orgasmo. Ele deveria estar me agradecendo...

Jase abriu minha porta e abaixei imediatamente a cabeça. Sua calça ainda estava desabotoada e, de verdade, aquilo era um tesão.

Respirei fundo.

— Jase...

Ele segurou meu rosto e pousou sua boca sobre a minha. O beijo foi como aquele antes de eu ter a brilhante ideia do boquete. Exigente. Faminto. O beijo não abria espaço para nada além da sensação. A língua dele entreabriu meus lábios, tirando meu ar. Ele inclinou a cabeça, intensificou o beijo enquanto sua mão descia por sob minha camisa, segurando-me pelos quadris. Tirando a boca, ele manteve os olhos grudados nos meus e me virou no banco até que eu ficasse de frente para ele.

Soltei um gritinho quando ele me puxou para a beirada do assento. Ajeitando-me, pus as mãos no assento do motorista, apoiando-me nos cotovelos. Uma tensão estava gravada no rosto dele quando ergueu meu bumbum e agarrou a cintura da minha calça legging.

Entendi rapidamente, e então ele abaixou minha legging até meus tornozelos. Impressionada, fiquei toda vermelha e ofegante. Certo. Ele não estava louco. Com certeza não estava...

Jase subiu minha saia e quando me olhou, jogou a cabeça para trás. Ele engoliu em seco.

— Caralho, sem calcinha?

Sem calcinha? O quê? Merda. Esqueci. Meu corpo queimava de tesão.

— Eu... não gosto de usar calcinha com calça justa.

Ele se aproximou, segurando-me pela nuca com uma das mãos.

— Perfeito. — Ele me beijou novamente, enfiando a língua na minha boca. — Isso é perfeito pra caralho.

E então ele tirou a língua da minha boca e me encarou, suas mãos enormes contra a pele das minhas coxas. Por hábito, mantinha-me lisinha lá embaixo, por causa dos anos dançando com calças justas, colans e vestidos. Não havia como esconder. Não depois que ele entreabriu minhas pernas.

Um som grosso e sensual saiu de dentro dele.

— Você é linda, Tess. Mais linda do que eu imaginava.

Fiquei com a boca seca e meu corpo fervilhou por dentro.

— Abra-se para mim — murmurou ele.

Lutei contra a vontade de fechar minhas pernas. Alguém podia passar de carro por ali. Não tinha ideia de onde estávamos e se estávamos perto da fraternidade ou de qualquer outra casa. Droga, a polícia poderia passar por ali, mas mesmo assim me abri.

— Mais.

Com o coração disparado, abri as pernas, afastando a calça legging até os tornozelos. As mãos dele pairaram sobre minha pele, pousando nos meus quadris. Tudo era surreal. Era como um sonho com a pele arrepiada e os sentidos exaltados. Meu coração batia tão rápido que achei que estava tendo um ataque do coração.

O olhar de Jase se fixou no meu e ele abaixou a cabeça. Ele foi direto para lá, tão ousado e determinado quanto fui com ele, mas aquilo... aquilo era diferente. Íntimo de uma forma única. Tremi quando o hálito quente dele se aproximou e soltei um gritinho quando me beijou entre as pernas — um beijo doce de fazer o coração parar.

E então ele me devorou.

Ele pôs a boca em mim — quente, úmida e destruidora. Os movimentos de sua língua eram determinados, provocadores e leves, e incansáveis e profundos. Joguei a cabeça para trás e ela girava. Ofegante, meus quadris se moviam enquanto as sensações cruas me prendiam ao assento. Meu corpo era uma tempestade. Estava descontrolada. Minhas mãos escorregaram pelo vinil do banco e minha cabeça bateu no assento do motorista. Arqueei as costas quando ele mergulhou em mim.

— Jase — murmurei, o corpo se contraindo. Tudo em mim ficou tenso. Desde os músculos dos meus dedos da mão até os dedinhos do pé. Era como se eu estivesse no palco, quando a música começava e eu me lançava no primeiro movimento — o instante em que meu corpo ficava rígido, prestes a florescer e acompanhar o chamado da música.

— Continue dizendo meu nome. — Os dedos dele se afundavam em minha pele, gerando mais prazer em mim. — Nunca vou parar. Juro.

Morreria se ele continuasse. Estava morrendo. Gritei, completamente perdida, e meu corpo se contorceu e se liquefez. Não conseguia respirar quando o orgasmo tomou conta de mim, latejante e pulsante. Minhas pernas tremiam, minhas mãos se abriam e se fechavam, buscando o ar. Havia vários sons estranhos ecoando pelo Jeep e levei uns segundos para perceber que eles vinham de mim.

Jase estava subindo sobre mim, senti os lábios dele nos meus, meu próprio sabor em sua boca. Estava atordoada quando a mão dele alisou minhas coxas e ele sussurrou meu nome. Aqueles dedos com calos desceram por minhas pernas. Ele levantou minha calça, ajeitou minha saia e me ajudou a sentar, colocando meus pés de volta no Jeep. Tinha perdido um sapato durante a coisa toda. Encontrei-o e coloquei-o no pé.

Recostei a cabeça no assento, respirando fundo enquanto ele fechava meu cinto de segurança. Estremeci quando ele passou a mão por meu braço e rosto. Ele apontou meu queixo na direção dele. Fechei e abri os olhos com força.

— Se você disser que não deveríamos ter feito isso ou se você pedir desculpas... — Bocejei. Sexy. — Vou lhe dar um chute no saco.

Um dos lados dos lábios brilhantes de Jase se curvou.

— Não ia dizer nada disso.

— É?

— Não. — Ele passou o dedo por sobre meus lábios. — Ia só lhe dizer que esse foi o melhor... o melhor trajeto por estas estradinhas que já fiz.

CAPÍTULO

Jase parou no McDonald's no caminho de volta ao meu dormitório, pedindo um chá doce que dividimos. Acho que ficamos com bastante sede. Sentia que não tinha músculos ou ossos e que estava flutuando no banco, presa somente pelo cinto de segurança. A euforia tomava conta de mim. Era como concluir um número de dança numa competição e sair do palco sabendo que eu tinha ficado em primeiro lugar.

Na verdade, era melhor. Mais tangível. Se fechasse meus olhos, podia sentir as mãos dele nas minhas pernas e o hálito quente dele dançando em meus lugares mais secretos.

Amanhã provavelmente enfiaria a cabeça num buraco, mas agora não me importava. Não queria pensar em nada. Só queria aproveitar o momento, porque não me sentia tão bem assim há meses.

Jase estacionou numa vaga perto da entrada do dormitório. Obriguei meus membros a funcionarem e ele saiu do carro e veio até o lado do passageiro. Ele abriu a porta e eu tirei o cinto de segurança. Meus dedos pareciam soltos.

Quando saí do Jeep, olhei-o nos olhos. Um enorme sorriso apareceu em meus lábios quando ele estendeu os braços, segurando minhas mãos nas dele. Jase fechou a porta e, dando um passo à frente, caí um pouco para a direita.

— Calma aí. Continue assim e vou achar que realmente a deixei desequilibrada. — Ele riu, segurando-me com mais força.

Ri, pensando que ele definitivamente me desequilibrou. Ele me levou até a calçada e meus pés se entrelaçaram um pouco. Tropecei e ri novamente.

Jase parou, me olhando. Sob a luz do poste e pela forma como as sombras brincaram em seu rosto, achei que ele parecia alguém saído de um sonho.

— Você bebeu na festa?

— Talvez?

A expressão relaxada desapareceu.

— Quanto você bebeu hoje?

— Ah, três? Quatro? Não sei. — Parei. — Não costumo beber. Com a dança, sabe? Não dá para dançar quando se bebe. Bom, até poderia, mas não seria tão boa.

— Merda. — Ele abaixou a cabeça e respirou fundo. — Você está bêbada?

— Meu Deus. Você parece meu pai — reclamei.

Ele me lançou um olhar inexpressivo.

— Certo, não diria que estava bêbada. — Bocejei ao me virar para o dormitório e depois olhei para ele por sobre os ombros. Ele ainda segurava minha mão, mas nossos braços estavam esticados. — Queria que pudesse me teletransportar para meu quarto.

— É, você está um pouco bêbada. — Ele fez cara de espanto.

Estava? Não dava para notar. A sensação de felicidade podia ser da cerveja ou do orgasmo.

— Acho que foi o orgasmo.

— O quê? — Ele gargalhou.

Puxando-o pelo braço, sorri quando ele começou a caminhar.

— Sinto-me bem. Há meses não me sinto assim. E vou dizer que foi o orgasmo e não a cerveja o que fez com que eu me sentisse assim.

Outra gargalhada reverberou nele.

— Vou levar isso como um elogio.

— Deveria mesmo. — Ainda estávamos horrivelmente distantes da porta e Jase não estava andando rápido o bastante. Talvez ele ficaria ali. Não achava que Debbie fosse voltar tão cedo. Tínhamos o quarto só para nós. E tínhamos uma cama e...

— Não sabia que você tinha bebido.

Parando diante do pesar do tom de voz dele, virei-me e quase perdi o equilíbrio, o que não me ajudou em nada. Ele pousou as mãos nos meus quadris, segurando-me.

— Você se arrepende, não é? — Minha bolha de felicidade estava prestes a estourar. — Não estou travada. Sei exatamente o que estou fazendo. Queria fazer aquilo. Talvez não tenha sido a coisa mais inteligente...

— Discordo pra caralho disso — comentou ele, os olhos brilhando por um instante. — Foi incrível, mas... — Seus traços se amenizaram quando ele colocou a mão enorme no meu rosto. — Se soubesse que você tinha bebido, teria impedido você.

— E se não tivesse bebido? — Estava tentando entender o que ele dizia.

— Acho que você sabe a resposta para isso.

Acho que sabia.

— Mas não estou bêbada. Queria fazer aquilo com você. Queria...

Jase gemeu.

— Você tem que parar de falar assim.

— Assim como? — Franzi a testa.

— Me dizendo o que você queria fazer. Não me leve a mal. Fico feliz em ouvir isso, mas isso faz com que eu queira deixá-la fazer novamente. E faz com que eu queira fazer aquilo novamente. Mas não usaria apenas a língua. — Ele encostou a testa na minha e respirei fundo diante da proximidade. — Começaria com aquilo, mas iria querer usar minhas mãos e não pararia por aí.

As palavras dele me deixaram encabulada e talvez eu estivesse um tanto mais embriagada do que imaginava, porque uma onda de ousadia me invadiu.

— Eu não o deteria.

— Meu Deus, Tess... — Ele fechou os olhos e um som grosso emergiu da garganta dele.

Engoli em seco e tombei a cabeça, alinhando nossas bocas.

— Jase?

Houve um instante de hesitação e então ele me beijou carinhosamente, os seus lábios sobre os meus. Um toque de leve que de alguma forma me afetou mais do que os outros beijos.

— Sei que você andou bebendo. Não quero isso entre nós.

— Mas...

— Conversaremos melhor mais tarde. Certo? Por ora, só me deixe levar seu bumbum não tão bêbado assim para cima.

— Você gosta do meu bumbum?

Ele se afastou, rindo.

— Querida, seu bumbum é como um lugar sagrado para mim.

— Ah, meu Deus...

— Pare com isso. — Uma risadinha apareceu.

— Não acredito que você acabou de dizer que meu bumbum era... ah! — Gritei quando Jase me envolveu pela cintura e me ergueu, me segurando de encontro ao seu peito. As estrelas rodaram por alguns segundos. — O que você está fazendo?

— Levando-a para seu quarto. — Ele olhou para mim, as sobrancelhas arqueadas.

— Me carregar assim é necessário?

— Sim. — Ele saiu caminhando pelo pátio. — Cartão?

Virando-me, tirei o cartão-chave do bolso de trás da minha saia. Ele me jogou para cima e conseguiu pegar o cartão sem me deixar cair. Não reclamei quando Jase me pediu para abrir a porta e a escancarou com o pé. Descansando a cabeça contra o peito dele, fechei os olhos. Segundos se passaram e então o balançar suave de seus passos me devolveram àquele estado prazeroso. Precisávamos conversar. Sobre coisas. Coisas sérias. E esperar até amanhã talvez fosse uma má ideia, mas me encolhi ainda mais. Estar nos braços dele, ah...

O amanhã que se dane.

Boa parte do caminho até meu quarto foi como estar sob a água e precisei de muito esforço para abrir os olhos. Como sempre, nosso quarto estava vazio. Ele usou o cotovelo para acender a luz.

— Tem certeza de que você tem colega no quarto ao lado? — perguntou ele, virando-se e de alguma forma fazendo malabarismo comigo e com a porta.

— Ahã — murmurei com sono e abri meus olhos só o bastante para confirmar que meu quarto também estava vazio. — Eu os ouço de vez em quando.

— E você nunca conversou com eles, certo? — Ele atravessou o quarto.

— Não.

Jase me pôs na cama e, ao abrir os olhos, ele já tinha avançado para o pé da cama.

— Me diz uma coisa.

— Uma coisa.

Ele riu, espiando com os olhos entreabertos. Pela luz do quarto, eu só conseguia vê-lo.

— Seu irmão sabe que você andou bebendo?

Cam era a última pessoa em que queria pensar no momento.

— Tess? — insistiu ele, tirando um dos meus sapatos. Mexi os dedinhos e ele segurou meu pé, mantendo-o na mão.

Deixei que meus olhos se fechassem.

— Não. Ele estava ocupado demais olhando para Avery o tempo todo.

— Ele deveria ter prestado mais atenção em você. — Ele tirou meu outro sapato, jogando-o em algum lugar no chão.

Um ronco muito atraente me escapou.

— Por quê? Não sou criança. Posso beber se quiser.

— Ahã. — Ele passou os dedos pela sola do meu pé, me fazendo cócegas. Tentei tirar o pé, mas estava lenta demais. Ele recuou, pegando a colcha. — Então você vai ser uma presença constante nas festas agora?

Encolhendo-me de lado, abri os olhos e sorri enquanto ele me cobria com a colcha.

— Não sei. Não vi muitas meninas lá.

Ele se sentou ao meu lado, ajeitando a beirada do cobertor para proteger meu ombro.

— Em geral não há muitas meninas lá. Exceto as de sempre.

— As de sempre?

— Meninas que frequentam as festas e que não são namoradas de ninguém.

Não gostei de ouvir aquilo.

— Como a menina no seu quarto?

— É. Como ela. — Ele passou a mão pelos cabelos, despenteando-os.

— Qual era o nome dela mesmo?

— Importa? — Jase se ajeitou e jogou o corpo para trás, apoiando-se num dos cotovelos.

Importava? Levando em conta o que acabara de acontecer entre nós?

— Sim.

— Ela é uma boa moça.

— Ah...

— Sério. Ela só gosta de se divertir e... — Ele ficou sério ao abaixar a cabeça.

— Não quero ouvir falar deste tipo de diversão.

Ele riu e fez uma cara feia.

— O Cam costumava ficar com ela.

— Eca. — Torci o nariz. — E você também?

— Não ao mesmo tempo.

— Meu Deus, espero mesmo que não. — Quando ele riu novamente, cutuquei-o com meu joelho. —

Você percebe que isso quer dizer que você dormiu com Cam, certo?

— O quê? De jeito nenhum. — Sob a luz fraca, ele recuou. — Eu lhe disse que não foi...

— Ele esteve ali. E você também. Então, por associação, vocês dois transaram.

— Isso é nojento.

Eu ri.

— Nojento é vocês dois terem estado ali e...

— Podemos não falar disso?

Meu sorriso aumentou um pouco. Havia uma grande chance de amanhã de manhã eu não achar nada disso engraçado, mas no momento eu adorava vê-lo encurralado.

— Talvez você pense duas vezes antes de fazer algo de que não se orgulha.

Ele arqueou a sobrancelha e voltou o olhar para a cama vazia à nossa frente.

— Estava dizendo a verdade, Tess. Conheço Steph há anos e, sim, ficamos algumas vezes, mas nada desde o fim do último semestre. E eu... — Ele tombou a cabeça de lado e suspirou. — E nem mesmo a beijei. Isso é verdade também. Não beijo uma menina desde que...

— Desde quando? — Meu coração se afundou pesadamente.

— Há muito tempo. — Jase balançou a cabeça e soltou uma risada curta e seca.

Eu o observei em silêncio. Uma mudança se apoderou dele. Não sabia exatamente o que era, mas um olhar distante e quase triste surgiu em sua expressão, ressaltando as rugas de um rosto que deixaria qualquer artista louco para retratar.

Sabia que ele estava falando da mãe de Jack e que ele esteve magoado, acalentando um coração partido durante tantos anos.

Meu Deus, talvez eu estivesse bêbada, porque não tinha ideia se ele tinha sido apaixonado por ela. Jase era um homem. Homens não lambem feridas de velhos amores. Eles bebem ou mandam tudo à merda.

Meus olhos ficaram pesados demais.

— Queria comer aquele cupcake agora.

Ele riu e balançou lentamente a cabeça.

— Você teria adorado. Comprei outro com Snickers. Acho que não era para você ter comido aquele.

— Acho que não. — Um momento se passou. — Você vai ficar?

Fez-se uma pausa e então senti o dedo dele acariciando meu rosto, pegando uma mecha de cabelo e a ajeitando.

— Vou ficar até você pegar no sono.

— Não vai demorar muito. — Quis abrir os olhos, mas não consegui. — E precisamos conversar.

— Durma, Tess. Eu prometo que... — A cama se mexeu e senti os lábios dele contra minha testa. — Vamos conversar amanhã... se seu irmão não me matar antes.

Havia uma voz vivendo na minha cabeça e ela batia no meu crânio com um martelo. Gemendo pateticamente, virei de lado e abri os olhos.

A janelinha perto da cama de Debbie deixava entrar muita luz e fiz cara de dor, apertando a mão contra a minha testa que latejava.

— Ai — gemi, sentando-me. A colcha caiu até minha cintura, revelando as roupas com as quais tinha dormido na noite passada.

Uma risadinha flutuou pelo quarto.

— Estava aqui pensando quando você iria acordar.

Meu olhar sofrido se voltou para a porta. Debbie estava apoiada nela, rindo. Minha boca tinha gosto das várias decisões ruins que tomei na noite passada, olhei para o relógio.

— Droga!

Era quase uma da tarde.

— Você exagerou na noite passada? — Ela riu novamente.

— Pois é — disse, com dificuldade.

Debbie se afastou da porta e foi até a geladeira. Tirando de lá uma garrafinha de suco de laranja, ela então pegou outra garrafa na mesa. Ela veio com as garrafas até onde eu estava e se sentou na minha cama.

Meu cérebro parecia peludo, como se tivesse crescido pelinhos durante a noite, e eu a vi pegar aspirinas.

— Tome. — Ela me entregou o suco de laranja e as aspirinas. — Vai ajudar.

Eu aceitaria até um tiro na cabeça, se ajudasse. Engolindo os comprimidos, tomei um generoso gole de suco de laranja.

— Você é oficialmente uma aluna universitária agora — disse ela, fechando o frasco de aspirinas.

— Sou? — Eu oficialmente me sentia uma merda.

— Você está com sua primeira ressaca universitária. É uma tradição.

— É horrível. — Levei a mão à cabeça. — Péssimo.

— Ei. — Ela bateu na minha perna dobrada. — Ao menos você não vomitou.

— Verdade. — Fechei os olhos com força.

— O que aconteceu na noite passada? — perguntou Debbie, virando-se e sentando-se de pernas cruzadas. — Eu a vi subir, mas você nunca desceu. Cerca de uma hora mais tarde Cam veio procurar por você.

Arregalei os olhos quando a noite passada reapareceu de repente. O frio tomou conta da minha pele, e depois o calor.

Ah. Meu. Deus.

Eu tinha feito sexo oral com Jase.

Essa era minha vida? A lembrança da boca de Jase em mim, *dentro* de mim, chacoalhou meu cérebro. Fiquei vermelha e meu coração acelerou. Uma dor diferente assomou meus seios e depois mais embaixo, muito mais embaixo.

Sim. Aquela era minha vida.

Virando-me, ignorei a dor entre minhas têmporas e peguei o celular do criado-mudo. Não me lembrava de colocá-lo lá. Jase deve tê-lo tirado do meu bolso. Não havia ligações perdidas de Cam. Supunha que Jase tinha voltado à fraternidade e lhe contou que me trouxera para casa. Deixando de lado vários outros detalhes.

Meu Deus, assim espero.

Por mais que desejasse Jase — e realmente o desejava — não queria causar problemas entre ele e meu irmão. O que dificultaria um relacionamento futuro. Se é que teríamos um relacionamento.

Tampouco havia ligações perdidas ou mensagens de texto de Jase.

Meu estômago se revirou e joguei o celular na cama ao meu lado.

— Voltei ao dormitório — finalmente disse.

— Isso eu entendi. Aconteceu alguma coisa para você ir embora?

— Não. — Dei de ombros à toa e bebi outro gole. — Só queria vir embora.

— Ah. — Ela mordeu o lábio e respirou fundo. — Erik não disse nada para você?

— Não. — Bebi o restante do suco. — Por quê? — Assim que fiz a pergunta, achei que podia ser porque o tinha chamado de babaca. Senti-me culpada. — Debbie, sinto muito por tê-lo chamado de babaca. Eu só...

— Não peça desculpas. — Ela levantou a mão. — Às vezes ele é babaca. É que ele foi usar o banheiro pouco depois de você subir e tive medo de ele ter dito algo a você.

Uma mecha de cabelos castanhos escapou do grampo e caiu sobre a testa dela. Ela afastou os cabelos. Minha mente girava, pensando em Jase e naquela língua maravilhosa dele, mas então pensei nos ferimentos que eu vira nas pernas dela e como Erik falava com Debbie.

Precisava lhe dizer algo. Dizer que sabia como era aquilo. Alguém precisava intervir porque eu sabia bem que, se ninguém se intrometesse, as coisas só piorariam. Minha pele queimava. Mas era difícil. Ainda hoje era difícil contar a alguém que estive num namoro daquele tipo. Era mais do que culpa e vergonha. Era... aquela merda de medo que nunca se dissipa completamente, que fere como uma ferida

podre nas memórias.

Desviei o olhar para a garrafa vazia.

— Debbie, posso lhe perguntar uma coisa?

— Claro. — Ela sorriu, jogando o frasco de comprimidos para o alto e o pegando. — Pode falar.

Encolhendo os ombros, levantei a cabeça.

— O Erik... ele bate em você?

Um tempo se passou e então ela riu. Alto demais.

— O quê? Não. P-por que você pensaria uma coisa dessas?

— Porque ele não é muito legal e... — Fiquei mexendo com a tampa da garrafa.

— Só porque ele diz umas ignorâncias de vez em quando não significa que ele seja violento. — Ela descruzou as longas pernas e saiu da cama. Cruzando os braços, ela me encarou. Seu rosto estava vermelho. — Ele não bate em mim.

Negação. Só Deus sabe como tentei isso quando minha mãe viu os ferimentos. Livrando-me da colcha, tirei as pernas da cama. Nossos olhares se cruzaram e ela desviou. Respirei fundo.

— Vi os ferimentos em suas pernas.

Ela ficou pálida.

— Ferimentos? — Ela então olhou para a calça jeans. — O quê?

— Outro dia. Você estava usando bermuda.

Ela franziu a testa, abriu a boca e então a fechou.

— Bati na lateral da cama há alguns dias. Talvez tenha sido isso o que você viu.

Então ela deve ter batido na cama repetidas vezes. Coloquei a garrafa no criado-mudo.

— Debbie...

— Olha, obrigada pela preocupação, mas não há motivo. — Ela pegou o telefone que estava carregando e recolheu uma touca que estava na sua cama. — Tenho que fazer umas coisas. Vejo você mais tarde.

Levantei-me.

— Preciso conversar com você...

— Não tenho tempo para isso.

— Por favor. Você não entende. Não estou tentando irritá-la ou julgá-la. Só quero...

A porta se fechou com um baque.

— Que você saiba que eu sei como é — murmurei para o quarto vazio.

Bom, tudo saiu bem. Suspirando, joguei-me na cama. A dor nas minhas têmporas diminuiu, mas eu sentia que uma camada de sujeira cobria minha pele. O que era até apropriado, já que me sentia um lixo depois de ter conversado com Debbie.

Porém sabia que minhas suspeitas tinham fundamento.

Pegando as coisas para tomar banho, fui ao banheiro. Sob o jato quente e forte, lembrei-me da noite passada. A menina no quarto dele. Eu saindo como uma louca. Jase no carro. O sabor dele na minha boca e depois a cabeça dele entre minhas pernas.

Aquela imagem dele estaria para sempre gravada em meu cérebro.

Passei as mãos pelo rosto, virando-me, deixando a água bater nas minhas costas. A sensação no meu peito desceu para minha barriga e um sorriso em meus lábios. Eu me sentia... estranha. Como se eu tivesse acordado não só com uma ressaca, mas também me sentia de algum modo diferente. Como se eu tivesse crescido um pouco de uma hora para a outra. Realmente não sabia o que pensar sobre aquilo. Era estúpido, porque sexo oral não muda a vida de ninguém.

Bom, até que tinha mudado a minha.

Ri, passando as mãos pelos cabelos molhados.

Enquanto a espuma do meu corpo se reunia nos meus pés, mordi o lábio. A noite passada realmente acontecera e, pelo que lembro, Jase não tinha me afastado depois. Ele ficou até eu dormir. Não pediu desculpas nem disse que aquilo não deveria ter acontecido.

Saí do banho e me sequei rapidamente. Vestindo uma calça confortável e uma camiseta, caminhei pelo quarto, parando para olhar a porta do outro dormitório, as orelhas em alerta.

Prendendo a respiração, fiquei ouvindo. Ouvi passos de gente se aproximando da porta e depois se afastando. Fui até a porta, segurando as coisas de banho perto do peito.

— Oi?

Silêncio.

Balancei negativamente a cabeça depois de um tempo e voltei ao meu quarto. A última coisa que eu queria fazer era olhar o telefone. Nada. Senti um quê de incômodo na barriga ao me sentar na cama e pegar meu computador.

Como se a conversa com Debbie não tivesse sido constrangedora o bastante, ela voltou mais tarde com Erik. Eu já tinha conversado com Avery e lhe dito a mesma coisa que disse a Debbie. Ninguém mencionou Jase.

E também não tive notícias de Jase.

Mas, no momento, não estava pensando nele.

Erik estava diante da mesa enquanto Debbie fazia uma malinha para passar a noite fora. Pus o laptop no travesseiro. Ela não me olhava ao colocar uma muda de roupa na mochila marrom e rosa.

— Você não vai passar a noite aqui?

— Não — respondeu Erik, me lançando um olhar de reprovação. — Ela vai ficar comigo.

— Perguntei a ela. — Perdi a calma.

— E eu pareço surdo? — Ele se virou para mim, sobrancelhas arqueadas, e quis arrancar aquele sorriso arrogante da cara dele. — Ou idiota? Sei que você andou falando com ela, mas...

— Erik. — Debbie suspirou. Ela fechou a mochila e se virou, toda vermelha. — Podemos não fazer isso?

As pupilas do namorado dela se dilataram quando ele virou a cabeça lentamente.

— Você me interrompeu?

Fiquei toda arrepiada ao me levantar. A aspereza e o desafio na voz dele me fizeram voltar vários anos no tempo. Os músculos da minha barriga se reviraram. Quis fugir do quarto porque, naquele instante, vi Jeremy ali, o rosto contorcido de raiva.

Não sei o que aconteceu em seguida.

Erik tentou pegar a mochila de Debbie, mas ela não deixou. Talvez ela não soubesse o que ele estava tentando fazer, mas aquilo deu origem a algo. Ele ficou vermelho e flexionou o bíceps, puxou a mochila com força, fazendo Debbie se desequilibrar quando a alça escapou de sua mão. Houve uma reação furiosa de Erik ao puxar a mochila. Ela bateu no meu quadril, fazendo-me cair para trás. Não pensei em nada ao cair, os braços tentando me segurar, mas sem conseguir me agarrar a nada.

Tudo o que vi foram os olhos redondos de Debbie ao colocar todo o meu peso na minha perna direita, sem pensar.

Minha perna direita imediatamente bambeou e uma dor insuportável se apoderou do meu joelho. Um grito estrangulado me escapou. Caí de bunda, perdendo o ar. A dor era lancinante, como se alguém tivesse pegado uma faca e a enfiado nos músculos e cartilagem.

— Teresa! — gritou Debbie.

Lágrimas escorreram dos meus olhos e eu os fechei com força, recusando-me a olhar meu joelho. Não conseguia. Ah, meu Deus, não podia olhar para ele.

— É seu joelho? — perguntou Debbie. — Ah, meu Deus, é seu joelho?

Séria, fiz que sim com a cabeça. O mundo lá fora — a porta e o quarto — tudo se reduzia, caindo sobre mim.

— Não queria fazer isso — disse Erik com uma voz fina. — Ela estava no caminho. Foi um acidente. Diga a ela que foi um acidente!

Fechei as mãos, meu coração batendo descontroladamente.

— Teresa — sussurrou Debbie. Eu a sentia se ajoelhando ao meu lado. Ela colocou a mão trêmula e fria no meu braço. — Diga algo.

De boca fechada, fiz que não. Não conseguia falar. Não conseguia olhar para meu joelho porque — ah, meu Deus — eu sabia. Eu *sabia*. A dor era intensa demais, longa demais. Eu não estava apenas machucada.

Meu joelho estava destruído.

De novo.

CAPÍTULO

Erik fugiu rapidamente, esperando por Debbie na recepção lá embaixo. Ele tinha sorte, porque, se eu pudesse andar como uma pessoa normal, eu estaria chutando o traseiro dele pelo *campus*.

— Desculpe — disse Debbie pela centésima vez ao me ajudar a subir na cama. — Eu sinto...

— Pare — disse, ríspida e respirando fundo, movendo a perna com um doloroso espasmo. — Pare de pedir desculpas. Você não teve culpa.

Ela recuou, as mãos juntas.

— Ele não quis fazer isso.

Abri a boca, mas respirei fundo sentindo outra pontada de dor subir pela perna.

— Você precisa de gelo? — perguntou ela.

Rangendo os dentes, fiz que sim. Quando ela voltou com uma fronha envolvendo o gelo, tinha conseguido esticar o joelho e subir a perna da calça. A pele ao redor do joelho parecia inchada. Nada bom. Fiz um som de dor ao pôr o gelo sobre o joelho.

— Teresa...

Respirando fundo novamente, olhei para ela.

— Ele talvez não tenha querido fazer isso, mas estava irritado. Não parou para pensar ao pegar a mochila. Ou talvez tenha pensado e simplesmente não se importou.

— Sei que ele não quis fazer aquilo. — Lágrimas se acumularam em seus olhos.

Em silêncio, ajeitei o gelo. Minha cabeça estava amortecida. Muitas coisas passavam por minha mente.

Ela hesitou perto da cama, trocando de peso de um pé para outro. Vários instantes se passaram antes que ela falasse:

— Por favor... por favor, não conte a ninguém.

Virei bruscamente a cabeça na direção dela. Não acreditava que ela estava pedindo aquilo para mim, e meu coração disparou. Eu não tinha pedido a mesma coisa para a mãe e Cam? *Por favor, não conte a ninguém*. Porque tinha medo de como Jeremy reagiria.

A hora de contar tudo a Debbie chegara, mas ela se aproximou correndo e me abraçou, sussurrando.

— Por favor.

Não disse nada quando ela saiu porque aquela era uma promessa que eu não sabia se podia cumprir. Abaixando o olhar, lentamente diminuí a pressão sobre o saco de gelo improvisado. Minha pele estava vermelha por causa do frio.

Meu celular tocou mais ou menos uma hora mais tarde, mas nem olhei para ele. Deitada de costas, pus

um travesseiro sob o joelho para mantê-lo erguido. Quando tive de sair para pegar mais gelo, a dor tinha se tornado um latejar constante que aumentava de vez em quando, como se alguém acendesse um fósforo contra minha pele.

Meu joelho estava inchado. O gelo e o joelho erguido não estavam ajudando. Não ouvi nada estourar ao cair, mas o inchaço era uma má notícia. E eu sabia que não poderia tentar apoiar meu peso no joelho. Não ainda.

Houve mais duas ligações naquela noite. Das três, duas eram de Jase, mas não consegui me forçar a atender ao telefone. A noite passada... a noite passada agora parecia muito distante.

Olhei para o celular, o lábio trêmulo ao ver que uma mensagem fora deixada. Quando a tela se apagou, peguei-o, mas desisti. Não podia falar com ele ainda. Se falasse, havia uma boa chance de eu perder o controle.

Porque se meu joelho estivesse estourado novamente, tudo mudaria. Aquilo não seria temporário. Não haveria volta ao estúdio. Aquilo... Estudei o dormitório... aquilo seria realmente minha vida. O tempo todo eu estivera *fingindo*.

Puxei a mão e apoiei a testa nela. Outro espasmo subiu por minha perna. Não podia lidar com aquilo novamente — a dor, a cirurgia, a reabilitação. Mas desta vez... Tremi. Desta vez seria diferente porque a pior coisa que você pode fazer com uma lesão de ligamento cruzado é se machucar novamente sem curá-la. Isso aumenta a chance de uma instabilidade constante.

E eu não seria capaz de dançar de novo.

Quando finalmente dormi, acho que não sonhei e, ao acordar, o inchaço tinha aumentado até que meu joelho parecesse ter o dobro do tamanho. Nem pensei em pegar mais gelo. Sabia que não serviria para nada. Não tinha muletas, então não havia como ir andando para a aula. Fiquei na minha cama, o ácido queimando em meu estômago.

Meu celular tocou minutos depois de começada a aula de apreciação musical. Achando que era Calla ou Debbie — que tinha me mandado duas mensagens de voz que não respondi — fiquei surpresa ao ver que era Jase. Ainda não tinha lido a mensagem dele.

Onde vc está?

Fechando os olhos com força até que doessem, sentei-me um pouco. Ele merecia uma resposta, mesmo depois de me ignorar tanto. Aquilo não tinha a ver com ele. Mandei-lhe uma mensagem rápida.

Não tô me sentindo bem.

A resposta dele foi imediata.

Vc tá bem?

Esfregando meus olhos repentinamente úmidos, respondi de volta um rápido *sim* e joguei o telefone no pé da cama.

Sabia que precisava ligar para o dr. Morgan e para a mamãe, mas só de pensar nisso sentia uma dor no peito. A dor e o inchaço — eu já sabia o que significavam. Meu futuro e meus sonhos estavam acabados. Não precisava de um médico para me dizer isso.

Senti meu corpo estremecer outra vez. Encolhendo-me de lado, abracei o travesseiro e enfiei meu rosto

nele. O tecido macio ficou rapidamente molhado. Não eram lágrimas exageradas. Só silenciosas e intermináveis. A dor na minha barriga era tão grande quanto a dor no meu joelho.

Passava um pouco de meio-dia e meia quando ouvi batidas na porta. Não tinha ideia de quem poderia ser. Talvez ainda desconhecidos colegas de dormitório? Franzindo a testa, enxuguei rapidamente o rosto, sentei-me e pigarreei.

— Entre.

Cobri a perna direita com a colcha. Não sei por que queria esconder. Talvez se ninguém visse aquilo deixaria de ser real. Um raciocínio meio estúpido, mas mal conseguia me controlar. Estava a poucos segundos de me jogar no chão e entrar em desespero.

A porta se abriu e pisquei uma ou duas vezes, achando que estava vendo coisas, mas a pessoa diante de mim não desapareceu.

Jase entrou no meu quarto como se tivesse feito isso milhares de vezes. Ele estava usando uma calça jeans e uma camiseta preta de mangas compridas, e havia uma sacola plástica pendendo de seus dedos longos. Ele parou de repente ao me ver.

— Uau. Você realmente parece mal. — A preocupação tomou conta de seus olhos cinzas.

— Obrigada. — Fiz cara de dor. Deve ter sido meus olhos inchados.

Um sorrisinho surgiu em seus lábios quando ele se aproximou.

— Você não parece *tão mal* assim. — Ele se sentou na beirada da cama, pondo a sacola no chão entre seus pés. — Eu deveria me preocupar?

Fiz cara de espanto. Ainda estava impressionada demais em vê-lo para compreender o que ele queria dizer com aquela frase.

— O que você tem é contagioso? — esclareceu ele.

— Ah. Não. — Parei, espiando em meio aos cílios molhados. — Por que você está aqui?

— Por quê? — Ele riu. — Parece bem óbvio. — Abaixando-se, ele pegou a sacola e dela tirou uma embalagem plástica. — Sopa de galinha. Não para a alma. Mas para sua doença que espero não ser contagiosa.

A sensação de frio na barriga voltou com tudo. Peguei a embalagem quente e a colher plástica. Uma garrafa de refrigerante apareceu em seguida e ele a colocou no meu criado-mudo, juntamente com uma caixa rosa. Um cupcake. Queria chorar.

— Se você está tão preocupado em adoecer, por que veio?

Um dos lados de seus lábios se curvou novamente.

— Bom, considerando o que fizemos na noite de sábado, acho que esta preocupação não faz sentido.

— É mesmo — murmurei, ficando vermelha ao me lembrar.

— E achei que valia a pena arriscar — acrescentou ele, amassando a sacola e a jogando no cesto de lixo perto da mesa. — Saber disso deveria fazê-la se sentir melhor.

Ri, mas o sorriso desapareceu do meu rosto ao abrir a tampa da sopa. O que ele fez me emocionou

profundamente. Eu não estava doente, mas não havia como negar este sentimento. Apesar da dor na perna e do que ela significava, o afeto fervilhou em meu peito.

— Obrigada — agradei, a voz embargada. — Isso... Isso foi realmente legal de sua parte.

— Não é nada de mais. — Ele deu de ombros.

Enfiando o talher na sopa de galinha, comi uma colherada saudável para ajudar a dissolver o nó na minha garganta. O que ele fizera era algo demais, sim. Lágrimas queimaram em meus olhos novamente. Eu estava me transformando num bebê chorão, mas aquelas lágrimas eram diferentes. Queria derrubá-lo de tanto abraçá-lo. Queria inundá-lo de beijos em todo o seu belo rosto. Queria conseguir me levantar e fazer estas coisas sem mancar. A presença dele aqui não era equivalente a uma declaração de amor eterno, mas significava algo — algo mais do que beijos roubados.

Quando olhei para ele, Jase estava me estudando cuidadosamente — e perto demais. Desviei minha atenção para a sopa.

— Fiquei preocupado na noite passada — admitiu ele baixinho. — Como você não atendeu, pensei que... bom, achei que você estava me ignorando.

Segurando a embalagem perto do meu corpo, peguei alguns pedaços de macarrão.

— Não estava.

— Não a culparia se me ignorasse, ainda mais que fiz o mesmo com você. — Ele passou os dedos pelos cabelos e, assim que abaixou a mão, as mechas caíram novamente sobre sua testa. — Acho que nunca pedi desculpas por isso.

Meu coração acelerou. De onde vinha tudo aquilo? E por que agora, quando eu sentia que meu joelho estava prestes a se desprender da minha perna como um monstro alienígena?

— Então me desculpe por aquilo. E por quando fiz aquele comentário sobre você só querer transar. Sei que não é o que você quer. Você é melhor do que isso e merece mais. Sei que isso não significa muita coisa, mas não foi correto e, no fim das contas, não fazia sentido porque você está aqui e não consigo ficar longe de você. — Ele se virou para mim, jogando a parte de cima do corpo sobre minhas pernas. — Você sabe sobre o Jack, mas...

O quadril dele apertou meu joelho e eu reagi. Meu corpo foi sacudido pela dor lancinante correndo por minha perna. A mão dele foi rápida, pegando a embalagem de sopa antes que eu derrubasse tudo em mim. Fiquei branca, espalmando as mãos na cama e agarrando os lençóis.

— Jesus! O que aconteceu? — Ele se levantou da cama como se o móvel o tivesse mordido no bumbum. — Você está bem?

Recuperando-me da dor, só podia menear a cabeça. Inspira. Expira. Lentamente, depois de alguns segundos, a dor diminuiu para um latejar. Meus dedos soltaram os lençóis e consegui levantar a cabeça.

Jase me olhava. Ele olhou para minha perna e depois para o meu rosto.

— Você não está doente, não é? Você andou chorando. Por isso é que você parecia daquele jeito. — Antes que eu pudesse responder, ele puxou a colcha. — Merda, Tess, seu joelho. Caralho. Não sabia. Eu...

— Não — disse, a voz áspera. — Você não sabia. Tudo bem.

Ele ergueu seus olhos arregalados para os meus.

— Como isso foi acontecer?

— Eu percebi que havia algo de errado no sábado à noite. — A mentira saiu mais fácil do que a verdade. A culpa imediatamente se assentou como pedra no meu estômago. Com a mão trêmula, tirei meus cabelos do rosto. — Acho que realmente estraguei tudo.

— Você acha? — Ele pôs a embalagem de sopa no criado-mudo. — Você está com muita dor?

Observei-o se sentar com cuidado na beirada da cama.

— Vem e vai.

— Eu ter sentado sobre ele não ajudou, hein?

— Tudo bem. — Um sorriso triste apareceu em meus lábios.

Jase esticou a mão, segurando a mecha de cabelo que insistia em cair no meu rosto. Ele a ajeitou.

— Você contou ao Cam? Sua mãe?

Fiz que não com a cabeça.

— Não queria que eles se preocupassem.

— Quer mais sopa? — Quando fiz que sim, ele colocou a colher na minha boca. Não comia desde ontem à tarde, então aquilo estava me fazendo bem. — Mas ficar sentada com sua perna assim não está ajudando ninguém, Tess.

— Eu sei — sussurrei, abaixando a cabeça. Foquei-me no queixo dele ao pegar o macarrão. Uma boa área para admirar. Havia uma fina cobertura de barba por fazer, o que lhe dava uma aparência rude e sensual.

Jase passou a mão pelos cabelos.

— Então suponho que você não ligou para o seu médico.

Engolindo uma bocada de sopa de galinha, fiz que não.

— Certo. Então essa é a primeira coisa de que precisamos. Espere aí. — Ele esticou a mão, passando o dedo por meu queixo, limpando o caldo de galinha e me fazendo corar. — Precisamos ligar para o médico. E não me dê nenhuma desculpa. Precisamos fazer isso. E precisamos fazer isso agora.

Ele me deixou terminar a sopa antes de pegar meu celular do pé da cama. Dando-me o aparelho, ele esperou de braços cruzados até que eu encontrasse o contato do médico. Tive de deixar uma mensagem, mas ele retornou a ligação rapidamente. Uma consulta foi marcada para amanhã de manhã e meu coração já batia acelerado diante da gravidade da situação toda.

— Eu a levarei — anunciou Jase depois de voltar do corredor, onde deixara a embalagem de sopa.

— O quê? — Levantei-me de encontro à cabeceira.

— Eu a levarei amanhã. Ele atende no WVU, certo? — Ele foi direto.

— Ali perto, mas...

— Mas você nem contou ao Cam ou para sua mãe, então como você espera chegar lá? Pegando uma

carona? — O risinho dele era cheio de arrogância. — Posso faltar à aula amanhã. Não vai ser tão difícil. E, se eu não quisesse, não me ofereceria. Então não discuta comigo.

— Eu sei — disse. — Mas por que você iria querer fazer isso? Ficar na aula é melhor do que se levantar de manhãzinha e dirigir durante horas. Digo, eu preferia assistir à aula de música.

Ele riu e voltou a se sentar, colocando uma das mãos do outro lado do meu quadril.

— Você deve mesmo odiar dirigir e ir ao médico para preferir ficar naquela aula. Você já faltou hoje. Sua amiga Calla até dormiu. E roncou.

Eu ri. Ela não ronca. E sei disso porque ela dorme na aula sempre.

Ele fechou os olhos, obscurecendo seu olhar brilhante.

— Quero estar lá com você. Me deixe.

Minha boca se abriu e um “por que” se formou na ponta da minha língua. Importava o porquê? A situação entre mim e Jase no momento me deixava mais confusa do que nunca. Algo mudara no sábado à noite. Ele estava fazendo o exato oposto de se afastar e fugir. Meu boquete era mesmo tão bom assim? Quase ri porque aquilo era simplesmente estúpido.

— Certo — disse finalmente.

Jase sorriu e, de repente, senti que concordei com mais coisas do que apenas uma carona.

Odiava aquela atmosfera toda dos consultórios médicos — as paredes brancas, a decoração brega e o cheiro de desinfetante. Não importava que tipo de médico você estava consultando; os consultórios eram sempre os mesmos.

Fizeram um exame de raios-x antes mesmo de eu ver o médico. Minha bunda estava plantada na temida cadeira-de-rodas e fui levada para longe, deixando Jase na sala de espera. Uma vez colocada na sala onde o médico me veria, saí da cadeira de rodas e me sentei numa de plástico. Estava olhando para a cadeira de rodas quando a porta se abriu e uma enfermeira da recepção entrou com Jase.

— Achei que você gostaria de ter um pouco de companhia — disse ela, passando a mão por sua cabeça loira.

Jase piscou para mim ao entrar.

— Ela provavelmente ficaria descontrolada sem mim.

Fiz um som de desprezo. A enfermeira riu e então saiu apressadamente. Fiz cara de espanto para ele.

— Como você conseguiu entrar aqui sendo que não é da família?

Ele se sentou na maca onde eu deveria estar. Dali, ficou balançando as pernas compridas como um menino travesso.

— Tenho um charme considerável, Tess.

— Verdade. — Consegui abrir um sorrisinho.

— E com este charme vem uma grande responsabilidade de ser usada sabiamente — continuou ele, os olhos dançando. — Só uso quando necessário.

— Bom ouvir isso. — Ajeitei-me na cadeira plástica desconfortável. Tê-lo ali era bom porque já estava ficando nervosa. — Obrigada novamente. Realmente agradeço.

— Sem problemas. Só se lembre da sua promessa.

— Como posso me esquecer? — Ri e balancei negativamente a cabeça.

— Você vai amar. — Ele abaixou a cabeça e mechas despenteadas caíram para a frente. — E você não tem nada a temer. Vou estar lá com você.

Ainda sentia um frio na barriga só de pensar em estar sobre um cavalo. Jase passou todo o caminho até o consultório médico me convencendo a concordar em fazer um pouco mais do que conhecer os animais. Como subir num deles. Jase estaria comigo e concordei porque confiava nele. E porque assim tinha algo além da minha perna com que me preocupar.

— Cam me mandou uma mensagem de texto mais cedo — contou Jase. — Ele me olhou. A expressão dele era incompreensível.

— Você contou a ele que estava aqui comigo?

— Você contou a ele?

— Não. Ele ainda acha que estou doente. — Envolvi a ponta do meu rabo de cavalo com os dedos. — Você contou?

Ele fez que não.

— Achei que ele perguntaria por que eu estava com você e não com ele. E que isso levaria a outras perguntas e, bom, achei melhor não respondê-las pelo telefone.

— Você acha que vai ser melhor responder a algumas coisas cara a cara? — Havia dúvida no meu tom de voz. Considerando o que Jase contaria a ele, previa facilmente a conversa terminando com um soco na cara.

— Terei de usar meu charme novamente. — Jase riu.

— Não acho que esse tipo de charme vai funcionar com meu irmão.

— Tenha um pouco de fé — disse ele, e seus lábios se curvaram num dos lados. O olhar diabólico fez meu coração disparar.

Fiquei séria, pensando no que seria dito a Cam. Quanto menos, melhor, acho, não importa o que fosse acontecer entre mim e Jase depois. Meu olhar pairava sobre os contornos quase perfeitos do rosto dele e depois sobre seus ombros largos. Quando ergui a cabeça, ele me encarou e sorriu para me tranquilizar.

Fiquei pasma ao perceber que podia facilmente me apaixonar por ele. Isso se já não estivesse apaixonada.

— No que você está pensando? — perguntou ele, mordendo aquele delicioso lábio.

Senti a tensão no fundo do estômago. Ah, estava tão ferrada. Desviei o olhar, sentindo meu rosto ficar vermelho.

— Ah, não vou lhe contar.

— Isso não é divertido. — Ele soltou uma risada máscula.

— Desculpe.

Graças a Deus a porta se abriu e o dr. Morgan entrou na sala. No momento, preferia me ater ao meu joelho a prestar atenção ao que acontecia no meu coração e na minha mente.

Com um jaleco branco que ia até os joelhos, o dr. Morgan tinha um cabelo curto já polvilhado de branco. Ele sorriu ao entrar, olhando para mim e depois para Jase.

— Tenho um paciente novo hoje?

Tentando não ficar tão esperançosa com aquele sorriso, pigarreei.

— Este é o Jase. Ele é o... hummm, meu amigo. Ele veio comigo.

— Prazer em conhecê-lo. — O médico se aproximou e o cumprimentou. Quando Jase começou a se levantar, o dr. Morgan o deteve. — Não precisa. Estamos bem assim. — Sentando-se numa das cadeiras, ele jogou o arquivo com meus exames de raios-x numa bancada. Ele se virou para mim, pegou outra cadeira e a girou. Cuidadosamente, ele ergueu minha perna e a colocou na cadeira. — Vamos dar uma olhada nisso.

Ergui a barra da minha calça jeans, fazendo cara de dor e revelando o joelho inchado. Sexy.

Ele assobiou baixinho.

— Você sabe o que fazer.

Sabia. Fechando os olhos, juntei as mãos e a pus contra a barriga. Os dedos do dr. Morgan estavam frios ao tocarem meu joelho. O toque não doeu. Ainda não. Ele aplicou mais pressão, verificando a estabilidade. Senti dor e rangi os dentes.

— Qual a sua dor numa escala de um a dez? — perguntou ele.

— Hummm. — Era péssima nisso. Quem entendia a escala de dor? Precisava de um daqueles bonequinhos de palito engraçados para usar como guia. — Seis?

— Certo. — Ele apertou mais e eu dei um salto. — E agora?

— Sete? — disse, com um gritinho.

Ele continuou me torturando e meus olhos se abriram quando senti a mão de alguém sobre a minha. Não o tinha ouvido se mover. Jase estava ajoelhado ao meu lado e, assim que meus olhos se fixaram nos dele, não consegui mais desviar o olhar.

— E assim? — perguntou o dr. Morgan. Ao ouvir meu som de dor, ele tirou as mãos. — Não precisa responder. — Ele sorriu carinhosamente, abaixando a perna da minha calça. — Certo. Você pôs gelo e ergueu a perna?

Fiz que sim, ainda olhando para Jase.

— Sim.

— Mas ajudou?

— Não. — Umedeci os lábios e Jase sorriu. Desviando o olhar para não parecer muito tola, encarei o médico. Enquanto eu falava, Jase conseguiu separar minhas mãos e entrelaçar seus dedos aos meus. — Não dói tanto quanto da primeira vez e não ouvi nada estalar, mas estou com medo de ter arruinado tudo.

— Preciso saber exatamente o que você estava fazendo quando machucou seu joelho no domingo — disse ele, pousando as mãos nos joelhos. — Você estava andando? Você perdeu o equilíbrio?

Voltei meu olhar para os dedos compridos do médico. Eram dedos finos, mas com nós surpreendentemente grandes e redondos. Senti um nó na garganta.

— Ela disse que perdeu o equilíbrio — disse Jase, e fechei a mão livre.

— Você estava caminhando quando isso aconteceu? Saindo da cama ou se levantando de uma cadeira? — O dr. Morgan fez uma pausa. — É muito importante saber exatamente o que você estava fazendo.

O sangue latejava em minhas têmporas enquanto eu lentamente levantava a cabeça. A verdade. Droga, a verdade era sempre uma vaca intrometida. Balancei a cabeça negativamente e mordi o lábio.

— Eu... estava no meu quarto e o namorado da minha colega estava com uma mochila na mão. Mais uma mala. De qualquer forma, estava perto demais quando ele me atingiu com ela. A mochila bateu no meu quadril e eu caí para trás, apoiando o peso na perna direita.

Jase apertava minha mão com tanta força que até senti meus ossos sendo esmagados, e depois ele a soltou. Não podia olhar para ele, mas podia senti-lo me encarando.

— Então foi um acidente. Não um passo em falso. Isso me dá uma imagem mais clara do que está acontecendo. — O dr. Morgan pegou meu prontuário e o abriu. — O que você quer primeiro: as boas ou más notícias?

Meu coração deu um salto e olhei para Jase. O olhar dele era ríspido, sua expressão, impassível.

— As boas, acho.

— A boa notícia é que o raio-x não mostra lesão adicional — disse ele, e meus ombros imediatamente relaxaram. — Sei que esse era seu maior temor. A lesão original está cicatrizando.

— E qual a má notícia? — Respirei fundo.

O dr. Morgan sorriu contido.

— O que essa lesão mostra é uma desestabilização do ligamento anterior cruzado. E, com o tipo de lesão que você sofreu, há uma chance de quarenta e dois por cento de reincidência. Agora, como disse, a lesão não parece ter voltado. Então nada de cirurgia e acho que você vai se curar se voltar a usar o tensor e muletas nas próximas duas semanas.

Em vez de me sentir melhor, as paredes começaram a me sufocar.

— Mas...

— Mas... — Ele sorriu, mas fiquei tensa. O sorriso não alcançou seu olhar mais sombrio. Era o tipo de sorriso que os médicos abrem quando estão prestes a dar uma sentença de morte. — A lesão mostra que há uma desestabilização e isso me preocupa, Teresa. Quando você se lesionou da primeira vez, conversamos sobre a possibilidade, ainda que remota na época, de uma desestabilização contínua e...

Meu cérebro o interrompeu bem ali, mas fiz que sim e o encarei, sem notar como Jase estava tenso a cada palavra dita. Até sorri quando o dr. Morgan bateu na minha mão e me disse que tudo ficaria bem. Concordei. Tudo seria perfeito. E então fiquei calada quando a enfermeira entrou e o temido tensor azul voltou ao meu joelho. Peguei as muletas com graciosidade. E continuei respirando. Inspira. Expira. Inspira. Expira.

De alguma forma acabei do lado de fora, no Jeep de Jase, olhando pelo para-brisa.

— Tess...

Olhei para ele e Jase balançou a cabeça quando nossos olhos se cruzaram. Ele estava pálido.

— Sinto muito.

Respirando fundo, tremi ao compreender tudo. A desestabilização era ruim, péssima. Era pior do que passar por uma cirurgia porque significava uma coisa. Meu joelho sempre seria fraco. Eu sempre teria problemas com ele, mesmo depois que a lesão estivesse completamente curada. A chance de ter artrite no joelho antes das outras pessoas quase dobrara.

Ser bailarina profissional estava fora de questão. Chega. Acabou. Não haveria volta ao estúdio, lições, recitais e competições. Seria uma estupidez tentar. E meus professores não deixariam. Assim como a Joffrey School.

A faculdade não era mais temporária. Lecionar não era mais o plano B. Era o único plano.

Ah, meu Deus.

Balancei a cabeça e abri a boca, mas não havia palavras.

Jase praguejou e eu... transbordei. Como se um vulcão dentro de mim tivesse entrado em erupção.

As lágrimas vieram, escorrendo por meu rosto e, depois de começar, não havia como parar. Minha visão ficou desfocada — Jase desapareceu no torpor.

Um som profundo veio dele e Jase me abraçou. Num segundo eu estava sentada sozinha, meu mundo desmoronando, e no outro ele me segurava de encontro ao seu corpo — me protegia.

CAPÍTULO

Chorei tanto e por tanto tempo que era pior do que ter uma ressaca, e toda a parte da frente da camisa de Jase ficou encharcada.

Não foi uma visão bonita.

Não conseguia entender por que ele não me soltou nem se afastou de mim. Ele se manteve firme. Com uma das mãos em minha nuca, Jase me segurou de encontro ao peito o melhor que pôde tendo o câmbio entre nós, passando a outra mão para cima e para baixo nas minhas costas. O tempo todo ele sussurrava palavras melódicas sem sentido, até que finalmente me fez rir.

— Sempre soube que seria um excelente lenço humano um dia. — Ele se curvou para apoiar o queixo no alto da minha cabeça. — Obrigada por fazer com que eu realizasse este sonho.

Ele era um lenço adorável.

Quando finalmente me recompus, saímos de Morgantown. Precisava ligar para minha mãe, mas ainda não era possível. Ela me dava total apoio no que eu fazia da minha vida, e adorava me ver dançar e competir. De certo modo, era o sonho dela também.

Quando nos aproximamos de Martinsburg, olhei para Jase.

— Já temos mesmo que voltar?

— Não. Podemos fazer o que você quiser.

Voltar ao dormitório significava voltar e enfrentar o futuro. Como todas as aulas que eu precisava levar mais a sério.

— Digo, você provavelmente tem que...

— Estou onde quero estar — disse Jase, lançando-me um olhar que me calou. — Você ainda não quer voltar. Certo. Tenho o lugar perfeito para irmos.

— Tem? — Minha voz parecia empastada e, apesar de estar curiosa para saber o nível da minha feiura, não ousei me olhar no espelho.

— Sim. — Ele deu uma piscadinha.

Os cantos da minha boca se curvaram para cima quando ele puxou uma mecha do meu cabelo. O silêncio se abateu sobre nós ao pegar a estrada que levava à fazenda dos pais, mas ele se desviou no meio do caminho, virando entre dois carvalhos grossos.

— Isso é uma estrada? — Segurei-me, os olhos arregalados.

— Sim. Não. — Ele riu.

O chão estava batido e uns poucos trechos de mato cresciam no solo.

— Se isso é uma estrada, então é a do tipo que os jovens pegam em *Pânico na Floresta*.

Jogando a cabeça para trás, Jase gargalhou.

— Confie em mim. O lugar para onde estamos indo é muito melhor do que para onde eles iam.

— Isso não quer dizer muita coisa. — Com a mão grudada ao apoio de mão, engoli em seco enquanto o Jeep sacudia. Jase segurava o volante com força e o sorrisinho em seu rosto ao se desviar de árvores e pedras era contagioso. O movimento não fazia minha perna doer, não com o tensor, e, antes que eu percebesse, estava rindo ao saltitar no banco. Naqueles momentos preciosos, me esqueci de tudo.

— Segure-se — alertou Jase.

O Jeep desceu uma valeta e eu gritei ao ser jogada para o alto. As árvores abriram caminho, revelando um campo gramado recoberto por florzinhas brancas. Vários metros à frente, o campo dava lugar a um corpo d'água. Havia um deque de madeira que parecia bem solitário.

— Bem-vinda ao lago Winstead — disse ele, desligando o carro.

— Este é o nome?

Jase riu.

— Não. É só um laguinho. Mas fundo o bastante para se nadar no verão, e tem muito peixe aqui. É onde Jack pescou seu primeiro peixe. Ele conseguiu isso da primeira vez que o trouxe aqui.

Sorri, imaginando os dois sentados na beirada do deque, varas de pescar na mão e um deles bem, bem menor.

— Quantos anos ele tinha?

— Três — respondeu ele, um sorriso de orgulho se formando nos lábios. — Ele tem a pescaria no sangue.

— E as cavalgadas? — Tirei o cinto de segurança.

— Sim. E ele é ótimo desenhando homens-palito também. — Ele abriu um sorrisinho quando ri e fiquei feliz por ele falar de Jack ainda com tanta facilidade sabendo que eu conhecia a verdade. — Fique aí, sim?

Minhas mãos congelaram perto da maçaneta.

— Certo?

Jase saiu do carro e deu a volta pela parte de trás do Jeep. O porta-malas se abriu e se fechou. Uns poucos segundos depois, ele reapareceu a alguns centímetros. Recostando-me no banco, estendi o braço e senti o tensor em meio à calça jeans enquanto ele abria uma manta azul-escura por sobre a grama.

A emoção se prendeu à minha garganta e eu tive dificuldades para me livrar dela. Meu Deus, às vezes, quando estava com Jase, era como se todas as minhas fantasias femininas se tornassem reais, mas nem mesmo minha imaginação era capaz de criar uma cena como aquela.

Aquilo era mesmo real?

Meus dedos tocam os contornos do tensor. Era real. As coisas boas e as ruins.

Quando ele voltou ao Jeep, abriu a porta e parou, parecendo preocupado.

— Você está bem? Seu joelho não machucou mais no caminho, né?

— Estou bem. — Sorri e pisquei. Precisava de remédios ou algo assim. — Posso me mover agora?

— Não.

— Não?

Um risinho malicioso apareceu e ele cuidadosamente me manobrou para que minhas pernas fossem tiradas do Jeep. Nossos olhos se encontraram quando ele passou um dos braços por sob meus joelhos e o outro por minhas costas.

— Segure-se.

— Você não precisa me carregar. — Meu coração saltitou. Um salto perfeito.

— Eu sei — respondeu ele. — Agora se segure.

Envolvi-o pelo pescoço. Meus dedos se agarraram à camisa ao longo dos ombros dele.

— Posso usar minhas muletas.

— E estou usando meus músculos fortes e espetaculares.

— Eles são espetaculares mesmo — admiti.

Ele riu.

— Claro que são. Pronta?

Fiz que sim e ele me ergueu cuidadosamente. Senti-me um tanto quanto estúpida enquanto ele me carregava para a manta, mas o chão era irregular e as muletas não serviriam para muita coisa. Quando ele me sentou, relutantemente o soltei.

— Usar muletas no *campus* vai ser uma droga.

— Vai mesmo. — Ele se sentou ao meu lado, de frente para o lago. — Mas, pelo que o médico disse, parece que você não vai precisar delas por muito tempo.

Estiquei as pernas na manta e ajustei o tensor através da calça jeans. Demorei muito para me acostumar a ele da primeira vez. Só de pensar em usar isso por semanas, se não por meses, meu humor piorou como se eu estivesse prestes a me jogar do Empire State Building.

Ajeitando fios de cabelo soltos atrás da orelha, soltei a respiração que não tinha percebido que estava prendendo. Com exceção dos pássaros nas árvores ao nosso redor, não havia barulho. O lugar era tranquilo. Um lugar que me perguntava se Jase visitava quando precisava pensar ou se afastar.

— Esse lugar é muito movimentado?

— Estamos a pelo menos três quilômetros da fazenda onde estão meus pais, mas isso ainda é nossa propriedade — explicou ele. — Ninguém vem aqui exceto nós, e eles não chegarão nem perto daqui, então podemos ficar o quanto quisermos.

— Obrigada por me trazer aqui. — Pousei as mãos no colo.

— Sem problemas. — Ele me cutucou. — Tem certeza de que não quer tomar aqueles analgésicos que o médico lhe prescreveu?

A receitava queimava em meu bolso.

— Não. Digo, seria legal tomá-los e não me importar, porque é assim que me sinto com eles, mas realmente preciso resolver isso. Entende?

— Entendo, mas você não deveria sentir dor.

— Não estou com muita dor. — E era verdade. Doía, mas era suportável. Ao meu lado, Jase se deitou, cruzando os braços atrás da cabeça. Por alguns instantes, me perdi um pouco encarando o contorno reto do nariz dele e como os cílios eram compridos. — Posso lhe perguntar uma coisa?

— Uma coisa.

Sorri, lembrando-me da minha resposta bêbada na noite de sábado.

— Por que você não mora na fazenda? Você adora estar perto do Jack. Estou surpresa por você não viver lá. Digo, posso lhe perguntar isso?

— Sim — disse ele imediatamente, franzindo um pouco a testa. — Eu quero. Sabe, seria capaz de passar mais tempo com ele, mas acho que não é uma boa ideia. Isso só... dificulta as coisas, principalmente com a mamãe e o papai sendo os pais dele. Quero me intrometer e isso só o deixará confuso.

— Compreensível. — Umedeci os lábios. — Desculpe.

— Pelo quê?

Dei de ombros.

— É só que... o que você passa com o Jack é difícil. Você está tentando fazer a coisa certa, mas qual a coisa certa? Ninguém sabe. Parece ser difícil.

— É mesmo. Por isso não tenho certeza se contar a verdade a ele um dia vai ser a coisa certa — admitiu ele, e senti um alívio por conversar comigo sobre isso, porque este assunto era mais importante do que minha perna. — Por outro lado, ele não deveria saber? E se descobrir por acidente quando ficar mais velho? Esse tipo de coisa me impede de dormir à noite.

— Acho que você resolverá isso. — Estendendo o braço, apertei a mão dele.

Ele não disse nada, mas havia algo no olhar dele que me obrigou a falar contra minha vontade.

— Não sei o que vou fazer — sussurrei, voltando meu olhar para as águas imóveis. Era como eu me sentia. Imóvel demais. Como se minha vida estivesse parada. — Achava que... Sempre pensei que seria capaz de voltar. Que dançaria novamente. Era o que sempre pensei em fazer e agora... — fiquei em silêncio, balançando a cabeça.

— Tudo mudou — acrescentou ele rapidamente.

Fiz que sim, bufando.

— Já disse e vou repetir. Às vezes algumas coisas realmente boas vêm de algo inesperado. — Ele arregalou os olhos e a intensidade do olhar era exasperante, como se as palavras dele significassem mais do que ele estava dizendo. — Sei que não é fácil aceitar isso agora e que isso não a ajuda, mas estou dizendo a verdade.

Concordei mais uma vez.

— Está falando do Jack?

— Estou.

Olhei para trás novamente. O olhar dele estava fixado no céu azul e sem nuvens. Havia um sorriso no canto de seus lábios.

— Sabe, você será uma ótima professora, Tess.

— Você disse que eu seria infeliz como professora. — Uma risada abafada me escapou.

— Não. Disse que você seria feliz, mas que não é o que você quer.

— Qual a diferença?

Ele me lançou um olhar de soslaio.

— É muito diferente. Lecionar pode se tornar algo que você queira e ame fazer. Você só precisa de tempo.

O tempo era uma coisa engraçada e inconstante. Às vezes não há tempo o suficiente e outras vezes ele se prolonga indefinidamente.

— Realmente acredito nisso — disse ele, baixinho.

Senti um aperto no peito. Talvez ele tivesse razão. Talvez amanhã ou na semana seguinte ou no próximo mês, tudo isso não parecerá tanto uma sentença de morte. Mas agora sinto que estou caindo, os braços descontrolados, e não há onde me agarrar para impedir minha queda.

— Não quero falar disso — disse, a voz embargada, fechando os olhos com força.

— O que você quer?

— Eu... não quero pensar nisso. Talvez eu seja fraca.

— Não é — disse ele, e o senti se virar de lado.

— E não quero sentir isso agora, esse vazio e incerteza e confusão. — Respirei fundo, tremendo. — Só não quero sentir *isso*.

Talvez eu devesse ter comprado os remédios.

Houve um momento, talvez não mais do que um piscar de olhos, e ele me segurou pelo cotovelo. Meus olhos se abriram quando Jase me puxou. O ar se acumulou em minha garganta quando seu corpo pairou sobre o meu depois que ele se levantou.

— Tenho uma ideia — disse ele, com um sorrisinho. A provocação não alcançava seus olhos. Algo mais queimava ali. Uma intensidade que me dava frio na barriga. — E acho que essa ideia certamente a fará sentir outra coisa.

— Tem? — Meu coração acelerou.

— Ahã. — Ele pôs a ponta dos dedos no meu rosto e lentamente acariciou meus lábios entreabertos e depois meu pescoço. — Tenho diploma em arte.

— O quê? — Fiz cara de espanto.

— Não sabia? — As mãos dele desceram mais pelo colarinho da minha camiseta e parou, a palma da mão pousando no volume dos meus seios. — Tenho diploma na arte da distração.

— Isso é tão ridículo. — Eu ri.

— Mas está dando certo, não é? — Ele riu, abaixando a cabeça. Seus lábios acariciaram meu rosto onde seus dedos estavam. — Sabe do que mais?

— O quê? — Tremi quando a mão dele se moveu novamente, passando entre meus seios e parando pouco abaixo do meu umbigo.

— Tenho diploma em mais uma coisa. — Seus lábios resvalaram no canto dos meus e minha pele se arrepiou toda. — Você vai dizer que é ridículo, mas sei a verdade. Você está secretamente maravilhada com minhas habilidades.

— Só Deus sabe. — Tentei morder meu lábio, mas Jase foi mais rápido. Seus dentes abocanharam meus lábios num mordiscar carinhoso. Perdi o fôlego diante da sensação inesperada e ele entendeu isso como um convite. Cobrindo meus lábios com os seus, ele pôs a língua em minha boca, girando-a e fazendo cócegas no meu céu da boca.

Um calor se apoderou do meu corpo, fixando-se na minha barriga. Senti um pulsar nos meus membros enquanto ele explorava minha boca com a dele, beijando-me como se o tempo fosse mesmo um luxo à nossa disposição. Quando Jase ergueu a cabeça, meus lábios pareciam agradavelmente inchados.

Coloquei uma das mãos contra o peito dele, feliz por sentir o seu coração batendo tanto quanto o meu, e era ele quem estava me beijando.

— Você tem diploma em beijos?

— Isso... — O toque de seus lábios sobre os meus se intensificou e sua mão desceu. Ele habilmente abriu minha calça jeans. — E em tirar a roupa das meninas.

Ri e ele interrompeu minha risada, transformando-a num gemido que não consegui conter. Ele reagiu com um som profundo que vibrou contra meu peito. Minha boca ficou seca quando o desejo tomou conta de mim. No fundo, a incerteza se mantinha — não a mesma de antes, e sim uma preocupação com nós dois — por nós dois. Não havia rótulos entre nós nem definições do que éramos um para o outro, e eu desesperadamente queria um rótulo. Queria a segurança do amanhã com ele, a promessa de outro beijo. E queria mais do que isso.

Então sua mão deslizou por sob minha calcinha e senti os dedos dele se aproximando do âmago que acabava com todos os meus pensamentos e preocupações. Ele realmente tinha um diploma em distração, porque todo o meu ser se ateu ao que sua mão estava fazendo.

Seus lábios queimavam meu pescoço, acariciando com o nariz a pele enquanto um dedo comprido tocava a umidade entre minhas pernas. Sacudi-me ao toque íntimo. Ele não me havia me tocado com as mãos da última vez, então a sensação da pele dele contra a minha era nova e diferente e entorpecedora.

Jase deu vários beijinhos quentes no ponto sensível sob minha orelha ao mesmo tempo em que me acariciava com o dedo. Meu corpo todo vibrou.

Sua mão parou quando ele ergueu a cabeça. Nossos olhares se encontraram. Os olhos dele tinham um impressionante brilho prateado.

— Não consigo me esquecer do seu gosto — disse ele, e meu rosto todo corou. — E estou morrendo de vontade de sentir você.

Deus sabe que não sou tímida nestas situações, mas as palavras ousadas dele me escandalizaram... de

uma forma muito boa. O fato de estarmos ali deitados ao ar livre também tinha algo a ver com isso.

Ele me beijou novamente, colocando quase todo o seu peso no braço ao lado da minha cabeça. A pressão do seu dedo lá embaixo aumentou e o nó no meu estômago cresceu. Meu corpo se sacudiu como um reflexo e Jase gemeu profundamente de novo.

— Você está tão molhada. — A voz de Jase era rouca, e senti um calor ao ouvir isso. — Adoro. Você provavelmente estava assim antes mesmo de eu pôr minha mão lá.

Engoli em seco e ele riu.

— Você está constrangida? — perguntou Jase.

— Não. — As palavras dele me faziam sentir algo completamente diferente.

— Que bom.

Jase abaixou a cabeça, conquistando minha boca num beijo que me abalou por dentro e por fora ao mesmo tempo que ele enfiou um dedo em mim. O som que saiu de mim foi abafado por seus lábios. Segurei-o pelos ombros e levantei o quadril, querendo mais. E consegui mais.

Ele apertou a mão espalmada contra meu clitóris e um relâmpago iluminou minhas veias. Meus dedos dos pés se encolheram e minhas pernas tremeram. Senti uma pontada de dor no meu joelho, mas as outras sensações no meu sistema eram mais intensas do que tudo. O desejo me nublou. Jase era perigoso do jeito certo.

— Minha nossa — gemeu ele, mordiscando meu lábio enquanto seu dedo entrava e saía. Ele pôs outro dedo, alargando-me e interrompendo o beijo, pousando a testa na minha.

Ele estremeceu quando meus quadris acompanharam o movimento da mão dele. Seu autocontrole me fazia perder a cabeça. A tensão aumentou, chicoteando meu corpo. Buscando o beijo dele, gozei quando a língua de Jase se entrelaçou à minha, e os tremores pareceram durar para sempre.

Jase tirou a mão, mas ficou ali sobre mim por um tempo, o rosto de encontro ao meu enquanto eu respirava fundo. Levei uns segundos para perceber que ele respirava da mesma forma. Quando se deitou ao meu lado, senti falta do peso dele, do calor e da proximidade.

Ele juntou seu corpo ao meu. A dormência agradável se fixou em meus ossos, e eu o sentia duro. Queria vê-lo. Estava escuro no sábado à noite, mas o que senti era bem impressionante. Também queria lhe dar o que ele me deu. Tentei tocá-lo, mas ele segurou minha mão e a levou à sua boca. Ele beijou cada um dos nós dos meus dedos.

— Eu lhe disse. Isso era para você.

Não sabia o que dizer e fechei os olhos. Um obrigado viria a calhar, mas me pareceu inapropriado. Não que eu deixaria de ficar excitada por fazer coisas inapropriadas, claro. Droga, minha calça ainda estava aberta e sabia que, se olhasse para baixo, minha calcinha de bolinhas poderia ser vista, e não me importava o bastante para fechar a calça.

Ele me beijou na têmpora e meu coração saltitou outra vez. E então deu várias cambalhotas que formavam as letras A, M, O, R. A energia que irrompeu depois disso foi tão intensa que era quase tão assustadora quanto desgastante.

Meu Deus, eu não estava me apaixonando por Jase.

Eu estava *apaixonada* por ele.

Talvez estivesse apaixonada desde a noite em que ele apareceu na casa dos meus pais, há quase três anos, e isso não diminuiu depois que descobri que ele tinha um filho e que um dia isso poderia se tornar uma situação complicada, principalmente se a mãe do menino reaparecesse, mas estávamos aqui, juntos... mas não.

— Ei — murmurou Jase, colocando dois dedos sob meu queixo. Ele virou minha cabeça para a dele.

— Para onde você foi?

Para a terra dos loucos. Era lá que eu estava. De repente, tive de ir para lá — com ele, porque meu coração já estava lá, todo confortável e feliz, e eu precisava tomar cuidado. Precisava...

Precisava daquele *rótulo*.

Ou precisava da verdade do que éramos um para o outro, e precisava disso agora.

CAPÍTULO

— O que estamos fazendo? — perguntei, e achei que teria medo de fazer essa pergunta. Porque, se eu não perguntasse, este relacionamento — o que quer que fosse — poderia seguir em frente, mas não seria o bastante.

— Relaxando.

Jogando a cabeça para trás, contive um suspiro quando os lábios dele tocaram os meus, ameaçando me levar de volta ao torpor sensual. Eu precisava de foco.

— Você sabe o que estou dizendo. O que estamos fazendo?

Ele passou os dedos por meu pescoço, fazendo-me tremer como se um vento tivesse tocado meus ossos.

— Tem certeza de que quer conversar sobre isso bem agora?

Um incômodo explodiu em minha barriga, afastando a sensação agradável.

— Acho que precisamos, principalmente depois *disso*. E do fim de semana. E, droga, o feno...

— Ei, não quis dizer isso. — Ele se ergueu de novo, apoiando-se nos cotovelos. — É só que muita coisa aconteceu nos últimos dias. Com seu joelho e...

— O que aconteceu com meu joelho não tem nada a ver com isso. — Sentindo que precisava ficar sentada para conversar, ergui-me e arranjei coragem. Aquela conversa poderia terminar mal e isso ia doer, mas eu precisava saber. — Jase, senti algo por você desde que você apareceu na casa dos meus pais, desde aquela primeira noite. E sei que isso parece uma estupidez infantil, mas, você... você era como um herói para mim.

Ele piscou e abriu a boca.

— Espere. — Pus um dedo sobre os lábios dele, silenciando-o. — Como disse, sei que parece estúpido, mas é como me senti. Na noite em que você me beijou, bom, aquilo só aumentou meu sentimento. E depois de ficar sem notícias suas até eu aparecer aqui, fiquei com outras pessoas.

Ele franziu a testa, tirando minha mão de seus lábios.

— Não sei se gosto do som disso.

— Mas nenhum deles se comparava a você. E eu comparava *todos* a você. Não conseguia evitar. Eles... eles não eram você. — Fiquei vermelha. — Eles nunca seriam você.

— Isso soa melhor.

Estreitei os olhos para ele.

— De qualquer forma, o que quero não tem nada a ver com meu joelho ou com a dança. Sempre quis você, independentemente do tempo em que ficamos sem nos ver ou do fato de você ter um filho. Isso não mudou meu sentimento.

Jase ficou me olhando e balançou a cabeça. Meu coração parou de bater e depois acelerou. Ele se sentou e disse:

— Quando a vi pela primeira vez, pensei que você era absolutamente linda.

Não esperava isso como resposta, mas claro que não fiquei infeliz, e inspirei trêmula.

— Caramba, me senti péssimo. Você era a irmãzinha do meu melhor amigo. Você só tinha dezesseis anos e tinha acabado de sair de uma situação péssima. — Ele ficou corado.

— Não sou exatamente menina para namorar, hein? — provoquei.

Ele riu.

— E eu... bem, sempre soube que você merecia alguém melhor. — Quando abri a boca, ele continuou. — É a verdade, Tess. E nunca encontrei um cara que merecesse você. — Ele passou uma das mãos por seus cabelos despenteados e levantou a cabeça, seu olhar encontrando o meu. — Sabe, tentei ficar longe de você. Tentei ignorar o que sentia por você, que não é como eu *deveria* me sentir. Mas é uma batalha perdida. E não quero mais lutar. Não quero ignorar isso. E vou ser honesto, amorzinho, as coisas não serão fáceis comigo. Vamos ter de cruzar muitas pontes. E na verdade não sei o que “isso” é. — Ele pôs as mãos nas minhas pernas e se aproximou tanto que seu hálito quente pairou sobre meus lábios. — Desisti há muito tempo de entender por que fazemos o que fazemos. Ou por que queremos o que queremos. A verdade é que nos conhecemos há anos, mas não nos conhecemos direito. Não assim. Mas preciso conhecer você.

Essa declaração não era a mais romântica que eu tinha imaginado, mas havia uma honestidade por trás daquelas palavras. E Jase tinha razão. Talvez nos desejássemos e nos quiséssemos há três anos e tivemos alguns momentos de intimidade desde que nos encontramos, mas havia ainda tanto que eu não sabia a respeito dele. Quem sabe se um namoro poderia dar certo com a gente, mas gostava do que conhecia dele e queria tentar.

Um tipo diferente de sorriso apareceu nos lábios dele, um sorriso que nunca tinha visto antes. Era incerto, quase infantil.

— Quero que você fique comigo.

A princípio achei que tinha ouvido errado. Talvez o orgasmo tivesse queimado alguns dos meus neurônios. Por três anos, desejei este momento, ouvir que ele enfrentava as mesmas coisas que eu, que ele me queria tanto assim e que queria ficar comigo, e agora que ele disse isso eu estava dividida.

Dividida entre querer saltar e fazer uma dancinha, derrubando-o e deitando-o. Não podia fazer nada disso. Meu joelho não ficaria feliz com isso e eu provavelmente arruinaria esse momento quase perfeito.

Estranho que algo tão importante e bom assim estava acontecendo depois de algo tão ruim.

— Então é o que quero — disse ele, passando os dedos por meu rosto. — Com você. Quero desde a primeira vez que você desceu as escadas da sua casa e me abraçou, apesar de eu saber que era errado. Por vários motivos, mas quero mesmo isso.

— Você quer ficar comigo? — Ergui o olhar, encontrando o dele. Fiquei com medo e quase não consegui falar por um instante.

Um dos lados dos seus lábios se curvou para cima e ele tombou a cabeça, alinhando sua boca à minha. Seu beijo era infinitamente carinhoso e doce. Ele se demorou e o beijou durou uma eternidade.

— Acho que isso é óbvio, mas sim.

— Como sua namorada? — Meu Deus, eu estava prestes a explodir.

— Sim.

Tentando manter um pouco de dignidade e não começar a gritar, consegui manter minha voz calma.

— Então você não vai me pedir em namoro?

— Duvido que você dirá não. — Ele pôs a mão na minha cintura e sorriu.

Abri a boca e lhe dei um soquinho no peito.

— Nossa. Arrogante, hein?

— Não. — Ele me beijou no canto da boca. — Só extremamente confiante quando se trata do que você sente por mim.

— Uau. Qual a diferença?

— Estou enganado?

Incapaz de me deter, sorri como se alguém tivesse colocado um prato de biscoitos fresquinhos à minha frente.

— Não.

— Aí está.

Eu ri.

— Mas o que você sente por mim?

— Você deveria ser tão confiante quanto eu.

Abri a boca, mas a fechei. Queria ser confiante assim, mas não era. Pensando em tudo o que acontecera, minha mente ainda vacilava.

O tom de seus olhos era de um prateado brilhante.

— Feche os olhos.

Contendo a necessidade de perguntar por quê, obedeci. Vários segundos se passaram e então ele me deitou de costas. Jase pôs as mãos ao lado da minha cabeça.

— Mantenha-os fechados — mandou ele.

Não sabia como aquilo me tornaria mais confiante e precisei me esforçar ao máximo para não abrir os olhos ao sentir o calor do corpo dele pairando sobre o meu. Prendi a respiração.

Jase me beijou na ponta do nariz.

Abri os olhos e ri quando ele recuou. A pele ao redor de seus olhos se enrugou quando ele sorriu para mim.

— Agora aqui está a parte mais assustadora — disse ele, respirando fundo. — Precisamos contar para o seu irmão.

E isso seria aterrorizante. Para Jase. Eu sorri.

— E se eu só mudar o status do meu Facebook para “em um relacionamento sério” e marcar você?

Ele riu e deu outro beijo na minha testa.

— Isso deve dar certo.

Havia tristeza no olhar de Avery quando ela me entregou o chá. Depois de um gole, soube que Cam já sabia. O açúcar exagerado era o sinal. Bebi outro gole olhando para Jase. Ele se sentou ao meu lado no sofá de Avery, com respeitáveis cinco ou dez centímetros entre nós.

Quando saímos da fazenda, enviei uma mensagem de texto para Cam e lhe perguntei onde ele estava. Surpresa. Surpresa. Ele estava na casa de Avery. Estava com um frio na barriga ao subir para o apartamento dela, mas me esqueci do motivo da nossa visita assim que Cam me viu com as muletas.

Cam ficou no canto da sala, ao lado da poltrona. Ele estava de braços cruzados, a expressão nublada.

— Por que você não ligou e me avisou que tinha se machucado?

Abri a boca, mas ele não tinha terminado.

— Eu teria ido pegá-la, Teresa. Você não precisava ligar para o Jase.

Calei a boca.

— E eu a teria levado até o dr. Morgan — continuou ele, e contive um suspiro. — Sabe disso, não é? Você ligou para a mamãe e o papai?

— Ela ligou para eles — respondeu Jase, jogando o braço sobre o encosto do sofá. Mamãe chorou. Foi uma ligação difícil e horrível. — Eu mandei uma mensagem de texto para Teresa ontem porque ela não estava na aula. Ela não me chamou.

— Então você mentiu e me disse que estava doente? — perguntou Cam.

— Acho que você sabe a resposta — disse.

A expressão dele teria feito pessoas saírem correndo e ele se virou para Jase.

— E você não me chamou? Caramba, isso é errado.

— Não é errado — intrometi-me, segurando a xícara de chá com força. — Ele não precisa lhe contar. E eu estou lhe dizendo. Não queria que você se preocupasse sem necessidade. Você tem muitos problemas no momento. Queria saber o que havia de errado com meu joelho antes de lhe dizer algo.

— Ainda assim — disse Cam, encarando Jase. — Você deveria ter me contado.

Jase encarou meu irmão intensamente.

— Eu *poderia* ter lhe contado, mas ela queria ir ao médico primeiro antes de incomodar alguém. Respeitei essa decisão.

— Entendo isso — disse Avery diplomaticamente, jogando-se na poltrona. — Jase estava sendo um bom amigo.

— Eu estava sendo um ótimo amigo — respondeu Jase, e quase engasguei ao sentir os dedos dele nos meus cabelos. De onde estavam, Avery e Cam não podiam ver o que ele estava fazendo.

Cam só pareceu mais tranquilo quando Avery o abraçou pelos joelhos.

— Mas como foi que isso aconteceu?

Pus o chá na mesinha de centro.

— Foi um acidente. Estava me levantando. Fui atingida no quadril por uma mochila e tentei sair da frente e me apoiei no joelho errado.

Dito assim parecia algo inocente. Até eu acreditava no que estava dizendo.

— Que merda, Teresa... — Cam passou a mão pelo boné, abaixando a aba.

Quando me recostei, os dedos de Jase desceram por meus cabelos e se abriram. Arregalei os olhos quando ele começou a passar a mão para cima e para baixo.

— O médico realmente acha que você não vai mais poder dançar? — perguntou Avery. Ela pousou a cabeça na perna de Cam, os olhos cheios de solidariedade.

Inspirando um ar que ficou preso na minha garganta, meneei a cabeça afirmativamente e então lhes contei o que o dr. Morgan tinha explicado. Ao terminar a história triste, Avery estava prestes a chorar e Cam se ajoelhou ao lado dela, a cabeça baixa e o olhar fixo no carpete.

— Então... é isso — disse, fazendo uma cara de dor ao perceber a voz contida. — Não posso mais dançar.

Dizer isso foi como cortar a manteiga com faca quente.

— Sinto muito mesmo — disse Avery.

Ajeitei-me, desejando que a mesinha de centro fosse alta o bastante para que eu enfiasse minha perna embaixo dela.

— Obrigada.

Vinte tipos de silêncio constrangedor desceram sobre a sala. Aquela talvez fosse a pior parte de tudo. Ninguém sabia o que dizer porque não havia o que dizer.

Jase tirou a mão das minhas costas e se inclinou para a frente.

— Alguém está com fome? Estou faminto e faria qualquer coisa por um lanche com fritas.

— E queremos saber o que você faria? — Avery riu.

Ele abriu a boca.

— Não — respondeu Cam imediatamente, levantando-se. — Você não quer saber o que Jase já fez em troca de batatas fritas.

— Só posso dizer que as prostitutas desesperadas não podem me culpar — disse Jase, piscando quando Avery ficou toda vermelha como a almofada sobre a qual eu me apoiava.

— Uau. Isso é... nojento. — Eu ri.

A risadinha dele se tornou travessa.

Os músculos das minhas costas se relaxaram quando Cam olhou para Avery.

— E quanto a você? — perguntou ele, e sussurrei uma oraçõzinha de agradecimento pela conversa ter mudado de assunto. — Quer algo para comer?

Ela fez que sim e ajeitou os cabelos cor de cobre sobre os ombros.

— Adoraria comer batatas fritas. E atum.

— Hummm — disse, o estômago roncando.

— Então vamos. — Cam segurou Avery pela mão e a levantou. — Ganhamos uma ida ao Outback.

Jase se levantou e pegou minhas muletas antes de eu poder agir. Nossos olhos se encontraram quando ele me entregou as muletas e me senti corar. Desviei o olhar rapidamente, percebendo que Avery nos observava com atenção. Abri um sorriso casual. Ela riu para mim ao irmos para a saída.

Segurei o braço de Jase, detendo-o enquanto Cam e Avery desciam as escadas, planejando trazer o carro dela até a frente do prédio. Mantive a voz baixa.

— Talvez devêssemos esperar até ele estar de bom humor.

Jase fez que sim distraidamente.

— Foi um acidente?

— ãhn?

Um músculo latejou em sua mandíbula.

— Erik e a mochila?

Não entendi direito como ele voltara àquilo. Erik era a última pessoa em que queria pensar. Não depois de dar a notícia da perna a Cam e do fato de nós quatro estarmos saindo para nosso primeiro encontro de casais... um encontro no qual o outro casal nem sabia que estava. Uma risadinha boba apareceu quando minha mente voltou rapidamente para o lago e nossa conversa.

Estávamos juntos.

— Tess? — chamou ele, baixinho.

— Provavelmente. — Dei de ombros, segurando as muletas.

— Vocês vêm? — A voz de Cam surgiu pela escada. — Ou Jase está fazendo algo pornográfico em troca das batatas fritas?

Joguei a cabeça para o lado.

— O que exatamente você faria por queijo e bacon extras?

— Eu me ajoelharia e me colocaria entre suas belas coxas e a comeria de um jeito que você só sonhou — sussurrou ele, me deixando boquiaberta. Nossa, senti um calor por todo o corpo enquanto ele gritava:

— Pois é. Estamos tendo problemas com as muletas!

Fiz uma cara feia. Ele me ignorou e perguntou numa voz bem mais baixa.

— O que você quer dizer com “provavelmente”?

— Ele estava com raiva de Debbie e a estava castigando. Eu fiquei no meio. — Dei de ombros novamente. — E ele me atingiu com a mochila. Fim da história. — Parei, preocupada. — Não conte ao Cam. Ele vai ficar louco. Você sabe. Ele não precisa saber disso. Certo? Me prometa.

Os olhos de Jase adquiriram um tom tempestuoso quando ele respirou fundo.

— Não direi nada a Cam.

CAPÍTULO

O jantar com Cam e Avery fez com que eu me sentisse uma *voyeuse* vendo um casal a minutos de transarem como dois coelhos obrigados ao celibato. Durante o jantar, contei cinco beijos no rosto. Quatro beijos na boca. Ao menos dez vezes em que a mão de Cam desapareceu sob a mesa e umas cinco vezes em que o braço de Avery se moveu para sua direita.

Quando o jantar terminou, eles estavam ocupados demais com as mãos para perguntar por que entrei no carro de Jase em vez de pegar carona com eles. Passar tanto tempo com Jase não passaria despercebido por muito tempo, mas aquela não era uma conversa que teríamos no estacionamento do Outback.

Apesar de Cam e Avery não terem problema algum para fundirem suas bocas no tal estacionamento.

O caminho de volta para meu apartamento foi feito em silêncio. O rádio foi ligado numa estação com música dos anos 1990, num volume baixo. Ainda era cedo, mas eu tinha de ficar escondendo meus bocejos com a mão. Tanta coisa acontecera hoje. Tanto mudara nos últimos três dias. Eu estava muito preocupada. Olhei para Jase, seu perfil sombrio. Uma vertigem tomou conta de mim quando percebi que Jase e eu... bom, estávamos juntos. Ele era meu namorado. Havia um rótulo e eu estava a poucos segundos de ter um ataque de riso como se tivesse treze anos.

A tristeza perseguiu minha felicidade e eu voltei o olhar para a janela do passageiro. Fechei meus olhos contra o peso repentino. Não podia mais dançar. A perda de algo tão importante era como uma sombra sobre tudo o mais. Foi assim durante o jantar. Eu estava feliz. Sorria e então me lembrava do que perdi hoje.

Todos os meus planos. Meus objetivos. Minhas esperanças. Meu futuro. Tudo acabou.

Não queria me ater à parte ruim da minha vida, mas deixar tudo para trás era difícil e os pensamentos pairavam nos cantos mais remotos da minha mente.

Jase entrou no elevador comigo até o quarto, pegou meu cartão-chave e abriu a porta. Ele entrou, acendeu a luz para eu não sair batendo em tudo. Como sempre, a porta do quarto dos nossos colegas estava fechada. No quadro de avisos perto da mesa, havia um recado de Debbie com a data de hoje, dizendo que ela passaria a noite na casa de Erik.

— Quer ficar? — Fiquei vermelha porque aquilo soava como um convite para carinhos íntimos. Não que eu fosse completamente contra isso, mas ali de pé com as muletas eu não era nada sexy. — Digo, você é bem-vindo. — *Bem-vindo?* Nossa, eu parecia uma idiota.

Jase riu, andando de um lado para o outro.

— Não quero estar em nenhum outro lugar.

Meus lábios se abriram num sorriso e me virei antes que ele pudesse ver a felicidade óbvia em mim.

— Já volto.

Deixando as muletas num canto, cuidadosamente peguei minha roupa de dormir e os apetrechos de banho. Vesti uma calça de pijama e uma camisa, deixando o sutiã para lá. A camisa era preta, então não

mostrava muita coisa. Deixei o tensor no joelho e lavei rapidamente o rosto. Depois de soltar o rabo de cavalo, passei a escova por meus cabelos e voltei ao meu quarto.

Jase ficou à vontade na minha cama estreita. Deitado de costas, o controle remoto da TV que ficava sobre nossa penteadeira estava na barriga dele. Ele até mesmo tirou os sapatos. Vê-lo assim me deu um frio na barriga que só aumentou quando ele bateu no lugar vago ao seu lado.

— Você deveria ficar andando por aí sem muletas? — perguntou ele.

Ignorando a dor no meu joelho, lentamente me aproximei dele e me sentei.

— Não é tão longe assim. Além do mais, estes quartos são pequenos demais para se usar muletas.

Ele ligou a TV no canal ID e virou-se de lado, colocando o controle no criado-mudo. Ele segurou meu cotovelo e me puxou, olhando-me em meio a seus cílios escuros e espessos.

— Deita comigo?

Como poderia resistir àquele pedido? Com ele de lado, podia me deitar de costas. Assim que minha cabeça tocou o travesseiro, ele sorriu de uma forma que fez meus dedos do pé se encolherem.

— Como você está?

— Não sei — respondi honestamente.

— Compreensível. — Ele segurou as mechas dos meus cabelos, tirando-as do meu rosto. — Você passou por muita coisa hoje, quer dizer, nos últimos dois dias.

— É. Minha mente está toda confusa. — Meu peito se inflou repentinamente quando ele acariciou meu lábio com o dedo. — Tudo parece diferente agora.

— Parece?

Fiz que sim e fiquei imóvel quando a mão dele desceu pelo vale entre meus seios e parou um pouco abaixo. Senti arrepios e os bicos dos meus seios ficaram duros. Vi que ele notou porque ele abaixou os olhos e sugou o lábio entre os dentes. Ele abriu os olhos e nos encaramos.

Ele pousou a mão nas minhas costelas.

— Você está falando de nós ou...?

— As duas coisas — sussurrei.

Seu olhar se demorou em meu rosto, detendo-se em meus lábios. O calor desceu por minha barriga e pareceu parar entre minhas pernas. Houve um momento em que o único som audível era meu coração batendo e o zumbido da TV.

— Tudo vai dar certo.

— Eu sei. — Sorri e coloquei a mão sobre a dele.

— Sobre nós. A diferença? Bom ou ruim?

— Bom. Muito bom.

Ele abaixou a cabeça e passou os lábios na minha testa. Senti um estremecer pela pele.

— Vamos ter de ser melhores do que “bons”.

— Vamos?

— Ahã — murmurou ele, e me beijou.

Havia algo de diferente no beijo dele. Talvez fosse o fato de ele estar acontecendo na minha cama ou ser nosso primeiro beijo de verdade depois da conversa. Ou talvez fosse outra coisa. De qualquer forma, ele mergulhou em meus lábios, bebendo da minha boca. O beijo levou uma eternidade e ele saboreava e explorava. Nunca soube que era possível beijar com tanta intensidade, mas era.

— O que você acha disso? — perguntou ele, um ligeiro arrepio percorreu pelo meu braço quando seus lábios encostaram nos meus.

Meu corpo parecia se afundar no colchão. Naquele momento, com os lábios ainda formigando por causa do toque dos lábios dele, não pensei — nem podia — em todas as coisas que estavam erradas.

— Isso foi melhor do que bom. Foi ótimo!

Ele me beijou novamente, mas desta vez com uma carícia lenta de lábios. Era um daqueles beijos suaves que me afetavam para além do físico, que provocava um calor no meu peito, que falava de amor e eternidade e outras coisas ternas e bobas que não queria admitir em voz alta.

E ainda me atraía fisicamente. Mesmo com a dor constante em meu joelho, a sensação em outras partes do meu corpo não diminuía. Queria Jase tanto que quase doía. A própria ideia de nada entre nossos corpos, dele dentro de mim, quase me deixava louca de desejo.

Jase levou a boca à minha, respirando sufocadamente e se ajeitando ao meu lado. Esperava que ele me tocasse. Meus seios pareciam inchados e cheios com a mão dele tão próxima, mas ele não fez nada.

Virei a cabeça para ele. Seus olhos eram de um cinza marcante quando ele gemeu.

— Continue me olhando assim e vou tirar suas roupas e entrar tão fundo em você e nunca mais sair.

Tudo no meu corpo ficou tenso e os músculos da minha barriga sofreram espasmos reagindo às palavras dele.

— Não vejo nada de errado nisso.

Ele fez aquele som sensual novamente e fiquei vermelha, em parte por causa da minha ousadia.

— Você me deixa tão duro.

— Deixo? — Toquei-o e, quando meus dedos tocaram o contorno visível em sua calça jeans, ele me segurou carinhosamente pelo pulso. Confusa, encarei-o.

Ele fechou os olhos com força.

— Sim, você me deixa duro. O tempo todo. Estou sempre com uma ereção com você por perto, mas eu... quero fazer isso do jeito certo.

Meus dedos se dobraram quando ele manteve minha mão perto do seu peito.

— Do jeito certo?

Quando reabriu os olhos, seu rosto estava rosado.

— O jeito certo. Você sabe. Conosco não é apenas sexo.

Meus lábios se entreabriram. Fiquei impressionada com o fato de Jase ficar constrangido pelo que

disse.

Ele corou ainda mais.

— Por mais que seja difícil ir devagar com isso, porque, caramba, eu a desejo de todas as formas imagináveis. — Ele abaixou minha mão e apertou sua ereção contra minha mão espalmada, demonstrando o que diria em seguida: — Eu a quero tanto agora que está me matando, mas todas as meninas com as quais fiquei desde... há muito tempo, só tiveram a ver com sexo. Entrar. Sair. Depois cair fora.

— Como a Steph? — disse antes que eu pudesse me segurar.

Ele fez uma cara feia.

— É, tipo a Steph. Foi tudo bem com ela, com elas. Porque, por mais que isso me faça parecer uma babaca, eu não me importava com elas. Não como eu me importo com você, Tess. Quero que isso... quero que com a gente seja diferente. Quero que seja mais do que sexo. Preciso que sejamos mais do que isso. Certo?

Ao olhar para ele, senti um nó na garganta. Lágrimas encheram meus olhos.

As pupilas dele se dilataram quando ele soltou minha mão e me segurou pelo rosto.

— Querida, por que você está prestes a chorar? Eu...?

— Você não fez nada de errado — disse rapidamente, a voz trêmula. — Você fez tudo perfeito.

— Eu não entendo. — Ele ficou confuso.

Ri asperamente.

— Tudo bem. — Aproximando-me, eu o beijei. Quem quer que fosse a mãe de Jack, ela estava perdendo isso. — É perfeito.

— Tem certeza? Foda-se o que eu acho certo ou errado. Porque vou ficar pelado daqui a dois segundos e entrarei em você mais rápido do que isso.

Fiz que sim e ri novamente.

Jase apoiou a testa de encontro à minha e fechou os olhos. Seu hálito quente dançou sobre meus lábios.

— Quero levá-la para sair. Quero levá-la para cavalgar. Quero contar para seu irmão. Quero levá-la para a casa dos meus pais e apresentá-la como minha namorada. Quero provar que isso é muito importante para mim. Quero fazer isso do jeito certo.

Meu peito ficou apertado diante do que eu sentia por ele naquele momento. Se já não estivesse perdidamente apaixonada por ele, me apaixonaria nesta noite, mas já estava perdida por ele. Aquelas três palavrinhas se formaram na ponta da minha língua, mas fiquei calada ao chegar mais perto dele, fechei meus olhos e me encolhi só para aproveitar a proximidade dele e seu desejo quase desesperado de fazer isso do jeito certo.

Apesar de tudo o que se passava pela minha cabeça, dormi feito pedra depois que Jase saiu, acordando estranhamente revigorada. Achava que seria difícil enfrentar a quarta-feira de manhã, acordando para um futuro que não tinha planejado, mas o que eu sentia mesmo era uma estranha sensação de ansiedade.

Ao me preparar para as aulas, recebi uma mensagem de texto de Jase. Ele não estaria na aula de

apreciação musical, mas me pegaria depois. Quando perguntei se estava tudo bem, ele respondeu com uma mensagem rápida, dizendo que tudo estava legal.

O entusiasmo era palpável nos corredores de Whitehall. De alguma forma, eu me esquecera de que não tínhamos aula quinta e sexta-feira. Intervalo de outono — um fim de semana de quatro dias. A aula de história não estava tão cheia, mas andar de muletas ainda era inconveniente.

Solidariedade apareceu na expressão de Calla quando ela me viu de muletas.

— O que aconteceu?

Enquanto me sentava desconfortável na carteira, contei a ela que tinha perdido o equilíbrio no domingo. Não mencionei nada sobre Erik ou Debbie. Não porque me importasse com o que as pessoas pensavam daquele idiota, mas não queria que Debbie tivesse de lidar com isso. Em algum momento entre ontem de manhã e hoje, decidi que Debbie e eu teríamos uma longa conversa da próxima vez que ela estivesse no nosso apartamento. Eu lhe diria a verdade — o que realmente aconteceu comigo. Pode não fazer diferença, mas quem sabe faria.

— E quanto à dança? — perguntou Calla, e fiz cara de dor.

— Meu joelho está instável demais e provavelmente ficará assim. — Senti um frio na barriga ao dizer isso, como se as palavras tornassem a situação mais real. — O joelho não deveria ter me deixado na mão no domingo, então...

Ela se aproximou, falando baixinho:

— Então, você não vai mais dançar?

Incapaz de dizer aquilo, balancei negativamente a cabeça.

— Sinto muito. — Ela ficou triste.

— Obrigada — consegui dizer.

Não falei muito depois disso. Todo aquele humor “revigorado” desapareceu quando perdemos o ônibus para o *campus* oeste e tive de ir andando. Minhas axilas estavam me matando quando chegamos ao centro de artes e ainda doíam quando saí da aula.

Deus sabe por quanto tempo eu teria de me preocupar com essas muletas. Fiz uma careta tentando me equilibrar e abaixar a parte de trás da minha camiseta. Seria muito mais fácil se eu não tivesse aulas nos dois *campi*. Podia abandonar a aula de apreciação musical. Ou, se eu abandonasse história, então eu só teria de sair do meu dormitório para a aula de música no *campus* leste...

Parei de pensar nisso. Abandonar matérias era como desistir. Não faria isso. Por mais difícil que fosse.

— Aí está seu homem — disse Calla, quase me fazendo tropeçar.

Por pouco não perguntei a ela como sabia, mas então percebi que ela só estava me provocando. Queria contar a Calla sobre nós, porém precisava contar a Cam primeiro. Estranhamente, nada parecia real. Como se nada estivesse acontecendo antes de eu poder contar no Facebook.

Revirei os olhos e me virei para ela.

— Vejo você mais tarde.

Ela me deu adeus e eu sofregamente fui até onde ele estava com o carro ligado no estacionamento. Jase saiu do carro e correu até mim. Cabelos castanhos escapavam por sob o gorro que ele usava. Achei que ficava bem assim.

Ele abriu a porta para mim e pegou minhas muletas, colocando-as no porta-malas e, ao se virar para mim, começou a baixar a cabeça como se fosse me dar um beijo. Minhas entranhas ficaram tensas. Ele parou, suspirou e me segurou pelo cotovelo.

— Aí está você — disse ele, e estremei ao som grave da sua voz.

Quando ele entrou no carro, olhei para ele.

— Você cuidou de tudo esta manhã?

— Sim. — Ele olhou pelo espelho retrovisor. Um carro da polícia universitária apareceu na curva. Com uma risadinha alegre, ele saiu antes que pudessem multá-lo. — Mamãe me ligou hoje cedo. Jack ficou doente à noite. Vomitando.

— Ah, não. Ele está bem?

Ele fez que sim com cabeça.

— Ele pegou uma virose. O médico disse que só precisa beber muita água e descansar. Ele não irá para a escola pelo restante da semana. Ele ficou bem triste com isso.

— Mesmo?

— Sim. Ele ama a professora e ir à escola. — Ele parou, esfregando o queixo. Tomara que continue assim.

— Você gostava de ir à escola quando criança? — Aproximei-me dele.

— Sim.

— Você continuou assim?

Ele riu.

— De jeito nenhum. Eu faltava muito às aulas. Mas Jack é diferente. Ele vai ser diferente.

Sorri ao ouvir aquilo, desejando-lhe silenciosamente sorte.

— Se ele estiver se sentindo melhor neste fim de semana, achei que poderíamos... Sei lá, levá-lo para almoçar ou coisa assim.

Aquilo era demais. Concordei ansiosamente, um pouco nervosa. E se Jack acordasse pela manhã e dissesse que me odiava? Crianças eram instáveis assim.

— Legal — disse ele, relaxando.

Como muitos alunos já tinham viajado para o fim de semana de quatro dias, não tivemos problemas para encontrar uma vaga perto do Den, e o lugar estava praticamente vazio quando entramos. Jase levava minha mochila e andava mais devagar para me acompanhar.

Somente Cam e Avery estavam à mesa, dividindo uma fatia de pizza. Escolhi um cachorro-quente e batatas fritas — interrompendo a monotonia dos hambúrgueres gordurosos — e Jase, acho, pediu uma pizza inteira a julgar pelas fatias empilhadas em seu prato.

Sentando-me diante dos pombinhos, estiquei a perna direita.

— Estou surpresa por encontrá-los aqui. Achei que vocês iam para a Pensilvânia.

— Vamos mesmo. — Cam pegou um punhado de fritas do meu prato e nem se deu ao trabalho de parecer culpado. — Vamos hoje à noite.

— Empolgada? — perguntei a Avery.

Ela fez que sim rapidamente, balançando o rabo de cavalo. — Nunca estive lá, mal posso esperar.

— O que vocês planejam fazer lá? — Jase apoiou um cotovelo na mesa e, ao se inclinar, pegou uma segunda fatia de pizza e pôs a outra mão sob a mesa. — Digo, o que se faz em Poconos? Fica-se olhando as árvores?

Cam bufou.

— Não. Temos trilhas, sauna, vinho, pescaria... Vou levar Avery para pescar. Ela nunca pescou...

Meu irmão continuou e continuou, e Jase se aproximou, apertando sua perna direita contra a minha esquerda. Um segundo mais tarde, sua mão pousou pouco acima do meu joelho. Arregalei os olhos e fiquei imóvel, o cachorro-quente a meio caminho da minha boca.

— E vamos alugar um barco no sábado — continuou Cam, lançando um olhar para Jase que me fez largar o cachorro-quente.

Ele viu o que Jase estava fazendo? Ah, meu Deus...

— Você está bem aí? — Cam franziu a testa para mim.

— Sim — consegui dizer. E segurei meu cachorro-quente enquanto a mão de Jase subia pela minha perna. — Então... um barco?

Meu irmão disse algo que fez Avery rir, mas eu estava atenta demais à mão de Jase segurando a minha coxa. Respirei fundo quando ele se aproximou, roubando algumas batatas fritas, tirando proveito da proximidade.

Ele pôs a mão entre minhas pernas.

Ah, meu Deus...

Meu rosto pegou fogo e abaixei a cabeça, mas o calor desceu, alcançando aquele ponto bem onde estava a mão dele. Ele não faria isso.

— Que tipo de barco é? — perguntou Jase e, nossa, ele parecia completamente à vontade.

Qualquer que fosse o barco que Cam estava alugando, eu não estava prestando atenção. A mão de Jase chegou mais perto, a ponta dos dedos dele cobrindo o zíper da minha calça jeans.

Respirei fundo e segurei o cachorro-quente com força. O pão se esmigalhou. Ele não avançaria. De jeito nenhum.

— E o que vocês vão fazer? — perguntou Avery, apoiando o queixo nas mãos.

— Na verdade, nada, eu vou... — As palavras desapareceram quando aqueles dedos compridos entraram pela aba do zíper. Incendiei-me. Meu coração acelerou. Não sei como não dei um pulo.

— O quê? — Cam tombou a cabeça de lado.

— Eu vou... — Coloquei meu pão no prato enquanto Jase passava o dedo para cima e para baixo, repuxando o tecido. O movimento ganhou intensidade, despertando um desejo dentro de mim.

— Vai...? — perguntou Jase inocentemente.

Que filho da mãe.

— Vou ficar aqui — concluí.

— Você precisa comprar um carro — disse Cam. — Daí você pelo menos pode ir para casa visitar a mamãe e o papai. — A mão de Jase voltou para a minha coxa e eu não sabia ao certo se deveria me sentir aliviada ou decepcionada. Meu corpo latejava, mas minha mente relaxou um pouco.

— Bom, vou comprar o carro com meu dinheiro imaginário, do meu emprego imaginário.

Ele fez uma cara feia.

— Sei muito bem que a mamãe e o papai lhe dão dinheiro.

— Sim, para comprar comida, não um carro — respondi.

— Você vai deixar sua caminhonete aqui, certo? — Avery pegou sua água. — Talvez ela possa...

— Ah, de jeito nenhum. — Cam olhou para Avery como se ela fosse louca. — Ela não vai dirigir minha caminhonete.

Jase manteve a mão na minha coxa e, quando o almoço acabou, estava dividida entre querer lhe dar um soco e subir em cima dele, tirar-lhe as calças e...

— Ei — disse Cam, interrompendo meus pensamentos inapropriados. — Preciso conversar com você por um segundo. Terminou de almoçar?

Meu estômago se revirou como um bebê rolando por uma colina.

— Claro — disse, olhando para Jase. Ele não parecia preocupado. Não que devesse se preocupar. Cam não o machucaria tanto quando descobrisse, até porque Jase confiou em mim.

Disse adeus a Avery e segui Cam para fora com minhas muletas. Não fomos muito longe, parando sob um dos grandes bordos que adquiriram tons estonteantes de dourado e vermelho. Enquanto Cam virava o boné para trás, eu me encolhi no meu casaco. O ar não estava tão gelado, mas era o suficiente para eu sentir frio.

— O que está acontecendo? — perguntei, sentindo que estava prestes a vomitar o pouco que tinha comido.

Cam sorriu, mas o sorriso desapareceu assim que respirou fundo. Senti um frio na barriga quando me olhou. Ah, meu Deus, ele falaria sobre mim e Jase. Ele sabia. Deveríamos ter contado para ele. Se bem que tudo só aconteceu ontem, mas deveríamos...

— Vou pedir Avery em casamento neste fim de semana — disse ele de repente.

— Espere aí. — Quase larguei as muletas. — O quê?

— Vou pedir Avery em casamento neste fim de semana, no barco. Estaremos só eu e ela. O barco estará cheio de flores e chocolates. O anel... não é muito grande. Só dois quilates.

— *Só dois quilates?*

— Sim. E vou colocá-lo em uma das rosas. — Ele ficou corado. — De qualquer forma, só queria...

Eu o interrompi. A felicidade borbulhava como champanhe dentro de mim. Na minha pressa, quase tropecei ao segurar desastradamente as muletas e passar um dos braços ao redor dele.

— Ah, meu Deus! — gritei. — Cam, você vai se casar!

— Bom, assim espero. — Ele me abraçou e, ao se afastar, estava sorrindo. — Se ela disser sim.

— Claro que ela vai dizer sim. — Estava sorrindo tanto que meu rosto doía. — Ah, estou tão feliz por vocês dois! Ela é uma menina muito doce e eu a amo e amo você.

— Ela... ela é perfeita. — Cam riu e me abraçou novamente.

Fiz que sim.

— Quando vai ser? Sábado? — Ele concordou com a cabeça e eu fiquei feliz por não ter lhe dito nada sobre Jase. Ainda mais levando em conta que estava prestes a pedir Avery em casamento. Ele precisava estar completamente focado nela e em seus planos. — Me ligue ou me mande uma mensagem quando ela disser sim. Você tem que me prometer.

— Eu prometo.

Soltei um gritinho de novo, o que me rendeu olhares estranhos das pessoas que andavam pela calçada. Eu lhe dei mais um abraço épico e então vi Jase saindo pela porta, trazendo minha mochila.

— Aí vem seu ajudante. — Cam riu maliciosamente e me beijou no rosto. — Vou voltar para Avery.

— Boa sorte, mas você não vai precisar.

A arrogância de sempre desapareceu quando ele voltou a me olhar.

— Você realmente acha isso?

Contive as lágrimas — lágrimas de felicidade.

— Acho. Acho mesmo.

— Obrigado — respondeu ele. — Amo você, mana.

— Amo você.

Vendo Cam passar por Jase e lhe dar um soquinho no braço, respirei fundo várias vezes. Meus olhos já estavam cheios de lágrimas e havia uma boa chance de eu começar a abraçar pessoas aleatoriamente.

— Então, acho que este sorriso no seu rosto não significa que o Cam perguntou da gente. — Jase pendurou minha mochila rosa no seu ombro. — Já lhe disse o quanto eu adoro os seus sorrisos?

Meu sorriso adquiriu proporções épicas e não consegui contê-lo.

— Cam vai pedir Avery em casamento.

— Ele perdeu completamente a cabeça.

— O quê?! — Segurando minhas muletas, dei um soco no peito dele. — Ele não perdeu a cabeça. Ele a encontrou.

— Estou brincando. E eu já sabia. — Jase riu.

— O quê? — gritei e bati nele novamente. — Como assim já sabia?

— Ai. — Ele passou a mão onde eu tinha batido. — Você fica incomodada de eu estar excitado agora mesmo?

Fiz que não com a cabeça.

— Sério?

— Talvez — murmurou ele, abaixando a cabeça e fazendo com que as mechas que escapavam por sob seu gorro balançassem.

— Certo. De volta ao pedido de casamento. Quando ele lhe contou?

— Há cerca de um mês. Quer me bater de novo? Pode tentar bater no meu bumbum. Eu provavelmente vou gostar.

Eu olhei para ele. Ele riu.

— Fui escolher o anel com ele. Tenho certeza de que o joalheiro achou que nós é que estávamos casando.

— Você podia ter me contado — bufei.

— Ei, ele me pediu para guardar segredo. Ele não quer que a Avery descubra. — Quando abri a boca para discutir, ele cruzou os braços. — É como quando eu a levei ao médico, Tess. Você não queria que ele soubesse...

Fiz que sim.

— Você me pegou.

— Eu sei.

Feliz demais diante dos acontecimentos recentes para me irritar, abri um enorme sorriso.

— Estou tão emocionada por eles. Eles realmente são perfeitos um para o outro. Sabe, como aquela coisa que só acontece uma vez na vida. Sei que você acha isso uma bobagem, mas eu acredito nisso.

— Não acho bobagem nenhuma. Eu sei... exatamente o que você quer dizer. — Ele descruzou os braços.

As palavras dele tinham um significado mais profundo, mas minha atenção estava em outra coisa. Como as mãos dele estiveram ocupadas durante boa parte do almoço, eu não as havia notado até então. A pele em volta dos nós dos dedos estava vermelha, ralada e inchada. Franzi a testa, segurando a mão dele com cuidado.

— O que aconteceu com a sua mão?

Ele tirou a mão, olhando para elas com uma cara feia.

— Não sei. Devo ter me machucado em alguma coisa na fazenda.

— Você não sabe?

Jase fez que não com a cabeça.

— Vamos levar a sua bundinha bonita para a aula. Vamos, perneta.

Apesar de o sorriso provocador ter voltado, havia algo de sombrio em sua expressão. Olhei para os nós dos dedos dele de novo e, por algum motivo, pensei nas mãos de Cam depois de ele ter se confrontado com Jeremy. Afastei esse pensamento porque era... era estranho demais. Jase disse que tinha se machucado na fazenda e era o que deve ter acontecido, porque não havia outro motivo para isso.

Nenhum mesmo.

CAPÍTULO

No fim da manhã do primeiro dia do intervalo de outono, estava diante de Relâmpago, segurando minhas muletas com tanta força que meus nós dos dedos doíam.

— Não.

— Você prometeu — lembrou Jase carinhosamente, como se falasse com Jack.

— Não me importo.

— Isso é errado.

Olhei para Jase e ele riu.

— Não posso subir nele com meu joelho assim.

— Vou tomar cuidado para você subir sem problemas.

Fiz um biquinho que deixaria Jack orgulhoso. Ele estava no quarto e tinha dado um ataque de Godzilla quando Jase lhe disse que ele não poderia sair com a gente. A mãe de Jase estava no banheiro quando aparecemos e o pai estava em algum lugar da fazenda. Não tinha certeza se ele cumpriria a promessa de me apresentar como sua namorada hoje, mas estava nervosa por algum motivo. Talvez fosse porque era um passo e tanto.

Mas ainda me sentia mal pelo menininho.

— Podemos ver Jack antes de irmos embora? — perguntei.

Jase pestanejou uma vez e outra.

— Sim.

— Sinto-me mal por ele — expliquei, trocando meu peso de muleta. — Ele realmente queria sair.

Um quê de carinho apareceu em seus olhos.

— Claro que podemos vê-lo antes de irmos embora. Ele vai gostar. — Jase se aproximou, acariciando meu nariz com o seu. — Eu também.

Sorri.

— Mas mudar o assunto não vai me distrair. Você vai subir no cavalo. Fim de discussão.

— Não estava tentando mudar de assunto. — Até mesmo eu reconhecia o choramingo na minha voz ao olhar para Relâmpago. O cavalo bufou e virou a cabeça na outra direção, obviamente cansado de mim.

— Fique imóvel. — Jase pegou as muletas das minhas mãos e as pôs de encontro à cerca. Acariciando novamente Relâmpago no focinho, Jase pegou as rédeas, dando a volta no animal. Sob a luz intensa do sol, mechas avermelhadas e douradas brilhavam em sua crina.

Ele subiu no cavalo com a graça de alguém que crescera fazendo justamente isso. Uma vez sobre o animal, ele parecia enorme e imponente.

E estranhamente gostoso montado num cavalo.

— Erga os braços — disse ele.

Aquela era a última coisa que eu queria fazer, mas arranjei coragem e ergui os braços. Os músculos nas pernas dele ficaram tensos contra o cavalo ao me levantar, encaixando as mãos nas minhas costelas. Nossos olhares se encontraram, ele piscou e me ergueu. Não tive tempo de entrar em pânico porque pareceu que num piscar de olhos eu estava sentada de lado no cavalo.

— Passe sua perna por aqui — disse ele, a mão descendo para meus quadris e me segurando firmemente. — Não vou deixá-la cair.

Segurando-me em seus braços, virei-me, mantendo a perna machucada imóvel e passando a perna esquerda pelo lombo do cavalo. Mordi o lábio e meu coração disparou quando Relâmpago se moveu de lado, mas Jase não me deixou cair. Movi-me para trás na sela, ajeitando-me entre as pernas de Jase.

— Boa menina — disse ele, seu hálito quente contra minha nuca, me fazendo estremecer. — Está vendo. Não foi tão ruim assim.

— Acho que não. — Minha boca estava seca.

A risadinha dele reverberou em mim. Ele manteve os braços ao redor da minha cintura, segurando as rédeas com a outra mão.

— Preparada?

Fiz que não e acrescentei um “não” para o caso de ele estar confuso.

Jase riu de novo.

— Você vai gostar. Prometo. — Abaixando a cabeça, ele me deu um beijinho na nuca, gerando uma onda de arrepios por minhas costas. — Não deixarei nada acontecer.

Com um movimento discreto do calcanhar dele, Relâmpago se pôs a trotar, seguindo a trilha ao longo da cerca. Levei um tempo para me acostumar ao balanço. Jase me manteve segura, contando-me da primeira vez que cavalgara. Ele tinha seis anos e caiu do animal, quebrando o braço.

— Você voltou a cavalgar logo? — perguntei, enquanto dávamos outra volta. — Ou ficou com medo?

— Fiquei com medo. — Ele acariciou minha barriga com o dedo. — Mas o papai sabia que eu precisava voltar a montar. E voltei. E não caí mais.

Uma imagem do jovem Jase tomou conta da minha mente. Aposto como ele se parecia com Jack e era igualmente adorável, mas um pouco mais. Levei uns vinte minutos antes de relaxar o bastante para me soltar do braço de Jase. Quando me soltei, minhas unhas tinham deixado buracos na pele dele.

— Desculpe — disse, com a voz embargada, olhando para as árvores.

— Tudo bem. É só pele. — Ele me beijou na nuca novamente, um movimento rápido quase indetectável, mas então ele pôs os lábios na minha orelha.

Nossa conversa da outra noite avançou. Senti um nó na garganta. As palavras dele ainda me deixavam engasgada. Ele queria ir devagar com as coisas. Queria que eu fosse diferente das outras meninas — o que parecia uma lista longa, mas não pensaria nelas. Ele queria que nossa relação não fosse apenas sexual.

Jase mordiscou minha orelha.

Um prazer escorreu por minhas veias, imediatamente despertando um desejo que latejava sempre que Jase estava por perto.

Os músculos em minhas costas ficaram tensos e depois relaxaram. Então o senti me pressionando contra minhas costas. Um sorrisinho surgiu ao saber que ele estava tão excitado quanto eu. Jogando a cabeça para trás de encontro ao peito dele, fechei os olhos e sorri, sentindo o vento no meu rosto. Soltei-me um pouco mais e, sob minhas pernas, os músculos fortes de Relâmpago se mexiam à medida que ele ganhava velocidade.

Um quê de medo desceu por minha espinha quando ele correu mais, porém outra emoção surgiu, superando o pânico. Os músculos do meu âmago ficaram tensos. Não de ansiedade, mas de desejo, como aqueles momentos preciosos que eu perdera, aqueles que surgiam poucos segundos depois de eu entrar no palco.

— Eu sinto — sussurrei. Estava impressionada porque era capaz de sentir.

O queixo áspero dele tocou meu rosto e ele me segurou com força.

— Vou ser um idiota se disser que eu estava certo?

Abrindo os olhos, ri e me endireitei na sela, ganhando confiança de que não cairia nem quebraria meu pescoço. Olhando para trás, sorrimos juntos. A decepção insuportável da minha lesão recente se dissipou um pouco.

— Podemos ir mais rápido?

Fomos mais rápido.

De volta ao chão, com as muletas sob os braços, admiti que a cavalgada foi bem legal. Não me via cavalgando sozinha num futuro próximo, mas Jase tinha razão. Cavalgar era como dançar, de certa forma. Não preencheria completamente aquela lacuna na minha vida, mas era um começo.

E não era a única coisa que eu tinha.

Sorri quando Jase passou por mim, levando Relâmpago de volta ao estábulo. Meu coração deu uma cambalhota — um salto complicado que eu jamais seria capaz de fazer de novo na realidade, mas meu coração estava fazendo.

Quando Jase voltou, o pai dele o acompanhava. Vê-los juntos era desconcertante. Mesma altura. Mesmos cabelos escuros. Até o passo com as pernas longas era idêntico. O sr. Winstead riu quando eles pararam diante de mim.

— Nunca vi uma menina tão linda usando muletas antes.

— Obrigada. — Fiquei toda vermelha.

— É bom vê-la de volta, mas não usando estas coisas. — Ele pegou um lenço vermelho, limpando as mãos. — É sério?

Fiz que não com a cabeça, pensando que contar a história não era algo que alguém quisesse ouvir.

— Ela só estava montando o Relâmpago — disse Jase, sorrindo. — Muito bom para a primeira vez.

— Você a fez montar nestas condições? — O pai dele fez cara de surpresa.

— E ela conseguiu — respondeu Jase, e senti um prazer tomar conta de mim ao ver o sorriso de orgulho dele. A mamãe e o papai costumavam sorrir assim depois dos meus recitais e competições.

O sr. Winstead tombou a cabeça de lado.

— Bom, que seja, se eu fosse vinte anos mais novo e não fosse por sua mãe...

Jase virou a cabeça bruscamente na direção do pai.

— Pare com isso, pai, você está dando em cima da minha namorada.

Sim. Ali estava meu coração novamente, dando um passo de fuga, e claro que eu me sentia levitar como uma bailarina depois de executar o salto perfeito.

— Namorada? — Havia surpresa na voz do pai dele, que olhou para nós dois.

Jase riu descaradamente e senti minhas pernas fraquejarem.

— Namorada.

— Bom... — Ele respirou fundo, balançando a cabeça como se não soubesse o que dizer. Se eu duvidasse do que Jase dissera sobre outras meninas, não duvidava mais. Era óbvio que não trazia meninas para casa e o fato de ele me trazer era importante. — Bom ouvir isso — disse ele finalmente, sorrindo e fazendo com que aqueles olhos se iluminassem num belo tom prateado. Ele olhou para o filho e meneou a cabeça de um jeito que pareceu ter mais significado do que eu era capaz de entender. — Isso é mesmo ótimo.

Jase não disse nada, mas voltou seu olhar para mim.

— Por que vocês dois não entram por uns minutos? — perguntou o pai, guardando o lenço no bolso. — Sua mãe acabou de preparar chá.

Os olhos dele se iluminaram e eu ri.

— Já vamos. — Jase se virou para mim quando seu pai se afastou. — Você gostou de como eu dei a notícia? Acho que poderia ter sido melhor, mas, sério, como se anuncia um namoro sem parecer ridículo?

— Não. Foi tudo bem. — Parei e ele se aproximou de mim. — Então sou a primeira namorada que você trouxe para casa?

— Desde o ensino médio. — Ele guardou a mecha solta de cabelo.

Aquilo parecia ter sido há muito tempo e apostava que era a mãe de Jack. Um dia eu conseguiria fazê-lo falar sobre ela.

— Isso é... uau. Sinto-me...

— Honrada?

Bufei. Uma verdadeira dama.

— Isso soa um tanto quanto intenso.

Jase riu e se pôs ao meu lado.

— Bom, um cara só leva uma menina para a casa dos pais quando o namoro é sério e ele gosta mesmo

dela.

Já era tarde quando voltamos para meu dormitório e, ao Jase estacionar, vi que a luz estava acesa no meu quarto. A Debbie deve ter voltado.

Jase acompanhou meu olhar.

— Ainda vamos jantar amanhã?

— Achava que íamos almoçar no Betty's. — Olhei de volta para ele.

— Não significa que não podemos jantar. — Ele riu.

— Verdade — ri, mas o som foi silenciado quando ele parou. Estava relutante em deixá-lo. — Hoje... hoje foi um dia ótimo. — Com o Jeep ainda ligado, ele segurou a maçaneta. — Você não precisa subir comigo.

— Mas...

Eu o silencieei com um beijo. Se ele subisse, não iria querer deixá-lo, e precisava conversar com Deb.

— Você não tem de fazer isso. Ligarei amanhã.

Ele tirou a mão da porta.

— Me mande uma mensagem de texto antes de ir para cama.

— Tudo bem. — Meus lábios se abriram num grande sorriso.

Antes que pudesse me afastar, ele me segurou pela nuca e me beijou. Nossas bocas se entreabriram ao mesmo tempo. Ele me saboreou de uma forma que dificultou ainda mais minha partida.

— Boa noite, Tess.

— Boa noite. — Fechei os olhos ao me afastar.

Jase esperou até que eu estivesse dentro do prédio antes de ir e eu avancei de muletas, pegando o elevador. Como suspeitava, Debbie estava no quarto.

Ela estava sentada na cama, de pernas cruzadas, os cabelos presos atrás e usando um casaco grande. Ao me ver, ela levou a mão à boca.

— Ah, meu Deus.

Fiquei imóvel na porta, confusa.

— O quê?

— Muletas! — Ela descruzou as pernas, mas não se levantou. — Sabia que você usaria muletas, mas eu... Sei lá. — Ela levou a mão ao peito. — Sinto muito.

Colocando as muletas contra a parede, caminhei cuidadosamente até minha cama e me sentei. Não sabia como começar a conversa, mas sabia que lhe contaria do meu passado. Só não era fácil dizer que namorei um idiota que me batia.

— Debbie...

— Terminei com o Erik.

Fechei os olhos, pensando que não tinha ouvido certo. E então uma esperança nasceu em mim.

— O quê?

— Terminei com o Erik hoje mais cedo. — Ela se levantou e se sentou ao meu lado.

— Isso é... — O que dizer? Ótimo? Fantástico? Aquilo parecia inapropriado, porque acho que Deb realmente gostava dele.

— Foi preciso. Tive de terminar porquê... — Ela abaixou a cabeça, escondendo os olhos. — Porque você estava certa no domingo. Erik... ele pode ser um cara legal, mas...

— Mas ele bate em você — disse, baixinho, e, por algum motivo, senti um aperto no peito.

Ela meneou a cabeça lentamente.

— Ele não me batia com frequência. Sabe, não era o tempo todo. Às vezes, ele só me segurava ou gritava comigo. Ele sempre, *sempre*, parecia se arrepender depois. Ou ao menos as desculpas dele pareciam críveis, e eu sempre o perdoava. — Ela parou, respirando fundo. — Ninguém nunca disse nada. Até você dizer. Acho que em parte é porque ele andava... ah, perdendo muito a calma ultimamente, mas todos ignoraram.

— É difícil dizer algo — disse, puxando a perna esquerda de encontro ao peito. — Não queria deixá-la com raiva. — Ou constrangê-la, porque vergonha foi o que mais senti quando minha família descobriu o que eu estava escondendo.

— Não fiquei com raiva. Fiquei com vergonha — disse ela, confirmando meus pensamentos. — Afinal, por que ficar com ele se é tão óbvio que ele não me trata bem?

— Porque às vezes ele a trata como uma rainha? — Fiquei cutucando a barra da minha calça jeans. — E você se apega a estes momentos porque sabe que ele é capaz de ser um bom homem.

— Você foi...? — Podia sentir os olhos dela em mim.

Sem dizer nada, fiz que sim.

— E você terminou com ele? — Ela suspirou.

— Na verdade, não — disse, com uma risada curta. — Minha mãe e Cam viram os hematomas e eu finalmente contei a verdade. Quis terminar antes, mas tinha medo e...

— E você o amava? — perguntou ela, numa voz contida marcada pela dor.

Puxando os fios brancos da calça jeans, engoli em seco.

— Ele foi meu primeiro, primeiro de tudo. Achava que estava apaixonada por ele. Analisando melhor agora, sei que estava mais com medo de...

— De ficar sozinha? — disse ela, e confirmei com a cabeça. — Somos umas idiotas, hein? O medo da solidão superava o medo de apanhar.

— Você não é mais idiota — afirmei. — Você terminou com ele.

— Terminei. — Os olhos dela se encheram de lágrimas e ela os fechou com força.

O aperto subiu pela garganta. Estava feliz por ela — empolgada, para ser exata, mas sabia que aquilo era difícil. A primeira noite depois de tudo terminado entre mim e Jeremy foi a mais difícil. Porque,

assim como Erik, Jeremy tinha essa capacidade quase mágica de me fazer esquecer os maus momentos. Ele era mestre nisso, tanto que este foi um dos motivos por que não o abandonei antes. Agora que eu era mais velha, percebia que essa era uma marca registrada dos homens violentos. Eles podiam ser encantadores quando precisavam, e isso os tornava tão perigosos quanto uma cascavel.

— Como Erik aceitou isso? — perguntei.

— Não muito bem. — Um sorrisinho hesitante apareceu.

— Ele não...? — Meu estômago se revirou um pouco.

— Não. Não fez nada. Foi o contrário. — Ela enxugou os olhos com as costas das mãos. Pus a mão em seu braço e apertei. — Ele pediu desculpas e chorou e implorou... — Ela balançou a cabeça. — Ele ficou com raiva no fim, mas eu saí antes que acontecesse algo.

— Que bom.

Ela levantou a cabeça, me encarando.

— Desculpe por não tê-la ouvido no domingo e pelo que aconteceu quando voltei com Erik. Realmente acho que foi um acidente, mas isso não deveria ter acontecido porque, quando fica com raiva, ele não pensa.

— Foi por isso que você terminou com ele?

— Sim. E não. — Ela pigarreou. — Quando Jase o confrontou na quarta-feira pela manhã e eu descobri que você machucou o joelho...

— Jase o confrontou? — interrompi, sentindo meus olhos se arregalarem ao olhar para ela.

Ela fez que sim.

— Ele apareceu pouco antes de sairmos para a aula. Não sabia que ele a tinha machucado tanto.

Deixei isso para lá, sentindo meu coração disparar.

— O que Jase disse para ele?

— Nada de mais. Jase disse que, se você fosse machucada de novo, ele o mataria. Erik estava de mau humor. — Levantando a mão, ela ajeitou o rabo de cavalo. — Ele falou mal de você e a xingou... ele a xingou de vaca intrometida que precisava ficar longe de mim.

Não dava a mínima para o que Erik dizia de mim, mas senti um frio na barriga.

— Jase não aceitou isso muito bem — continuou ela. — Nem o rosto de Erik depois de tudo.

Fechando os olhos com força, tentei respirar, alternando-me entre o calor e o frio. A imagem dos nós dos dedos de Jase apareceram em minha mente. Ele foi atrás de Erik. Assim como Cam tinha ido atrás de Jeremy. De certa forma, a história se repetira. Raiva e decepção e algo mais que eu não sabia reconhecer ferveram dentro de mim.

— Você está bem? — perguntou Deb.

— Sim, estou bem. As coisas serão bem melhores para você. — Minha voz estava rouca e me ative ao mais importante agora, que era Debbie, e não o que Jase fizera. — Estou sendo sincera.

— Eu sei. — Ela me abraçou com força e, ao se afastar, suas lágrimas tinham secado. — Minha vida

recomeça agora e só tenho coisas boas pela frente.

CAPÍTULO

Debbie e eu ficamos até tarde conversando. No começo foi difícil ouvir que Jase enfrentou Erik na manhã em que acreditava que ele estava com Jack. Talvez tenha feito as duas coisas. Não que isso importasse, porque não mudava nada. Por fim contei a Debbie tudo sobre Jeremy. Amenizei a reação de Cam, mas ainda assim foi tão, tão bom tirar aquele peso dos meus ombros. Compartilhar a experiência com alguém que podia compreender. E Deb me falou dos bons e maus momentos e dos momentos realmente horríveis. Houve ocasiões em que podia sentir que Deb estava com dúvida, e isso era normal. Eles ficaram juntos por bastante tempo e às vezes era difícil se separar, mesmo que a outra pessoa fosse um sociopata. Pessoas que não estiveram nessa situação simplesmente não entenderiam. Elas acham que somos bobas e fracas, mas mesmo a menina mais forte e inteligente pode ser vítima de um homem encantador de língua ferina.

E houve lágrimas — lágrimas de purificação. O tipo de lágrima que renova, em vez de machucar.

Acabei dormindo até tarde na sexta-feira; quando acordei, Debbie me disse que ia visitar seus pais e lhes dar a notícia. Desejei-lhe sorte — sorte de que eu precisava também.

Acabei cancelando o encontro no almoço, Debbie saiu do quarto e Jase estava a poucos minutos de me pegar para jantar — nosso primeiro encontro de verdade — e eu só conseguia pensar, ao esperá-lo lá fora, segurando minhas muletas, era que ele tinha feito quase a mesma coisa que meu irmão fez.

Ainda não sabia direito o que sentia quanto ao que ele fez, se deveria ficar com raiva ou ódio. Jase sabia o tipo de culpa que eu carregava por causa do que Cam fizera.

Quando Jase chegou, ele saiu do carro e deu a volta pela frente do Jeep. Ele usava calça jeans e um suéter com gola em V que de alguma forma fazia com que eu parecesse malvestida com minha calça jeans e casaco. Não importa o que ele usava, ele sempre ficava bem, como se estivesse prestes a sair das páginas da *GQ*. Diferente de todos os outros caras por perto; todos eles pareciam saídos de um catálogo da Sears.

Ele me ajudou a entrar, pegando as muletas e segurando meu braço para eu subir. Esperando por mim sobre o painel havia uma caixinha rosa. Eu a peguei e olhei para Jase.

— Para a sobremesa — disse ele, rindo.

Não quis abrir a tampa, mas a cobertura marrom parecia saborosa.

— De que sabor?

— Adivinha.

— Chocolate?

— Que chato — disse ele, afastando-se do meio-fio. — É de manteiga de amendoim.

— Ah. — Momentaneamente distraída pela deliciosa cobertura de manteiga de amendoim e chocolate, senti-me tentada a abrir a caixa e devorar o cupcake.

— Você pode comê-lo agora mesmo. Que se fodam as regras, certo? A sobremesa pode vir antes.

Outro sorrisinho apareceu. Não sei o que os cupcakes tinham de tão especial que me emocionavam tanto. Além de serem deliciosos em noventa e nove por cento das vezes, eles se transformaram em algo que eu ansiava.

— Onde você os compra? — perguntei, surpresa por ter sido esta a primeira vez em que pensei em perguntar. — Numa confeitaria no centro da cidade?

— Não.

Meu olhar se voltou para os nós dos dedos dele enquanto eu esperava por mais detalhes. A pele não estava tão ralada, mas ainda parecia rosada. Senti um aperto no estômago.

— A irmã da minha mãe. A filha dela, Jen, os faz.

— Uau. Eles parecem algo que se compra numa confeitaria gourmet. Ela realmente deveria abrir o próprio negócio.

— É o que lhe dizemos. — Ele me olhou e o sorrisinho travesso apareceu. — A Jen anda perguntando da menina especial para a qual tem feito os cupcakes. Eu disse a ela que um dia teria de apresentá-la.

Meu olhar começou a se voltar para as mãos dele, mas me obriguei a olhar para Jase.

— Eu... eu gostaria disso.

— Eu também. — Ele estendeu o braço e entrelaçou os dedos aos meus, apertando-me.

Senti um friozinho na barriga que desceu e acabei estudando os nós de seus dedos. A pele dele tinha cortado a de Erik. Ele foi atrás do cara por algo que podia ou não ter sido um acidente. Aquela era a chance perfeita de esclarecer tudo, mas eu não estava preparada.

— A Jen sabe do Jack? — perguntei, mudando de assunto.

Ele fez que sim.

— A família sabe. Mas ninguém fala disso. É o pior tipo de segredo.

Depois disso, fiquei em silêncio. Minha mente estava ocupada. O caminho até o restaurante não foi demorado e a comida foi servida rapidamente no Bonefish Grill. Podia ter comido todo um prato de camarão. Jase continuou conversando, falando de Jack e depois do meu irmão.

— Então amanhã é um dia especial, certo? — perguntou ele, roubando um escalope do meu prato. — Você acha que ele vai em frente com isso?

— Você acha que ele não a pedirá em casamento? — Não tinha nem cogitado ele não seguir adiante.

— Ele está muito nervoso. — Jase riu e se recostou na cadeira. — Droga, nunca vi seu irmão assim.

— Nem eu. Espero que ele a peça em casamento. Eles são perfeitos juntos.

Jase passou o dedo pela borda do copo, observando-me por sob os cílios baixos.

— Precisamos contar para o Cam assim que ele voltar.

— Precisamos mesmo. — Prendi a respiração e meneei a cabeça.

O garçom apareceu com a conta e, ao se abaixar para pegar a carteira, Jase me deu um beijinho rápido

no canto da boca. A luz prateada em seus olhos me deu um aperto no peito.

— Debbie terminou com Erik — disse de repente.

Ele parou por um segundo e tirou o dinheiro da carteira.

— Isso é uma boa notícia, não é? Digo, ele sempre foi um babaca com a menina. Ninguém entendia por que ela estava com ele.

Fiquei olhando para Jase enquanto ele colocava o dinheiro perto da conta. Meu coração bateu mais rápido.

— Ele... batia nela.

Jase ficou paralisado novamente. Ele ergueu os cílios espessos.

— O quê?

Nada na expressão dele me dizia que Jase estava escondendo algo de mim, mas eu sabia que estava.

— Ele batia nela. Como Jeremy batia em mim.

Ele ficou tenso e sério, assobiando baixinho ao desviar o olhar.

— Não sei o que dizer, Tess.

— Talvez você possa dizer que está duplamente feliz por ter batido nele?

Ele me encarou e seus olhos tinham um tom prateado impressionante. Ele abriu a boca e pareceu pensar melhor no que estava prestes a dizer. Seus ombros largos ficaram tensos.

— Eu sei — sussurrei. — Debbie me contou na noite passada.

— Noite passada — repetiu ele debilmente. — E só agora você está dizendo algo? — Ele riu e um músculo latejou em sua mandíbula. — Sabia que você estava escondendo algo. Você está quieta demais. Você não comeu o cupcake de imediato. Achei que seu joelho a estava incomodando.

— Você não me contou. — Ajeitei os cabelos atrás das minhas orelhas.

Ele respirou fundo e levantou-se e pegou minhas muletas.

— Vamos conversar lá fora.

Como aquela não era uma conversa para o jantar, esperei até que estivéssemos no Jeep para tocar no assunto.

— Você foi atrás dele.

— Não fui atrás dele, Tess. Não como o Cam fez. Sei que é isso o que você está querendo dizer. Não era minha intenção. Eu o encontrei na fraternidade quando voltei da fazenda dos meus pais. Ele estava sentado no sofá como se não desse a mínima.

Prendendo a respiração, eu o observei se abaixando e virando a chave. O motor roncou e Jase só voltou a falar quando já estávamos na estrada, rumo à Interestadual 70.

— Só conseguia pensar que aquele idiota pôs um fim aos seus sonhos. Ele tirou isso de você e não me importo se foi ou não um acidente. Ele fez aquilo.

Erik fez mesmo.

— Jase...

— Depois de tudo pelo que você passou, tinha de dizer algo. Precisava — continuou ele, o perfil marcado pelas sombras do interior do carro. — Disse que ele precisava ficar longe de você e que era melhor que outros acidentes não acontecessem. É isso. Era só isso o que eu queria dizer a ele e, sim, posso não ter sido educado assim, mas queria defender minha posição.

Ele estava dizendo o mesmo que Deb dissera, então o que disse em seguida não me surpreendeu.

— Então ele disse umas merdas, Tess. Coisas que ninguém deveria dizer de você, e agi para que ele não dissesse mais nada.

Não havia orgulho em sua voz. Talvez ele tivesse o convencimento de um homem que pôs outro homem — e chamar Erik de “homem” não é o termo correto — em seu devido lugar.

— Você bateu nele.

— Bati. — Ele me olhou, a expressão dura.

— E isso é tudo o que você tem a dizer?

Voltando o olhar para a estrada, ele passou uma das mãos pelos cabelos despenteados.

— Não me arrependo.

— O Cam também não se arrependia. — Respirei fundo.

— Não é a mesma coisa. Não espanquei Erik. Não acabei na cadeia nem levei o cara para o hospital — disse ele, e eu me encolhi. — Merda, Tess. Não foi o que quis dizer...

— Você sabe como me sinto diante do que Cam fez e a culpa que me assola. Cam quase arruinou a vida por causa do meu...

— E você não teve culpa por isso! Você não teve culpa pelo que ele fez. Você não teve culpa pelo que eu fiz. Erik falou merda e eu bati nele. Certo. Bati nele duas vezes.

O sangue latejava em minhas veias enquanto eu me esforçava para entender o que estava sentindo. Boa parte da confusão vinha do fato de uma parte minúscula de mim estar *feliz* por ele ter feito Erik provar um pouco de seu próprio remédio. E eu me senti assim quando fiquei sabendo do que Cam fizera.

Não sabia o que isso dizia a meu respeito.

Fiquei olhando para os vultos das árvores nas margens da rodovia.

— Por que você não me contou?

— Eu... — Ele praguejou novamente. — Sabia que você ficaria irritada. Esperava que Debbie não dissesse nada.

— Você realmente acha que ela não deveria ter dito nada? — Minhas mãos se fecharam no meu colo.

— Você iria querer que as pessoas soubessem que seu namorado apanhou? Não. Pensei que ela não diria nada. Sei que é errado. Sinto muito. Mas preferia que você não tivesse ficado sabendo.

Não reconhecer o erro tornou a desculpa dele difícil de engolir. Não que estivesse sendo um babaca, mas ele simplesmente não se arrependia.

— Você me prometeu que não diria nada.

— Prometi não contar nada para Cam, e não contei. E confie em mim. O Erik não dirá nada a ele, porque assim teria de contar ao seu irmão porque lhe dei um olho roxo, que foi tudo o que diz. — A mão com os nós dos dedos feridos segurou o volante com mais força. — Merda, você não se divertiu nada hoje à noite, não é? Este era para ser nosso primeiro... sei lá. Caralho. Nosso primeiro encontro e o tempo todo você esteve irritada.

Fiquei sentada em silêncio e completamente imóvel. Aquela noite era nosso primeiro encontro oficial, mas não pareceu. Não porque eu não quisesse estar com ele, e sim por conta do que pairava na nossa mente.

— Eu deveria ter lhe contado na quarta-feira. Não deveria ter tentado esconder isso de você. Foi aí que estraguei tudo. — Fez-se um segundo de silêncio. — Tess, diga alguma coisa.

Fechando os olhos com força, lentamente abri as mãos. O que poderia dizer? Não foi só ele quem arruinou a noite — o que era para ser um passo monumental no nosso relacionamento atualmente secreto. Eu poderia ter dito algo assim que o vi. Ou quando ele me enviou a mensagem de texto mais cedo ou quando eu lhe mandei uma mensagem antes de ir para a cama. Mas não. Poderíamos ter esclarecido as coisas e então nos divertido. Com sorte.

— Não sei o que dizer — admiti finalmente.

Jase não respondeu e as coisas ficaram assim por uns trinta minutos, até chegarmos ao meu dormitório. Talvez eu estivesse exagerando. Ele não fez o que Cam fizera, mas mesmo assim tinha mentido e, no fim das contas, levou as coisas a um nível físico de consequência.

Mas Erik tinha provocado Jase.

Meu cérebro doía quando o Jeep parou no meio-fio. Como na noite anterior, ele tentou desligar o motor, mas eu o detive. Precisava pensar direito.

— Ligo para você amanhã — disse.

Ele me encarou por um instante e fez que sim.

— Deixe-me ao menos pegar suas muletas.

— Tudo bem.

Saindo do carro, apoiei meu peso na perna boa e esperei que ele pegasse minhas muletas do banco de trás. Tinha a sensação clara de que, se eu o encarasse, ele ficaria mais irritado com isso do que eu era capaz de compreender.

Pensei em convidá-lo para subir, mas Jase segurou meu rosto carinhosamente, se abaixou, levou seus lábios aos meus e me beijou tão suave que me lembrei da ternura inerente a ele.

— Estamos bem? — perguntou ele, e me senti sem chão.

A ideia de não estarmos bem antes mesmo da oportunidade de fazermos algo com esta relação era um balde de água fria. As palavras saíram de mim, me surpreendendo.

— Isso não me lembra apenas do que Cam fez. Isso me lembra *dele*, de tudo que senti quando estava com ele e *tudo* o que senti depois.

— Desculpe. Não pensei. — Jase fechou os olhos rapidamente.

— Tudo bem — sussurrei.

— Tem certeza? — Não parecia que ele acreditava em mim.

Fiz que sim porque não conseguia falar. Os dedos dele se afastaram e ele acenou com a cabeça em direção à entrada.

— Vou esperar enquanto você entra.

— Boa noite, Jase. — Senti um nó na garganta.

— Boa noite — murmurou ele.

Só quando estava na recepção iluminada é que percebi que tinha deixado meu cupcake e meu coração para trás. Virei-me, louca para sair e esquecer tudo, mas, como Jase prometera, ele esperou até eu entrar.

O Jeep tinha desaparecido.

Engolindo o nó na garganta, fui até o elevador. O arrependimento queimava como a comida que não caíra bem no meu estômago, mas ele ter ido embora talvez tenha sido uma coisa boa. Precisava pensar.

Ainda não sabia o que pensar ou como me sentir, mas como poderia ficar com raiva? E eu deveria ficar com raiva? Só queria dormir. Amanhã eu saberia o que falar para ele.

Quando acendi a luz, ela piscou e apagou, deixando o ambiente na escuridão.

— Caramba — resmunguei, dando a volta na mesinha de centro e batendo nela com as muletas. Encontrei o abajur e o acendi. A lâmpada econômica iluminava o suficiente para eu não quebrar meu pescoço andando pelo apartamento. Coloquei as muletas num canto e me virei.

Gemi.

— Você só pode estar brincando comigo!

Um cachecol rosa pendia da porta entreaberta. Debbie tinha terminado com o babaca! E eles estavam ali transando? A raiva tomou conta de mim, queimando em minhas veias. Eu espancaria os dois com minhas muletas. E seria ótimo, porque daí eu não poderia ficar com raiva de Jase por ter batido em Erik. Bater na cabeça deles resolveria um dos meus problemas.

Manquei até a porta. Senti uma dor na perna quando o tensor no meu joelho começou a escorregar, mas segui adiante e abri a porta. O quarto estava todo escuro e surpreendentemente quieto. Nada de gemidos ou molas da cama rangendo enquanto alguém tentava se cobrir.

Os pelinhos da minha nuca se eriçaram.

— Debbie? — Meus olhos não tinham se ajustado à escuridão quando procurei o interruptor. — Você...?

A luz não acendeu.

Tentei de novo, ouvindo o interruptor ser acionado, mas nada aconteceu... só havia um estranho som de rangido. Quase como uma tábua solta.

— Deb? — Um frio desceu por minha coluna e engoli em seco.

Não houve resposta. Só o ranger.

O instinto mandava me virar e sair correndo. O medo enfiou suas garras frias em mim assim que dei

mais um passo para dentro do quarto, piscando os olhos. Tentei chamá-la novamente, mas nenhuma palavra se formou na minha boca. Elas estavam congeladas dentro de mim.

A escuridão começou a se desprender do quarto. As sombras adquiriram formas mais profundas e sólidas, mais substância...

Bati em algo, algo que não deveria estar no meio do quarto, não deveria estar balançando para frente e para trás, fazendo aquele som de rangido.

O ar ficou preso na minha garganta quando ergui a cabeça, a visão lentamente voltando.

Duas pernas nuas — pernas nuas e brancas.

A camiseta de dormir.

Dois braços pendendo moles nas laterais do corpo.

O ar escapou dos meus pulmões quando entendi, mas... ah, meu Deus, eu não queria acreditar. Não podia. Não era possível. Senti o choro vindo.

Não era ela.

Não eram seus cabelos castanhos escondendo metade do rosto. Não era sua boca aberta. Não era Debbie pendendo da luminária no nosso quarto. Não podia ser ela.

Um som horrível encheu o apartamento, ferindo meus ouvidos. O som não cessou, continuou saindo e saindo. Havia vozes ao fundo, gritos de alarme, mãos que me seguravam pelos ombros enquanto minhas pernas falhavam, mas os gritos eram mais altos do que tudo.

Eu é que estava gritando, percebi debilmente. Não podia parar. Jamais pararia.

Debbie tinha se enforcado.

CAPÍTULO

Coisas aconteceram num borrão contínuo, sem que eu me desse conta. Por fim, parei de gritar, mas só porque a minha voz me faltou. As mãos que tentaram impedir minha queda pertenciam à pessoa mais improvável do mundo. Nossa colega de apartamento.

E nossa colega se revelou na menina seminua do quarto de Jase — Steph. Em qualquer outra hora eu teria rido da ironia. O fato de minha colega obscura ser ela. Quase ri mesmo, mas parei antes porque sabia que, se começasse a rir, jamais pararia.

A bela Steph — com seus cabelos pretos presos num rabo de cavalo alto e usando um shortinho de dormir que era mais curto do que os que as meninas do Hooters usavam — tentou conversar comigo depois que desci para a recepção iluminada demais, sentada numa das poltronas desconfortáveis de almofadas duras. Ela desistiu porque eu só conseguia encará-la sem dizer nada.

Debbie estava morta.

Um tremor se apoderou de mim, seguido por uma série de tremores menores.

A recepção estava cheia de pessoas nos cantos, algumas sussurrando e outras chorando. As pessoas se abraçavam. Outras pareciam chocadas por saber que, alguns andares acima de nós, havia uma menina morta.

Steph voltou ao meu lado com um cobertor e o pôs sobre meus ombros. Murmurei um quase inaudível “obrigada”. Ela fez que sim e se sentou ao meu lado. Outra menina, alguém que eu sabia que conhecia, mas não reconhecia, se aproximou de nós.

— Agora não — disse Steph, me fazendo dar um salto.

— Mas... — A menina parou, os dedos do pé descalço se encolhendo no piso da recepção.

— Mas não me importo — interrompeu ela. — Deixe-a em paz.

Pisquei debilmente enquanto a menina se afastava e desaparecia na confusão. Alguns minutos mais tarde, um cara se aproximou de nós e Steph o dispensou também. Ela era como um cão de guarda.

Luzes vermelhas e azuis do lado de fora do dormitório lançavam brilhos pela recepção. Fechei meus olhos com força.

Debbie tinha se enforcado.

Não podia esquecer o que acontecera. Não conseguia nem mesmo começar a entender por que ela fizera isso. Na noite passada ela tomara uma decisão importante e nesta manhã ela estava bem e falava em ir visitar os pais e agora...

Ela estava morta.

A polícia do *campus* finalmente desceu para conversar comigo; um dos policiais se abaixou e, num tom de voz baixo, me pediu para contar como eu a encontrei. Quando eles perguntaram se Debbie andava agindo estranhamente nos últimos dias, respirei fundo.

— Não. Mas ela terminou com o namorado — disse, a voz rouca e sem expressão. — Ela estava de bom humor da última vez que conversei com ela. Achei que ela tinha ido contar aos pais sobre o término.

Os policiais trocaram olhares, como se o fato de Deb ter terminado o namoro explicasse tudo, mas não. Na verdade aquilo só tornava a situação ainda mais confusa. Por que ela faria isso depois de dizer que tinha tanta coisa pela frente?

Depois que terminei de falar com a polícia do *campus*, os policiais do condado e do estado apareceram, fazendo as mesmas perguntas.

— Ela já respondeu a estas perguntas — disse Steph quando um policial perguntou o que eu estava fazendo antes de voltar ao apartamento.

— Entendo, mas... — O policial meneou a cabeça.

— Mas você não acha que ela está, tipo, sei lá, um pouco traumatizada por tudo no momento? Que você podia dar a ela um pouco de espaço? Talvez uns minutos para lidar com tudo?

O policial arregalou os olhos, mas, antes que eu pudesse responder, Steph se levantou de repente e deu a volta no policial.

— Graças a Deus você está aqui. Demorou muito.

Nem tive a chance de erguer a cabeça para ver com quem ela estava conversando. O policial abriu caminho e uma sombra alta caiu sobre mim e, no segundo seguinte, braços me envolveram pelos ombros. Respirei fundo, reconhecendo o cheiro fraco do perfume que pertencia a *ele* — a Jase. Tremendo, entreguei-me ao abraço, escondendo meu rosto no peito dele.

— Já tinha voltado à fazenda quando você ligou — disse ele para Steph. Ela ligou para ele? Como assim? — Vim o mais rápido que pude. — Ele subiu as mãos por minhas costas, acariciando meus cabelos. — Ah, meu amor, sinto muito.

Não conseguia falar, escondendo-me mais e segurando-o até me agarrar à mesma blusa que ele vestira no nosso encontro mais cedo. Eu não estava perto o bastante. Estava com tanto frio que queria entrar dentro dele.

— Queria ter entrado com você. Droga, queria que você não tivesse visto aquilo. — Ele abaixou a cabeça e me abraçou com mais força, impedindo que o cobertor caísse. — Sinto muito, meu amor.

O policial deve ter desistido, porque ele não estava mais fazendo perguntas as quais eu não queria responder. Meu Deus, eu não queria pensar em nada.

— Obrigado — ouvi Jase dizer, e então ouvi os passos leves de Steph se afastando de nós.

Quis contar a Jase que ela ficou ao meu lado, mas meus lábios estavam selados. Ele me segurou, sussurrando palavras no meu ouvido que não faziam muito sentido para mim, mas de alguma forma me acalmaram.

Uma confusão repentina se abateu sobre a recepção e o corpo de Jase ficou tenso de encontro ao meu. De repente, alguém gritou e o choro de algumas residentes se intensificou. Senti um enjoo e tentei me soltar para ver o que tinha que ver.

— Não. — Ele me segurou pela nuca, me mantendo no lugar. — Você não precisa olhar agora, meu amor. Não vou deixá-la ver isso.

Segurei a blusa dele até que os nós dos meus dedos doessem. Sem olhar, sabia o que estava acontecendo. Eles estavam tirando Debbie. Outro tremor se apoderou de mim.

Os minutos se passaram e fomos abordados novamente pela polícia. Eles queriam um depoimento formal.

— Isso não pode esperar? — perguntou Jase. — Por favor. Posso levá-la à delegacia amanhã, mas realmente só quero tirá-la daqui no momento.

Houve uma pausa e o policial cedeu.

— Temos informações o bastante por hoje, mas aqui está meu cartão. Ela precisa ir à delegacia amanhã.

Jase se mexeu e pegou o cartão.

— Obrigado.

O policial pigarreou.

— Sinto muito por isso, srta. Hamilton. Tente descansar e nos vemos amanhã.

Tentar descansar? Quase ri.

— Vamos sair daqui, mas preciso pegar suas muletas, ok? — disse Jase, afastando-se e segurando meu rosto. Meus olhos encontraram os dele. Havia preocupação no contorno de sua boca, afinando seus lábios. Ele parecia tão atordoado quanto eu me sentia. — Você vai ficar bem enquanto eu as pego?

Não tinha percebido que desci sem as muletas. Fechando os olhos, respirei fundo várias vezes, tentando me acalmar.

— Certo. Eu... eu ficarei bem.

— Tem certeza?

Quando fiz que sim, ele começou a se levantar, mas eu o segurei pelos pulsos.

— Para onde vamos?

— Podemos ir para a fraternidade ou para a casa dos meus pais...

Não queria estar perto de ninguém e principalmente não queria encontrar Erik.

— Tenho a chave do apartamento de Cam. Está... está na minha bolsa. Podemos ir para lá?

— Sim, meu amor, podemos ir para onde você quiser. — Ele olhou por sobre meus ombros. — Eu estarei...

Segurei-o com mais força pelos pulsos.

— Não conte ao Cam. Por favor. Se você contar, ele virá para cá e isso estragará a viagem dele. Por favor, não conte.

— Não vou contar a ele — prometeu Jase, beijando-me no rosto. — E não se preocupe com isso. Certo? Não se preocupe com nada.

Aliviada por saber que isso não interferiria nos planos de Cam, relaxei um pouco. Jase saiu para encontrar um dos policiais e poder subir para pegar minhas coisas. Esperando por ele, mantive o olhar

nos azulejos. Podia sentir os olhares em mim e queria me afundar no cobertor e desaparecer.

Jase voltou depois de algum tempo. Segurando minha bolsa, ele me ajudou e me levou para fora. Mal senti o ar frio quando passamos pelos carros da polícia estacionados sobre a calçada, e não no estacionamento.

O caminho até University Heights foi silencioso. Jase segurava minha mão, mas eu mal o sentia. Eu estava dormente por dentro e por fora, e me perguntava quando recomeçaria a sentir as coisas. Imediatamente depois de ter lesionado meu joelho pela primeira vez, eu me senti assim. Vazia. Num estupor. A sensação de estar fora do corpo durou dias, mas isso era algo num nível muito mais profundo e diferente.

O apartamento de Cam estava escuro quando entramos. Jase deu a volta por mim, encontrando facilmente o interruptor para acender a luz. Imaginava que o apartamento fosse como uma terceira casa para ele.

Ele parou a alguns metros de mim e se virou, passando as duas mãos nos cabelos.

— Tess, meu amor... — Ele balançou a cabeça, como se não soubesse o que dizer. E o que se diz numa situação como essa?

Respirei fundo, sentindo uma fraqueza nos joelhos.

— Eu... nunca vi uma pessoa morta antes.

Ele fechou brevemente os olhos.

— E ela estava morta. — Parei, engolindo em seco. Aquilo era um esclarecimento estúpido e desnecessário, mas eu precisava dizer em voz alta. — Ela se matou. Por que ela faria isso?

— Não sei. — Ele se aproximou de mim, um quê de dor nublando seus olhos.

Senti uma queimação na garganta.

— Ela me disse noite passada que estava feliz por ter terminado com Erik. Que tinha toda a vida pela frente. — Tentei respirar, sem conseguir. — Ela estava *bem* hoje. Não entendo.

— Eu sei. — Ele parou na minha frente e, quando voltou a falar, falou baixinho. — Talvez você nunca entenda.

Não queria acreditar. Algo deve ter acontecido para que ela fizesse o que fez, porque não queria que aquilo fosse algo incompreensível e com o que eu tivesse de conviver. Eu não estava me movendo, mas de alguma forma tropecei. As muletas caíram no chão, quicando um pouco no carpete. Jase me segurou pelo cotovelo e me levou ao sofá.

— Você está bem? — Ele se sentou ao meu lado, colocando a mão quente contra meu rosto frio.

Fiz que sim, fechando os olhos e me recostando no sofá. As palavras — elas simplesmente saíram de mim.

— Talvez eu devesse ter dito algo antes a ela sobre Erik, sobre o que passei com Jeremy. Eu poderia tê-la ajudado. Talvez prestado mais atenção...

— Pare — disse ele, segurando meu rosto com as mãos e colocando a testa de encontro à minha. — Não havia absolutamente nada que você pudesse fazer para mudar as coisas. Você entende isso?

Não tinha certeza. Fiquei em silêncio sobre o relacionamento deles desde o começo, e Debbie manteve silêncio sobre o que aconteceu. O silêncio, dependendo do ponto de vista, destrói vidas.

Ele soltou um gemido profundo e arrasado.

— Se ela quis se matar, ela teria feito isso por mais que alguém fizesse ou dissesse algo, Tess.

Suicídio.

Algo não fazia sentido e era difícil acreditar que ela realmente teria se enforcado. A negação me afetava muito, e havia algo no fundo da minha mente que gritava que Debbie não teria feito isso.

— Será que eles encontraram um bilhete de suicídio? — refleti em voz alta, sentando um peso no meu estômago e peito. — Você acha que eles encontraram?

Ele se afastou, colocando as mãos na minha perna e balançando a cabeça.

— Não sei. Talvez lhe digam amanhã, quando eu a levar à delegacia.

Aquilo era a última coisa em que eu queria pensar. Esfreguei o rosto com a palma das mãos. Tantos pensamentos giravam em minha cabeça que resolvi expressar um deles.

— Você sabia que a Steph morava lá? Digo, que ela era minha colega de quarto?

— Não. Nunca estive no dormitório dela. Nem nunca perguntei.

Achei melhor acreditar nele por ora, porque era bobagem se importar com isso.

— Ela ligou para você?

— Ligou e eu... ela disse que você estava mal, gritando, e ela me ligou.

Tremi ao me lembrar daqueles momentos horríveis depois de encontrar Debbie.

— Como ela sabia?

Ele me olhou, confuso.

— A noite da festa... ela deduziu que você era importante para mim e que havia algo entre nós.

Fazia sentido. Virei-me um pouco e foquei em respirar fundo várias vezes.

— Vou ver se Cam tem algo para beber.

— Prepare algo forte — murmurei.

— Tem certeza? — Ele me beijou no rosto depois que concordei com a cabeça. — Tenho certeza de que ele tem algo.

Erguendo a cabeça, me percebi olhando para o lugar onde as muletas tinham caído no carpete bege de Cam. Há alguns dias achava que minha vida estava arruinada. Não completamente, porque coisas boas acontecem ao mesmo tempo que algo ruim aconteceu. Encontrei Jase. Finalmente, depois de anos a fim dele, eu o conquistei. Mais cedo naquela noite fiquei com raiva de Jase por causa de Erik e isso parecia irrelevante agora. Assim como meu joelho machucado. Aqueles assuntos não eram nada em comparação ao que acontecera a Debbie e sua família. Meus problemas não eram nada, porque Deb... estava morta.

Jase voltou com um copo de líquido cor de âmbar.

— Uísque — disse ele, me dando o copo. — Deve ajudar.

— Uau. — Bebi um gole e fiz uma cara feia, sentindo a garganta queimar.

— A segunda dose deve descer mais fácil. — Ele pegou a garrafa e bebeu um gole, obviamente um profissional no que diz respeito a beber coisas chiques.

Ele tinha razão. A segunda dose foi mais fácil e a terceira mais ainda. Quando terminei, pus o copo na mesa de centro.

— Ajudou? — perguntou ele, colocando a garrafa ao lado do meu copo.

Ajudou? Virei-me para ele.

— Quero... quero dormir.

— Talvez seja uma boa ideia. — A expressão dele se amenizou.

Sim. Aquilo parecia uma ótima ideia.

— Você vai passar a noite comigo? Não quero ficar sozinha.

— Claro que vou ficar com você. Não vou deixá-la sozinha de jeito nenhum.

— Obrigada por vir. — Aproximei-me dele e o abracei.

Ele retribuiu o abraço.

— Você não precisa me agradecer por isso.

— Mas agradeço. Não sei o que faria se você não estivesse aqui. Provavelmente perderia a cabeça. Eu só... — Não concluí. A gratidão transbordou em mim. — Obrigada.

Jase me beijou no alto da cabeça e descobri que era difícil me soltar dele. Encontrei uma camisa velha e grande demais de Cam para usar para dormir enquanto Jase investigava o quarto extra.

— Desculpe. Não posso dormir na cama de Cam. Estranho demais.

Manquei até o outro quarto e vi a cama de casal com um edredom azul perfeitamente esticado.

— É o quarto do Ollie?

Jase olhou por sobre o ombro. O olhar dele foi rápido, mas percebi que ele estava admirando todo o meu corpo exposto. A camisa de Cam caía de um dos ombros e o tecido acabava no meio das minhas coxas. Se me abaixasse, alguém teria uma bela visão da minha calcinha.

Ele desviou o olhar, e olhou para a cama.

— O Cam na verdade trocou a cama e outras coisas porque a antiga cama pertencia ao Ollie. Às vezes eu durmo aqui.

— Tem certeza?

Jase riu.

— Não dormiria na mesma cama de Ollie a não ser que ela fosse dedetizada.

— Que maldade. — Torci a boca.

— Ah, você também não iria querer dormir na cama dele — disse Jase, me encarando. — Aquele cara aprontou. A cama dele tinha mais ação do que um trem do metrô.

Abri um sorriso.

Os olhos dele se iluminaram.

— Aí estão elas!

— O quê?

— Suas covinhas.

Sorri.

— Bem melhor. — Ele se abaixou, beijando a covinha da esquerda e depois a da direita. — Eu as amo.

Apesar de tudo, meu peito se aqueceu e soube que aquilo não tinha nada a ver com a bebida. O calor durou até que eu subisse na cama que cheirava a linho e Jase desaparecesse no apartamento para verificar a porta e pegar um pouco de água para si.

Tremendo, cobri-me com o edredom até os ombros e me virei de lado, de costas para a porta. Quando fechei os olhos, vi um par de pernas brancas e braços moles.

Por que ela fez aquilo? Nada, não importa o que fosse, era digno de se jogar a vida fora. Lágrimas feriram meus olhos e escorreram. Debbie e eu não éramos muito próximas, mas isso não parecia importar. Meu coração sofria por ela assim mesmo.

Ouvi a porta se fechar com cuidado e enxuguei rapidamente o rosto. O abajur ao lado da cama foi desligado e ouvi o barulho de roupas caindo no chão. Meu coração disparou. A cama se afundou quando Jase se deitou ao meu lado. De alguma forma, na escuridão do quarto que cheirava a coco e baunilha, os dedos dele encontraram as lágrimas no meu rosto e ele as enxugou. Não disse nada, apenas envolveu meu corpo com o seu e pôs seu braço na minha cintura.

Senti o calor de seu peito nu nas minhas costas e por minhas pernas, mas era como se metade do meu corpo fosse um monte de neve e a outra metade estivesse perto de uma confortável lareira. Tentei fechar os olhos novamente, mas a imagem de Debbie voltou e eu tremi.

— Não pense nisso. — Ele me abraçou com mais força.

— Não consigo deixar de vê-la — admiti depois de uns instantes. — Quando fecho meus olhos, eu a vejo lá pendurada... — Interrompi-me. Não queria pensar nisso nem sentir nada. Ele se ajeitou ao meu lado e me ative à sensação dele perto demais, o corpo dele quente e duro. Podia me perder nele. Quando o pensamento se formou, pareceu-me outra brilhante ideia. Jase podia me fazer esquecer, mesmo que fosse só por um tempo.

Mexi o quadril e o senti tenso.

— Jase?

— Sim? — A voz dele era grossa e áspera.

— Me faça esquecer. — Meu rosto corou quando falei.

— O que você está pedindo? — Senti o peito dele se inflar contra minhas costas.

— Você — sussurrei.

— Tess... — Ele respirou fundo mais uma vez.

— Estou com tanto frio. — Virei de costas e voltei minha cabeça para ele. Nossos rostos estavam a centímetros um do outro. — Não quero me sentir assim. Por favor, Jase, quero me sentir aquecida. Não quero pensar. Não quero vê-la pendurada lá. Por favor. Tire isso de mim. Mesmo que só por agora.

Movi-me, rolando até que estivesse com uma parte do corpo em cima dele. Minha perna direita, com o tensor e tudo, se pôs entre as pernas dele, e pus minhas mãos sobre seu peito firme. Antes que ele pudesse dizer não, levei minha boca à dele, beijando-o. A princípio, ele não reagiu, como se estivesse surpreso com minha ousadia. Tentei me lembrar se tinha tomado a iniciativa de um beijo antes, a não ser na noite depois da festa, e acho que não. E naquela noite eu não o tinha beijado.

Tinha beijado outra coisa.

Ser a pessoa a iniciar algo depois de um evento tão trágico deixava um gosto ruim na minha boca, mas ignorei essa sensação, escondendo-a entre outras sensações ruins que não queria sentir.

Os lábios dele eram firmes e quentes sob os meus, perfeitos. E então eles se moveram, me seguindo carinhosamente. Gemi quando nossas línguas se encontraram e o beijo se intensificou, dissipando o calor por todo o meu corpo. Pequenas chamas de desejo se eriçaram em minha barriga.

Jase me segurou pelo braço e a ansiedade aumentou, prestes a irromper ao senti-lo duro contra meu quadril. Esperava que ele me puxasse para mais perto, que nossos corpos colidissem, mas... ele me afastou.

— Por quê? — Abri os olhos de repente.

— Assim não, Tess. — Os traços dele apareceram nas sombras, tensos e duros.

Não era o que eu queria ouvir. Forcei meu peso sobre ele, fazendo-o gemer de um jeito que provocou uma dor entre minhas pernas. Ele estremeceu quando abaixei a cabeça, pegando o lábio dele. Chupei e mordi até ele jogar o quadril para cima, se apertando de encontro a mim. Um fogo percorria minhas veias e isso — sim, isso — era do que eu precisava agora. Esquecer. Ficar aquecida. Viver.

Jase se mexeu e, sem alarde, eu estava de costas e ele em cima de mim, seu membro grosso entre minhas pernas. Ondas de prazer corriam em minhas veias. Minhas costas se arquearam e ergui o joelho esquerdo, acomodando-o mais fundo.

— Jesus, Tess... — Ele me segurou pelos pulsos, grudando-os na cama. Ele estava ofegando. — Não vamos fazer isso.

Balancei os quadris e ele pulsou contra meu corpo.

— Acho que *ele* discorda.

Ele conteve uma gargalhada.

Quando me encostei nele novamente, Jase segurou meus pulsos com mais força.

— Você não me quer?

— Merda — resmungou ele. — Sempre quero você. Eu a quero há anos. Quero em todas as posições possíveis. — Parando, ele encostou a testa na minha. — Mas nossa primeira vez não vai ser depois de algo assim, quando você só quer esquecer o que viu e o que está sentindo.

Com o coração disparado, encarei-o.

— Nossa primeira vez? — repeti debilmente, e só então me ocorreu que não tínhamos feito sexo ainda.

— Quero que você só pense em mim. Quero que você esteja concentrada em mim porque quer, e não porque está tentando fugir de algo — disse ele, e aos poucos me soltou. — Não quero que o que vai acontecer entre nós seja poluído por outra coisa.

Estava sofrendo de várias formas, mas as palavras dele lentamente romperam meu estupor. Ele me observava enquanto tudo fazia sentido. No que eu estava pensando? Comecei a me desesperar.

— Eu...

— Não peça desculpas, amor. — Ele me deu um beijinho rápido na testa e se virou de lado. — Não permitir isso foi a coisa mais difícil que já fiz.

Eu me permiti acalmar, mas meus olhos doeram e se encheram de lágrimas. Quando elas escorreram, não tinha nada a ver com Jase pondo um freio em meus impulsos sexuais. Eu estava sentindo o que precisava sentir no momento — dor, sofrimento, confusão e mágoa. Tudo junto, formando um redemoinho de emoções.

Jase me abraçou, me puxou de encontro ao seu peito, a mão pousando na minha nuca. Ele parecia saber por que as lágrimas jorravam e me manteve por perto até que fiquei cansada e peguei no sono.

Acho que dormimos por horas e talvez até avançamos dia adentro, porque, quando abri os olhos, a luz do sol vazava pela janela atrás da cama.

E não estávamos sozinhos.

O quê...?

As lembranças de um sonho bagunçavam minha cabeça e o restante do quarto entrava em foco. Meu irmão estava ao pé da cama, boquiaberto. A cabeça ruiva de Avery apareceu e, de olhos arregalados, ela espiava por sobre o ombro de Cam. Pisquei lentamente. O que eles estavam fazendo aqui? Eu estava sonhando? Ou tendo um pesadelo?

Um músculo latejava na mandíbula de Cam enquanto ele olhava para a cama. Olhei para baixo e meus olhos se arregalaram. O edredom se enrolara nas nossas pernas no meio da noite. Minha perna esquerda estava para fora e bem colocada entre as pernas de Jase. Apesar de saber que ele estava de cueca, não parecia assim. Droga, parecíamos nus. A camisa emprestada caíra completamente pelo ombro e, pela forma como eu segurava as cobertas, parecia que eu não estava usando nada e o peito de Jase estava exposto.

Pior ainda, metade do meu corpo estava em cima de Jase.

Merda.

Fiquei rígida, meu olhar encarando Cam. Os olhos azuis dele estavam pegando fogo e ele fechou a boca. Avery surgiu por trás do meu irmão e parecia conter uma risada, colocando as mãos sob o queixo dele.

Jase me segurou com mais força pela cintura, me puxando para perto. Ele virou a cabeça, acariciando meu pescoço com o nariz. Ele bocejou, um som grave que ecoou pelo quarto.

— O que está acontecendo, amor?

Fiquei sem palavras.

— *Amor?* — Todo o corpo do meu irmão ficou tenso de uma forma que anunciava problemas.

Jase ficou imóvel e não tirou o braço, apenas afastou o rosto do meu pescoço. Ele olhou para o pé da cama e soltou o ar lentamente.

Houve um segundo de silêncio e Cam perguntou:

— Que *merda* é essa?

CAPÍTULO

As coisas não podiam ser mais constrangedoras.

— O que é que você está fazendo na cama com a minha irmã? — perguntou Cam.

Jase esticou o braço casualmente e ajeitou as cobertas para esconder minhas pernas.

— Bom, estávamos dormindo.

— Pelados? — Cam ficou nervoso.

Eita, as coisas acabaram de ficar ainda mais constrangedoras. Com o rosto pegando fogo, comecei a me sentar, mas o braço de Jase era como uma viga de aço.

— Não estamos pelados.

— Que bom.

Avery desviou o olhar, fechando bem a boca.

— E não estávamos fazendo nada — disse, e aquilo pareceu ridículo até mesmo para mim.

Jase me olhou.

— Não, isso é mentira. — Meu coração parou, descrente, quando ele se sentou, certificando-se de que eu ficasse coberta, o que era bom. Tinha certeza de que minha camisa estava toda enrolada entre meus seios. — Não estávamos fazendo nada neste momento e talvez não exatamente na noite passada, mas andamos fazendo coisas. Coisas que tenho certeza de que você não quer ouvir.

Ah. Meu. Deus.

— Na verdade, quero ouvir exatamente o que *meu* amigo andou fazendo com *minha* irmã quando voltei correndo para cá depois de ficar sabendo do que houve com Debbie.

— Acho que essa história com Jase não é da nossa conta. — Avery pôs uma das mãos no braço de Cam.

— Não — disse Jase. — É, sim, da sua conta e íamos contar, mas isso não aconteceu.

— Me contar o quê, exatamente? — perguntou Cam, a mão se abrindo e se fechando ao lado do corpo.

Não era assim que eu me imaginava contando ao meu irmão sobre nós. Não estando na cama com o melhor amigo dele, nem com Avery no canto, com a aparência de quem preferia estar sendo depilada com cera quente.

— Estamos juntos. — Pigarreei. Será que eu podia ao menos ter tempo de escovar os dentes antes de ter esta conversa? — Jase e eu estamos juntos.

— Palhaça. — Meu irmão me encarou como se eu tivesse dito que estava namorando uma tartaruga de estimação.

— Como é? — perguntei.

— Você não está com Jase — disse ele, ignorando Avery, que tentou tocá-lo no braço. Foi então que notei a mão esquerda dela, o dedo não exibia a enorme pedra. — Nenhuma menina está com Jase, não por mais de uma noite ou uma ficada aqui e ali.

— Não é assim com a Tess. — Jase ficou imóvel.

Meu irmão o interrompeu com um olhar sombrio.

— É a minha irmã, Jase. Porra! Ela não é uma menina à toa. Não se esqueça de que eu sei... um monte de merda e você não vai fazer minha irmã...

— Uau! — gritei. — Não sou uma menina à toa e isso é diferente entre nós.

— Caralho, Teresa, você é idiota? — Cam bufou.

Passou-se um nanossegundo. Num instante Jase estava ao meu lado e no outro tinha saído da cama, pondo-se diante do meu irmão. Posso me chamar de menina má, pois fiquei um pouco excitada ao ver Jase em toda a sua glória seminua. A cueca justa e preta marcava a curva musculosa do bumbum dele como uma luva. Suas coxas eram perfeitas, fortes, mas não demais. As fibras de seus músculos estavam tensionadas, fazendo os nós de suas tatuagens que alcançavam as costas se moverem.

— Olha, você pode me encher o saco o quanto quiser, Cam, mas não a ataque. Não depois do quê...

— Não tente me intimidar. — Cam encarou Jase e senti um frio na barriga. Tirei o edredom de cima de mim,ajeitando a camisa e vendo meu irmão ficar todo vermelho. — Ela é minha irmã caçula...

— Não sou mais criança, Cam! E você sabe que o Jase é um cara legal, então pare de ser babaca. Vamos lhe contar, mas... — Gemi quando apoiei meu peso na perna direita e meu joelho começou a doer.

— Tess... — Jase se virou e se aproximou de mim.

— Estou bem. — Abaixei-me um pouco, colocando a mão sobre o joelho.

— Olha só o que você fez. — Cam praguejou.

— Ele não fez nada — disse Avery, os olhos arregalados. — Cam, acho que precisamos sair um pouco e dar tempo para que todos se acalmem.

— Concordo. — Jase cuidadosamente me obrigou a sentar, o que me fez ficar no nível das suas partes íntimas, e a situação toda ficou ainda mais ridícula. — Acho que nós dois precisamos nos acalmar.

— Que se foda — retrucou Cam, passando a mão nos cabelos. Ele se virou, balançando a cabeça e se voltou para nós. — Há quanto tempo? Há quanto tempo isso está acontecendo?

Jase endireitou-se, virando-se para o meu irmão.

— A primeira vez que nos beijamos foi há um ano...

Foi tudo o que ele conseguiu dizer.

Como uma bala de revólver, Cam se jogou sobre Jase. Avery gritou, alarmada, e eu saí da cama, mas era tarde demais.

Cam deu um soco no queixo de Jase, fazendo-o girar. Ele bateu na parede, xingando, e caiu no chão, segurando o queixo.

— Merda — murmurou Jase.

Gritei, jogando-me no chão ao lado dele. Minha perna urrou de dor, mas ignorei. Segurando o braço de Jase, olhei para meu irmão.

— O que há de errado com você?

Ele ofegava, abaixando a mão e piscando rapidamente. Avery ainda o segurava pelo braço.

— Ele não deveria...

— Não deveria o quê? Estar ao meu lado? Me tratar como mereço? Ficar comigo? Porque ele está fazendo tudo isso. Então que se foda, porque ele está aqui e eu o amo. Então você pode ir à merda... — Parei de falar, sentindo um arrepio descer por minhas costas. Virei-me lentamente para olhar para Jase. O sangue escorria por seu rosto tão rápido que achei que ia desmaiar. O que acabei de dizer? — Ah, meu Deus...

O lado direito de seu queixo estava vermelho, mas ele me encarou, seus olhos prateados brilhando.

— O quê? — sussurrou ele.

Eu amava Jase. Sabia disso. E aceitava totalmente isso, mas ainda não estava pronta para dizer a ele, não diante do meu irmão que acabara de bater em Jase. Aquilo não era nada romântico.

— Pare com isso, Cam, dê um tempo. — Avery o puxou pelo braço e, puta que o pariu, meu irmão finalmente lhe deu ouvidos. Ele se virou, deixando que ela o guiasse para fora do quarto, como que entorpecido.

Observei a porta se fechar e cogitei fugir correndo dali. Talvez o apartamento de Avery estivesse aberto e eu pudesse me esconder no armário dela. Por uma semana. Eu admiti que o amo. Por favor, Deus, faça-o pensar que eu disse outra coisa — qualquer coisa. Talvez “eu o gamo”. Assim era melhor.

Jase pôs as pontas dos dedos no meu rosto e eu virei minha cabeça para ele. Seu olhar era uma mistura de selvageria e vulnerabilidade que tocou meu coração. Abri a boca para dizer algo que provavelmente não precisava ser dito.

A boca de Jase capturou a minha e não havia nada de calmo ou carinhoso no beijo. Nossos lábios e dentes se chocaram e sua língua entrou na minha boca. Ele inclinou a cabeça, abrindo as mãos e me devorando. O beijo foi rude, intenso e sensual, incrivelmente poderoso. Arreprios tomaram conta de mim.

— Espere — consegui dizer, interrompendo o beijo. — Seu queixo...

— Não dou a mínima para o meu queixo no momento. — Ele desceu as mãos pelas laterais do meu corpo e me segurou pelo quadril. Erguendo-me, ele me pôs no seu colo. A posição era prejudicial para minha perna, mas me perdi no toque dele se apertando contra meu âmago. A fina camada de roupas entre nós deixava pouco para a imaginação.

Não tinha ideia de como ele ficou duro tão rápido.

Segurando-me pelo quadril, ele me ergueu e uma sensação rude subiu por mim. Ele me beijou, silenciando o gemido de desejo que queimava em minha garganta. Suas mãos desceram para minhas coxas e subiram por sob minha camisa, acariciando minha pele. Sacudi-me quando seus dedos tocaram a parte de baixo dos meus peitos nus.

— Jase — sussurrei, respirando sufocadamente. Senti uma ânsia em meus seios, os biquinhos tão duros que quis gritar. — Meu irmão está ali fora.

— Foda-se o seu irmão. — Suas mãos subiram, envolvendo meus seios. *Finalmente*. — Foda-se tudo que está do lado de fora deste quarto.

Perdi a noção quando seus dedos tocaram meus mamilos e ele levantou o quadril mais uma vez. Gemi o nome dele contra sua boca enquanto apertava meus seios, moldando suas mãos ao redor deles. O prazer me assolou. Nunca me impressionei muito com meus seios antes, mas ali eu estava, vendo que eles pareciam se encaixar nas mãos de Jase com perfeição.

Jase estremeceu e se ajustou, soltando meus seios e me segurando pela cintura. Parecia que num instante ele estava apoiado na parede e depois estávamos sentados, e no outro ele estava de pé, levantando-me consigo e explorando minha boca, e logo depois eu estava deitada de costas no colchão macio.

Ele pairou sobre mim, os olhos queimando. Um hematoma se formou em seu queixo, um lembrete do que havia do outro lado da porta, mas, ah, meu Deus, não me importava. Eu o queria. Meu corpo latejava de tanto desejo.

Nossos olhares se encontraram e, até aquele instante, não tinha percebido quanto controle Jase exercia sempre que estávamos juntos. Aquele controle desaparecera, perdido na tempestade de luxúria e desejo e algo mais profundo.

Seus bíceps se inflaram quando ele se abaixou entre minhas pernas. Ele fez movimentos lentos e conquistou minha boca e desceu a mão por minha coxa, passando minha perna esquerda por sobre seu quadril. Eu o ouvi gemer ao combinar nossos movimentos, nossos corpos cedendo ao que ambos queriam. Seus lábios desceram por meu pescoço, por sobre meu ombro e de volta por minha omoplata.

Meus dedos se afundaram em seus cabelos macios e sua boca se aproximou perigosamente dos meus seios. Perdi o fôlego quando sua boca chegou perto do biquinho do meu seio esquerdo, chupando-o por sobre o tecido frio. Arqueei-me na cama, rangendo os dentes para não gritar. Sua mão envolveu meu seio direito, segurando o mamilo com seus dedos hábeis. Minhas mãos agarraram seus cabelos quando os dentes dele mordiscaram meu mamilo pela camisa.

Um gritinho me escapou quando uma onda de prazer se abateu sobre mim e eu tremi, querendo-o mais perto, dentro de mim.

— Por favor.

Jase se ergueu, os lábios inchados e úmidos.

— Você é tão linda assim. — Seus quadris me pressionaram, fazendo meus dedos do pé se encolherem.

Um calor tomou conta de mim. Puxei os cabelos dele, trazendo-o para meus lábios, e ele veio, o beijo me buscando e chupando. Ele segurou a aba da minha calcinha e sabia o que aconteceria se ele a tirasse. Ele entraria e sairia de mim e era isso o que eu queria desesperadamente.

Jase me lançou um olhar cheio de desejo.

— Queria que isso fosse perfeito. Queria esperar, mas não consigo.

Meu coração bateu mais forte, meu âmago latejando. Ergui meu bumbum, feliz quando o gemido de aprovação dele reverberou em mim.

— Eu a quero há tanto tempo. Eu...

Uma batidinha na porta nos interrompeu.

— Teresa? Jase? Tenho um saco de gelo para você.

Foi como se o gelo tivesse sido colocado entre nossas pernas. Paramos, ofegantes.

— Teresa? — chamou Avery, baixinho.

Ele colocou sua testa na minha e praguejou. Um tremor o sacudiu e ele se deitou de costas.

— Não posso ir até a porta.

Meu olhar se voltou para a pélvis dele e sua ereção era tão visível que me encheu de prazer.

Reclamando, controlei meus hormônios e pigarreei.

— Já vai.

— Quase gozei. — Jase bufou.

Bati no peito dele e Jase riu, dobrando a pena e, depois de começar, ele não parou. Seus olhos se enrugaram e seus cabelos eram uma confusão exuberante de ondas e, naquele segundo, lembrei por que o amava tanto.

CAPÍTULO

Avery entregou o saco de gelo, prometendo que Cam estava quase mais calmo. A minha calma e a de Jase era outra história. Percebi, quando Avery me viu à porta, que ela tinha uma boa ideia do que estava acontecendo no quarto entre nós. Meus cabelos estavam desarrumados, os lábios inchados e o rosto corado. Ela não disse nada, mas, ao se virar, juro que a vi dar uma risadinha.

Eles estavam no quarto de Cam e nós estávamos no outro. Jase e eu vestimos as roupas que estávamos usando ontem, o que ao menos me deixou mais à vontade segurando o gelo de encontro ao queixo dele, que não estava inchado, mas muito vermelho.

— As coisas não saíram como planejadas. — Ele me olhou por sobre o saco de gelo.

— Não diga. — Ri, a despeito de tudo.

Um sorriso apareceu em seus lábios e ele gemeu, recuando.

— Ah.

— Não sorria — mandei. Apertei o saco contra o queixo dele. Alguns segundos se passaram. — Não foi tão ruim assim.

— Não foi ruim? — Seus olhos queimavam num tom prateado desde que ele saiu de cima de mim e agora brilhavam ainda mais. Passando o braço por minha cintura, ele me puxou e me abaixou para eu me sentar sobre suas pernas dobradas. — Sonhos molhados são feitos destas coisas.

— Que romântico. — Fiz uma careta.

Ele me segurou pelo pulso, tirando a minha mão que segurava o gelo e vasculhando meu rosto.

— Não queria ter perdido o controle daquele jeito.

— Não me importo. — Fiquei toda vermelha. — Queria que tivéssemos ido até o fim.

Ele grunhiu, segurando-me pela nuca e guiando minha cabeça para baixo. Seus lábios pousaram sobre os meus num beijo lento e sensual que inflou as chamas do desejo. O beijo ganhou intensidade quando a língua dele encontrou a minha em movimentos aleatórios e, caramba, como ele sabia beijar...

A porta do quarto se abriu de repente e Cam entrou.

— Que merda, vou precisar bater em você novamente, Jase?

— Droga — resmunguei, afastando-me e lançando um olhar de reprovação para Cam. — Você não sabe bater na porta? Não é tão difícil.

Ele pareceu não se culpar ao olhar para Jase.

— Vim aqui tentar conversar. Entrei e ela está no seu colo e você a está fodendo com sua língua.

Jase abriu a boca e tive a sensação de que ele ia explicar que não estava me fodendo com a boca *naquele* instante.

— Cam — eu o chamei, jogando o saco de gelo de uma mão para a outra. — Você realmente precisa se acalmar.

— E você precisa sair do colo dele.

Avery revirou os olhos.

— Ela está onde quer estar — respondeu Jase, a voz surpreendentemente calma. — E vou lhe dizer uma coisa. Não estou com raiva por você ter me batido. Eu deveria ter lhe contado da primeira vez que nos beijamos, há um ano.

Cam ficou tenso.

— Deixe-me terminar — disse Jase, mantendo o braço na minha cintura. — Nós nos beijamos naquela noite antes de sairmos para o recesso de outono. Nada aconteceu até este outono. Tentei lutar contra o que sentia.

— É, parece que você lutou *mesmo*.

Fiquei irritada e levantei a cabeça para o meu irmão.

— Ele tentou, Cam. E não é como se fôssemos esconder isso para sempre. Planejávamos contar na quarta-feira, mas você tinha *outras coisas* em mente. — Esperei até que ele entendesse. — E então aconteceu isso com a Debbie... — Minha garganta se fechou e Jase me abraçou com mais força. — De qualquer forma, não estávamos tentando esconder de você. Só não houve o momento certo para contar.

— E eles estão contando agora — disse Avery. Aparentemente, ela se tornara a voz da razão quando se tratava do meu irmão. — Acho que é algo bom.

— Acho que isso me faz duvidar da capacidade de Teresa escolher entre o bom-senso e seus hormônios — resmungou ele, passando a mão pelos cabelos.

Fechei a boca e lhe lancei um olhar que deveria tê-lo deixado todo arrepiado. Jase, que estava calmo durante o segundo ataque, teve uma reação completamente diferente. Tirando-me do seu colo, ele me pôs na beirada da cama e se levantou.

Um músculo latejava em seu queixo.

— Olha, não vou usar o soco contra você, mas, se você falar da sua irmã assim de novo ou se referir assim à inteligência dela ou se a insultar ou constranger, vamos ter um problema. Um problema do caralho. Eu gosto dela — disse Jase, encarando Cam, apesar de aquelas palavras parecer não ajudar em nada para fazê-lo se sentir melhor. — Gosto dela... tanto quanto gosto de Jack.

Cam recuou um passo e ficou pálido como se Jase tivesse lhe dado um soco. Avery não entendeu o sentido daquilo, mas meu irmão sim. Ele me olhou e arqueei as sobrancelhas, num sinal de que sabia a verdade.

Meu irmão parecia prestes a desmaiar e de repente senti uma vontade de rir. Ele balançou lentamente a cabeça e disse:

— Mesmo?

— Mesmo. — Jase fez que sim.

— Bom... — Ele recuou, aparentemente assustado. — Acho que estou...

— Feliz por nós? — sugeri, jogando o saco de gelo para cima e o pegando. — Porque seria bom para mim me ater às coisas boas no momento.

Cam me olhou, seus traços se acalmando, mesmo depois que Jase voltou para a cama e pôs uma das mãos na minha coxa, me apertando.

— Que merda, Teresa, desculpe. Eu sou...

— Superprotetor — sugeriu Avery, sorrindo quando Cam olhou para ela. — E um tanto babaca às vezes.

— Mais ou menos isso. — Eu ri.

— Sim, claro, posso ter exagerado, mas só porque gosto de você. Você é minha irmã e devo agir como um babaca quando se trata de homens que você se envolve.

— Você transformou isso numa verdadeira ciência — murmurou Jase.

Cam o ignorou e a tensão em meus músculos começou a se dissipar. Se eles estavam rindo um do outro é porque as coisas estavam voltando ao normal.

— De qualquer forma, voltamos mais cedo porque começamos a receber mensagens de texto nesta manhã sobre Debbie — explicou Avery, tocando num assunto menos feliz, porém necessário. — Tivemos de voltar.

— Queria que vocês não tivessem voltado — murmurei, pensando nos planos de Cam.

— Não teve jeito — respondeu meu irmão, se agachando diante de mim. — Por favor, me diga que os rumores não são verdade. Que você não a encontrou daquele jeito.

— É verdade. — Cruzei os braços como se pudesse afastar as lembranças dela.

Cam praguejou.

— Ah, meu Deus... — Avery levou uma das mãos à boca. — Isso é horrível.

Era, mas não tão horrível quanto o que Debbie fez. Enquanto Jase explicava que precisávamos ir à delegacia para dar um depoimento, tentei entender por que Deb tinha feito aquilo. Ela estava chateada na noite anterior, mas também estava cheia de esperança. Não a conhecia extremamente bem, mas não havia nenhum sinal de que ela estava deprimida ou que ela cogitasse fazer algo tão extremo.

— Você não pode ficar naquele dormitório — concluiu Cam, levantando-se. — Você pode ficar aqui.

— Concordo com isso. — Jase pôs o braço sobre meus ombros.

Parte de mim se alegrou, porque não havia como voltar ao dormitório, mas era pedir demais.

— Não quero ser um incômodo.

— O Cam praticamente mora no meu apartamento mesmo — disse Avery. — Você vai ter o apartamento para si na maior parte do tempo.

— Mas...

— E é uma grande oferta — disse Jase, chamando minha atenção. — Não a quero de volta naquele dormitório. Então ou você fica aqui ou vai morar na fraternidade comigo.

A ideia de estar sob o mesmo teto que Erik revirou meu estômago.

— Quero pagar o aluguel ou coisa assim. Vou arranjar um emprego assim que minhas pernas melhorarem.

— Se é o que você quer, tudo bem. Sem pressa. O aluguel está pago até o verão. — Cam fez um gesto de desprezo.

Depois que decidimos que eu ficaria no apartamento de Cam, boa parte do medo desapareceu. Eu dormiria na rua se tivesse de voltar a dormir naquele quarto. Algumas pessoas podem pensar que era estranho, mas eu não tinha certeza se seria capaz de pôr os meus pés lá de novo. Pior ainda, eu duvidava que um dia me livraria da lembrança dela... dela pendurada na luminária.

— Cam e eu vamos pegar suas coisas — anunciou Jase. — Diga-me o que você quer e pegamos.

Olhei para os dois, um tanto quanto preocupada com eles passando um tempo juntos. Jase percebeu meu olhar e piscou.

— Vamos ficar bem — disse ele.

— Sim, vamos ficar ótimos. — Cam sorriu contido, estalando os dedos.

Sentando-se ao meu lado no sofá, Avery fez uma cara feia, olhando para o relógio na parede.

— Eles partiram há muito tempo.

— É mesmo. — Concordei com a cabeça.

Calla voltou da visita à família naquela manhã. Ao ouvir as notícias, ela me mandou uma mensagem de texto e chegou pouco depois de os meninos saírem. Ela se sentou na poltrona, a testa franzida.

— Por que vocês estão preocupadas com a demora?

— Bom, existe uma boa chance de eles estarem se matando. Cam não está nada feliz com o fato de Jase e eu estarmos juntos...

— Espere. O quê? — Ela se inclinou, os olhos arregalados. — Você e Jase estão juntos? Quando foi que isso aconteceu?

— Ah, aconteceu na semana passada. — Peguei um copo de chá doce.

— Mas eu a vi na quarta-feira! Você não pensou em me contar?

Com o rosto vermelho, olhei para Avery. Ela olhava para a parede. Totalmente distraída.

— Não foi uma coisa que aconteceu assim de repente, então eu ainda estava sentindo o... frescor.

— Frescor? — murmurou Avery.

— Uau. — Calla encolheu as pernas. — É isso aí, Teresa. Ele é um gostoso.

— Sim, é mesmo. — Eu ri.

— Amo seu irmão de todo o coração — disse Avery, enrolando as pontas dos cabelos em seus dedos finos. Ela ficou corada, as sardas desaparecendo. — Mas Jase é... uma coisa e tanto. Digo, sempre me senti um pouco intimidada por ele.

— Sério?

— Sim. Ele sempre parece tão intenso, tipo... — Ela soltou os cabelos.

— Como se uma noite com ele fosse mudar toda a sua vida? — sugeriu Calla, com uma risadinha. — Tenho certeza de que já disse o mesmo dele.

Eu não poderia saber, já que não tinha ido tão longe assim com ele, mas o que vivera ao lado de Jase realmente reforçava o que Calla dizia. Voltei meu olhar para o chá, estranhamente orgulhosa de poder estar ali sentada dizendo que ele era meu. Nunca me senti assim antes.

No silêncio que se seguiu, sabia no que todas estavam pensando. Debbie. Apesar de podermos conversar sobre outras coisas e rir, o que acontecera contaminava todos os pensamentos.

— Não sei por que ela fez aquilo — disse, só percebendo que falei em voz alta depois que as meninas me olharam. — Não entendo.

— Às vezes nunca se entende — disse Calla, esticando as pernas. Um olhar de tristeza apareceu em seu rosto. — Em geral, não é só uma coisa que leva a pessoa a isso. São várias.

Avery fez que sim, mexendo no bracelete em seu pulso.

— Verdade. As pessoas vão guardando e, embora se possa pensar que uma só coisa vira a gota d'água, na verdade são várias coisas, grandes e pequenas.

— Entendo isso, mas Debbie era feliz. Exceto pelo fato de ter terminado com Erik, ela estava bem.

— Mas como ela podia estar feliz depois de ter ficado tanto tempo com ele? — perguntou Avery. — Não estou dizendo que ela era má por ter ficado com ele, mas durante quantos anos ela foi tratada daquele jeito?

Ela tinha um bom argumento.

— Não sabemos dos outros problemas dela. — Calla fez uma pausa, voltando a atenção para as mãos em seu colo. — Minha mãe se matou.

— O quê? — Levei as palmas das mãos ao peito e troquei olhares com Avery.

Calla abaixou a cabeça, mordendo o lábio.

— Bom, não foi como Debbie. Ela não fez isso numa noite. Ela fez isso ao longo de vários anos.

— Sinto muito por isso, Cal. — Deixando o chá de lado, peguei uma almofada e meio que a abracei. — Como?

— Ela bebeu e se drogou até a morte. Não foi um acidente — disse ela, levantando a cabeça. — Minha mãe não queria viver. Ela só escolheu uma saída passiva. De qualquer forma, ninguém sabia que ela era assim. Ela enganou todo mundo. Não estou dizendo que Debbie queria morrer, mas nunca se sabe.

Queria lhe fazer mais perguntas, mas a rigidez dela me dizia que não queria mais falar.

— Sei lá. Algo não parece certo.

— Quando é que uma coisa assim parece certa? — perguntou Avery, baixinho.

De novo, bom argumento, mas, ao reviver as lembranças daquela noite, sabia que estava ignorando algo — algo que esqueci por causa do trauma, e aquilo foi mesmo bem traumatizante.

Então me dei conta ao erguer a cabeça e encarar Calla. Comecei a me levantar, meu coração

disparado.

— Ah, meu Deus.

— O quê? — Calla se levantou também, apesar de parecer confusa. Ela olhou para Avery, que também começara a se levantar. — O quê? — disse ela. — O que foi, Teresa?

Fiz que não com a cabeça, compreendendo tudo. Como pude me esquecer disso?

— O lenço rosa.

— ãhn? — Ela olhou para Avery de novo.

— Havia um lenço rosa na porta do quarto! — Minhas pernas cederam e eu caí no sofá. — Merda...

— Você está bem? — Avery me segurou pelo braço, os dedos gelados. — Devo ligar para Jase? Cam?

— Não! Mas preciso dar meu depoimento! Preciso fazer isso agora. — Estava enjoada. — Preciso ir até a polícia.

— Certo. — Calla pegou as chaves. — Podemos levá-la, mas você vai ter de nos dizer o que está acontecendo.

— O lenço rosa. Debbie sempre pendurava um lenço rosa quando Erik estava lá e eles queriam privacidade — expliquei rapidamente, as mãos trêmulas. — Ela pendurava o maldito lenço rosa quando não queria ser interrompida.

— Ceeeerto — disse Avery demoradamente.

— Vocês não entendem. — Respirei, ofegante. — Havia um lenço rosa na porta quando entrei. Achei que ela estava lá com Erik e que eles tinham voltado. Aquele lenço rosa quer dizer que Erik *esteve lá* mais cedo!

CAPÍTULO

Avery e Calla entenderam o que eu estava dizendo, que Debbie não esteve sozinha em algum momento durante a noite, mas elas não pareceram compreender a importância disso.

Mas eu entendia.

Meu cérebro não estava disposto a aceitar a ideia de que Debbie tinha cometido suicídio. Não que eu fosse ingênua e não acreditasse que isso era possível, mas Erik esteve lá e, para mim, fazia muito mais sentido que ele tenha perdido o controle e — a machucado.

Elas me levaram para a polícia para que eu desse o depoimento e, apesar de eu reforçar a importância do lenço rosa e dizer que isso significava que Debbie não estava sozinha, eles não pareceram dar muita atenção.

— Planejamos falar com o ex-namorado hoje, mais tarde — disse o policial, me levando para fora da sala, para onde Calla e Avery me aguardavam. Ele sorriu, mas era um sorriso contido e falso, e me senti como uma daquelas velhinhas intrometidas que controlam a vigilância comunitária e sempre denunciavam coisas erradas.

— E o que eles disseram? — perguntou Avery assim que voltamos para o carro de Calla.

Suspirei.

— Conteí a eles o que vi e sabia. Que ela e Erik tinham terminado e que ele... — Mordi o lábio, percebendo que nunca tinha dito a elas como era o namoro de Debbie. Aquilo me pareceu de alguma forma errado, apesar de ela nunca ter me pedido para guardar segredo, mas me sentia tão constrangida, ainda me sentia, e sabia que ela provavelmente nunca quis que os outros soubessem. Conteí à polícia e eles registraram o que vi — os hematomas e o que Debbie me contou, mas dava para ver que eles realmente achavam que Debbie tinha se matado. E, sem ninguém para prestar queixa de Erik, não havia nada o que pudessem fazer.

— Ele batia nela, não é? — Avery olhou para trás, os olhos castanhos arregalados.

Imaginando se ela conseguia ler mentes, olhei para o retrovisor, encontrando Calla tirando os olhos da estrada.

— Sim, ele... ele batia nela. Perguntei uma vez e ela negou, mas depois me contou a verdade... — Cam ainda não sabia disso e queria que continuasse assim. — Bom, ela me disse isso na noite anterior à sua morte.

— Jesus — murmurou Calla.

Meu olhar encontrou o de Avery e ela sorriu, solidária.

— Ainda assim, conteí o que sabia e como o lenço rosa significava que Erik esteve ali. Eles disseram que planejavam falar com ele hoje.

— Você acha mesmo que ele fez algo com ela e depois... a enforcou? — Avery mordeu o lábio.

— Não sei se alguém poderia fazer isso com outra pessoa, mas há gente realmente desequilibrada no mundo. — Tremi diante daquela ideia.

— Verdade. — Calla fez que sim.

— E ele já perdeu a calma com ela antes. Talvez não tenha sido de propósito — pensei em voz alta. — E então ele entrou em pânico e fez tudo parecer suicídio.

— Parece um exagero, mas as pessoas fazem loucuras. — Avery se virou no assento e olhou pela janela. — Aprendi a nunca subestimar as pessoas.

— Sim. — Respirei fundo, recostando-me.

Parecia loucura pensar que um universitário da minha idade podia ter matado a ex-namorada — acidente ou não — e depois encenado um suicídio, mas, como Calla e Avery disseram, pessoas cometem loucuras.

Cam e Jase já tinham voltado ao apartamento e, assim que passamos pela porta, eles começaram a nos bombardear com perguntas sobre o que acontecera na delegacia.

Não parecia que nenhum deles machucara o outro, e vi duas caixinhas rosas na bancada da cozinha. Não pude deixar de rir quando me sentei ao lado de Jase no sofá. Ele e os cupcakes. Era contagioso, chegando até Cam.

— Não pegamos tudo, mas pegamos o bastante para você ficar bem por um tempo. — Jase esticou o braço, ajeitando meu cabelo para trás. — Tudo está no seu quarto.

— Obrigada. — Olhei para os meninos. — Aos dois.

— Sem problemas. — Cam abraçou Avery, colocando as costas dela de encontro ao seu peito. — Só não bote fogo no meu apartamento.

Todos riram e eu lancei um olhar de reprovação para ele. Calla foi a primeira a ir embora, tendo de trabalhar, e depois Avery e Cam começaram a se entreolhar apaixonadamente. Em pouco tempo eles foram embora.

Jase me tocou, puxando-me contra seu peito. Por mais que eu quisesse calar minha mente e simplesmente aproveitar o fato de estar em seus braços, não conseguia.

— Você acha que estou fazendo suposições erradas, não é? — perguntei, pensando no que tinha dito sobre minha visita à delegacia e minhas suspeitas.

Ele ajeitou meus cabelos e me beijou na bochecha.

— Não diria isso. Talvez você tenha esperança, mas tem razão. Erik é mesmo nervosinho e não seria a primeira vez que perderia o controle e faria algo assim.

Ao menos ele não estava dizendo que eu era louca.

— Você acha que a polícia fará uma autópsia?

— Não sei. — Ele me abraçou com força. — Acho que sim, só por garantia.

Rezei para que fizessem a autópsia. Se minhas suspeitas estivessem certas, isso apareceria no exame? Odiava pensar em Debbie em termos de autópsia e causa da morte, como se ela tivesse sido reduzida a isso.

— Sabe no que isso me faz pensar? — disse, fechando os olhos. — E se Jeremy tivesse chegado a esse ponto? Ele bem que poderia ser o Erik, se foi isso mesmo o que ele fez.

Jase ficou rígido e não disse nada por um tempo.

— Então ainda bem que Cam o espancou. Desculpe. Sei como você se sente, mas “graças a Deus” é tudo o que posso dizer.

— Pois é — sussurrei, meu estômago queimando diante da ideia de que Erik assassinou Debbie, mas, quanto mais pensava nisso, mais tinha medo de que fosse a verdade.

— Quero que você me prometa uma coisa, sim? — disse ele, levantando meu queixo com os dedos até que eu pudesse ver seus olhos. — Não quero que você chegue perto de Erik, ainda mais sozinha.

— Isso não será um problema — disse, com firmeza.

Ele sorriu.

— E, a não ser que seja para a polícia ou com um de nós, não quero que você saia contando suas suspeitas por aí.

Prestes a discutir isso, abri a boca, mas ele balançou negativamente a cabeça.

— Não porque ache que você deva ficar em silêncio, mas, se Erik realmente fez isso, não quero que você corra perigo por ele achar que você sabe a verdade. É só o que estou dizendo.

— Certo. Posso fazer isso. — Sorri um pouco.

Ficamos assim por um tempo, assistindo à luz natural diminuir na sala de estar. O vento ganhou força lá fora, batendo nas laterais do edifício. Uma longa noite me esperava e eu não queria enfrentá-la sozinha.

— Passa a noite comigo? — pedi, sabendo que estava pedindo demais. Ele provavelmente queria ir à fazenda ou à fraternidade.

— Já previa isso. — Ele riu, meneando a cabeça em direção à mochila ao lado da poltrona. Nem tinha notado. — Peguei uma muda de roupa quando saímos. Só preciso de um banho.

— Obrigada. — Estiquei-me, beijando-o no rosto. — Obrigada por tudo.

Ele colocou sua testa na minha.

— Por que você não pede comida chinesa? O restaurante aqui perto entrega, enquanto isso tomo um banho.

Parecia uma boa ideia. Fiz o pedido enquanto ele entrava no banheiro. Assim que ele ligou o chuveiro, me vi olhando para a porta, o coração batendo forte.

O que ele faria se eu me juntasse a ele?

Mordi o lábio, me imaginando tirando a roupa, sem muletas ou tensor, e entrando sensualmente no banho. Pegando o sabonete...

Suspiro.

Voltei minha atenção e manquei até meu quarto, tirei as coisas da mala até ouvir o chuveiro sendo desligado. Voltei para o corredor quando a porta do banheiro se abriu.

— Pedi frango... Uau!

Jase estava à porta, os cabelos molhados e caindo sobre seu rosto esculpido. Os poucos pelos em seu peito estavam úmidos. A calça jeans que ele vestira pendia baixa em seu quadril, revelando aqueles músculos em V.

— Frango Uau é um prato novo? — provocou ele, passando a toalha branca por aquela barriga de tanquinho.

— É o tipo de prato que quero comer.

Os olhos dele brilharam e Jase se aproximou de mim, um olhar de fome em sua expressão. Quando os dedos dele tocaram meu rosto, a campainha tocou.

Ele resmungou e se afastou.

— Eu pego.

Com a boca seca, fiquei observando enquanto ele ia até a porta. O entregador deu uma boa olhada no corpo seminu de Jase, mas duvidava que aquilo fosse a coisa mais estranha que o adolescente já tinha visto. Jantamos no sofá, assistindo TV.

Ele ficou ali enquanto fui tomar banho, para limpar a agitação do dia. Queria que a água que caía sobre minha pele me livrasse do que eu via ao fechar meus olhos ou impedisse meus pensamentos de voltarem ao lenço rosa e Erik.

Ele podia mesmo ter feito aquilo? Até onde eu entendia e pelo que Debbie me contou, ele era nervosinho. Quando me atingiu com aquela mochila, ele estava prestes a perder o controle, mas me atingir com uma mochila não significava que ele era capaz de cometer um assassinato.

A água estava morna quando saí do banho, me enrolando numa toalha verde fofa. Colocar o tensor foi difícil com a pele úmida e eu estava exausta ao terminar.

Jase não estava na sala quando saí do banheiro tomado pelo vapor. Segurando a toalha bem presa, avancei em silêncio para o quarto.

Ele estava pendurando minhas roupas, cantarolando uma música baixinho. Ele não me ouviu quando parei na porta. Minha garganta se fechou quando ele pôs um suéter num cabide que deve ter encontrado no armário ou pegado no dormitório. Ao se virar para minha cama e pegar uma última pilha de calças jeans — calças dobradas — todas as minhas roupas tinham sido guardadas.

— Você é um homem zeloso.

Ele se afastou do armário, olhando para a porta. Tinha apenas uma calça na mão, esquecida enquanto seu olhar prateado descia do alto da minha cabeça até meus dedos do pé.

— Droga.

Fiquei toda vermelha.

— Obrigada por guardar as roupas.

— Ahã. — Ele jogou minha calça jeans no chão e se aproximou de mim. Seu olhar me fez querer recuar e correr até ele. Jase pôs a ponta dos dedos nos meus braços, o olhar queimando em mim. — Vou fazer uma sugestão louca, certo?

— Certo.

Um lado de sua boca se curvou num sorriso.

— Acho que você deveria andar assim ao menos duas vezes por dia quando eu estiver por perto. Uma vez pela manhã. Outra vez à noite.

— Você quer que eu fique desfilando só de toalha? — Eu ri.

— Desfilar. Andar. Se sentar. Se levantar. Respirar. — Ele me deu um beijo no pescoço, provocando um arrepio. — Vou ficar bem com todas estas coisas.

Virando ligeiramente a cabeça, nossos lábios pairaram juntos. O beijo começou terno e ele subiu os dedos para meu rosto. Soltei a toalha quando a língua resvalou em meus lábios, levando-me a abrir a boca.

Adorava o modo como ele me beijava, como me saboreava e praticamente me deixava flutuando com seus lábios e língua. Minha respiração acelerou quando Jase chegou mais perto, deixando apenas um centímetro entre nós.

O desejo se intensificou e eu estava com muito tesão por ele. O desejo por ele era mais profundo do que meramente físico. Não queria nada nos afastando.

— Quero você. — Ele gemeu contra meus lábios.

— Eu é que quero você.

As mãos dele desceram por meu corpo, alcançando a ponta da minha toalha e o fazendo gemer profundamente. Inclinei-me em direção a ele.

— Sou toda sua — sussurrei.

Ele me beijou novamente, passando a língua sobre a minha. Ao se afastar, ele mordiscou meu lábio, me deixando ofegante. Meus olhos se abriram e fui presa por seu olhar prateado.

Jase tinha razão sobre parar as coisas na noite anterior. Não queria que nossa primeira vez fosse contaminada. Como ele, queria que fosse perfeita. Queria me lembrar desse momento e não ter arrependimentos.

Mas sabia que isso não podia ser perfeitamente planejado. Tinha a ver com nós dois querendo a mesma coisa e, apesar de o fato de ele querer fazer tudo do jeito certo me derretia por dentro, ele não percebia que já estava fazendo as coisas do jeito certo.

Respirando fundo e arranjando coragem, soltei o nó que mantinha minha toalha presa. Era como entrar no palco e saber que os olhos de todos estavam sobre mim, mas aquilo era diferente — mais forte. Porque só os olhos dele importavam e no momento eu era todo o mundo dele.

Deixei que a toalha caísse.

— Meu Deus — gemeu ele, os lábios se entreabrindo num inspirar trêmulo.

Completamente nua, exceto por meu sensual tensor azul, estava mais vulnerável com ele do que jamais estivera com outra pessoa na vida.

Não estava apenas oferecendo meu corpo; estava realmente oferecendo meu coração.

Jase deu um passo para trás, as mãos caindo nas laterais do corpo. Ele abriu e fechou as mãos.

— Você tem ideia de como é linda? De como isso me afeta? — Um torpor agradável invadiu meu

corpo, e minha pele e meu coração reagiram às palavras dele. Ele balançou lentamente a cabeça. — Acho que você não entende direito, porque, se entendesse, você não ficaria aí. Meu Deus, Tess, não há nada em você que não seja perfeito aos meus olhos.

Havia muito em mim que não era perfeito. Sem a dança, perdi meu corpo atlético cerca de cinquenta hambúrgueres atrás. Meus quadris eram mais redondos, as coxas não eram tão firmes quanto antes. Em vez da barriga perfeitamente lisa, eu agora era convexa e meus seios, maiores. Não era algo ruim, se bem que meu bumbum também estava maior.

Mas, aos olhos dele, eu me sentia mais linda do que nunca.

Nunca senti tanta vontade antes. O olhar dele estava me deixando louca. Estava corada, excitada e sabia que estava tomando a decisão certa.

— Nunca... fui tão ousada assim antes — disse, a voz trêmula. — Mas esta é a hora certa para nós. Quero você, Jase. Você me quer?

— Sim. — A voz dele era áspera ao erguer o olhar, detendo-se no meu peito até que eu ansiasse e latejasse pelo toque dele. — Quero você.

Jase, então, me tocou, as mãos me segurando pelos braços, abaixando a cabeça. Mechas de seus cabelos macios e ainda úmidos tocaram meu rosto.

— Tem certeza de que é isso o que você quer?

— Nunca tive tanta certeza — consegui dizer.

O peito dele se inflou, tocando o meu. A sensação me deu arrepios. Ele gemeu novamente.

— Fique aí. Não se mova. Sim?

— Tudo bem.

Ele me beijou rapidamente, chupando meu lábio antes de se afastar e sair do quarto. Ele voltou alguns segundos mais tarde com vários pacotinhos na mão. Arqueei a sobrancelha e comecei a rir.

— Você veio preparado, hein?

Um sorriso convencido apareceu.

— Queria estar preparado para você. — Ele jogou os pacotinhos na cama atrás de mim e recuei até que minhas pernas batessem no colchão. — Me vê?

— Não vou olhar para outra coisa.

Respirei fundo e um sorriso apareceu, mas depois perdi o fôlego quando ele abaixou a mão, abrindo o botão da calça jeans. Depois abriu o zíper e tirou totalmente a calça. A calça desapareceu num segundo e a cueca noutro.

Arfei diante da visão dele, e Jase riu. Ele era magnífico. Sua pele bronzeada era enrugada nos lugares certos.

Jase era... bom, era dotado. E bem-dotado.

Dois dedos seguraram meu queixo, erguendo meu olhar.

— Gosta do que vê?

— Ah, sim. — Estremeci.

— Que bom. — Ele me beijou e o ar do quarto ficou carregado de tensão sexual. — Você não tem ideia de há quanto tempo quero isso — murmurou ele contra meus lábios, passando um braço pela minha cintura e me erguendo até eu ficar vermelha de novo. O beijo seguinte acendeu o fogo. — Ou quantas vezes passei a noite acordado, pensando em você assim comigo.

— Tantas vezes eu sonhei com isso — disse, enquanto ele me colocava na cama, me deitando no meio dela. — Não quero mais esperar.

— Nem eu. — Ele pegou um preservativo, abriu o pacote e o vestiu.

Ele se abaixou, passando os lábios por meu rosto corado e desceu, criando uma trilha por meu peito, chupando e mordendo até que meus quadris se movessem incansavelmente contra ele. Assim que meu quadril se apertou contra o dele, ele tremeu. As mãos dele estavam por todos os lugares, me acariciando como se quisesse gravar os contornos do meu corpo em sua memória.

Meu corpo se arqueou, ansioso e tenso, e passei as mãos pelo peito dele. O desejo me inundou, como uma represa transbordando depois de uma tempestade.

— Quero me demorar. — Ele pôs a mão entre nós, me encontrando e colocando um dedo dentro, abrindo minhas pernas. — Quero beijar e saborear todas as partes do seu corpo, porque é o que você merece, mas acho que não aguento esperar, meu amor. Realmente acho.

E ele tremia ao falar isso. Lentamente, Jase tirou o dedo e seu olhar se fixou no meu. Quase desabei ao primeiro toque dele dentro de mim.

— Meu Deus, você é tão... — Ele deixou a frase no ar, como se fosse incapaz de formular as palavras.

No meio do caminho, a pressão e a totalidade dele eram inacreditáveis. Ergui os quadris, envolvendo-o pela cintura com minhas pernas. Nossos gemidos mútuos encheram o quarto e ele moveu o quadril até estar completamente dentro de mim.

— Você está bem? — Imóvel dentro de mim, ele ofegava com o controle para se manter assim.

— Sim. — Senti uma dorzinha, porque fazia muito tempo, mas tudo bem. Estava mais do que bem.

Seus lábios tocaram os meus num beijo terno e ele segurou meu rosto.

— Nada é melhor do que senti-la me segurando forte.

— Posso dizer o mesmo. — Entrelacei meu dedo aos seus cabelos, apertando meu quadril contra o dele, e qualquer moderação que havia até então se dissolveu.

Ele entrava em mim, cada vez mais fundo a cada movimento intenso. Meu corpo ficou tenso ao redor dele, que segurava meu quadril com as mãos, me apertando de encontro ao seu corpo. A intensidade cada vez maior se transformou num ritmo fervoroso que deu início a uma enchente de prazer. O gozo cresceu em mim e ganhou velocidade, atritando-se contra mim, enquanto suas mãos se moviam, explorando meu corpo, aumentando o prazer até que uma molinha dentro de mim começou a se soltar, e a me chicotear.

Jase me beijou intensamente e eu me desfiz, estremecendo ao redor dele. Espasmos sacudiram meu corpo e o mesmo aconteceu com ele, gritando ao gozar e escondendo a cabeça na curva do meu pescoço. Enquanto uma última onda de choque sacudia meu corpo, minhas mãos desciam preguiçosamente por suas costas e seu corpo ainda tremia.

Minutos se passaram antes de ele se levantar.

— Tess, meu amor...

Abrindo meus olhos para encontrar um belo par de olhos prateados, apaixonei-me novamente.

— Isso... isso foi maravilhoso.

Ficamos juntos por muito tempo até ele se afastar de mim, saindo rapidamente da cama e jogando o preservativo num lixo próximo. Segundos mais tarde ele estava deitado ao meu lado. Ficamos ali, ele de lado, eu de costas, olhando um para o outro até nossas respirações voltarem ao normal.

O sorrisinho travesso apareceu.

— Sabe, isso... pareceu a primeira vez. — Uma risada escapou dele, que abaixou a cabeça, me beijando no ombro. — Parece bobagem, não é?

— Não. De jeito nenhum.

— Realmente pareceu a primeira vez. Não dá para dizer que minha primeira vez foi tão boa, e eu achei que tinha descoberto o sentido da vida na época.

Ri e me virei para ficar de frente para ele e meu seio encostou no peito dele. Seus olhos brilharam, metálicos, e ele pousou uma das mãos no meu quadril nu. Fechando os olhos, antecipei o beijo. Não tive de esperar muito. Ele mordeu meus lábios e eu suspirei.

— Parece perfeito.

— Sabe o que mais parece ótimo? — Ele se aproximou e o senti contra minha barriga. Meus olhos se arregalaram e um brilho malicioso surgiu em seus olhos quando seu corpo tocou o meu. Seus pelos fizeram cócegas na minha pele, acrescentando sensualidade ao nada entre nós.

— Já? — Prendi a respiração.

— Eu disse que estou sempre pronto quando se trata de você.

— Sim, mas... ah! — Ele pôs a mão entre minhas pernas, me envolvendo.

— E quanto a você? — O sorrisinho em seu rosto era puro desejo.

Era como se ele controlasse minha libido. Era inacreditavelmente ridículo. Meu quadril balançou quando ele pôs um dedo dentro de mim.

— O que você acha?

— Acho que seu arfar significa que sim. — Ele beijou minha têmpora suada. — Quero você. Novamente. — Seus lábios tocaram meu rosto vermelho, apoderando-se da minha boca num beijo profundo e quente. — Quero estar dentro de você. Fundo. — Ele jogou a mão para trás e tateou até encontrar um preservativo na bagunça dos lençóis. Pouco depois ele segurou meu quadril, me pôs no colo e se deitou de costas. O gemido que reverberou nele lançou uma onda de calor por meu âmago quando ele entrou em mim. — Quero ir tão fundo que você nunca vai conseguir me tirar. Quer isso?

Fechei os olhos, sussurrando:

— Sim.

— Olhe para mim. — A exigência foi gutural e perigosamente sedutora. Obedeci sem hesitar. Seus

olhos eram prata líquida. — Meu Deus, você é linda assim. — Erguendo a mão, ele jogou meus cabelos por sobre o ombro e desceu os dedos até meu seio. Ele me agarrou, passando um dos dedos pelo biquinho duro. — Acho que nunca vou me cansar disso.

Segurei-o pelos ombros e os dedos dos meus pés se encolheram. Centímetro a centímetro, ele me guiou até fazer o que tinha prometido. Uma coisa levou a outra e, como da primeira vez, não demorou muito para nós dois estarmos prestes a gozar. Cavalgá-lo não pareceu afetar meu joelho; eu estava concentrada demais na pressão no meu âmago, subindo e descendo. Mergulhamos um no outro, nossos corpos se separando e se unindo juntos até que nos partimos em um milhão de pedacinhos, nossos nomes um grito rouco nos lábios um do outro.

Com seus braços me envolvendo, Jase me puxou para perto, enterrando-me nele e se jogando contra mim, ele passou a mão para cima e para baixo nas minhas costas, segurando meus cabelos.

Não queria nunca mais me mexer. Nem quando ele virou minha cabeça carinhosamente e seus lábios eram um ferro em brasa contra meu pescoço, sussurrando as palavras mais poderosas que jamais ouvi.

— Eu te amo.

CAPÍTULO

Ele me amava.

Aquelas palavras sussurradas martelaram em meu corpo e foram reproduzidas repetidas vezes. Ele me amava. Era como um sonho tornando-se realidade, um felizes para sempre nos livros românticos. O cara por quem tive uma queda durante anos, que eu amava, me amava também. E era o tipo de amor bom, o tipo que cuida e floresce, não o que magoa e destrói. O tipo de amor que via entre meu irmão e Avery. Não tinha mais motivos para sentir inveja, porque tinha aquele amor épico, o final feliz da comédia romântica.

Com as mãos trêmulas, passei-as pelos seus músculos compridos, bem feitos e que relaxavam lentamente, e sua respiração voltou ao normal.

— Eu te amo também — sussurrei contra seu pescoço, sorrindo em sua pele molhada.

Os braços na minha cintura ficaram tensos e ele desceu as mãos até meus quadris. Ele me ergueu, me colocando cuidadosamente ao seu lado. Jase me beijou na têmpora.

— Já volto.

Fechando os olhos, suspirei e encolhi de lado. Jase desapareceu no banheiro e, no caminho de volta, apagou a luz do quarto. Deitando-se na cama comigo, ele me abraçou.

Ele não falou nada e eu estava bem assim, porque ele dissera tudo o que eu precisava ouvir dele.

Quentinha e confortável, caí no sono com o sorrisinho de um gato satisfeito. Os braços de Jase e o corpo dele ao redor do meu me aqueciam de um jeito que temporariamente interrompeu as trevas do fim de semana.

Não sei por quanto tempo dormi e tenho certeza de que não sonhei, mas o calor às minhas costas tinha sumido e foi isso o que me tirou do torpor alegre do sono.

Ao abrir os olhos, minha visão lentamente se ajustou. Uma luz azulada se arrastava pelas sombras que ocupavam o quarto. Tateei e encontrei o lugar de Jase vazio. Ainda letárgica, virei-me de costas.

Jase estava no canto da cama, os cotovelos apoiados nos joelhos dobrados. A cabeça estava entre as mãos, as costas nuas curvadas.

— Você está bem? — A preocupação afugentou o sono que restava. Sentei-me.

Ele levantou a cabeça de repente, como se tivesse sido tirado de uma reflexão profunda. Sob a luz fraca, seus olhos estavam escuros e sombrios.

— Sim, eu só... me esqueci de fazer uma coisa.

Um pouco confusa, o vi se levantar e pegar a calça do chão. Ele a vestiu e fechou o zíper, deixando o botão aberto ao se virar para mim.

— Tenho de ir correndo à fraternidade. Deixei umas coisas lá que preciso para a aula.

— Tudo bem. — Franzi a testa. — Podemos sair mais cedo, se você quiser, e passar lá, então não...

— Tudo bem. — Ele se abaixou rapidamente, passando os lábios no meu rosto e se afastando. — Vou trancar a porta para você não ter de levantar. Você ainda tem mais umas duas horas para dormir. Pegarei você lá pelas oito e meia.

Fiz que sim, de repente me sentindo gelada por dentro.

— Claro.

Jase foi até a porta, se virou e parou, olhando para mim. Não conseguia entender a expressão dele.

— Tess...

Senti um nó na garganta.

Ele pareceu abaixar a cabeça e o ouvi respirar fundo.

— Obrigado pela noite passada.

Obrigado pela noite passada?

Fiquei tão sem saber o que falar que ouvi a porta se abrir e fechar antes mesmo de conseguir abrir a boca. Ele me agradeceu? Não que houvesse algo de errado nisso, achava, mas parecia uma coisa estranha de se dizer, principalmente porque horas antes ele disse que me amava.

Senti um frio na barriga e meu estômago se revirou.

Os minutos viraram horas e fiquei ali sentada na cama até que a luz clara azulada se espalhasse pelo chão, expulsando os resquícios da noite. Está tudo bem, disse para mim mesma. Não preciso pensar nada sobre a saída repentina dele. Ele disse que precisava de umas coisas para a aula e isso era tudo.

Mas ele não me disse que me amava ao sair.

Fechei os olhos com força, tentando desesperadamente ignorar a sensação de vazio no meu peito, um vazio rapidamente cheio de inseguranças e dúvidas.

Tudo estava bem depois do que compartilhamos na noite passada. Não podia me permitir pensar em mais nada, porque... Balancei a cabeça determinada, provocando uma dor no pescoço.

Tudo *tinha* de estar bem.

Jase estava quieto ao me pegar para a aula horas mais tarde. E eu também. Não tinha voltado a dormir e me transformei numa confusão nervosa ao entrar no Jeep dele. Ele me deixou diante do Whitehall e acho que trocamos umas cinco palavras um com o outro.

Algo estava errado.

No entanto, minha preocupação quanto ao que estava acontecendo com Jase foi deixada de lado assim que entrei no Whitehall. As pessoas estavam me olhando. Não porque eu estava usando muletas. Grupos de duas ou três pessoas se viravam umas para as outras. Algumas sussurravam. Outras não.

— Foi ela quem a encontrou.

Ouvi a mesma coisa umas quatro vezes até entrar na aula de história, uma hora mais tarde.

— Você está péssima. — Calla franziu a testa ao me ver.

— Obrigada — murmurei.

Ajeitando uma mecha de cabelo loiro atrás da orelha, ela franziu ainda mais a testa.

— Desculpe. Foi um péssimo cumprimento. Você está bem?

Não. Não estava bem. Por vários motivos.

— Todos estão olhando para mim.

— Ninguém está olhando para você. — Ela olhou em volta. Alguns alunos olharam para trás assim que me sentei.

Lancei-lhe um olhar seco e ela fez uma cara feia.

— Obrigada por tentar me animar, mas todos estão olhando para mim como se eu fosse uma espécie de espetáculo mórbido.

Ela estreitou os olhos para os meninos lá da frente. Os dois rapidamente se viraram.

— Ignore-os — disse ela. — E eles pararão de olhar. Ou pare de se importar com isso. Confie em mim, eu sei.

Fiz que sim e me esforcei ao máximo para ignorar os olhares curiosos dos alunos da sala. Alguém pensaria que não havia nada de empolgante no que tinha vivenciado, mas havia pessoas que eram como aquelas que esticam o pescoço quando veem um acidente na estrada.

— E então? Como foi com o delicioso Jase? — perguntou ela ao sairmos da aula de história, tocando em outro assunto sobre o qual eu não queria conversar.

— Não sei — admiti, ajeitando melhor as muletas. Queria jogá-las na rua. — Ele estava meio de mau humor e silencioso hoje.

Ela revirou os olhos.

— Típico dos meninos. Eles nos acusam de ter TPM, mas o humor deles muda mais do que o de uma mulher grávida.

Fomos até o ponto onde pararia o ônibus que nos levaria ao *campus* oeste. Olhei ao redor. Ninguém estava prestando atenção em nós e eu provavelmente não deveria dizer nada, mas precisava contar a alguém. Falei baixinho:

— Transamos na noite passada.

Os lábios dela formaram um “O” perfeito.

— Foi nossa primeira vez — acrescentei, o rosto ficando quente. — E, antes que você pergunte, sim, foi ótimo. Ele foi maravilhoso, mas acordei hoje pela manhã e ele estava lá sentado na cama. Ele saiu logo depois disso, dizendo que tinha de pegar algo na fraternidade e, quando o reencontrei, ele mal falou comigo.

Ela ficou calada.

— Certo. Vocês brigaram ou coisa assim?

— Não. Nada disso.

— Talvez ele só teve mesmo de pegar algo em casa e estava cansado. Ou talvez tenha sido só mau

humor mesmo — disse ela depois de um tempo. — De qualquer forma, só pergunte se ele está bem. Isso é melhor do que ficar aí estressada. Você tem outras coisas com que se preocupar.

Calla tinha razão, mas não havia nada nas palavras dela que sugerisse que ela acreditava no que dizia, e meu estômago se revirou ainda mais. E eu perguntaria a ele na primeira oportunidade que tivesse. Perguntaria se estava bem e ele me diria que tudo estava bem e eu me sentiria uma idiota depois por me preocupar tanto com nada.

O humor de Jase não tinha melhorado quando chegamos à aula de apreciação musical. Ele disse oi para Calla, sorriu para mim e se sentou olhando para a frente, como se estivesse prestando atenção ao que nosso professor dizia. O que era uma bobagem, porque acho que nenhuma pessoa na turma tinha a menor ideia do que estava acontecendo.

E aquele sorriso dele — foi algo tão contido que nunca alcançou seu olhar metálico. O sorriso foi todo errado. Foi falso. Lembrei-me do sorriso do dr. Morgan. Lembrei-me do sorriso dos policiais ao me acompanharem para fora da delegacia.

Minhas mãos estavam suadas, o que tornava a caneta escorregadia. Escrevi duas ou três linhas durante toda a aula. Depois de me despedir de Calla, manquei até onde Jase tinha estacionado. Ele pegou minha mochila, como sempre, colocando-a aos meus pés para que eu a pegasse com mais facilidade.

Sem ver a caixa rosa de sempre, mordi meus lábios, observando-o dar a volta pela frente do Jeep. Com o gorro cinza, só as pontas de seus cabelos apareciam. Ele entrou, fechando a porta. Sua seriedade fez meu estômago se revirar.

Minha boca estava seca quando ele deu marcha a ré e chegou à rua que levava ao *campus* leste. Tomada pela ansiedade e insegurança, usei todo o tempo em que ele procurava por uma vaga perto do Byrd Center para arranjar coragem de falar.

— Está tudo bem? — Com as mãos juntas, engoli em seco.

Jase desligou o motor e tirou as chaves da ignição. Recostando-se, ele ergueu a mão livre e a passou pelo gorro. Meus músculos ficaram rígidos enquanto os segundos se passavam num silêncio tenso.

— Não — disse ele finalmente, numa voz tão baixa que achei que não tinha ouvido bem. — Nada está bem.

Abri a boca, mas qualquer coisa que eu fosse dizer parou na ponta da minha língua quando Jase me olhou. Ah, aquilo seria horrível. Muito horrível. Ergui-me, os músculos rígidos.

— Não sei como dizer isso. — Ele ficou sério e eu senti uma queimação na garganta. — Sinto muito.

— Sente muito por quê? — disse. Afinal, ele não podia sentir muito pelo que acontecera entre nós. De jeito nenhum.

— Isso é simplesmente demais para mim. — Ele desviou o olhar, tombando a cabeça de lado.

Fechei os olhos e os abri lentamente, sentindo que tinha perdido o início da conversa.

— O quê?

— Isso — disse ele com força, erguendo as mãos. — Tudo isso é demais, eu e você.

Minhas unhas furavam as palmas das minhas mãos, de tão forte que eu as segurava.

— Eu... não entendo. — Aquelas palavras soaram fracas e patéticas aos meus ouvidos, e o sangue se esvaiu do meu rosto. — O que está havendo?

— Isso é demais. — Ele fechou os olhos, seus traços nervosos. — Tudo aconteceu rápido demais.

— O quê? Nós? Estamos indo rápido demais? — Ele pensava isso porque tínhamos transado? Aquilo parecia não combinar com alguém com a reputação dele. Entendi que ele queria fazer as coisas do jeito certo e a noite passada foi *certa*. — Podemos ir mais devagar, se é o que você acha que precisamos...

— Não posso fazer isso — interrompeu ele, abrindo os olhos. — É sério demais e achei que estava preparado, mas não estou.

Ele achava que não estava preparado? O que o estava segurando? Eu sabia tudo sobre Jack e como isso afetaria o futuro com... Então, respirando fundo, entendi. Aquilo não tinha a ver com Jack ou com nós. Tinha a ver com a *mãe* de Jack.

— Isso tem a ver com ela, não é? Você...

— Não vou falar dela — disse ele rispidamente, e algo se partiu em meu peito, uma fissura profunda que abriu, dividindo-me em duas enquanto ele falava. — Não quero nada sério. Não com o Jack assim tão novo, e preciso focar em me formar, arranjar um emprego e ajudar a criar o Jack.

— E nada disso me inclui?

Seu olhar nublado encontrou o meu por um instante.

— Não. Não dá. Porque não posso passar por isso... — Ele ficou sério e sacudiu rapidamente a cabeça. — Sinto muito. Por favor, saiba que nunca quis magoá-la. Esta é a última coisa que quero. Você tem de acreditar nisso.

Meu peito se inflou rapidamente e me senti como se ele tivesse enfiado a mão dentro de mim e esmagado meus pulmões, transformando-os numa bola de papel. A queimação em meu peito aumentou, chegando aos meus olhos. Tentei me acalmar, mas a dor era intensa e real.

— Sei que a magoei e sinto pra caralho por isso. — Ele me olhou rapidamente e ficou tenso. — Ainda vou pegá-la para ir à escola e levá-la para as aulas — disse ele quando o encarei. — Não quero que você se preocupe com isso.

Recuei, encostando-me na porta quando o que ele disse finalmente venceu minha surpresa. O banco — o chão — desapareceu sob mim. Contive as lágrimas quentes e afiadas.

— Deixe-me ver se entendi bem. Você não quer ser meu namorado, mas quer ser meu motorista?

— Quero ser seu amigo, Tess. Não seu motorista. — Jase franziu a testa.

Respirando tremulamente, voltei minha atenção para a frente do carro. Meus pensamentos estavam a mil e meu estômago continuava fazendo ginástica. Minha pele se arrepiou e parecia tensa.

— Sinto muito...

— Pare de dizer isso! — Uma lágrima desceu por meu rosto e eu rapidamente a enxuguei. — Só pare de pedir desculpas, porque isso só piora ainda mais as coisas.

Ele não disse nada, apenas meneou a cabeça, concordando.

Minhas mãos tremiam quando peguei a mochila. Entorpecida, peguei-a e segurei a maçaneta. Ele não

tentou me impedir quando sai do carro, mas pareceu prestes a sair para me dar as muletas.

— Não — disse, a voz áspera. — Não quero sua ajuda.

Jase ficou imóvel no banco e suas narinas se dilataram.

— Mas quero ajudá-la, Tess. Quero que nós...

— Sejam amigos? — Engasguei com minha risada. — Está falando sério?

Ele parecia totalmente sério. E isso só estragava ainda mais as coisas e resumia bem o quão rasos seus sentimentos eram por mim.

— Não podemos ser amigos. *Eu* não posso ser sua amiga, porque eu te *amo* e você me *magooou*.

Ele fez uma cara feia e não fiquei nada feliz com isso. Livrei-me das muletas e o movimento me desconsertou e eu dei um passo para trás, deixando minha mochila cair.

— Tess! — Ele abriu a porta. — Droga, deixe-me ajudá-la.

Xingando baixinho e em meio a uma cortina de lágrimas, peguei a mochila e a pendurei no ombro. Ele estava diante de mim, segurando minhas muletas.

Eu as peguei dele, tremendo.

— Queria que você tivesse chegado à conclusão de que isso era demais para você *antes* de ter dito ao meu irmão que estávamos juntos. — Minha voz cedeu e se transformou num soluço contido, e me afastei. — Queria que você tivesse pensando nisso *antes* de fazermos amor.

Jase deu um passo para trás, os lábios entreabertos.

Virei-me e, sem olhar para trás, afastei-me do Jeep. Não em direção ao Den, porque não podia encarar Cam e Avery. Batendo com as muletas no chão, foquei-me num banco perto de Knutti. Precisava me recompor e me acalmar. Perder o controle em público seria ainda mais humilhante.

Ah, meu Deus, Cam ia ficar louco. Ele ia... A borracha de uma das muletas caiu, quase me jogando para fora da calçada.

Frustrada e com um milhão de sentimentos, equilibrei todo o meu peso nas pernas e peguei as muletas, jogando-as numa lixeira próxima. Elas ficaram para fora da lixeira como pernas, e um casal que passava por mim me lançou olhares de estranhamento enquanto eu mancava pela rua, rumo ao banco vazio.

Meu joelho já estava doendo quando me sentei, mas não me importava, porque aquilo não era nada comparado ao sentimento dentro de mim. Apoiei os cotovelos nas coxas, segurando a cabeça com as mãos, e fechei os olhos com força para conter as lágrimas.

O que aconteceu?

Jase tinha sido tão perfeito no fim de semana e na noite passada... A noite passada foi uma das experiências mais incríveis da minha vida. Não tínhamos trepado. Não tínhamos transado. Fizemos amor. Foi perfeito, na hora certa, mas...

Ah, meu Deus, eu fui idiota de ter tomado a iniciativa? De ter ouvido palavras ditas num momento de calor e paixão como algo real?

Nunca me senti tão jovem e boba quanto naquele momento. Dali a duas semanas completaria dezenove anos, mas de repente me sentia jovem e velha demais.

Um vento frio soprou pela calçada, despenteando meus cabelos. Tremi, mas mal sentia o ar frio de outubro. Dobrei os dedos, passando-os pelos cabelos. As lágrimas ensopavam meus cílios e meus braços tremiam.

Não sei quanto tempo fiquei ali sentada, mas estava perdendo o controle. Não havia como enfrentar as aulas da tarde. Pegando meu celular, mandei uma mensagem para Calla, implorando para ela me pegar e me levar para meu apartamento. Quando ela respondeu que estava a caminho, disse-lhe onde estava e guardei o celular na mochila.

Respirando fundo, soltei o ar lentamente e deixei que meu olhar lacrimoso pairasse pelo jardim. Fiquei tensa ao ver Erik de pé sob uma árvore nua perto da calçada.

Ele estava olhando diretamente para mim.

Um tremor desceu por minha coluna quando ele se afastou da árvore, aproximando-se de mim com passos compridos. Ele era a última pessoa com quem queria falar, ainda mais levando em conta minhas suspeitas.

À medida que ele se aproximava, dava para ver que estava tão mal quanto eu, mas por motivos bem diferentes. Seus cabelos geralmente bem arrumados estavam despenteados e ele estava pálido.

— Você disse à polícia que eu estava com Debbie antes de ela... antes de ela morrer.

Piscando várias vezes, recostei-me e tentei pensar direito para manter uma conversa que eu não queria travar.

— Disse a eles sobre o lenço rosa e...

— Eu não estava lá. Ela terminou comigo, como tenho certeza de que você sabia e ficou feliz. — Ele se abaixou, chegando bem perto do meu rosto. Tão perto que dava para ver as rugas ao redor de seus olhos. — E você disse a eles que eu batia nela. Você sabe que isso não é verdade.

A descrença se apoderou de mim. Merda, eu sabia que isso era verdade!

— Então, se você acha que sabe o que é melhor para você, fique calada — ameaçou ele.

CAPÍTULO

— Que babaca! — Calla pegou uma embalagem de sorvete que encontramos na geladeira. — Fodam-se os homens. Sério. Eles que se fodam, e não no bom sentido.

Meus olhos estavam desfocados e inchados e eu a observava andando de um lado para o outro. Havia muita coisa sobre Jase que Calla não sabia e eu não lhe contaria, por respeito à privacidade dele. Por mais que ele tivesse me magoado, não iria dizer ao mundo que ele tinha um filho e que provavelmente ainda era apaixonado pela mãe da criança.

Afinal, não era disso que se tratava? Ele não estava pronto para algo sério e eu sabia muito pouco sobre essa mulher, onde ela morava, se de alguma forma ainda estava presente ou há quanto tempo os dois tinham se separado. Saber que o coração dele pertencia a outra pessoa fazia com que eu me sentisse ainda mais idiota. A primeira vez que ele se recusara a falar sobre ela deveria ter sido um aviso, mas mesmo assim o ignorei.

— É, que se fodam — sussurrei.

— Mais? — Ela parou diante de mim, segurando o sorvete.

Fiz que não, segurando a almofada de encontro ao estômago.

Suspirando, ela se jogou ao meu lado.

— Sinto muito, Teresa. Esta é a última coisa que você precisava agora. Seu joelho, Debbie e o maluco do Erik.

— Acho que poderia ser pior — murmurei, pensando que jamais seria capaz de dormir naquela cama de novo. Sabia que a cama ainda teria o cheiro dele e que eu não suportaria isso. Sem meu dormitório e minha cama, estava prestes a me tornar amiga íntima do sofá.

Calla me lançou um olhar intrigado.

— Tenho certeza de que você passou por muitas merdas na última semana.

Era verdade, mas Debbie tinha passado por coisa pior. Ao menos eu estava viva. Fechando os olhos, esfreguei a testa que doía.

— Acho que nunca mais farei sexo novamente.

— Bem-vinda ao clube. — Ela suspirou pesadamente. — Não quero nem saber de homens.

— Completamente? — Olhei para ela.

— Sim. A vida é mais fácil assim.

— Você gosta de meninas?

— Bem que eu gostaria. — Ela riu. — Só acho que o sexo complica as coisas. Digo, sim, falo que alguns caras são gostosos e faço vários comentários sexuais, tanto que algumas pessoas talvez acham que há algo de errado comigo, mas nunca fiz sexo.

— O quê? — perguntei, sem acreditar. — Você é virgem?

— Isso é mesmo surpreendente? Duvido que eu seja a única menina de vinte e um anos que nunca fez sexo. — Ela riu de novo.

— Não é — disse imediatamente.

Endireitando-se, ela trocou de mão o pote de sorvete.

— E, olhe só para mim, Teresa. Não sou como você e Avery. Não sou magra e pareço o Coringa. — Ela apontou para o rosto com a cicatriz.

Fiquei boquiaberta.

— Primeiro, você não é gorda.

Ela arqueou a sobrancelha, e eu revirei os olhos.

— E você não parece o Coringa, sua tola. Você é bem bonita. — E isso era verdade. Com ou sem cicatriz, Calla era linda. — Não acredito que você disse isso.

Dando de ombros, ela se levantou.

— Chega de falar de mim, da minha falta de sexo e tudo o mais. Você me contou tudo o que Erik lhe disse?

— Sim, foi basicamente isso. — A mudança de assunto me pegou desprevenida.

— Você vai à polícia?

Fiz que não.

— Ele não fez nada que eu possa denunciar. O que ele disse não foi uma ameaça. Ele disse o que qualquer um diria se alguém lançasse suspeitas sobre ele.

— Sim, mas não gostei do que ele lhe disse.

— Nem eu. — Levei as mãos ao rosto mais uma vez.

Calla saiu para a cozinha, jogando o pote de sorvete no lixo. Ao voltar, ela se deitou ao meu lado, o controle remoto nas mãos.

— Vamos assistir a alguma porcaria na TV. Tenho certeza de que isso cura tudo.

Programas ruins de TV podiam curar muitas coisas, mas sabia que não poderiam curar o que me afligia. Não sabia se algo poderia me curar. Dei meu corpo e coração a Jase, e ele recusou.

Algumas coisas ficaram mais claras até o fim da semana. Se a polícia suspeitava que Erik era culpado de algo além de ser uma merda de ser humano, não parecia. Eu o vi pelo *campus* e ele não aparentava ser um cara com a polícia no encalço nem prestes a ser preso por assassinato a qualquer momento.

Talvez minhas suspeitas fossem completamente infundadas, mas evitei Erik a qualquer custo, mesmo que isso significasse cruzar a rua ou me virar e andar na outra direção. Mesmo que ele não tivesse machucado Debbie dessa vez, ele o fez no passado.

A outra coisa é que não havia como esconder de Cam e Avery o fato de que Jase e eu não estávamos mais juntos. Na sexta-feira, quando nós dois não aparecemos para almoçar no Den pela terceira vez, eles

suspeitaram que havia algo de errado.

Cam me pôs contra a parede quando apareceu para pegar umas roupas. Estava sentada no sofá assistindo a uma maratona de *Dance Moms*, um pacote de Cheetos na mesinha de centro e duas latinhas de refrigerante me fazendo companhia.

Ele se sentou ao meu lado, pondo as mãos entre os joelhos.

— E aí? — Suspirei alto.

— Pois é — disse ele. — O que está havendo entre você e Jase? Vocês dois não têm ido ao Den. No começo, achei que vocês só queriam um pouco de privacidade, o que, por sinal, me deixou enojado, mas não tenho visto o Jeep dele já faz alguns dias.

Refletindo se deveria esconder ou simplesmente contar tudo, peguei a colcha que nossa avó fizera para Cam há alguns anos e me cobri até o queixo.

— Não estamos mais juntos — disse, como se tirasse um Band-Aid de uma só vez. Daí eu ri, um som seco. — Nem acho que os poucos dias que passamos juntos conta como um namoro. Tenho quase certeza de que Britney Spears e Kim Kardashian ficaram casadas por mais tempo.

Achei que essa parte foi bem engraçada, mas Cam parecia ter visto alguém morrer diante de nós.

— Eu sabia. Que filho da...

— Realmente não quero ouvir isso agora. — Virei-me para ele e o que quer que ele tenha visto na minha expressão o fez se calar. — O que aconteceu entre nós não afeta a amizade de vocês.

— Como não? Olhe só para você. — Ele olhou em volta, o olhar caindo no pacote de salgadinho e nas latas de refrigerante. Ele olhou para a TV bem quando uma menina começou a chorar. — Você é minha irmã e obviamente está aqui com o coração partido. Sabia que ele faria isso e ele tinha de saber também.

— Como você sabia, Cam?

Ele abriu e fechou a boca.

— Eu sei... eu sei sobre o Jack. Tudo. — Meu sorriso era fraco.

A surpresa apareceu em sua expressão e Cam se sentou.

— Ele lhe contou tudo?

— Sim, ele me contou. Por isso é que você sabia que ele estragaria tudo? Porque ele tem um filho ou porque ainda ama a mãe de Jack? — Simplesmente disse essa última parte. Na verdade não tinha certeza se ele ainda era apaixonado por ela, mas parecia que sim. Cam arregalou ainda mais os olhos e temi estar com a razão.

— Ele lhe contou sobre Kari?

— O nome dela é Kari? — perguntei.

Cam me encarou por um instante e depois desviou o olhar. Vários segundos se passaram.

— Então ele não falou dela? Ele lhe contou sobre o Jack, mas não disse nada sobre ela?

— Não. — Engoli em seco, abaixando a colcha um pouco. — Quando me contou sobre o Jack, não quis falar dela e quando ele... quando ele disse que não podíamos ficar juntos, disse que era porque não

estava pronto para algo sério. — Estava deixando de lado a parte sexual porque, até onde Cam sabia, nossa relação não tinha chegado a tanto. Se Cam soubesse que fizemos sexo e que Jase terminou tudo no dia seguinte, ele faria mais do que socá-lo. — Perguntei se tinha a ver com ela, mas ele não quis falar. Acho... acho que ele ainda a ama.

Cam passou as mãos pelos cabelos, o que fez com que vários fios se arrepiassem.

— Que merda, Teresa, não sei o que dizer.

Uma bola de gelo se formou em meu estômago.

— Sabe sim, mas você não quer dizer. Você sabe dela e ele ainda está apaixonado por ela, não é? Por isso é que você não queria que ficássemos juntos. Ela é...

— Era — corrigiu ele, baixinho. — O nome dela era Kari e tenho certeza de que Jase a amava, como qualquer menino de dezesseis anos era capaz de amar a namorada.

Meu cérebro se ateu ao uso do pretérito. Não a parte do amor dita no passado, e sim a referência à moça.

— O que você quer dizer com “era”, Cam?

Ele bufou demoradamente.

— Nunca contei nada disso a ninguém, Teresa. Não sei se Jase lembra que me contou sobre ela. Estávamos bêbados uma noite e ele começou a falar, sabe, na época em que eu estava em prisão domiciliar. Ele nunca tocou no assunto de novo. Ele fala comigo do Jack, mas não dela.

A bola de gelo começou a crescer, mas por uma razão diferente.

— Cam...

— Ela está morta, Tess. Ela morreu pouco depois que Jack nasceu, num acidente de carro.

Levei a mão à garganta e encarei meu irmão.

— Ah, meu Deus...

— Não sei muito dos pais dela, mas acho que eram como os da Avery, muito preocupados com as aparências e essas merdas. Tenho a impressão de que eles a expulsaram de casa quando engravidou e que queriam dar Jack para a adoção, mas os pais de Jase se envolveram. Sei que Jase e Kari namoravam desde os treze anos. E sei que ele gostava muito dela e, desde que o conheço, Jase nunca teve nada sério com outra menina.

Senti um aperto no peito quando tudo começou a fazer sentido. A menina... a mãe de Jack estava morta? Isso nunca passou pela minha cabeça. Nunca. Mas fazia sentido. Merda, o que era pior do que alguém pisar em seu coração? Ficar com o coração dilacerado porque alguém morreu.

— O fato de Jase ter lhe contado sobre o Jack me impressionou. Só a família dele sabe a verdade, e a família dela, acho, não vive mais por aqui — explicou ele. — Assim que percebi que ele tinha lhe contado, recuei, porque sabia que ele estava sendo sincero, se lhe contou. Ao menos esperava isso, mas...

— Mas ele não a superou, não é? — disse, sofrendo por ele, porque não imaginava o que era perder alguém que eu amava. — É por isso. Ah, meu Deus...

— Não sei, Teresa. Não sei se ele ainda a ama. Digo, tenho certeza de que a ama, de certa forma, mas

acho que... Deus, ele vai me matar por isso, mas acho que ele tem medo de gostar de alguém e perdê-la.

— Sêrio? — Havia dúvida no meu tom de voz.

— Pense nisso. Ele não vive uma situação normal. Eles eram jovens e ela engravidou. Os pais dela a expulsaram de casa e então os pais dele se envolveram e adotaram a criança. Então os dois, Jase e Kari, veem Jack depois, sabendo que ele era filho deles, mas ninguém mais sabia. Era o segredo deles e só Deus sabe o que eles planejavam para o futuro.

Sabia que Jase disse que no começo não queria Jack, mas que mudara depois. E isso poderia ter mudado com Kari por perto.

— E então ela morre, uma morte completamente inesperada, e morre *jovem*. Esse tipo de coisa deve mexer com a pessoa. Então não acho que ele ainda a ama. Acho que ele tem medo de amar outra pessoa.

— Então isso deveria querer dizer que ele me ama, mas acho que não é o caso.

Ele sorriu um pouco.

— Ele correu o risco de atrair minha ira para ficar com você e lhe contou sobre Jack. Vou lhe dizer uma coisa, Teresa. Ele tem de...

— Não importa — interrompi, porque não precisava ouvir que Jase provavelmente me amava. Isso só encheria minha cabeça com contos de fadas e meu peito com esperança. O que Jase me disse depois do sexo não foi nada além da consequência de um orgasmo. — Não posso competir com Kari. Ninguém pode.

— Teresa...

— Não quero que você diga nada a ele — insisti. — Estou falando sério, Cam. Sei que você quer bater nele ou coisa assim, mas, por favor, deixe isso para lá, porque... — Porque me sentia mal por ele. Saber isso sobre Kari mudava tudo. Não queria dizer que eu não estivesse magoada com ele, porque ele me fez sofrer, mas ele sofreu de um jeito muito pior. — Porque não importa e estou bem.

— Você não parece bem. — Ele arqueou as sobrancelhas.

— Obrigada. — Olhei para a colcha que mais parecia uma barraca.

— Não quis dizer isso. — Ele me deu um tapinha onde deveria estar meu joelho bom. — Só estou preocupado com você. Você passou por muitas coisas.

— Estou bem, mas você tem de prometer que não vai contar nada a ele. Deixe isso para lá. Por favor, Cam.

Ele suspirou.

— Certo. Não direi nada. Você tinha razão quando disse que não é da minha conta, mas vê-la assim e não bater no meu...

— Já entendi — disse, abrindo um sorrisinho. — Você não pode querer resolver as coisas por mim sempre, sabia?

— Quem disse? — Cam riu.

Balançando a cabeça, me recostei. Ter mais informações sobre o que fez Jase mudar de ideia ajudava, mas não aliviava meu sofrimento. Até me deixava ainda mais triste.

Ao ouvir uma batida na porta, Cam se levantou.

— Deve ser Avery. Está a fim de se divertir com as meninas?

— Com as meninas?

Ele fez uma careta.

— Que seja. Quer que ela entre?

— Claro. — Estar com alguém era melhor do que ficar sentada sozinha, sentindo pena de mim mesma.

Se Avery sabia o que estava acontecendo, ela sabiamente falou de outras coisas, tirando-me do sofá e me ajudando a arrumar o apartamento. O lugar estava uma bagunça. Eu não tinha culpa. Cam não passava o aspirador de pó nem limpava o lugar desde a posse do último presidente.

— Ouvi dizer que o funeral de Debbie é na próxima terça — disse ela, amarrando os cabelos ruivos num rabo de cavalo. — Você está bem?

Fiz que sim, jogando o pano que usei para limpar o criado-mudo no lixo.

— Calla vai me levar e me pegar quando terminar. Ela não gosta de funerais.

— Nem eu. — Avery se abaixou, pegando um saco do armário. — Acho que Cam não vai, mas, se você quiser, tenho certeza de que ele irá.

Sabia que Cam iria, mas não o obrigaria a ir a um funeral ao qual ele não planejava ir.

Avery de repente ficou ereta ao abrir uma sacola. Por trás dela eu via que a sacola estava cheia de sapatos que eu não guardara, o que me lembrava que ainda havia muitas coisas que eu precisava tirar do dormitório.

Curiosa para saber o que ela estava olhando, me aproximei.

— O que houve?

Sem dizer nada, ela enfiou a mão na sacola e de lá tirou um velho par de sapatilhas de balé.

— Não seguro um par disso há muito tempo.

Ao ver as sapatilhas, senti uma pontada de dor. Virei-me e sentei-me na cama.

— Bom, calçamos praticamente o mesmo número. Provavelmente elas lhe servem. Pode ficar com elas, se quiser.

— Você não quer ficar com elas?

— Não sei. Posso emprestá-las. Que tal? — Dei de ombros.

Ela olhou para as sapatilhas de cetim e suspirou. Um olhar melancólico apareceu em sua expressão e minha curiosidade aumentou.

— Por que você não dança mais, Avery?

Ela ergueu a cabeça e ficou toda vermelha.

— É uma longa história que não é importante agora. Não importa. Eu provavelmente não conseguiria erguer minha perna agora, muito menos fazer um simples movimento de balé.

— Aposto que consegue — disse, em vez de pedir mais detalhes.

Ela riu, mas seus olhos se iluminaram com algo semelhante a empolgação, como se ela quisesse tentar.

— Vou ter uma distensão.

— Não vai, não. — Meu joelho começou a se enrijecer, então eu rapidamente o alonguei. — Tente.

As sapatilhas pendiam de seus dedos.

— Vou parecer uma idiota.

— Só eu estou aqui e nem mesmo tomei banho hoje. E também não consigo andar sem mancar, então tenho certeza de que você não tem de se preocupar em me impressionar.

Ela hesitou e atravessou o quarto, calçando as sapatilhas na cama ao meu lado.

— Se você rir, eu vou chorar.

— Não vou rir! — Mas sorri. — Vamos. Faça.

Dando um passo para trás, Avery olhou em volta, verificando o espaço e ficando na ponta dos pés. Ela respirou fundo e levantou uma das pernas. Fechando os olhos, ela pôs o pé na parte de dentro da coxa e girou uma, duas vezes, esticando a perna elegantemente. Mesmo no carpete, usando calça jeans e fora de forma há anos, ela tinha um talento nato que toda menina que aprendera a dançar em estúdio invejava.

Quando completou o giro, aplaudi alto.

— Isso foi perfeito!

— Não. Minha perna... — Ela ficou vermelha e endireitou a camiseta.

— Ah, meu Deus, você não dança há anos e fez uma pirueta melhor do que muitas pessoas que ainda dançam. — Peguei as sapatilhas. — Você tem de subir num palco. Nem que seja só comigo no Learning Arts Center. Só uma vez.

— Não sei...

— Você tem que fazer isso! — Balancei as sapatilhas e o olhar dela as acompanhou como se eu estivesse balançando algo brilhante diante dela. Não sei como pensei nisso, mas realmente sabia que fazê-la dançar de novo era importante. — Você precisa. Para eu poder realizar meus sonhos através de você. Só uma vez antes da primavera. Por favor.

— O que ganho com isso? — Avery respirou fundo e me olhou.

— O que você quer?

Ela fez biquinho.

— Quero duas coisas. Primeiro, que você me ajude a encontrar um presente de Natal para Cam, porque sou péssima nisso.

Eu ri.

— Certo. Dá para fazer isso. O que mais?

— Você tem que cuidar do Michelangelo e do Rafael no fim de semana.

— As tartarugas?

Ela riu e fez que sim com a cabeça.

— Estamos comprando um aquário enorme e, você sabe, elas podem... sei lá, bater uma na outra e Cam queria ir ver um filme, mas tenho medo de que elas se matem.

— Então você quer que eu seja uma segurança de tartarugas? Que as separe se elas se descontrolarem?

— Exatamente. — Avery riu.

Eu ri.

— Certo. Feito. — Balancei as sapatilhas na direção dela.

Ela as pegou no ar.

— Ah, e tenho certeza de que Michelangelo é fêmea, então você vai ter que detê-las se parecer que elas estão cruzando. Cam e eu não estamos preparados para sermos pais de várias tartaruginhas.

— Ah, meu Deus... — Gemendo, caí de costas.

CAPÍTULO

O sol saiu e brilhava forte, mas não afastava o ar frio na manhã do funeral de Debbie.

Como Calla prometera, ela me deixou lá no começo do sepultamento e, depois que terminou, mandei uma mensagem de texto para ela. Ela me levava para a aula na semana passada, mas Cam havia começado a me levar nesta semana e não aceitava “não” como resposta.

Realmente precisava de um carro.

Ajudou, ao ficar mais afastada do local do sepultamento, pensar em coisas simples e tolas. Nunca fui boa em funerais. Quando meu avô morreu, fiquei triste demais para chegar perto do caixão. Pouca coisa mudara. O caixão não era aberto, mas eu me sentara nos fundos da igreja cheia no terreno do cemitério.

Meu joelho doía por causa da caminhada até o local do sepultamento, mas a dor valia a pena. Sentia que precisava estar presente para Debbie e, se não tivesse vindo, eu me arrependeria.

Os pais dela estavam atordoados, juntos com um menino mais novo que parecia recém-matriculado no ensino médio. Não conseguia imaginar o que eles estavam passando nem no que podiam estar pensando.

À direita deles estava Erik Dobbs, e ele estava cercado aparentemente por todos os membros da fraternidade. Não sabia se Jase estava entre eles, o grupo de rapazes usando ternos amassados era grande demais.

Não era difícil distinguir os alunos dos familiares. Nós estávamos usando algo — qualquer coisa — preta. Eu vesti leggings nesta manhã e um vestido azul-escuro. Não parecia a melhor coisa a se usar num funeral, mas era o que eu tinha em mãos.

À medida que o sepultamento terminava, fiquei surpresa ao sentir meus olhos úmidos. Eu estava indo tão bem, mantendo o rosto seco ao longo de toda a cerimônia, até mesmo quando eles tocaram aquela música country que era sempre tocada em momentos tristes. Rapidamente sequei meu rosto com as mãos frias e me virei.

A mão de alguém me segurou pelo ombro e me virou. Quase apoiei meu peso no joelho lesionado, mas me corrigi no último instante. Com o coração disparado de susto, ergui a cabeça.

Erik estava ali, os olhos escuros fixos nos meus.

— O que você está fazendo aqui?

Tirei a mão dele do meu ombro, ou ao menos tentei. Ele me segurou com mais força por um segundo e depois me soltou, mas não se afastou.

— Nunca mais me toque — disse, baixinho.

— Você não deveria estar aqui. Ela está morta e naquele caixão por sua causa. — Algo sombrio e feio apareceu em sua expressão.

— Como é? — Arfando, afastei-me dele.

— Ela está morta porque você encheu a cabeça dela de besteiras. — Ele falou mais alto, chamando a atenção das pessoas que estavam por perto. — Se você tivesse cuidado da sua vida em vez de tentar gerar confusão, ela estaria viva agora.

O sangue se esvaiu do meu rosto e o encarei. Ele estava louco? Meu estômago se revirou ao notar que mais pessoas estavam me olhando — colegas universitários.

— Não estava criando confusão e você sabe disso.

— A culpa é sua. — Erik balançou negativamente a cabeça.

— Ei, cara — um dos amigos dele disse, aproximando-se. — Acho que precisamos voltar para casa.

— Acho que ela precisa ir embora — disse ele, com raiva. — Ela não deveria...

Erik foi afastado de mim da mesma forma que ele me fizera virar. Jase surgiu não sei de onde, colocou a mão no ombro de Erik, o rosto a centímetros do dele.

— Sei que você está passando por muita coisa — disse Jase, a voz baixa e perigosamente calma. — Mas sugiro que você se afaste dela agora mesmo, antes que você diga alguma coisa de que se arrependa.

Ele abriu a boca, mas Jase balançou a cabeça.

— Afaste-se, cara.

Por um segundo, achei que Erik não se afastaria, mas ele meneou a cabeça. Livrando-se da mão de Jase, ele foi embora sem olhar para mim, abrindo caminho pelo grupo de colegas da fraternidade. Nenhum deles o acompanhou, até onde vi. Na verdade, eles pareciam enojados com o comportamento de Erik.

Jase me segurou pelo ombro e abaixou a cabeça na direção da minha.

— Onde estão suas muletas? — perguntou ele.

— Não que seja da sua conta, mas eu as joguei no lixo. — Lancei-lhe um olhar furioso, que ele ignorou.

— Você as jogou no lixo? — Ele me encarou.

— Sim, joguei. — Um tanto quanto atrasada, a raiva pelo que Erik me dissera me inundou. Pior para Jase, que estava ali. — E não preciso de você aqui. Tenho a situação sob controle.

— Deu para ver. — Ele começou a caminhar e, com a mão firme em meu braço, não me dava outra opção que não acompanhá-lo. — Vou levá-la para casa.

— Calla está vindo me buscar.

— Mande uma mensagem para ela e diga que você arranjou carona. — Como não respondi, ele me lançou um olhar. Seus olhos exibiam um tom profundo e tormentoso de cinza. — Por favor, não discuta comigo, Tess. Só quero levá-la para casa. Certo? Só quero ter certeza de que você não vai ficar sozinha esperando Calla vir buscá-la.

Parte de mim queria teimar, mas eu estava sendo idiota. A última coisa que queria era ficar no frio esperando por Calla enquanto Erik estava por perto, prestes a apontar seu dedo para mim por algo que eu não tinha absolutamente nada a ver.

— Certo — disse, finalmente, pegando meu celular. — Mas você não precisa segurar meu braço.

— E se eu quiser? — Os olhos dele brilharam.

Parei, obrigando-o a parar também. Nossos olhares se encontraram.

— Você não tem o direito de me tocar, Jase.

— Desculpe. — Ele tirou a mão imediatamente.

Começamos a ir para o Jeep dele e mandei uma mensagem de texto rápida para Calla dizendo que tinha arrumado uma carona. Quando entramos no carro, ele me perguntou novamente sobre as muletas.

— O quê? — Puxei o cinto de segurança com força e o preendi. — Não preciso delas para sempre.

— O médico disse...

— Precisava delas por uns dias ou uma semana, dependendo da minha sensação de necessidade. — Odiava me lembrar da presença de Jase lá naquele dia. Ele esteve presente apenas para partir meu coração alguns dias mais tarde, por mais trágica que fosse a justificativa dele para isso. — Não preciso delas.

— Você *mancou* durante todo o caminho até a sepultura e até o carro.

— Você estava me observando?

— Sim, estava. — O olhar dele vasculhou meu rosto e se deteve à frente. — Mantive um olho em você quase o tempo todo. Você não pareceu notar.

— Não o vi. — Não sabia o que pensar sobre isso.

— Eu estava nos fundos, perto da porta. Saí antes das outras pessoas — explicou ele. — De qualquer forma, Erik a machucou? Ele a virou bem rápido.

— Não. — Percebi que ele não estava olhando para mim.

— Eu deveria ter chegado antes, então desculpe por isso. — Ele finalmente ligou o carro e o ar frio soprou dos dutos de ventilação. Ninguém disse nada até entrarmos na Route 45 rumo a Shepherdstown. — Ele precisa ficar longe de você. Vou me certificar disso. Hei, não vou bater nele nem fazer nenhuma loucura. Ele só precisa parar de falar merda como aquela de novo. — Ele me lançou um olhar brusco. — Foi a primeira vez que ele disse algo para você?

— Por quê? — perguntei. — Por que você se importa, Jase, com o que ele me diz?

— Essa é uma pergunta idiota. — Outro olhar ferino foi lançado na minha direção.

— Não é. Não somos amigos. Somos duas pessoas que foram um pouco mais do que amigas por um curto período e fizeram sexo. — Meu coração ficou pequeno com minhas próprias palavras. — Isso é tudo o que fomos.

— É isso o que você pensa de nós? — Jase segurou o volante com força.

— Não é isso o que você quer?

Ele não respondeu imediatamente e, quando falou, foi tão baixo que nem sei se o ouvi direito.

— Não.

— Não? — Respirei fundo.

— Não é isso o que eu queria para nós. Meu Deus, Tess, de jeito nenhum. — Ele apoiou o braço esquerdo na janela e levou a mão ao rosto. — Mas eu só... Eu lhe disse antes que você não iria querer nada comigo.

Uma queimação tomou conta do meu peito e da minha garganta ao ficar olhando para ele de perfil.

— Eu sei — sussurrei, e esperava que ele não ficasse com muita raiva de Cam. — Eu sei sobre Kari.

Ele rangeu os dentes com tanta força que não teria ficado surpresa se ele tivesse quebrado os molares. Um quilômetro se passou antes que Jase falasse novamente.

— Nem preciso perguntar como você soube.

— Por favor, não tenha raiva dele. Ele achou que eu já sabia, porque sabia sobre Jack. Você não pode ficar com raiva dele.

— Não estou. — Ele suspirou pesadamente. — Então você conhece toda a história sórdida.

— Eu... não achei sórdida. — Mordi o lábio. Sabia que Jase tinha dito que não queria Jack e agora a culpa dele fazia mais sentido. Afinal, e se Kari quisesse ficar com o filho? — Só triste.

— Ah, acho que não contei tudo a ele. — Jase riu com desprezo. — Kari ficou grávida, e eu não estava por perto quando ela contou aos pais. Deveria ter estado. Sabia que seriam duros com ela, e, quando disseram que ela moraria com os avós no sul da Virgínia Ocidental, senti até um alívio, porque era como se ela não estivesse lá e eu não tinha de pensar no fato de ela estar grávida.

Ele riu de novo, mas era um som de tristeza.

— Nunca estive ao lado dela. Sabe, eu era só uma criança, mas assim mesmo...

— Mas você tinha quantos anos? Dezesseis?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Quando meus pais se envolveram e adotaram o Jack, Kari voltou e conversou sobre o futuro com nós três. Morri de medo. Brigamos. Ela saiu dirigindo e morreu. Fim da história.

Ah, meu Deus...

— Não se culpe. Por favor, diga-me que você não se culpa.

— Eu me culpei por muito tempo, mas sei que não provoquei o acidente. Nós meio que ficamos antes de ela sair, mas, sabe, a última conversa que você tem com alguém, você não a quer contaminada com esse tipo de coisa.

— Sinto muito — sussurrei. — Sei que não é muita coisa, mas sinto muito.

— Nunca visitei o túmulo dela. — Jase só voltou a falar quando chegamos ao condomínio.

— Nunca? — Despertei dos meus próprios pensamentos.

Ele fez que não.

— Eu só... não sei. Segui em frente, mas...

— Você não seguiu em frente, Jase. Se você não conseguiu nem visitar o túmulo dela, não seguiu em frente.

Estacionamos numa vaga no meio do estacionamento. Ele desligou o carro e me olhou. Seu olhar se voltou para meus lábios e ele pareceu incapaz de tirar os olhos dali. Jase segurou o volante com mais força.

— Você ainda a ama? — sussurrei.

Jase ficou um tempo sem responder.

— Sempre vou amar Kari. Ela era uma pessoa incrível. Não sei como estaríamos agora se ela estivesse viva, mas sempre vou gostar dela. — Ele respirou fundo. Jase parecia prestes a falar mais, mas mudou de ideia.

Lembrei-me do que Cam tinha dito sobre o medo dele. Talvez fosse mesmo isso. Talvez ele me amasse, mas isso não seria o bastante. Algumas feridas, alimentadas pelo silêncio, não cicatrizam. E não haveria nada o que eu pudesse fazer para mudá-lo e mudar como ele via os relacionamentos. Ele teria de encontrar a resposta para isso em si mesmo e teria de *querer* isso. E eu esperava que Jase conseguisse. Não só por mim, mas porque, por mais que a mágoa em meu coração ainda sangrasse, ele era uma boa pessoa.

Ele só precisava se conhecer melhor.

Ao vê-lo pensando no que dizer, fiz o que provavelmente foi a coisa mais madura que já fiz em meus quase dezenove anos. Maturidade do tipo que valia uma medalha ou uma caixinha de biscoitos, porque eu ainda estava muito magoada com ele.

Aproximei-me e encostei meus lábios em seu rosto gelado. Jase respirou fundo e virou os olhos para mim quando me afastei.

— Sinto muito por tudo o que você teve de passar e... Eu ainda te amo, então espero que um dia você seja capaz de seguir em frente, porque você merece, Jase Winstead.

CAPÍTULO

Morar no apartamento de Cam deveria ter tornado minha vida mais fácil. E tornou, de várias formas. Morar ali tornou mais fácil evitar me fixar na morte de Debbie ou viver em outro lugar que me deixasse assustada. Ajudou-me a ficar longe do maluco do Erik. Eu pegava caronas para o *campus* com Avery ou meu irmão e, como meu joelho raramente doía tanto quanto no começo, a caminhada da aula de apreciação musical até o *campus* leste não era tão difícil.

Não estava almoçando com Cam e todos os outros. Não sei se Jase estava. Duvidava disso, já que tinha certeza de que meu irmão se afastara do amigo ao perceber que não estávamos mais juntos. Mas não podia lidar com isso e fingir que tudo estava bem se Jase estivesse lá, então mantive distância do Den.

Já era horrível vê-lo três vezes por semana na aula e de vez em quando pelo *campus*. Ele nunca mais conversou comigo. Nunca se aproximou para ver como eu estava depois do funeral. E era uma tolice e inútil permitir que a dor crescesse e se espalhasse. Kari era um fantasma. Ela estava no passado, mas Jase a amava. Eles trouxeram uma criança a este mundo e, fantasma ou não, eu não conseguia me livrar da dor.

Mas meus problemas eram mais do que apenas Jase. Parece que finalmente me dei conta — meu sonho de ser uma bailarina profissional tinha mesmo terminado e a escola era o meu futuro, o que significava muito estudo, e isso me estressava.

Estava esgotada, como um doador de sangue obsessivo, na época dos exames finais.

Olheiras cresceram sob meus olhos. Em alguns dias eles estavam inchados porque, tarde da noite, quando eu acordava e não havia nada além do silêncio, as lágrimas caíam. Era constrangedor saber que Cam e Avery percebiam meu choro. Eu parecia péssima. Não dava para esconder.

No Dia de Ação de Graças, Cam e Avery foram visitar nossos pais e eu os acompanhei só para sair dali. A viagem foi boa para mim e a mamãe nos encheu de comida — a primeira torta de maçã da estação, dois bolos de abóbora e pão fresco. Cam parecia ter ganhado na loteria e eu verifiquei meu bumbum cada vez maior e suspirei. Mas, quando chegou a hora de voltar para Shepherdstown, o alívio acabou.

Não queria voltar, porque parecia que não havia nada além de tristeza para mim.

Pouco antes de sairmos, subi ao meu quarto para pegar umas blusas que não levava comigo em agosto. Perdi-me olhando para todos os troféus nas prateleiras, as medalhas nas paredes e as coroas reluzentes que recebi durante algumas competições.

Peguei quase todos os troféus e tentei me lembrar de como me senti quando meu nome foi chamado como vencedora, mas as emoções pareciam distantes de mim — um poço ao qual eu não tinha acesso.

— Você está bem?

Coloquei um troféu de volta no seu lugar e me virei ao som da voz da mamãe. Fiz que sim, limpando as lágrimas com as costas da mão. Não sei quando tinha começado a chorar.

Um sorriso triste e solidário apareceu em seus lábios quando ela atravessou o quarto. Seus olhos azuis brilhavam de um jeito que me fez querer chorar ainda mais. Segurando meu rosto, ela enxugou umas poucas lágrimas que restavam.

— As coisas vão melhorar, meu amor. Prometo.

— Que parte? — murmurei. Ela sabia de Debbie, claro, e eu lhe contei sobre Jase — contei *tudo* sobre Jase. Decidimos esconder essa parte do papai se Jase viesse nos visitar um dia com Cam. Isso era improvável, mas se o papai soubesse que o coração da sua princesinha fora partido, ele provavelmente o levaria para caçar e Jase sofreria um “acidente” durante a caça.

— Tudo. Tudo vai melhorar. Sei que é difícil acreditar nisso agora — disse ela. — Mas no fim das contas você encontrará outra coisa por que se apaixonar e encontrará alguém que a amará como você merece.

— Jase merece me amar. Digo, ele não é um mau homem — disse, fungando. — Ao menos achava que ele merecia.

A mãe me puxou para um abraço e ela cheirava a abóbora e temperos, o que dificultava ainda mais minha partida. Queria ser a menininha de novo, a menininha que não tinha de usar roupa de adulto e lidar com a merda que era a vida.

— O menino tem muito no que pensar. — Ela me apertou de um jeito que eu adorava. — Ele me lembra de um cara que conheci na faculdade de medicina. Ele se envolveu com uma menina por anos e ela morreu inesperadamente nas férias de verão. Acho que foi um ataque cardíaco. — A mãe recuou, segurando minhas mãos frias. — Mas isso foi há quanto tempo? Décadas? Ainda o vejo de vez em quando e ele nunca se casou e acho que nem mesmo namorou sério. E Jase... bom, ele teve um filho com a moça. É ainda mais difícil para nós entendermos.

Ouvir aquilo não fez com que eu me sentisse melhor. Mesmo que Jase não me quisesse, eu ainda queria que ele superasse aquilo, que encontrasse o amor novamente e tivesse uma vida para compartilhar com alguém. Não queria pensar nele como o amigo da mãe, passando anos sozinho com nada além de relacionamentos casuais, sem deixar que ninguém se aproximasse.

Jase merecia mais do que isso, porque, no fundo, ele era um bom homem que só... estragou tudo de uma forma que eu não conseguia nem imaginar.

Obriguei-me a dormir cedo no domingo em que voltamos, mas foi como todas as outras noites. Eu só dormia por umas poucas horas antes de começar a sonhar. Em algumas noites eu sonhava com Debbie no dormitório, nela... *enforcada* no dormitório. Havia noites em que eu estava de volta ao funeral e, em vez de Erik gritar comigo, ele me empurrava para dentro de uma cova aberta.

Outras vezes, sonhava com Jase. Com ele me amando e me dizendo que sempre estaria por perto. Aqueles sonhos não eram ruins, mas então eu acordava e percebia que eram o que eram. Apenas sonhos. E havia sonhos em que estávamos presos numa casa estranha e eu o chamava pelo nome, mas ele nunca parecia ouvir, e eu nunca o alcançava.

Todas as manhãs eu acordava sentindo que não tinha dormido nada e passei todas as aulas do último semestre num torpor. Ainda assim, passei fácil pelos exames finais. Considerando que eu tinha muito tempo livre nas mãos, estudei muito sozinha no apartamento. E comi. Mas o estudo me deixou mais do que preparada, o que era bom, porque era meu futuro. Talvez não o futuro que eu tinha planejado, mas o

futuro que precisava aceitar. E lecionar não era tão ruim assim. Eu iria gostar. Então passar nos exames finais era importante.

Meus músculos ficaram tensos quando Calla e eu entramos na aula de apreciação musical e assumimos nossos lugares. O rosto dela estava vermelho por causa do frio, ressaltando a cicatriz. Esfregando as mãos, ela se encolheu na cadeira.

— Não sei lidar com este frio — disse ela, tremendo. — Quando terminar a faculdade, vou me mudar para a Flórida.

— Há alguns meses você estava dizendo que não sabia lidar com o calor. — Peguei uma caneta, pronta para encerrar a matéria. De verdade. — Você deveria encontrar um lugar que tem uma temperatura amena o ano todo.

Ela sorriu.

— Boa ideia. Agora é só encontrar um lugar assim. E quanto a você?

A formatura estava tão distante que não conseguia nem pensar nisso. Dei de ombros.

— Acho que vou ficar por aqui.

Ela suspirou, esticando o braço e puxando o capuz do meu casaco. Só então percebi que estava usando o mesmo casaco há três dias. Espere aí. Será que tomei banho pela manhã? Acho que não. Mas penteei os cabelos antes de amarrá-los num rabo de cavalo apressado.

Legal.

— Vamos para meu dormitório esta noite? — convidou ela, como fazia nas últimas duas semanas. — Podemos comprar um monte de porcaria, passar no Sheetz. Você sabe como amo os nachos deles.

Comecei a lhe dizer “não”, mas parei. Precisava parar de pensar no tamanho da minha bunda. Ao menos por umas horas.

— Certo, mas você pode me pegar? Está frio demais para caminhar à noite.

— Claro! — Um sorriso enorme apareceu no rosto dela, um sorriso emocionante. — Oba! E vou comprar cerveja, porque não há nada como ficar bêbada antes do permitido. Ou posso comprar uma daquelas bebidas alcoólicas de meninas. Vou deixá-la tão bêbada que você não... — Ela parou no meio da frase, ficando séria.

— Você vai se aproveitar de mim? — brinquei, mas, como ela não riu, suspirei. Então senti olhares sobre mim e olhei para trás. O ar congelou em meus pulmões.

Jase estava no final do corredor, usando um casaco com capuz e uma calça jeans velha. Ele usava aquele maldito gorro cinza, o que eu tanto amava. Queria tirar o gorro da cabeça dele e fazer alguma loucura, como guardá-lo sob meu travesseiro ou coisa assim.

Encolhi-me de dor por dentro.

O bom é que eu só pensava loucuras, sem agir.

Vê-lo, como todas as vezes em que o via, era difícil pra caralho. Antes mesmo de ficarmos juntos já era difícil, mas era muito pior agora, sabendo como era ficar em seus braços, sentir a pele dele contra a minha, conhecendo seus beijos. Mais difícil ainda era conciliar sua gentileza, bom humor e proteção com

este Jase — o mesmo que me deu um fora depois do nosso primeiro beijo.

Entendia que ele tinha uma bagagem, mas não queria ter de me afastar para não lidar com isso. Eu teria o *ajudado*. Eu o teria amado de qualquer forma.

A caneta escorregou dos meus dedos e caiu no meu colo. Um nó se formou no meu peito quando ele apoiou o peso em outro pé. Jase parecia querer falar algo, mas não imaginava o que poderia ser, já que ele me evitava como se eu tivesse uma doença contagiosa.

— Tess — disse ele. Meu corpo todo ficou tenso ao som de sua voz grave, e fechei os olhos.

Ouvi-lo dizer meu nome... Contive as lágrimas que se acumulavam nos meus olhos ao reabri-los. Doía, porque... ele partira meu coração.

Calla se enrijeceu e eu sabia que ela estava a segundos de me proteger contra Jase.

E ele deve ter sentido isso também, porque seus olhos tempestuosos se voltaram para Calla e depois para mim. O que quer que Jase fosse dizer se perdeu no infinito e no que jamais aconteceria. Ele balançou a cabeça, deu meia-volta e desceu vários degraus, sentando-se no seu lugar de costume.

Meu olhar estava fixo em sua nuca, em como as pontas de seus cabelos se curvava por sob o gorro.

— Esqueça-o — disse Calla.

Mas eu não podia. Não podia *simplesmente* esquecê-lo.

— Estou falando sério, Teresa. Você merece um cara que não a abandone e a ignore por semanas.

— Eu sei — sussurrei, estudando sua nuca, facilmente me lembrando de como era ter os cabelos dele entre meus dedos. — Mas isso não facilita as coisas.

Calla não disse nada, porque o que eu disse era verdade.

Com o coração pesado e o peito doendo tanto que queria me jogar no chão e chorar sob as cadeiras, voltei minha atenção para o exame final da matéria, determinada a não ser reprovada por causa de Jase.

E não chorar mais nenhuma lágrima por causa dele.

Depois da minha última prova, caminhei até West Woods. Como não planejava ficar no apartamento de Cam durante as férias de inverno sozinha como uma perdedora — em vez disso, eu ia para a casa da mamãe e do papai como uma perdedora —, ainda havia umas coisas que precisava tirar do meu quarto, já que pretendia ficar no apartamento de Cam no próximo semestre.

Apesar de Cam ter dito que não havia problemas em ficar ali, precisava encontrar um trabalho e contribuir com o aluguel. E um trabalho me distrairia. Entre não ser capaz de dançar, a morte de Deb, Erik, e agora Jase, precisava de algo no que pensar até que meu cérebro e coração superassem tudo isso.

O que não parecia que aconteceria tão cedo.

O vento frio feriu meu rosto e o cheiro da neve estava no ar quando cruzei o jardim que levava aos dormitórios. Meu joelho doía um pouco ao chegar à recepção do Yost. Com a maioria dos jovens já a caminho de casa, o salão principal estava bem quieto, com exceção de umas poucas pessoas nas poltronas.

Pegando o cartão-chave da mochila enquanto esperava o elevador, tentei ignorar a tensão nos ombros.

Não voltava ao dormitório desde aquela noite horrível. Não queria entrar no nosso quarto, mas precisava pegar as coisas e Cam chegaria em uma hora para carregar a caminhonete.

Precisava agir como uma adulta. Não havia nada de errado com o dormitório e seriamente duvidava que o quarto fosse assombrado. Más vibrações eram esperadas, porém conseguiria passar os próximos vários minutos para pegar as coisas.

Encorajada por meu papo motivacional, entrei no elevador e subi ao meu andar. Ao caminhar pelo corredor, meu telefone vibrou, indicando que eu tinha recebido uma mensagem de texto. Pensando que era Calla ou Cam, peguei-o do bolso da frente da minha mochila e quase tropecei.

Indo c Cam pra ajudar. Preciso falar c vc.

Era só isso o que a mensagem de Jase dizia, mas meu coração batia forte e sentia um frio na barriga como se a mensagem dissesse muito mais do que isso. Como se a mensagem dissesse: “Sou um babaca e cometi um erro e a amo há muito tempo”.

A mensagem não dizia nada disso, mas ele *vinha* ajudar Cam. E isso significava que ele conseguiu a permissão do meu irmão, o que *também* queria dizer que Jase disse algo e Cam concordou. O que deve ter sido difícil, levando em conta que eu estava muito confusa, em parte por culpa dele.

Parei diante da suíte, a pulsação acelerada por causa de certa euforia. *Não crie expectativas*, disse a mim mesma. Só porque ele vinha ajudar e queria conversar não significava nada. E também não deveria estar tão empolgada assim. Eu estava em desespero. Deveria lhe dizer que ele podia ajudar? Parte de mim queria dizer que não, mas daí passaria toda a noite me dando socos na cara. Precisávamos mesmo conversar... e eu precisava falar com ele.

Minha mão tremia ao enviar um *Ok* completamente calmo e desanimado.

A resposta dele foi quase imediata, fazendo meu coração disparar.

Até logo.

Soltando o ar que estava prendendo, guardei o telefone na mochila. Com Cam presente, aquilo certamente entraria para o museu dos constrangimentos, mas não havia como negar a alegria que crescia em mim, acima desta coisa chata chamada bom-senso.

Passei o cartão-chave e deixei de pensar na visita de Jase, abrindo a porta do apartamento e entrando, deixando a porta se fechar atrás de mim.

Meu olhar vasculhou o quarto. Nada parecia diferente. Uma almofada estava no sofá, a outra no chão, sob a mesinha de centro. Havia um cheiro almiscarado no ar, um resíduo do verão úmido. A porta para o outro quarto — o de Steph — provavelmente estava trancada. Apesar de ela ter me ajudado na noite da morte de Deb, não a via há tempos e não queria pensar nela, porque, quando pensava, pensava que ela costumava ficar com Jase. E isso me fazia imaginar se eles estavam ficando agora.

Um nó se formou no meu estômago ao pensar nisso, e praguejei baixinho. Eu realmente era minha pior inimiga.

Jogando a mochila no sofá, passei o cartão-chave novamente e abri a porta do quarto. Fechei os olhos e respirei fundo. Meu coração bateu enlouquecidamente. A princípio, achei que a falta de sono e o estresse estavam me fazendo ter alucinações. Não acreditava no que estava vendo. Pisquei os olhos novamente, mas nada mudou.

Erik estava sentado na cama de Debbie.

CAPÍTULO

Um arrepio nasceu entre meus ombros e desceu por minha coluna. Erik estava ali. O que ele estava fazendo ali? No colo dele, segurava algo — um suéter. Começava a entender. Era um dos suéteres de Debbie.

Os cabelos bem cuidados e as roupas legais tinham desaparecido. Tudo em Erik era confuso e enrugado. Seus olhos se afundavam em manchas escuras. Rugas apareciam ao redor de seus lábios como fissuras no mármore. Uma barba por fazer cobria seu rosto, me dizendo que ele não via uma lâmina há dias.

Nossos olhares se encontraram e se fixaram, o que me deixou ainda mais arrepiada. Algo no olhar dele abriu um buraco em meu peito.

— O que você está fazendo aqui? — perguntou ele, a voz calma.

Eu estava surpresa demais para perguntar por que ele estava me questionando isso.

— Eu... preciso tirar o restante das minhas coisas do meu quarto.

Erik olhou em volta lentamente. Todas as coisas de Debbie tinham sido removidas. A cama estava feita, os cobertores, dobrados, mas o travesseiro estava amassado, como se alguém tivesse deitado nele. A porta do armário estava aberta, revelando o que restava das minhas roupas e os meus livros.

— Você não conseguiu ficar aqui?

A acusação na voz dele me tirou do meu estupor. Meus olhos encontraram os dele imediatamente.

— Não. Não consegui. Você conseguiria?

Um músculo latejou em sua mandíbula e um segundo se passou.

— Não conseguiria. — Ele lentamente deixou a blusa de lado, a mão se demorando no tecido antes de ir para seu joelho. — Mas estou aqui. E você também.

Minha boca e minha garganta secaram e ele continuava me encarando. No fundo, nunca acreditei que a morte de Debbie era um simples suicídio que ninguém entenderia e sempre acreditei que Erik tinha alguma coisa a ver com aquilo. Ele a levou a fazer aquilo ou fez algo a ela e fez parecer que Debbie se matara. Ninguém jamais conseguiu explicar o lenço rosa na porta, ainda mais com Erik afirmando que não esteve ali.

No olhar dele dava para ver que ele sabia exatamente no que eu estava pensando.

Prendendo o fôlego, recuei um passo.

— Cam e Jase estão vindo me ajudar. Eles chegarão a qualquer minuto.

— Ouvi seu irmão falar mais cedo que ele tem uma prova agora. — Erik deu um passo lento e comedido à frente. — Por que você diria uma mentira dessas?

Meu coração batia acelerado e minha mente disparava.

— Achei que ele viria antes. Tenho tempo para...

Ele riu com um som curto e grosso, desviando o olhar e passando a mão pelos cabelos.

— Você não entende porra nenhuma dessa confusão.

Respirei fundo e recuei mais um passo, aproximando-me da porta aberta. Que se danem minhas coisas. Não queria ficar no quarto com ele nem mais um segundo.

— Volto outra hora...

Erik avançou tão rápido que não o vi se mover. Num segundo ele estava na cama de Deb e no outro diante de mim. Um grito subiu por minha garganta, mas nunca saiu. Ele estava sobre mim antes que eu conseguisse falar algo.

Fechando minha boca com a mão, ele torceu meu braço, me afastando da porta. Senti um sabor metálico invadir minha boca quando meus dentes feriram meus lábios. Desequilibrada, minha perna esquerda cedeu quando ele bateu com a mão nas minhas costas. Cai do lado esquerdo, segurando-me no mesmo instante em que ouvi a porta se fechar e ser trancada.

Fiquei paralisada por um instante e ergui lentamente a cabeça. Meus cabelos caíam para a frente, obscurecendo minha visão. A parte de dentro da minha boca doía e meu cérebro teve dificuldade para entender o que tinha acontecido, mas, quando entendeu, o medo tomou conta de mim, recobrando minha pele com uma camada de gelo e congelando meu hálito.

Ele me segurou pelo rabo de cavalo, puxando minha cabeça. Gritei, sentindo um calor descer pela coluna.

— A culpa foi sua.

Segurei a mão dele, tentando me equilibrar, enquanto o fogo se espalhava por meu crânio.

— O que você...?

— Não aja como se não soubesse. — Ele puxou até eu ficar ajoelhada. Troquei meu peso para meu lado esquerdo, mas a posição *doía*. — Debbie está morta por sua causa.

— Você é louco. — As palavras saíram da minha boca antes que eu pudesse me segurar. — Você é um louco do caralho. Você matou...

Erik me soltou tão rápido que caí para trás. Sua mão me golpeou, me atingindo no rosto e confundindo meus pensamentos. Caí de lado, o queixo doendo, e o quarto pareceu de ponta-cabeça. Lágrimas de dor encheram meus olhos enquanto eu puxava o ar. Uma queimação percorreu meu rosto quando abri a boca. Meu cérebro não conseguia processar tudo. Como saí das provas finais e cheguei até aqui?

Isso não podia ser real — não podia estar acontecendo.

Todo o meu corpo ficou paralisado. Eu conhecia bem isso. A dor na boca, a sensação de dormência na pele, o zumbido em minha cabeça. Já estive neste lugar antes, no chão, a cabeça girando por causa de um tapa que eu não antevi.

De repente, era como ter dezesseis anos novamente, encolhida no chão enquanto Jeremy tinha um ataque de fúria por algo simples e estúpido. Impotente. Assustada. Confusa. Corpo e mãos tremendo.

— Não sou louco e não tenho culpa pela morte de Deb. — A raiva marcava a voz dele, tornando-a

afiada. — Se você não tivesse dito nada a ela e cuidada da sua vida, ela não teria terminado comigo.

— O quê? — Sangue escorria pelo canto da minha boca. Limpei-o com a mão trêmula e me vi olhando para a horrível mancha vermelha.

Conhecia bem isso.

— Quando você perguntou a ela sobre os hematomas! E depois aquele maldito domingo. Você teve de se envolver?! — Ele se aproximou de mim. — Você teve de estar lá e se machucar?! Como se eu tivesse culpa. Não tinha! Você é quem tinha!

A fúria surgiu em meio ao medo crescente e fiz algo que nunca tinha feito com Jeremy, por pior que fosse a situação.

Não era mais vítima. Nunca mais seria uma vítima de novo.

— Tão típico — disse. — Você bate em alguém e diz que a culpa é *dela*. Nunca sua.

— Ah, cale a boca, sua vaca manca.

Colocando as mãos no chão, ignorei a tontura que se apoderava de mim.

— Você acha que seus punhos simplesmente caem e batem no rosto das pessoas?

— Somente no daquelas que merecem.

— Debbie merecia?

Ele xingou.

— Não ouse falar o nome dela. Você não sabe de nada.

Levantei-me e quase caí para trás, batendo na cama. Erguendo a cabeça, vi Erik avançar em meio a uma cortina de lágrimas. Virei-me, procurando a arma mais próxima. Peguei o abajur, tirando-o da tomada, mais do que preparada para bater na cabeça dele com tanta força que o jogaria no quarto ao lado.

Ele me atacou e eu recuei. A perda de equilíbrio momentânea lhe deu um segundo de vantagem. Ele tirou o abajur da minha mão e o jogou do outro lado do quarto. Ele bateu nas minhas roupas e na parede. Meu coração parou e corri para a porta.

Uma dor explodiu na minha nuca, me fazendo dobrar. As paredes oscilaram de novo e fechei os olhos para clarear a visão, mas pareceu que horas se passaram até que eu conseguisse reabrir os olhos. Quando dei por mim estava no chão, de costas entre as camas, olhando debilmente para o teto.

Erik andava de um lado para o outro, os tênis próximos aos meus cabelos. Como meus cabelos se soltaram? Todo o meu corpo latejava como se eu fosse um hematoma gigante. Respirei fundo e senti uma dor nas costelas e costas.

— Você está acordada. — Ele pairava sobre mim, rindo. — Nem bati tão forte assim.

Minha cabeça estava confusa. Devo ter caído e desmaiado, o que significava que talvez eu tivesse uma concussão.

E concussões eram ruins, não?

Sentindo-me como se tivesse despertado de repente, lentamente me apoiei nos cotovelos. Por um

segundo, era como se eu nadasse em meio à lama.

— Perdi tempo demais. Eu deveria... — Ele parou, levando as mãos às têmporas e voltando a andar de um lado para o outro. — Não queria ter feito isso.

Do que é que ele estava falando? Sentando-me com dificuldade, apoiei-me contra a cama, tonta. Ele não queria ter feito o quê?

— Aquilo só... só aconteceu. Eu vim conversar com ela, provar que ela tinha cometido um erro e que precisávamos voltar, mas ela me mandou embora. — As mãos dele caíram ao lado do corpo, se fechando.

Fiz uma cara de dor ao me apoiar na cama, tentando pensar direito.

— Ela não me ouvia. Ela só precisava me dar ouvidos! — Ele falou mais alto e, depois, mais baixo. — Ela me deixou furioso e... e eu a empurrei. Foi um acidente.

Erik se abaixou de repente e me segurou pelo queixo. Gritei quando seus dedos se afundaram em minha garganta, me ferindo.

— Foi um acidente! Ela caiu para trás e nem sei direito como tudo aconteceu. O pescoço dela bateu na quina da cama e ouvi um estalo. Ah, meu Deus... — Ele se afastou de mim, virando minha cabeça para o lado ao se levantar. Com as mãos nos cabelos, ele recuou. — O pescoço dela simplesmente se quebrou.

Fechei os olhos contra a imagem que se formava.

— Sabia que ninguém acreditaria que foi um acidente. Eles me culpariam e eu não tinha culpa! Debbie só... — Ele se interrompeu, sentando-se na beirada da cama. — Ela só não me ouvia.

O horror tomou conta de mim. Suspeitava disso o tempo todo, mas ouvi-lo confessar me enojava e me surpreendia.

— Você a matou. — Minha boca e queixo doíam, doía falar.

— Foi um acidente. — Ele se levantou novamente, atravessando todo o quarto. — Nada disso teria acontecido se você tivesse ficado calada. A culpa é sua.

Erik tinha sérios problemas psicológicos. Isso estava claro.

Enquanto ele dava outra volta pelo quarto, minha mente começou a clarear, mas uma dorzinha intermitente latejava por minha nuca. Virei-me, fazendo uma cara feia quando a dor desceu por meu pescoço. Meu rosto parecia inchado e minhas costelas estavam feridas, mas eu sabia que, quanto mais tempo ficasse ali com ele, pior seriam os ferimentos, se é que... interrompi a linha de raciocínio. Não havia necessidade de alimentar a ansiedade.

— Isto está na sua consciência. A culpa é sua. Debbie ainda estaria aqui se você não tivesse dito nada, se você não tivesse se intrometido — atacou ele, as mãos se abrindo e se fechando, e percebi que ele queria pôr aquelas mãos em mim, não de um jeito bom. — Você arruinou tudo.

Ouvi o telefone tocar na sala ao lado e tive esperança. Já havia se passado uma hora? Talvez — talvez — Cam tivesse saído da prova mais cedo. Ou Jase tivesse decidido vir mais cedo. Ah, por favor, Deus, que seja um deles.

Erik não pareceu notar. Ele continuava andando de um lado para o outro no quarto, arrancando punhados de cabelos. Ele parou aos pés da cama de Debbie e deu socos na própria cabeça.

— Você estragou tudo e agora veja só o que aconteceu. Não tenho escolha.

Meu celular tocou mais uma vez. Por favor. Por favor. Por favor.

Puxando as pernas de encontro ao peito, meus músculos ficaram tensos antecipando as batidas na porta.

— Você não sairá impune disso.

— Sair impune do quê? — Ele abaixou as mãos, ferindo-me com seu olhar vítreo.

— Disso. — Pus as mãos espalmadas no carpete, preparada. — O que quer que isso seja, você não sairá impune.

Mais uma vez meu celular tocou e, desta vez, ele notou. Erik olhou para a porta, franzindo a testa.

— Não pretendo sair impune de nada.

Suspirei. Talvez ele não estivesse completamente louco. Ficaria feliz com uma loucura parcial.

— Não? Porque podemos esquecer que tudo isso aconteceu. — Aquilo era uma mentira, porque não havia como esquecer o que tinha acontecido. — Podemos sair daqui e...

— Não pretendo sair impune — disse ele, como se estivéssemos falando dos exames finais. — Não pretendo desistir disso.

Qualquer alívio que tivesse nascido das palavras dele desabou e queimou como se num terremoto. *Não pretendo desistir disso.*

— Parece que você nunca mais vai sair deste quarto.

— Não vou — disse ele com uma risada curta, virando-se para mim. — A não ser que seja num saco de cadáveres.

O horror explodiu dentro de mim como um tiro. Que se foda o momento certo de sair correndo para a porta. O instinto tomou conta de mim e me levantei, xingando minha perna ruim e saindo em disparada. Eu costumava ser rápida. Não mais.

Ele se jogou sobre mim, me jogando no chão e tirando um grito da minha garganta. No apartamento, algo caiu da parede quando os dedos de Erik se afundaram em meus ombros, virando-me de costas abruptamente.

Quando meus olhos arregalados encararam os de Erik, o tempo pareceu parar. Uma sensação horrível se abateu sobre mim diante da verdade do que ele estava prestes a fazer.

Erik virou a cabeça ao ouvir alguém batendo na porta do quarto e um olhar insano se apoderou dele. Aproveitando o momento de distração, levantei o braço do chão. Meu soco o atingiu no canto da boca, fazendo-o tombar a cabeça para o lado.

Ele recuou, resmungando, enquanto sangue e saliva escorriam por seu lábio cortado. Ele me soltou e eu me virei de lado e abri a boca para gritar.

— Vagabunda — gritou ele, dando um soco nas minhas costas. Um soco perfeito no rim que me imobilizou.

— Tess!

Jase — era *Jase!*

A porta rangeu com as batidas dele.

— Você está aí? Você está bem?

Tentei alcançar a porta, meus dedos cravados no carpete.

— Jase.. — O nome dele terminava num gemido.

Erik me virou e de repente eu estava encarando os olhos de alguém que perdera a cabeça. Olhos que eu tinha certeza que Debbie encarara incontáveis vezes e que possivelmente foram a última coisa que ela viu.

O terror me envolveu e um grito saiu de mim, cortando o ar e sendo abruptamente interrompido quando Erik pôs a mão no meu pescoço, me estrangulando.

A porta parecia prestes a se soltar das dobradiças.

— Tess! Que porra é essa? Tess!

O pânico me segurava com suas garras frias e afiadas. As mãos dele me feriam, fechando minha traqueia. Abri a boca para gritar novamente, mas não havia som algum — não havia ar. Com o coração batendo forte, dei-lhe um tapa e o atingi no queixo. Ele gritou, mas continuou me estrangulando.

— Tess! — gritou Jase. A porta balançou e parecia que ele a tinha golpeado com o ombro. — Merda!

Comecei a ver estrelas e não conseguia... não conseguia puxar o ar. Arranhei as mãos de Erik, sentindo a pele dele se rasgar sob minhas unhas. A porta tremeu mais uma vez, mas não seria derrubada a tempo.

— Pare! — Erik me ergueu e bateu minha cabeça no chão. — Só pare!

Minha visão começou a escurecer, nublando meus olhos. Uma queimação insuportável tomou conta do meu peito, espalhando-se rapidamente por minha garganta. Eu precisava respirar!

— Teresa! Meu amor — gritou Jase, e o som da voz dele me deu uma lufada de força. A porta balançou e rangeu. — Vamos...

Usando toda a minha força, bati no peito de Erik — no rosto e nos ombros. Movi os quadris, tentando derrubá-lo, mas ele fazia força e eu sentia que estava flutuando no chão, lentamente desaparecendo no abismo. Sabia que não deveria desistir, que não podia, mas minhas mãos escorregaram, e os braços caíram ao lado do corpo.

Ao fundo, algo se quebrou. Talvez fossem as últimas das minhas células sem oxigênio. Não sei o quê, mas os olhos escuros de Erik se juntaram aos meus e eu tive certeza de que tudo estava acabado. Meus olhos se fecharam. Ele seria a última coisa que eu veria, assim como Debbie. E não era justo. Não tinha nem começado a viver a vida, a aceitar o futuro e a conquistar Jase, porque, se eu sobrevivesse a isso, não o deixaria partir. Não mais. Mas... nada disso importava agora. Fui perdendo a audição até restar só um zumbido, um ribombar do sangue.

De repente a pressão insuportável foi tirada da minha garganta e o ar entrou quando um grunhido tomou conta do ambiente. Algo se quebrou — se partiu como galhos velhos e secos, e pareceu algo distante, como se fosse lá fora.

Mãos seguraram meu rosto e braços me ergueram. Minha cabeça parecia pesada e mole. Como se

houvesse algo de errado com meu pescoço.

— Ah, meu Deus, abra os olhos. Vamos, meu amor, abra os olhos. — Fez-se uma pausa e o corpo dele tremeu. — Desculpe. Caralho. Abra os olhos. *Por favor.*

Sentia minhas pálpebras grudadas, mas as abri. Tudo o que via era os olhos cinzas de Jase, mais escuros do que jamais os vira.

— Aí está você — disse ele, me abraçando. — Fique comigo. Tess! Ah, meu Deus, não me deixe. Por favor, eu...

Os lábios dele se moviam, mas as palavras não faziam sentido e eu não conseguia manter meus olhos abertos. Não havia nada além de escuridão.

CAPÍTULO

O som incessante do bipe me fez emergir das muitas camadas de torpor e sono até que eu sentisse meu peito se inflar numa respiração funda e trêmula.

— Teresa. — O lugar onde eu estava deitada se mexeu quando um peso se pôs ao meu lado. A mão de alguém pousou em meu rosto, fria e agradável. — Você está aí?

Eu estava? Achava que sim. Aos poucos, reconhecia o lugar. Eu estava numa maca e ouvia a voz do meu irmão. Mas minha cabeça parecia pesada, como se grudada ao colchão.

Abri lentamente os olhos e fiz cara de dor sob as luzes brilhantes acima. Depois que minha visão voltou ao normal, ficou óbvio que eu estava num leito de hospital. As paredes brancas, a TV na parede e a cortina verde eram sinais evidentes.

— Ei — disse Cam, baixinho. — Como você está se sentindo?

Virando lentamente a cabeça para ele, passei a língua pelo céu da boca.

— Sinto-me... estranha. — Minha voz soou rouca e meu queixo *doía* ao falar.

— Você dormiu por um tempo, o bastante para nossos pais chegarem aqui e mais um pouco. — Cam sorriu contidamente, pegando uma garrafa e servindo água num copinho plástico. — A mamãe e o papai estão no corredor falando com a polícia.

Polícia? Olhei confusa para Cam que bancava o enfermeiro, cuidadosamente me segurando pela nuca e me ajudando a beber. A água gelada era como entrar numa piscina num dia quente.

Ele pôs o copo na mesinha de cabeceira. Uma repentina expressão de compreensão apareceu em seu rosto.

— Você não se lembra, não é?

Fiz que não e ri, sentindo uma pontada de dor entre minhas têmporas. Cam olhou para a porta como se quisesse sair correndo e chamar alguém, mas pôs a mão sobre a minha, chamando minha atenção para os nós dos meus dedos.

Eles estavam vermelhos, arranhados e inchados. Tentei me levantar, músculos e pele reclamando do movimento inesperado, enquanto minha mente clareava.

— Ah, meu Deus...

— Você se lembra? — Preocupação apareceu nos olhos de Cam.

— Erik. Ele...

— Eu sei. Todos sabemos. Você não precisa mais se preocupar com ele — disse Cam, colocando cuidadosamente a mão no meu ombro para eu me deitar. — Você precisa ficar imóvel, teve uma concussão. Uma concussão leve, mas não pode ficar muito agitada. Certo?

Meu coração bateu forte ao ver a agulha em meu braço. Aquele horrível estalo voltou à minha mente,

me lembrando de ossos se quebrando.

— Ele está morto?

— Merda. Eu bem que queria. — Raiva apareceu em sua expressão. — Jase quebrou a mandíbula dele e o deixou desacordado, mas o desgraçado está vivo. Ele vai para a prisão. Ele acordou quando os policiais e os médicos chegaram, balbuciando o que fez com Debbie para que todos ouvissem. Ele insistia em dizer que foi... — Cam ficou em silêncio, a boca séria.

— Ele disse que a culpa era minha — concluí para ele, fechando os olhos e me lembrando da raiva e da loucura de Erik, até que uma preocupação diferente se apoderou de mim. — Onde... onde está Jase?

Cam desviou o olhar quando abri os olhos.

— Da última vez que o vi ele estava com a polícia.

— O quê? — Comecei a me sentar novamente, mas ele me impediu. — O que você quer dizer com isso?

— Ele não está encrencado. Ele teve de conversar com a polícia, como você terá de fazer agora que acordou. — Ele fez uma pausa. — Eles precisavam de um depoimento.

— Há quanto tempo foi isso?

Cam se ajeitou, como se não estivesse à vontade.

— Eles ficaram com Jase enquanto você era trazida ao hospital. Eu não o vi. Vim correndo para cá quando fiquei sabendo.

Ele não vira Jase? Quer dizer que ele não me acompanhou? Fechei os olhos e me liberei das emoções inúteis. Jase disse que queria conversar. Ele salvou minha vida. Só porque ele não estava ali não significava que eu precisava dar um escândalo. Além do mais, eu tinha outros problemas com os quais lidar.

Ao abrir os olhos, Cam estava me encarando. Vários segundos se passaram.

— Você está mesmo apaixonada por ele, não?

— Sim. — Suspirei.

Ele se mexeu e xingou baixinho.

— Sei que você não queria ouvir isso antes, mas vai ouvir agora. Ele é um idiota, mas a ama.

Abri a boca.

— Sim, sei que ele a afastou ou coisa parecida, mas ele é homem e é um idiota. Ei, admito isso. Fazemos idiotices. — Cam se aproximou, falando mais baixo. — Ele me lembra Avery, sabe? Ela era assim no começo. Por diferentes motivos, mas ela... ela tinha seus próprios problemas a resolver. E acho que era isso o que ele estava fazendo. Sei lá. Não sou ele, mas Jase é experiente.

— Eu sei — disse, baixinho, contendo as lágrimas. Tudo sobre Jase era complicado. Sempre foi e eu não tinha certeza se a única coisa que ele precisava fazer era resolver seus problemas. Algumas coisas as pessoas jamais superam.

Cam abaixou a cabeça e respirou fundo.

— Sabe, ele me disse há algum tempo que você se sentia culpada pelo que eu fiz com Jeremy.

Surpresa, arregalei os olhos ao encará-lo.

— Você não deveria. — Ele ergueu a cabeça e me olhou diretamente. — Fiz aquilo com Jeremy e faria novamente. Você não teve culpa. Certo? Não importa que você guardou segredo. Confie em mim, sei que as pessoas guardam segredo, deixando as coisas de lado até que o silêncio as destrua. Você era praticamente *uma criança* e eu sabia o que estava fazendo. E a única coisa de que me arrependo é por você se sentir culpada por algo que eu *escolhi* fazer.

Não sei o que aconteceu. Um pouco do peso se dissipara depois que Jase falou comigo, mas o imenso gorila com distúrbio alimentar finalmente saiu de cima do meu peito. Um alívio puro tomou conta de mim e era como se eu tivesse sido jogada no meio da tempestade. Lágrimas se acumularam em minha garganta e atrás dos meus olhos.

— Teresa, não chore. — Cam franziu a testa. — Eu não...

— Não vou chorar. — Funguei algumas vezes, detendo as lágrimas. — Obrigada.

— Não me agradeça.

Não disse nada, porque ele não precisava ouvir, mas eu sabia. Cam dizendo aquilo era o mesmo que me jogar uma boia salva-vidas. Segurei-me a ela.

— Amo você assim como amo cupcakes.

Um sorriso enorme e sincero apareceu em seu rosto.

— Sua boba, eu te amo também.

Pouco depois, mamãe e papai entraram no quarto. O papai parecia prestes a cometer um crime. Assim como a mamãe, mas ela escondia melhor. Os dois praticamente tiraram Cam do caminho e ficaram ao meu lado até que a polícia aparecesse e eu lhes desse meu depoimento. Recontar o tempo que passei com Erik não foi fácil. Gostava de pensar que eu era uma pessoa forte, mas tremi várias vezes quando cheguei à parte em que ele admitira ter matado Debbie e encenado o suicídio. Os tremores aumentaram quando contei que ele planejava não sair vivo do quarto.

Erik planejava me matar e depois se matar. Ele disse que a morte de Debbie tinha sido minha culpa, mas ele se sentia culpado, se planejava se matar. Erik podia ter enterrado a culpa, mas ela estava lá. Tinha de estar. Eu me recusava a creditar que ele viveria o resto de sua vida se sentindo completamente inocente.

O papai segurou minha mão, colocando-a sob o queixo, quando o jovem policial fechou o bloquinho de anotações.

— Isso é tudo de que preciso por ora — disse ele, afastando-se da cama. — Descanse e ligaremos para você se tivermos mais perguntas.

— Ligue para *mim* se tiver mais perguntas. — O papai se endireitou, encarando o policial e se transformando num advogado furioso.

O policial fez que sim e saiu, rapidamente substituído por um médico e uma enfermeira que parecia mais nova do que eu. Fui examinada e enfrentei uma luz intensa nos meus olhos. Um analgésico leve era ministrado pelo cateter e, ao fazerem efeito, meu estômago roncou e eu estava me sentindo quase normal

quando a mamãe ajeitou o cobertor em volta do meu peito.

— Você sairá daqui amanhã, e seu pai e eu estávamos pensando que seria melhor se você voltasse para casa com a gente em vez de esperar na casa de Cam.

Sentado num canto, Cam fez uma careta para mim.

— Nós nos sentiríamos mais à vontade — acrescentou o papai, apertando minha mão. — De verdade.

— Vocês se sentiriam mais à vontade se ela abandonasse a faculdade e fosse viver com vocês por toda a vida — disse Cam.

— Depois do que acabou de acontecer? Sim. Quero-a sob meu teto pelas próximas três décadas. — A mamãe lançou-se um olhar ríspido.

— Só três? — murmurei.

— Não há motivo para ela ficar aqui até o Natal. — Ela ficou séria.

Havia uma parte de mim que queria deixar que meus pais me levassem para casa. Foi mais fácil ficar lá durante minha visita e eu poderia seriamente me esconder no meu quarto até o Natal. Parecia realmente bom, mas eu sabia que, se voltasse para casa com eles agora, havia uma chance de eu não voltar a Shepherdstown. Queria ficar onde tivesse segurança e as coisas fossem familiares, mas tinha uma vida aqui agora — faculdade, a possibilidade de uma carreira de que gostaria. Tinha um futuro e não era mais criança, e não podia depender dos meus pais sempre que algo ruim me acontecesse. Por mais que fosse horrível pensar assim, eles não estariam sempre por perto para cuidar de mim.

— Sei lá, mamãe. Deixe-me pensar no assunto — disse finalmente, sabendo que isso era melhor do que dispensá-los imediatamente. Nem ela nem o papai pareceram contentes com isso, e Cam de repente se levantou.

Meu olhar acompanhou o dele quando meu pai se virou, e juro que meu coração deve ter parado, nem que seja por um segundo.

Jase estava na porta, seus cabelos despenteados e sua pele bronzeada mais branca do que o normal. O suéter azul com gola em V que ele usava estava amassado, mostrando mais do que escondendo a camiseta branca por baixo. Tudo nele parecia desalinhado, mas, aos meus olhos, ele era o homem mais lindo que eu já vira.

Nas mãos dele havia uma caixinha rosa.

Trocamos olhares e ele parou no meio do caminho, como se tivesse congelado. Seus olhos exibiam um prateado intenso de alívio ou outra coisa. Outra coisa que não sabia identificar aparecia em seus belos traços.

O ar escapou dos meus pulmões quando minha mãe se levantou e pigarreou.

— Bom, ela tem companhia, então vamos espairecer um pouco.

O papai franziu a testa ao olhar para Jase e para mim e depois para minha mãe.

— Talvez nós...

— Voltaremos amanhã pela manhã, bem cedo. — Mamãe lançou um olhar para o papai antes de se abaixar e me beijar no rosto. — Eu te amo, querida.

— Amo vocês também.

O papai me beijou no rosto e relutantemente cedeu seu lugar ao lado da cama. Ao passar por Jase, ele se abaixou e disse algo que teve a concordância de Jase. Só Deus sabe o que o papai lhe disse.

Cam deu um tapinha nas costas de Jase ao sair, surpreendendo-me por não ter feito algo imaturo como cumprimentá-lo com um soco no ombro.

A coisa era séria quando Cam estava agindo como uma pessoa madura.

Jase só se mexeu depois que meus pais e meu irmão desapareceram, e então seus passos longos e rápidos o trouxeram ao meu lado da cama. Um silêncio pesado desceu sobre o quarto enquanto ele punha a caixa ao lado da garrafa d'água e se sentava, seu quadril tocando o meu. Meu coração disparou quando ele cuidadosamente passou os dedos por meu rosto, ajeitando meus cabelos atrás da orelha.

Ele estudou meu rosto lentamente, o olhar intenso sem perder nenhum detalhe, registrando o que provavelmente era um hematoma horrível que deixara o lado direito da minha mandíbula inchado como uma laranja enfiada na minha boca. O canto do meu lábio se curvou para cima e a pele ao redor do meu olho doeu.

Aposto como eu parecia ter perdido uma luta de vale-tudo.

— Ele a machucou? — perguntou Jase, a voz cheia de preocupação e marcada pelo que parecia medo.
— Ele a machucou mais do que estou vendo?

A princípio, não entendi o que ele queria dizer, até entender.

— Ah, Deus, não.

Jase fechou os olhos e respirou fundo, tremendo.

— Quando derrubei a porta e o vi sobre você e você estava... *deitada*, achei que era tarde demais. Achei que você tinha morrido.

— E eu achei que ia morrer no quarto com ele. Realmente achei, mas você chegou a tempo — tranquilizei-o. — Você salvou minha vida. Obrigada. — Coloquei tudo o que eu sentia naquelas palavras.
— *Obrigada*.

— Nunca quero que você me agradeça por isso. — Ele se curvou, colocando a mão esquerda na maca ao lado do meu ombro, ancorando seu peso. Ele não disse nada ao abaixar a cabeça e, quando ele me beijou no canto dos lábios, senti uma emoção inflar meu peito.

Ele ficou lá, falando e, a cada palavra, seus lábios tocavam os meus, agindo como um lacre físico ao que ele dizia.

— Fui um babaca nas últimas semanas e sei que agora não é a hora de falar disso, mas há algo que eu preciso dizer. Certo?

— Certo. — Respirei fundo.

Jase pôs a ponta dos dedos no meu rosto.

— Tenho problemas para me aproximar de qualquer menina por causa de Kari e Jack, mas você... você é diferente. Você me atraiu e abriu caminho até meu coração. Provavelmente da primeira vez que nos beijamos isso aconteceu e achei que poderia lidar com tudo — lidar com estes sentimentos, mas, quando

percebi que eles eram profundos, morri de medo. Não quero sofrer de novo. Não queria perder alguém, como já me aconteceu. Mas daí eu quase a perdi hoje. De verdade. E era disso que eu tinha medo. Eu a perderia antes de tê-la para mim. E só de pensar isso eu morro.

Ele fechou os olhos, apoiando a testa na minha bem de leve.

— Queria conversar com você. Por isso lhe enviei a mensagem de texto, porque sentia a sua falta e achava que... — Ele se afastou, balançando a cabeça. Havia um brilho em seus olhos que fazia minha garganta se fechar. — De qualquer forma, vamos conversar melhor depois porque você não precisa ouvir essas merdas agora.

Queria dizer a ele que estava bem em ouvir aquilo, que queria ouvir mais, porque suas palavras estavam me partindo e me curando, me enchendo de esperança e diminuindo a importância dos acontecimentos de hoje, mas ele esticou o braço e pegou a caixa rosa na mesinha.

— Peguei isso para você depois da aula de apreciação musical e queria lhe dar quando fui ajudá-la no seu dormitório, então estou com ela por algum tempo. Talvez o cupcake não esteja fresco. — Ele ficou rosado ao abrir a caixa. — É de baunilha com cobertura de morango. Eu, ah, sei o quanto você gosta deste tipo de cobertura.

Meu olhar acompanhou a vermelhidão no rosto dele. Era tão raro vê-lo desconfortável e inseguro no que fazia.

Ele me olhou em meio aos cílios.

— Você talvez não queira comer agora, então que tal apenas a cobertura?

Meu estômago roncou, apesar de os nós na minha barriga desencorajarem minha fome, mas ele parecia tão hesitante que eu não tinha como recusar.

— Gostaria disso.

Um lado de seus lábios se curvou para cima e ele enfiou o dedo mínimo na cobertura, pegando um pouco do doce rosado. Não esperava por este método de degustação quando ele levou o dedo à minha boca.

Seus olhos encontraram os meus e senti um frio na barriga ao abrir a boca. Não havia como desviar o olhar ao sugar o dedo dele e sentir o sabor doce. E ele mantinha os olhos nos meus, repetindo os movimentos até que toda a cobertura acabou e eu sentia o rosto quente.

Jase deixou a caixa de lado e abaixou a cabeça perto da minha. Arfei quando ele tirou a língua para fora e a passou no meu lábio inferior.

— Você tinha um pouco de cobertura no seu lábio.

— Ah. — Não conseguia nem formular uma resposta que fizesse sentido.

— Isso talvez seja uma mentira. — Ele recuou, os olhos brilhando.

— Talvez? — Meus lábios se abriram num sorrisinho.

— Certo. — Ele esticou o braço, entrelaçando seus dedos aos meus com cuidado. Jase passou os lábios sobre a pele dolorida e ferida. — Com certeza foi uma mentira.

Uma risadinha me escapou.

— Com esse tipo de mentira eu não me importo.

— É uma mentira saborosa, hein? — Quando fiz que sim, a tensão em seus ombros começou a se dissipar, mas, assim que bocejei, ele ficou rígido. — Você precisa dormir.

Com os analgésicos e tudo o mais, a vontade de dormir era forte demais para negar, mas não queria me despedir dele. Olhei para nossas mãos juntas, para o dedinho dele, ligeiramente manchado de rosa.

— Fica... fica comigo? Até quando eles deixarem?

Seus olhos se iluminaram com um tom prateado e seus lábios se curvaram num sorriso travesso.

— Sou todo seu, se você quiser que eu seja.

Aquelas palavras pareciam ter um sentido maior e senti meu peito se inflar.

— Eu quero.

Abaixando a cabeça, ele me beijou no meio da mão e a soltou. Jase se levantou com uma graça que invejava e foi até a cortina. Ao fechá-la, ele olhou para trás e piscou para mim com um sorrisinho alegre.

Jase me ajudou a me ajeitar e subiu na cama ao meu lado, seu corpo comprido mal cabendo na maca. Ficamos apertados juntos, mas eu não me importava. Ele se virou de lado, para que sua cabeça ficasse perto da minha.

Como se estivesse lidando com uma porcelana frágil, ele tomou cuidado ao pôr a mão sobre minha barriga.

— Confortável?

Apesar das dores e do fato de estar num leito hospitalar, estava mais confortável do que nunca.

— Sim.

— Que bom. — Seus olhos encontraram os meus e se fixaram com uma intensidade quente que parecia amor. — Eles vão ter que me arrancar desta cama. Não vou a lugar algum.

CAPÍTULO

Os médicos me deram alta na tarde seguinte com uma receita de analgésicos para o caso de eu ter dor de cabeça ou se a dor aumentasse demais, mas, depois de dormir quase a noite toda aninhada em Jase na maca estreita, meu corpo parecia bem melhor do que no dia anterior. Claro que sentia dor e estava me movendo como uma tartaruga perneta, mas tudo bem.

Estava mais do que simplesmente bem. Estava viva.

Mamãe e papai pareciam querer me levar para casa à força quando saí para o frio, mas não iria para casa com eles no fim daquela semana. Eu iria para meu apartamento.

Jase aguardou pacientemente em seu Jeep, as mãos nos bolsos da calça jeans, apoiado de encontro à porta.

— Querida, realmente não quero deixá-la aqui.

Virei-me para mamãe, dando-lhe um abraço.

— Estou bem. Mesmo. Só quero voltar para o meu apartamento e relaxar.

— Com ele? — resmungou o papai, olhando para o rapaz que sempre recebeu em casa sem hesitar.

— Sim, com ele. — Suspirei.

— Ele é seu namorado ou coisa assim? — perguntou ele, e não tinha ideia de como responder a esta pergunta, porque não sabia ao certo o que éramos, o que não passou despercebido por meu pai. Um olhar preocupado apareceu em seu rosto. O tipo de olhar que dá origem a coisas ruins. — Talvez eu precise conversar com ele novamente.

— Não — disse, rapidamente. — Você não precisa conversar com ele. De jeito nenhum.

Papai parecia prestes a discordar, mas mamãe colocou uma das mãos em suas costas.

— Ligue para nós mais tarde, sim? Só para ficarmos tranquilos.

— Ligarei. — Achava que teria só umas duas horas no apartamento antes de Cam aparecer para saber como eu estava. Enfrentaria muitas visitas assim por um tempo.

Depois de outra rodada de abraços e lágrimas, eles me deixaram partir e me juntei a Jase. Ele se afastou do Jeep e abriu a porta para mim.

— Acho que seu pai quer me levar para caçar. — Ele me segurou pelo cotovelo, ajudando-me a subir. — Uma caça especial e assustadora na qual eu sou a presa.

— Sabe de uma coisa? Você não está tão enganado assim. — Eu ri.

— Que maravilha. — Ele fechou a porta e deu a volta pelo carro. Entrando, Jase me lançou um olhar. — Seu pai me amava.

Era verdade.

— Isso foi antes de ele suspeitar que havia algo entre nós.

— Algo entre nós? — murmurou ele, pensativo, e fiquei tensa. Ele só voltou a falar comigo depois que saímos do estacionamento do hospital. — Certamente há algo entre nós.

Não sabia como reagir a isso, porque o que queria que houvesse entre nós era algo com o que ele não estava disposto a lidar há algumas semanas, se bem que houve o ontem e o que ele disse antes de subir na maca comigo.

Jase esticou o braço, segurando minha mão, e não falamos no caminho de volta ao meu apartamento. Havia algo de apaziguador no silêncio, e aproveitei para pensar melhor.

Ele encontrou uma vaga perto da entrada na University Heights, limitando o tempo no ar frio, já que eu estava usando poucas roupas. A caminhonete de Cam estava no estacionamento e, ao chegarmos ao nosso andar, ouvi a risada de Avery vindo de dentro do apartamento dela.

— Você acha que ele a pedirá em casamento logo? — sussurrei.

Jase fez que sim, abrindo a porta.

— Aposto que será no Natal.

Seria perfeito, mas também tinha a sensação de que ele a pediria em casamento de improviso em vez de planejar tudo novamente. De qualquer forma, sabia que ela diria sim e que eles seriam felizes para sempre.

Quanto à minha felicidade para sempre? Ainda rezava para que ela fosse possível, para que ela estivesse prestes a acontecer.

Entrei no apartamento de Cam. Corrigindo. Nosso apartamento. Provavelmente jamais me acostumaria a pensar nele desta forma. Olhando em volta, vi o velho sofá, a TV de tela enorme que meu irmão ostentava. O console de vídeo game e metade dos jogos tinham desaparecido, transferidos para o apartamento de Avery. Senti uma emoção fechar minha garganta ao olhar para a cozinha estreita e ver assadeiras sobre o forno. Avancei mancando lentamente, sentindo-me pesada por tudo o que acontecera.

— Você está bem? — Jase fechou a porta e pôs a mão no meu ombro.

— Sim. — Meneei a cabeça para dar mais ênfase. Como se eu precisasse me ouvir dizer. — É só que eu não sabia se veria este lugar novamente.

Ele me virou para que eu ficasse de frente e tocou o lado são do meu rosto. Seus traços exibiam sentimentos impronunciáveis. Medo. Adrenalina. Alívio. Encaramo-nos e naquele instante soube que ele sentia o mesmo que eu. Um futuro quase se perdera e estávamos tendo uma segunda chance, e perceber isso era devastador.

— Preciso de você. — Sua voz era gutural diante do que ele estava admitindo. — Preciso de você agora mesmo.

Não havia dúvida em minha mente quanto ao que Jase queria. Eu precisava do mesmo.

— Sim.

A mão de Jase tremia quando beijou o canto do meu lábio e depois minha bochecha. Seus lábios encontraram a pele sob minha orelha, me causando um tremor. Uma trilha quente e úmida desceu por meu pescoço, e depois subiu. Um gritinho estrangulado me escapou quando ele mordiscou minha orelha. Um

latejar entre minhas pernas fez o desejo florescer dentro de mim, mas era o amor que estava crescendo, alimentando o fogo que lambia minha pele.

— Quero isso — disse ele, descendo as mãos pelas laterais do meu corpo. Ele segurou meu quadril.

— Quero você sempre.

— Quero você também. — Abracei-o pelo pescoço.

Jase gemeu, um gemido que veio lá do fundo.

— Eu podia *quase* viver só de ouvir estas palavras.

— Quase? Do que você viveria...?

Ele me ergueu, suas mãos enormes segurando meu bumbum e me fazendo recuar. O que quer que eu estivesse prestes a dizer se perdeu quando ele me apertou contra a parede ao lado do sofá e apertou seu quadril contra o meu, beijando-me no pescoço. Envolvi-o pela cintura com as pernas, uma posição que permitia que ele se acomodasse entre minhas coxas.

Meus olhos se fecharam quando dobrei o pescoço, lhe dando acesso. E ele aproveitou, mordiscando e lambendo enquanto seus quadris me apertavam, me deixando louca de ansiedade.

Jase ergueu a cabeça, beijando meu queixo e boca, evitando a área que estava sensível ao toque. Gemi quando ele tirou meu casaco e segurou meu seio pela camiseta. Meu mamilo imediatamente se eriçou, sensível e pulsante. Uma faísca de prazer desceu do bico dos meus seios até meu âmago. Seus quadris me apertaram, tocando um lugar especial que me fazia querer gritar.

— Sinto muito — murmurou ele contra minha boca. — Se isso foi rude demais, se a está machucando, você...

— Não — garanti a ele, enfiando os dedos em seus ombros. Meu corpo estava dolorido, mas o desejo de estar com ele era muito maior. — Não vou quebrar.

— Que bom ouvir isso. — As mãos dele tremiam, acariciando minha cintura, mostrando o quão ferido ele estava. — Porque você é um brinquedo com o qual quero brincar por muito, muito tempo.

Arqueei a sobrancelha e ele me lançou uma piscadinha maliciosa ao tirar minhas pernas de sua cintura e pôr meus pés no chão.

— Queria conversar com você antes — disse ele, tirando meu casaco e o jogando no chão. Neste momento, conversar era algo superestimado. — Antes de chegarmos a este ponto, mas não aguento esperar. Preciso estar dentro de você. — Ele pôs os dedos por baixo da minha camiseta. — Se você não quer, me pare agora e eu recuarei. — Seus olhos, prata líquida, encontraram os meus. — Farei o que você quiser que eu faça. Se você quiser conversar, vamos conversar. Se você quiser que eu caia fora daqui, vou cair, mas, se você me pedir para ficar, vou entrar tão fundo em você que vai achar que nunca mais conseguirei sair.

Meu corpo todo ficou úmido, liquefeito diante das palavras dele. Eu me perdia nele às vezes, mas estava completamente preparada para ele.

— Mas saiba de uma coisa — continuou Jase, chegando mais perto para nossas coxas se tocarem. — Cometi o enorme erro de afastá-la. Fui um covarde, com medo demais de sofrer de novo, e estava sofrendo quando nos separamos. Fiz isso comigo e com você e nunca mais me arrependerei tanto na vida.

Prendi a respiração ao entender o que ele dizia e o que aquilo significava para nós, mas nada me preparou para a lufada de emoções que as palavras seguintes provocaram em mim.

Ele encostou a testa na minha e, com um beijo sedoso e macio, cuidadosamente abriu meus lábios, colocando sua língua aveludada contra a minha.

— Estou mais do que disposto a passar o resto da minha vida a recompensando, porque te amo, Tess. Estou apaixonado por você de um jeito que nunca me aconteceu antes. — Seus olhos brilharam com desejo e amor. — Por favor, me deixe provar isso a você. Por favor, Tess.

Senti um frio na barriga e meu coração acelerou enquanto eu encarava seus belos olhos. Ele tinha dito que me amava antes, mas aquilo foi no auge da luxúria e se perdeu no que aconteceu depois. Aquelas palavras significavam tudo para mim agora e isso era tudo o que importava. Pessoas cometem erros o tempo todo. Deus sabe que sou profissional em fazer e dizer coisas erradas. E Jase cometera um erro, mas, se estava disposto e se arrependeu, eu estava disposta a permitir que ele tentasse.

Estava disposta a permitir que ele me amasse.

Meus joelhos estavam fracos e eu não tinha ideia de como continuava de pé ou fui capaz de dizer uma única palavra.

— Fique.

— É isso aí. — Jase fechou os olhos brevemente.

Minha camiseta saiu com uma rapidez impressionante. Ele tinha talento em tirar roupas. Abriu a mão sobre minhas costelas, pouco abaixo do lacinho branco do meu sutiã. Minha pele ficou vermelha quando o olhar dele devorava minha nudez parcial.

— Você é linda e eu sou sortudo pra caralho. — Ele beijou o vale entre meus seios e depois cada um deles. — Mas há outra parte sua que é ainda mais linda.

Jase beijou minha barriga e sua língua mergulhou no meu umbigo enquanto ele se ajoelhava. Minhas costas se afastaram da parede, prendendo a respiração até que minha pele se arrepiasse toda.

Ele se abaixou, tirando meus pés dos tênis e tirando as meias. Ele riu, segurando uma das meias nas mãos.

— Elfos? Nas meias?

— Estamos perto do Natal.

— Que bonitinho. — Ele a jogou para trás. Seus dedos abriram o zíper da calça que Cam tinha pegado para eu vestir. À medida que Jase a abaixava, meu coração disparava. — Aqui vamos nós — disse ele, beijando um ponto pouco acima da minha calcinha de algodão. Um quê úmido me atingiu. Ele espiou em meio aos cílios grossos. — Você sabe que gosto de comer coisas doces.

— Ah, meu Deus...

Com uma risada, ele passou os dedos pelo cóis da calcinha e a tirou. Estava quase nua e ele, completamente vestido. A diferença me deixou ainda mais vulnerável quando ele se ergueu como um predador. Suas mãos desceram por minhas costas, desabotoando meu sutiã. Com os dentes, ele tirou cada uma das alças, arranhando minha pele ao longo do caminho.

Recuando, ele me admirou.

— Nossa, você me deixa louco. Olhe só para você. — Jase pôs a mão bronzeada no meu quadril, me ancorando e abaixando a cabeça. A ponta de seu cabelo macio tocava meus seios, eriçando meus nervos.

Então ele pôs meu mamilo em sua boca quente e todos os nervos em meu corpo despertaram. Arfei quando o prazer tomou conta de mim em ondas tumultuosas. Enfiei os dedos em seus cabelos quando a mão livre dele desceu por entre minhas pernas, os dedos resvalando onde eu latejava a cada batimento do meu coração. Gemi e minha cabeça caiu para trás, contra a parede.

Ele ergueu a cabeça, acariciando meu pescoço com o nariz, pouco acima do ombro.

— Eu te amo, Tess. Eu te amo tanto...

Meu corpo se contraiu. Tremores quentes me assolaram. Seus dedos mal me tocavam e eu já estava prestes a explodir.

— Eu te amo, Jase.

— Repita — murmurou ele contra meu rosto. — Preciso ouvi-la dizer.

— Eu te amo. Eu te amo. — Repeti várias vezes, perdida na pureza das sensações. Joguei meu quadril para a frente, me esfregando contra sua coxa e mão.

Um sorriso de satisfação apareceu em seus lábios.

— Caralho, adoro ouvir isso. — O prazer aumentou quando ele enfiou um dedo. — Uai, você está tão molhada. — Ele gemeu, acariciando o ponto onde meus nervos se concentravam. Meu corpo se sacudiu em resposta e fui inundada por um calor. — Gosta assim?

— Sim — sussurrei, ofegante. — Muito.

Seus cabelos escuros tocaram meus mamilos e seus lábios pairaram sobre minha saboneteira. Um sonzinho feminino saiu da minha garganta quando ele se ajoelhou novamente, abrindo minhas pernas até que eu ficasse completamente exposta. Um prazer enorme me atingiu quando a língua dele desceu do meu umbigo para meu âmago.

— Tão doce. — Ele beijou a parte de dentro da minha coxa. — Tão linda.

O ar escapou dos meus pulmões e ele abaixou a cabeça novamente, abrindo-me com sua língua. Tremi, minhas mãos se fechando e se abrindo em seus cabelos. Ele tomou minha carne em sua boca, alternando lambidas firmes e chupadas, como se precisasse me saborear para sobreviver.

Gritei, jogando meu quadril contra ele, que me fazia gozar rapidamente. O calor extremo aumentou e explodiu. Não conseguia respirar e todos os músculos se contraíram e ondas e ondas de prazer me inundaram. Jase continuou, me segurando com as mãos e aproveitando todas as minhas reações até que o prazer se dissipasse.

Jase se levantou, a boca úmida e inchada, e me puxou para perto do seu peito. Seus olhos queimavam com desejo e amor quando ele me segurou pela nuca, jogando minha cabeça para trás. Sua ereção queimava pela roupa, pressionando minha barriga.

— Agora vou fazer amor com você.

CAPÍTULO

Jase me pegou no colo e me levou para o quarto, cuidadosamente me colocando no monte de travesseiros que eu acumulara desde que me mudara.

Ele recuou, os olhos presos aos meus ao tirar a roupa. Vê-lo revelar seu corpo extraordinário uma peça de roupa de cada vez era uma das coisas mais sensuais e excitantes que já vira.

A primeira vez em que ficamos juntos foi deliciosamente apressada. Não que não tenha sido maravilhoso e surpreendente, a seu modo, mas eu simplesmente sabia que desta vez seria diferente.

Ansiosa, tremi, porque estávamos realmente prestes a fazer amor e eu nunca fiz isso antes.

Quando tirou a cueca, senti que perdi o fôlego. Jase tinha aquele tipo de corpo que as pessoas fantasiam. Sério. Ombros largos, um peito bem-definido e um abdômen retinho. Seus quadris eram estreitos, as pernas compridas e o que pendia do meio de suas pernas era muito impressionante. Ele estava completamente ereto e me desejava.

E ele me amava.

Jase se aproximou, subindo na cama e só parando depois de estar sobre mim, os braços me envolvendo.

— Toque-me — pediu ele, a voz áspera.

Ele não precisava pedir duas vezes. Pus as mãos em seu peito, descendo pelos músculos rígidos de sua barriga, seguindo a trilhazinha de pelos até segurá-lo com a mão. Ele endureceu ainda mais contra minha mão, me eletrizando.

Jogando a cabeça para trás, ele gemeu roucamente quando o acariciei todo.

— Ah, meu Deus...

— Gosta disso? — Sorri quando ele abaixou a cabeça e entreabriu a boca.

— Gosto de tudo o que você faz. — Ele beijou minha testa e deu vários beijinhos no meu rosto, nas minhas bochechas, pálpebras e até na ponta do meu nariz. — Tudo.

Encorajada por sua afirmação, movi a mão, apertando-o carinhosamente até chegar à glândula. Seus quadris me puseram em movimento e ele soltou outro gemido fundo e trêmulo.

— Ah — gemeu ele, os braços tremendo à medida que ele crescia em minha mão. — Continue fazendo isso e tudo vai acabar antes de começar e você não quer isso. Confie em mim.

— Não quero. — Mas não queria parar de tocá-lo.

Dobrei o pescoço ao segurá-lo, beijando-o sob o queixo e descendo por seu pescoço, saboreando sua pele salgada. Ele ofegava enquanto eu movia minha mão lentamente, provocando-o até que ele se afastasse.

— Isso não é justo. — Fiz um biquinho.

Ele riu e seu hálito desceu por minha garganta.

— Tenha paciência, meu amor. Você terá tudo de mim daqui a pouco, mas antes...

Sua língua fez carinhos circulares no biquinho duro do meu seio e depois se fechou sobre ele, chupando e me puxando da cama. Segurei a cabeça dele, meus quadris se movendo incansavelmente quando Jase passou para o outro seio, dando a ele a mesma atenção. Um desejo intenso ganhou força como uma tempestade.

Ele pousou a mão possessiva no meu quadril e ergueu a cabeça. Com a expressão séria, respirou fundo.

— Acho que não consigo mais esperar. Preciso de você, Tess.

— Então não espere. — Meu coração deu uma cambalhota.

Jase começou a se ajeitar no meio das minhas pernas, mas parou.

— Merda. Não tenho preservativo.

Pus uma das mãos em seu rosto.

— Você sabe que tomo pílula e você é a única pessoa com quem fiquei desde que, bom, há muito tempo.

— Não fico com ninguém há muito tempo também. Estou limpo e vou tirar, só por garantia. — Ele parou, alinhando-se sobre mim. — Vou fazer o que você quiser.

Passei as mãos sobre seus ombros.

— Quero você. Agora.

Seus lábios tocaram os meus e ele moveu o quadril para a frente. Jase me beijou docemente e com tanta ternura que quis ficar abraçada a ele por anos. Apoiando a testa de encontro à minha, ele entrou lentamente, me alargando de um jeito delicioso. Abracei-o, colocando os joelhos nas laterais do corpo dele, dando-lhe acesso, e ele entrou mais fundo, me preenchendo. Soltei um gemido quando ele entrou e apoiou o peso do corpo nos braços.

Nossos corpos estavam vermelhos, peito no peito, quadril no quadril. Eu o sentia dentro de mim, latejando, e ele se mantinha acima de mim.

— Jase — sussurrei, passando os dedos por seus braços.

— Você é tão gostosa. — Ele beijou carinhosamente meus lábios entreabertos.

— Você também. — Subi meus dedos até seu rosto. — Isso parece tão certo.

— É mesmo — gemeu ele.

Com o corpo tremendo, ele lentamente saiu e jogou o quadril para a frente, me fazendo encolher os dedos do pé. Jase estabeleceu um ritmo lento que era doce e torturante. A cada movimento profundo, eu movia o quadril para me adequar a ele. Havia um quê de sedutor no ato do amor, algo que faltava quando o coração não estava envolvido. Cada movimento dos quadris dele, cada beijo dado e cada carícia significava algo infinito.

Ele me encarava ao fazermos amor, se apoderando e se entregando um ao outro. A sensação foi mais profunda do que a intensidade louca da nossa última vez. Eu o sentia crescendo e se enrijecendo dentro

de mim. Respirava cada ar que ele respirava, tremia a cada tremor que percorria seu corpo.

Mas nossos corpos rapidamente exigiram mais. Pus os calcanhares nas costas dele, levando-o a se mover mais rápido, o que ele fez. A velocidade dos movimentos aumentou, assim como nossa respiração e os batimentos cardíacos. Não demorou muito para a cabeceira ficar batendo na parede com a força de seus movimentos.

Quando meu corpo ficou tenso e a mola que se formava dentro de mim começou a se dilatar a uma velocidade estonteante, arfei.

— Eu te amo.

Se Jase estava se controlando ele perdeu o controle diante da rudeza do ato, seus quadris se moviam com os meus num ritmo devastador. Gozei, experimentando um prazer intenso que se espalhou por meu âmago, fazendo meu corpo tremer e me obrigando a gritar seu nome até ficar rouca.

Ele tirou só quando o orgasmo estava perdendo força em mim, sua ereção pulsando contra minha barriga, e ele pousou a cabeça no meu ombro, beijando a pele nua enquanto seu quadril se debatia. Eu o segurei bem perto, saboreando a sensação do corpo dele no meu.

A pele dele estava úmida e seu corpo ainda tremia quando ele ergueu a cabeça, beijando o canto dos meus lábios.

— Eu te amo, Teresa.

Ficamos abraçados até nossa respiração voltar ao normal. Naqueles instantes de silêncio, uma coisa estranha me aconteceu. Algo... algo frágil se quebrou dentro de mim. Como se uma velha e enferrujada trava tivesse finalmente se soltado.

Não sei exatamente o que foi que causou isso. Pode ter sido o último ano da minha vida e todas as mudanças por que passei. Desde acreditar que tinha apenas uma vida à minha frente até finalmente aceitar que havia muito mais do que a dança. Talvez tenha sido ver Jase e viver todos os altos e baixos com ele. Pode ter sido Debbie e o que a perda dela simbolizava. Pode ter sido Erik e o horror daquela situação no dormitório e o que aquilo me fazia lembrar.

E talvez... talvez tenha a ver com Jeremy e o relacionamento abusivo que vivi, que *era* parte de mim, e eu finalmente entendia que isso sempre estaria comigo, mas não fazia de mim o que eu era hoje. Aquilo me moldou, mas não era eu. Antes que eu percebesse, meu rosto estava úmido.

Jase ergueu a cabeça.

— Tess? Meu amor? — Ele segurou meu rosto, limpando as lágrimas com o dedo. — O que houve?

Não sabia direito como expressar isso e, quando fiquei em silêncio, ele empalideceu.

— Eu a machuquei? Eu deveria ter esperado. Isso poderia...

— Não — disse. Tentei sorrir em meio às lágrimas. — Não é você. É só que... tudo o que se passou em minha mente hoje.

Ele passou o dedo sob meu olho mais uma vez.

— Você passou por muita coisa, Tess. E está resolvendo tudo. Você é tão forte, a pessoa mais forte que conheço.

Dei uma risada engasgada e as lágrimas escorreram com mais força. Jase resmungou algo e me abraçou, me aninhando em seu peito.

— Nunca vou esquecer o que foi ficar com ele — disse, e de alguma forma Jase soube de quem eu estava falando. — E não há nada de mais nisso, não é? Isso não me torna fraca ou vítima.

— Não. — Ele beijou o alto da minha cabeça. — Você não é nada disso.

— Não é quem sou agora, mas é parte de mim e... e estou bem com isso. — Um tremor se apoderou de mim e, entre lágrimas, conversamos sobre Jeremy e Debbie e Erik. Conversamos sobre a dança e sobre lecionar, e ele me envolveu, me abraçando até que não houvesse lágrimas, até que os fardos que eu sabia que carregava e os que não percebia que estavam sobre meus ombros todo este tempo desapareceram.

Um Jase completamente nu preparando sopa para mim a fim de que eu não machucasse mais minha mandíbula ferida tinha de ser uma das cinco coisas na vida que eu queria ver. Mais até do que assistir ao San Francisco Ballet no palco.

Nossa, ele tinha o bumbum mais perfeito do mundo.

Ficamos sentados na cama, o lençol sob meus braços, dividindo uma tigela enorme de sopa de legumes. Uma colher e duas bocas era uma experiência interessante. Um pouco de caldo escorreu por meu queixo e Jase o sugou com a língua.

— Hmm, que tal se deitar e me deixar tomar o restante da sopa assim?

Eu ri, me sentindo mais leve — me sentindo *melhor*, apesar de estar inchada de tanto chorar.

— Isso faria uma bagunça e tanto.

— Mas seria divertido. — Ele mexeu com a colher, pegando os pedaços mais macios de legumes. — Mais?

Ser alimentada parecia uma bobagem. A não ser que fosse um Jase nu a alimentá-la. Daí era incrivelmente gostoso. Abri a boca, engolindo o caldo e mastigando o que conseguia.

— Obrigada.

Ele deu de ombros e levou a colher à boca. Pensativo por uns instantes, ele procurou um pedaço de carne na sopa.

— Sabe, realmente planejava conversar com você primeiro antes de deixá-la nua.

— Mas você planejava tirar minha roupa? — Não resisti à vontade de provocá-lo.

— Planejava, sim! — Ele riu e pôs o pedaço de carne na boca. Fechando o olho, ele pegou mais caldo. — Na verdade, *esperava* que isso terminasse com um sexo selvagem e animalesco. — Ele levou a colher aos meus lábios, certificando-se de que eu não perdesse nenhuma gota. — Mas fiz tanta coisa errada que esperava que você me mandasse pastar.

Tombei a cabeça de lado, chegando mais perto dele.

— Mesmo?

Ele fez que sim.

— Sei que sou encantador, mas fiz muita coisa errada e...

Inclinando-me sobre a tigela, pus meus lábios nos dele. Com meu lábio inchado, não foi um beijo sensual, mas ele ficou imóvel como se eu tivesse pegado a tigela e comido um tipo diferente de carne.

— Você fez coisas erradas — disse, voltando ao meu lugar. — Eu sei. Realmente fez, seu babaca. E você me magoou.

— Tess... — Ele pareceu arrependido.

— Mas não vou ficar aqui sentada mantendo isso sobre sua cabeça para sempre. Não achando que eu poderia ter morrido ontem. Por mais clichê que pareça, a vida é curta demais. Quero você — disse, apaixonadamente. — Com bagagem e tudo, Jase. E sei que não será fácil. Estava preparada para isso quando voltei para você. Jack é seu filho, ele sabendo ou não. E não importa se um dia você lhe dirá, ele *sempre* será seu filho. E, se um dia você decidir lhe contar a verdade, vou dar todo o meu apoio.

Ele voltou o olhar para a tigela.

— Está mesmo preparada para isso? E se eu contar a ele quando me formar, no próximo semestre?

Senti um frio no estômago ao pensar nisso, mas era o esperado.

— Você vem com uma responsabilidade da qual estou disposta a fazer parte. Não sei se serei boa em tudo o que tiver relação a Jack, mas vou me esforçar.

Jase ergueu a cabeça, os olhos arregalados.

— Você vai ser perfeita, Tess. Ele já gosta muito de você e ele... bom, um dia, você será uma ótima mãe.

Fiquei vermelha e, em vez de rejeitar a ideia da maternidade, acalentei-a como um elogio.

— Obrigada. — Respirei fundo. — E você está mesmo pronto para isso?

— Pensei muito, Tess, e estou. Acho que já estava pronto, mas não queria reconhecer isso. O que sinto por você me deixa louco. No começo achei que era errado por causa de Cam, mas, quando percebi que não era, que estava com medo de perdê-la, sabia que precisava resolver tudo isso. — Ele passou a mão pelos cabelos despenteados. — E você estava certa. Não superei completamente. Sei que preciso visitar o túmulo dela. Quero. Era isso o que eu ia lhe dizer.

— Quando você me enviou a mensagem de texto dizendo que queria conversar?

Ele fez que sim mais uma vez.

— Não era só isso, mas também. Acho que, ao fazer isso, é como fechar uma porta, sabe? Não vou me esquecer, mas vou mesmo seguir em frente.

Tentei não demonstrar minha surpresa. Aquilo era um passo enorme para ele. Talvez não para algumas pessoas, mas para Jase era importante.

— Acho que é uma ótima ideia e, se você precisar, estarei lá com você.

— Você... você é incrível, Tess. — Ele sorriu um pouco, balançando a cabeça.

— Não sou. Eu só te amo, Jase.

Pareceu que ele tinha parado de respirar por um instante e então ele passou por cima de mim, colocando a tigela no criado-mudo. Quando voltou para seu lugar, ele tocou o ferimento no meu queixo bem de leve.

— Não tenho certeza se mereço você.

— Não gosto de ouvir você dizendo isso. — Fechei os olhos.

— E não gosto de pensar isso, mas não posso deixar de sentir. — O toque de seus lábios era leve como uma borboleta. — Mas vou fazer de tudo para mudar isso. — Pondo uma das mãos no meu ombro, ele cuidadosamente abaixou minha cabeça até que ela repousasse nos travesseiros. Ele se ajeitou ao meu lado, deitado de lado e apoiando o rosto no cotovelo. — Prometo.

— Acredito.

Um sorrisinho apareceu em seus lábios e ele passou um dedo por sobre meu ombro. Vários momentos de silêncio se passaram.

— Quando seus pais voltam para casa?

— Amanhã, acho. Eles queriam que eu fosse com eles, mas não vou. — Estremeci quando seu dedo tocou minha saboneteira.

— E quanto ao Natal? Sei que é daqui a mais ou menos uma semana, mas o que você planejou?

Fechei os olhos, desejando cegamente o carinho leve como pluma.

— Vou para lá com Cam, como planejado. Ele vai na véspera de Natal, ou um dia antes.

— O Natal é importante na minha casa também. — Seu dedo desceu, acompanhando o contorno do lençol. — Jack ainda acredita em Papai Noel, então preciso estar com ele pela manhã, mas quero vê-la. Talvez você possa passar a véspera de Natal comigo e depois podemos ir para sua casa? Eu a levaria para lá pela manhã. Digo, se você me quiser lá e se seus pais concordarem com isso.

Abri os olhos.

— Adoraria que você aparecesse. — Um sorriso enorme e tolo apareceu no meu rosto quando pensei em passar a véspera de Natal com a família dele e a noite de Natal com a minha. — Mas não quero que você faça uma viagem desnecessária.

— Você sempre pode passar a noite comigo. — Ele tirou o lençol, expondo meu corpo. — Se estiver tudo bem com seus pais e com você.

— Está tudo bem comigo e eles aceitarão isso porque é o que quero. — Mordi o lábio quando o olhar dele abandonou os meus e desceu por meu corpo. Um músculo latejou em sua mandíbula. — Você acha que sua mãe e seu pai aceitarão isso?

— Claro. — Ele parecia distraído.

— É nosso primeiro Natal. — Eu ri, ficando vermelha e deixando que minha cabeça caísse contra o travesseiro. — Isso parece bobagem, não é?

— Não. — Ele subiu em cima de mim e o senti duro me cutucando quando se ajeitou entre minhas pernas. — E não será nosso último.

Prendi a respiração e arqueei, segurando os cabelos dele.

— Isso ou passar o Natal juntos?

— As duas coisas. — Ele riu e pôs a mão entre nós, segurando sua base grossa.

— Ah. — Minha capacidade de formar frases que fizessem sentido saiu pela janela. Ele entrou em mim com um único movimento de quadril. — *Jase*.

Ele gemeu, me puxando para perto, e se deitou de costas, permanecendo dentro de mim. Cavalgando-o, segurei-me com as mãos espalmadas no peito dele.

— Sim? — disse ele, rindo.

— Você é tão mau.

— E você não viu nada ainda. — As mãos dele me agarravam pelo quadril.

CAPÍTULO

Floquinhos de neve começaram a cair assim que saímos de Shepherdstown. Era fim de tarde e o ar frio parecia se infiltrar em todas as aberturas do Jeep de Jase e, por mais forte que estivesse o aquecedor, não aquecia o bastante.

Jase segurava minha mão e seguíamos em silêncio. Os nós dos meus dedos ainda estavam inchados de quando bati em Erik, mas os outros arranhões e hematomas tinham desaparecido.

As primeiras duas noites depois que Erik perdeu o controle foram as mais difíceis. Graças a Deus, Jase ficara perto de mim, estando presente quando acordei com pesadelos e ficando acordado quando estava inquieta demais para voltar a dormir. Ele usou bem aquelas horas no meio da madrugada, distraíndo-me das lembranças sombrias das horas que passei com Erik.

Olhei para Jase e meu coração deu uma cambalhota. Ele me amava. Ele estava *apaixonado* por mim. Meu cérebro ainda girava com todas as possibilidades do que significava o longo prazo para nós.

Apertando a mão dele, sorri tranquilizando-o quando me olhou. A preocupação conferia a seus olhos um tom cinza metálico. Quando ele acordou pela manhã e perguntou se eu faria isso com ele antes de ir para a casa dos pais para passar a véspera de Natal, fiquei surpresa, mas feliz por ele estar dando um passo tão grande.

— Você está bem? — perguntei.

Mechas de cabelos castanhos saíam por baixo do gorro cinza de lã.

— Parece estranho você estar me perguntando isso.

— Verdade. — Da lesão no joelho à morte de Debbie e o rompante de Erik, todas as preocupações dele estiveram focadas em mim. — Mas estou lhe perguntando.

— Eu... eu não sei. — Ele parou, virando à direita e cortando caminho por um posto de gasolina. — Estou triste. Confuso. Estranhamente feliz, como se tivesse orgulho de mim mesmo, e isso parece uma tolice.

— Não é tolice. Você deveria ter orgulho de si mesmo.

— Acho que estou sentindo tudo ao mesmo tempo. — Um sorrisinho apareceu e desapareceu.

O que era compreensível. Passaram-se anos desde a morte de Kari, mas isso era novidade para Jase. Apertei a mão dele mais uma vez.

Quando chegamos ao cemitério, uma camada fina de neve recobria o terreno. Com base nas instruções que seus pais lhe deram, ele virou à direita no cemitério e seguiu a curva até que um carvalho nu apareceu.

O túmulo de Kari ficava perto da árvore — cinco túmulos adiante, para ser exata.

Ele estacionou no acostamento. Só então ele tirou a mão e desligou o motor, mas não fez nada para sair do veículo. Em vez disso, Jase ficou olhando para a frente, para a árvore. Os galhos balançavam ao vento

fraco.

Um nó se formou em meu peito.

— Você está mesmo pronto para isso? Porque podemos fazer isso outra hora.

— Estou pronto — respondeu ele baixinho depois de um tempo. — Preciso fazer isso.

Concordava. Jase tinha seguido em frente, mas não se desapegara completamente. Em todos estes anos ele tratou a morte de Kari como se ela tivesse terminado com ele. Como se ela estivesse por aí, vivendo a vida, e talvez isso o tenha ajudado a superar a perda, mas Jase não viveu o luto totalmente. Por isso é que ele me afastou depois de admitir me amar. Entendia tudo isso agora. Era o medo que ele sentia por amar alguém e a perder.

Vários minutos se passaram e ele meneou a cabeça.

— Certo.

— Certo — sussurrei.

Ele abriu a porta do carro e uma lufada de ar frio entrou. Fiz o mesmo, tirando as luvas do bolso enquanto ele pegava as flores que compramos num mercadinho próximo a caminho do cemitério.

Minhas botas esmagavam a grama congelada e a fina camada de neve ao me juntar a ele do outro lado do Jeep. Jase parou e me olhou. A incerteza e a vulnerabilidade em sua expressão partiram meu coração. Com a mão livre, desprotegida do tempo, ele me deu a mão. Imediatamente lhe dei a mão enluvada. Através da lã, o peso das nossas mãos unidas parecia lhe dar força para seguir em frente.

Ficamos em silêncio, passando por lápides, e tentei não pensar no funeral de Debbie e em como Erik tinha me culpado pela morte dela em frente a todo mundo, mas era difícil. Ela estava sepultada aqui também, mas do outro lado da estrada.

Cemitérios são supostamente tranquilos, mas a imobilidade — a falta completa de vida — sempre me assustava. Mas hoje era diferente. Ao nos aproximarmos do carvalho, não estava pensando na *Noite dos Mortos-Vivos* ou no fato de haver vários corpos sob nossos pés.

Só estava pensando em Jase e no quão difícil isso era para ele.

Quando Jase de repente parou, sabia que tínhamos chegado ao túmulo de Kari. Seguindo o olhar dele, respirei fundo.

A lápide era feita de mármore cinza e tinha o formato de um coração. Um anjo rezando fora esculpido na pedra e, sob o anjo ajoelhado estava o nome de Kari Ann Tinsmen, e as datas de nascimento e morte eram injustamente próximas.

Aquilo era ela. Nenhum rosto. Nenhum corpo. A vida dela estava resumida nos dizeres sob as datas: *Irmã, filha e mãe adorada, durma com os anjos.*

Mãe.

Um nó se formou em minha garganta. Kari nunca teve a chance de ser mãe. Droga, ela nunca teve a chance de ser nenhuma daquelas coisas.

Jase balançava a cabeça lentamente, olhando para o túmulo. Não conseguia nem imaginar no que ele pensava. Provavelmente num pouco de tudo ali de pé, repassando a vida deles juntos.

Muitas coisas que Jase dissera no passado faziam sentido agora. Como ele jurara que coisas boas podem surgir das tragédias. Ele sabia por experiência própria. Uma gestação inesperada lhe dera Jack e uma morte trágica o colocara no caminho certo.

O mesmo podia ser dito sobre perder a capacidade de dançar. Esperava que, como professora, eu pudesse realmente fazer a diferença no mundo — e não é por isso que as pessoas se tornam professoras? Claro que não era pelo dinheiro. O motivo era mais profundo do que isso, mais concreto. Professores moldam o futuro. Bailarinas divertem. E não é como se eu jamais fosse fazer parte daquele mundo. Tinha meu objetivo de levar Avery de volta ao estúdio e podia ajudar bailarinas mais novas, se quisesse.

E eu queria.

Eis o que torna a morte útil. A morte era sempre um lembrete aos vivos para *viverem* — viverem no presente e ansiarem pelo futuro.

— Ela era mesmo... uma boa moça — disse ele finalmente, rompendo o silêncio.

— Tenho certeza de que era. — Meu sorriso pareceu superficial.

Ele ficou olhando para o túmulo por um tempo. Na mão, as flores vermelhas tremiam. Duvidava que fosse por causa do frio.

— Ela amava o inverno e a neve. — Jase parou, engolindo em seco ao levantar a cabeça. Flocos de neve caíam com mais intensidade. As palavras dele soaram embargadas quando ele voltou a falar. — Isso meio que combina, acho.

Vi um floco de neve bem grande pousar na curva da lápide de mármore.

Jase respirou fundo, tremendo.

— Acho que Jack herdou isso dela. Sabe, o amor pelo inverno. É a estação preferida dele. Talvez por causa do Natal, mas gosto de pensar que é por causa dela.

— O inverno não é uma estação ruim. — Apertei a mão dele.

Um lado de seus lábios se curvou para cima.

— Sou mais do verão. — Ele soltou minha mão e deu um passo à frente. Ajoelhando-se, ele colocou as belas flores vermelhas na base da lápide.

Em silêncio, o observei tirar o gorro e abaixar a cabeça e não sabia se ele rezava ou se conversava com Kari. De qualquer forma, senti que estava me intrometendo; era um momento muito íntimo e triste.

Contendo as lágrimas, voltei meu olhar para a árvore e engoli em seco. A neve recobria os galhos nus, curvando as pontas finas para baixo.

Quando Jase voltou ao meu lado, ele vestiu o gorro e a ponta de seu nariz parecia tão vermelha quanto a minha.

— Você se importa se ficarmos mais um pouco? Sei que está frio e você pode esperar...

— Estou bem. — Se ele quisesse ficar por um mês, ficaria ao lado dele. — Podemos ficar o quanto você quiser.

— Obrigado. — Sua postura perdeu um pouco da rigidez quando ele jogou um braço sobre meus ombros. Puxando-me contra o abrigo do seu corpo, ele pousou o rosto no alto da minha cabeça e

suspirou. — Obrigado por estar aqui comigo.

A fazenda Winstead estava toda decorada.

Parecia que Papai Noel tinha vomitado a alegria do feriado por todo o lugar, mas de um jeito bom. Luzes multicoloridas cobriam a cerca que margeava a entradinha. Luzes vermelhas, verdes e azuis brilhavam no celeiro e toda a parte da frente da casa brilhava como uma gigantesca bola espelhada de discoteca.

Jase riu quando arregalei os olhos, o que me fez sorrir, porque era a primeira vez que ele ria desde que deixamos o cemitério.

— Meus pais ficam meio loucos durante o Natal, principalmente por causa de Jack.

Meio? Havia um Papai Noel inflável em frente à varanda. No telhado, havia oito renas de plástico. Rudolph, a nona e mais importante rena, estava desaparecida. Um Papai Noel de plástico estava pendurado na chaminé, juntamente com um saco de presentes.

Havia um gigantesco globo de neve em frente à varanda. Pelos janelões, dava para ver as luzes na árvore de Natal. Meus pais geralmente escolhiam uma única cor natalina como decoração, mas eu gostava mais disso. Havia algo de afetuoso no caos luminoso.

— Vamos deixar os presentes no Jeep — disse ele, ao descermos. — Você sabe, Papai Noel não chegou ainda.

Ri.

— Papai Noel parece meio bêbado no telhado.

Ele olhou para cima e riu, enquanto o vento fazia o Papai Noel de plástico girar na chaminé.

— Este é o meu tipo preferido de Papai Noel.

Demorei-me nos degraus, tirando a neve de minhas botas.

— Tem certeza que está tudo bem com minha presença aqui?

Lançando-me um olhar, ele colocou as mãos em meus ombros e abaixou a cabeça para ficarmos no mesmo nível.

— Claro. A mamãe e o papai estão felizes por você passar a véspera de Natal com a gente, e eles sabem que você sabe a verdade. — Jase passou a mão por minha cabeça e ajeitou meu cabelo atrás da orelha. — Acho que eles estão mais empolgados com sua presença do que eu.

— Isso porque sou uma companhia maravilhosa. — Eu ri.

— Verdade. — Jase abaixou a cabeça e seu hálito quente dançou sobre meus lábios. Tremi e meus lábios se curvaram. — Obrigado por hoje. Sério. Não dá para agradecer o bastante. Acho que não conseguiria sem você.

Aproximei-me e me estiquei um pouco, encostando meu nariz frio no dele.

— Você teria feito aquilo comigo ou sem mim, mas estou feliz por ter estado presente. Mesmo. — Por ter deixado minhas luvas no Jeep, pus as mãos expostas no rosto dele, adorando a sensação da barba por fazer contra a palma da minha mão. — Você está bem?

Ele fechou os olhos.

— Sabe, achava que não me sentiria diferente, mas me sinto. Não muito, mas me senti bem com isso.

— Ele pôs a mão sobre a minha enquanto a outra envolvia minha nuca. — Acho que lhe devo um beijo de agradecimento.

— Você não me deve um agradecimento, mas vou ficar com o beijo mesmo assim.

Ele sorriu e seus lábios tocaram os meus duas vezes, leves como os flocos de neve que caíam ao nosso redor. A mão dele me segurava enquanto ele entreabria minha boca, provocando-me com a língua. Um calor se apoderou de mim, deixando meus músculos tensos quando ele passou a língua pelo céu da minha boca.

Aquele era o tipo de beijo de agradecimento que eu aceitava.

E Jase, bom, ele não simplesmente *beijava*. Saboreava. Devorava. Prometia prazer com os lábios e provocava mais ainda com a língua. Ele podia dar aula de beijo. Transformava o beijo numa forma de arte, tirando um gemidinho das profundezas do meu âmago.

— Ah, pare com isso, filho. Eu lhe ensinei a não ficar beijando uma menina linda no frio. — A voz do pai dele nos interrompeu, me deixando corada quando Jase se afastou.

— Eu a estou mantendo aquecida — respondeu Jase, sorrindo. Ao me virar para esconder meu rosto vermelho, porque nada como ser pega pelos pais do seu namorado quando suas pernas estão bambas por causa do beijo, vi a leveza na expressão de Jase, um brilho em seus olhos prateados que nunca tinha visto antes. — Certo?

Pisquei demoradamente e murmurei:

— Certo.

O pai dele sorriu.

— Vamos. Sua mãe está com Jack na cozinha, preparando biscoitos para o sr. Papai Noel.

Jase fez uma cara feia ao abaixar o braço e pegar minha mão e me ajudar a subir a varanda. Ah. Ali estava a nona rena, guardando a porta.

— É um desastre?

— Menino, é quase tão ruim quanto você na cozinha. — Ele se virou, mantendo a porta aberta para nós. — Então, sim, é um desastre.

Ri da cara que Jase fez.

— Pensando bem, nunca o vi cozinhar nada além de sopa enlatada.

O pai dele riu ao entrarmos na casa. O ambiente cheirava a biscoitos e folhagens.

— Querida, isso não é algo que queremos ver.

— Não é tão ruim assim. — Jase franziu a testa, tirando o casaco. — Eu só derreti a espátula de arroz uma vez.

— Uma vez? — Pendurei meu casaco no gancho do cabideiro. — Acho que é mais do que o suficiente.

— O que ele não está lhe dizendo é que ele também tentou dar isso de comer aos primos dele.

— Ah, meu Deus, está falando sério? — Ri do olhar encabulado de Jase.

— O quê? — Ele deu de ombros, tirando o gorro. — Eles não comeram.

— Só porque aquilo ficou duro como tijolo e poderia ter matado alguém — respondeu o pai dele, sorrindo. — Meu filho tem muitas qualidades, mas cozinhar não é uma delas.

— Obrigado, papai.

— Jase! — gritou Jack da cozinha. — Tess!

Viramo-nos quando Jack veio correndo pela sala de jantar.

— Uau, cara. Mais devagar — disse Jase, avançando enquanto Jack quase batia com a cabeça na mesa. — Jack, você vai...

Sentindo que Jack ia se jogar como um kamikaze, Jase se ajoelhou e pegou o filho assim que o menino se jogou sobre ele. Ele abraçou o menino, levantando-se. Jack se agarrou a ele, enfiando as mãozinhas nos cabelos de Jase.

— Fiz biscoitos para o sr. Papai Noel! — anunciou Jack, segurando punhados de cabelos. — Eles têm chocolate e amêndoas!

— É mesmo? — Jase se virou um pouco, segurando o filho com força. Senti um aperto no peito ao vê-los juntos. Por mais que Jack não soubesse a verdade, era difícil não reparar no amor entre eles. — Que tal biscoitos de manteiga de amendoim? Você sabe que são meus preferidos.

— Temos também. Comi um monte deles. — Jack sorriu e pôs a cabeça no ombro de Jase.

— Um monte? — O sr. Winstead bufou. — O menino comeu metade da assadeira.

O sorriso no rosto de Jack se espalhou e, ao me ver, ele gritou de novo.

— Me põe no chão! Me põe no chão!

Sorrindo, Jase pôs os pés do menino no chão. Assim que ele pousou, saiu correndo, abraçando-me pelas pernas.

— Ei — disse, despenteando seus já desarrumados cabelos. — Você está empolgado com a visita do Papai Noel?

— Sim! O papai disse que o sr. Papai Noel vai vir logo! — Ele se afastou, segurando minha mão. — Venha!

Olhei para Jase. Ele sorriu e deu de ombros, ficando com o pai, enquanto Jack me puxava pela sala de jantar.

A cozinha estava mesmo uma bagunça. Massa de biscoito cobria a ilha e as bancadas. Havia farinha no chão e as cascas de ovo enchiam os potes, mas o cheiro de doces me fez antecipar uma deliciosa animação por causa do açúcar.

— Olhe quem eu encontrei! Olhe!

A sra. Winstead se virou, limpando as mãos nas árvores de Natal na base do avental vermelho.

— Ah, querida, que bom que você está aqui. — Ela se aproximou de mim com os mesmos passos longos e determinados de Jase. — Olhe só para você — disse ela, passando um dedo por meu queixo,

onde um hematoma ainda persistia. — Como você está, querida?

— Bem. — Sorri enquanto Jack se soltava e subia no banquinho que pôs contra a bancada. Ele enfiou a mão na massa de biscoito. — Estou indo muito bem.

— Que bom ouvir isso. — Ela me abraçou e quase tirou o ar dos meus pulmões. — Quando Jase me contou o quê... — Ela olhou para onde Jack estava fazendo bolinhas de massa. Ela falou baixinho: — Não quero que o pequeno ouça, mas estou feliz que você esteja bem e que — ela falou ainda mais baixo — aquele filho da mãe está na cadeia.

— Eu também. — Torci a boca.

A sra. Winstead balançou a cabeça com tristeza ao ver Jack colocar uma bola de massa na assadeira.

— Aquela pobre menina...

— Eu sei. — Mordi o lábio. — Digo a mim mesma que ao menos há justiça para Debbie agora.

Jack olhou para trás, uma expressão de curiosidade em seu rostinho lindo.

— O que é justiça?

— Quando pessoas más ficam de castigo, querido. E isso é bom. — A sra. Winstead sorriu para mim e as rugas ao redor de seus olhos se aprofundaram. Ela abaixou a voz de novo. — Mas isso... isso não é tudo.

Pondo a mão no meu ombro, ela respirou fundo, tremendo.

— Estou feliz que você *saiba*, que Jase tenha lhe contado.

Não sabia o que dizer. Só consegui menear a cabeça e o sorriso da sra. Winstead aumentou quando Jack roubou um pedaço de massa.

— Jase fazia isso quando pequeno também — disse ela, piscando rapidamente. — Ele comia mais massa crua do que assada.

— É quando é mais gostoso. — Minha voz soou surpreendentemente rouca.

Ela me deu um tapinha no ombro.

— Você é boa para o meu menino, tão boa. Ele não se aproximou de ninguém desde Kari, e você o fez abrir o coração. Sei que não tivemos oportunidade de nos conhecer direito, mas, por causa disso, você sempre será como uma filha para mim.

Ah, nossa, eu vou chorar.

— Desculpe. Não quero chorar. — Contendo as lágrimas, sorri e depois dei uma gargalhada.

Jack se virou novamente.

— Por que você está triste?

— Não estou triste — disse-lhe rapidamente, sorrindo. — Estou feliz, muito feliz.

Ele acreditou e voltou para a massa de biscoitos. Limpei os olhos e me recompus.

— Obrigada. Isso significa muito para mim e jamais o colocarei em risco — disse, apontando a cabeça para Jack. — Nem o coração de Jase.

— Essa é a minha menina. — Seus olhos nublaram e ela pigarreou. — Olhe só para mim. Estou prestes a chorar e isso não será nada bom para nós, não com meu menino vindo para cá.

— Oi, mamãe. — Jase entrou na cozinha bagunçada, mas aconchegante, se abaixou e beijou a mãe no rosto. Ao se afastar e nos olhar, ele fez uma cara feia. — Está tudo bem?

— Está tudo bem — disse, batendo as mãos uma na outra. — O Jack está bem ocupado ali.

Ele olhou para o menino rapidamente, antes de nos analisar mais de perto.

— Tem certeza?

— Sim, querido. Nós estamos só conversando. Só coisa boa. — A sra. Winstead se virou, abriu a porta do forno e deu uma olhada. — Estes estão quase prontos.

Mais tranquilo, Jase foi até onde Jack estava e pegou uma bolinha de massa da assadeira.

— Ei! — Jack riu quando Jase pôs a coisa toda na boca.

Beijando o rosto do menininho, Jase deu meia-volta, vindo por trás de mim depois de dar a volta na mesa. Ele me envolveu pela cintura e entrelaçou nossas mãos.

— Posso roubá-la agora? Quero lhe mostrar a árvore.

— Só se ela quiser ser roubada por você. — A sra. Winstead piscou para mim.

— Ah, claro que ela quer ser roubada por mim — respondeu Jase, e eu lhe dei um soco no braço. Ele riu. — Não fique com vergonha.

A mãe dele balançou a cabeça quando Jase se virou. Abraçando-me pelo ombro, ele me levou de volta à sala de jantar. O pai dele não estava mais na entrada e a enorme sala de estar estava vazia.

A árvore de Natal era imensa e verdadeira e me fez lembrar de casa. Cheia de cores diferentes e de várias cores, as luzes brilhavam intermitentemente. Meias pendiam da lareira.

— Olhe só para isso. — Esticando-se, ele pegou uma meia vermelha e a segurou. — O que você acha?

— Ah! — A meia trazia meu nome escrito com cola vermelha brilhante. — É minha? Está falando sério?

— Sim. — Jase riu, colocando a meia no lugar. — Jack fez isso para você hoje de manhã.

Não sei o que havia na meia com meu nome, mas ela fez meu coração inchar como aconteceu com o Grinch. Achei que ia explodir.

— Você gosta? — perguntou ele, sentando-se no chão de costas para o sofá. Puxando-me pela mão, ele esperou até eu me sentar. — Acho que você está amando.

— Estou. — Ri e levei as mãos ao rosto de novo. — Juro. Sou emotiva. — Abaixando as mãos, deixei que meu olhar estudasse seu rosto lindo. — Eu realmente adoro isso.

— O que será que o Papai Noel colocará na sua meia? — Ele disse aquilo de um jeito que me fez pensar besteira. — E sob a árvore?

Ergui um ombro e pus minhas mãos no chão. Inclinando-me, beijei os lábios dele.

— Já tenho tudo o que quero de Natal.

— Humm. — Ele pôs as mãos no meu quadril e passou os lábios sobre os meus. — Eu não — murmurou. — Porque sou fominha, quero acordar com você amanhã de manhã. É o que quero.

— Mas...

— Cam já saiu com Avery e vamos no fim da manhã. Então por que devo levá-la para o apartamento hoje à noite? — Ele me beijou no canto da boca. — Você pode ficar aqui comigo. Meus pais não se importam. Podemos fingir que temos dezesseis anos e fazer sexo quietinhos para ninguém ouvir.

— Você é um pervertido. — Eu ri.

— Sou. — Ele beijou o outro lado. — Fica comigo?

Beijando-o, recuei só um pouco.

— Como se eu fosse dizer não.

Jase me abraçou, me puxando para que eu ficasse no vão das suas pernas, de costas para ele. Senti os lábios dele se curvarem contra a lateral do meu pescoço quando Jack gargalhou de algo que o pai de Jase tinha dito na cozinha.

— Posso falar uma coisa? — perguntou ele.

Virei-me e seus lábios resvalaram em meu rosto.

— Uma coisa!

— Isso foi mesmo bobo. — Jase riu baixinho.

— Sim. Mas você me ama, então... — Rindo, cheguei mais perto.

— Verdade. — Ele me beijou no rosto. — O que me traz de volta ao que eu queria dizer. — Fez-se um instante de silêncio e o peito dele se inflou contra minhas costas. — De certo modo, você já me deu o maior presente de todos.

— Esta manhã? — Virei-me para poder vê-lo. — Quando o acordei com minha...?

— Bom, isso foi ótimo, mas não. — Ele riu — É maior do que isso.

Prendi a respiração. O olhar dele buscava o meu.

— Nunca me imaginei casado, sabe? Depois do que aconteceu com Kari e passando estes últimos anos vendo meus pais criarem Jack, não via uma família para mim no futuro.

Meu coração acelerou.

— Mas isso mudou — continuou ele, encarando-me, e aqueles olhos prateados se tornaram todo o meu mundo no momento. — E isso mudou por sua causa. Agora me vejo casado e me vejo tendo minha própria família. Com você. E este é o melhor presente que eu poderia ganhar.

Abri a boca, mas não tinha o que dizer. O que Jase disse era como o sol de verão e aquilo tirara minha capacidade de falar.

— Ei. — Ele segurou meu rosto. — Diga alguma coisa.

Precisava dizer algo, porque o que ele dissera era maravilhoso e lindo. Meu coração batia apressado e meus pensamentos estavam confusos. A alegria cresceu dentro de mim. Nós. Juntos. Casamento. Família. Um dia. Eu me apaixonei de novo.

— Nossa, Jase — disse, fechando os olhos. — Eu te amo. Eu te amo tanto.

Ele gemeu e se aproximou ainda mais, unindo nossas bocas. Beijamo-nos como se estivéssemos desesperados um pelo outro, despejando tudo o que sentíamos no beijo. E mesmo depois que a paixão se dissipou o bastante para que respirássemos, ficamos juntos. Testa com testa. Os lábios se tocando o tempo todo. Não falamos, porque tudo o que precisava ser dito fora dito.

Ficamos assim até que o som de passinhos nos obrigou a nos separar. Jack se jogou ao nosso lado, segurando desajeitadamente um prato de biscoitos numa das mãos e um tablet na outra. Ele nos olhou com olhos iguais aos do pai e me conquistou.

— Biscoito? — Jack ofereceu um biscoito de gotas de chocolate semicomido.

Peguei-o e o dividi ao meio, segurando uma das metades. Os lábios de Jase tocaram meus dedos quando ele pôs tudo na boca, fazendo Jack cair na gargalhada. Comi o meu pedaço um pouco mais devagar.

— Estes biscoitos estão ótimos — disse a ele.

— Porque eu que fiz. — Um sorriso de orgulho apareceu em suas bochechas gordinhas.

— Isso mesmo. — Jase pôs o queixo no alto da minha cabeça e estendeu o braço, desarrumando os cabelos do filho com sua mão enorme. — Você é um ótimo cozinheiro.

— Quero fazer biscoito de arroz ano que vem para o Papai Noel.

— Não tenho sorte com estas coisas. — Jase suspirou.

— Tudo bem — disse. — Posso lhe ensinar. Eu preparo uns biscoitos de arroz bem deliciosos.

— Mesmo? — Jack arregalou os olhos.

— Prometo. — Ri e ergui a cabeça, vendo os pais dele à porta. Lágrimas brilhavam nos olhos da mãe dele e o sr. Winstead lhe apertava o ombro. Meu olhar recaiu sobre Jack, que deixara os biscoitos de lado e estava atento ao tablet, já envolvido num jogo, e entendi o que os pais dele estavam vendo.

Porque eu estava vendo também.

O futuro.

Nós três.

Tanta coisa mudara para nós em pouco mais de quatro meses. Em agosto, nunca achei que estaria aqui na véspera de Natal, com os lábios ainda latejando por causa dos beijos de Jase. Nosso futuro juntos não era algo que planejamos. Sempre achei que seria uma bailarina. Jase sempre acreditou que nunca se deixaria se apaixonar novamente. Nada disso era esperado, mas eu não trocava nada disso para poder dançar novamente.

Meu sonho foi destruído, mas depois recriado, se transformando em algo com mais sentido e mais precioso.

Segurando o jogo, Jack gritou, sorrindo para Jase. Um dia, ele saberia a verdade sobre seu pai e sua mãe, e eu sabia, do fundo da minha alma, que estaria ao lado de Jase quando esse dia chegasse, estaria presente para os dois.

Desci as mãos pelos braços de Jase, alcançando onde as mãos dele repousavam pouco abaixo do meu

umbigo. Abri os dedos sobre os dele e Jase virou a mão para cima, entrelaçando nossas mãos.

— Quer jogar a próxima rodada? — perguntou Jack com esperança em seus belos olhos cinzas, levantando a cabeça para mim.

— Adoraria.

Mais calmo, Jack voltou sua atenção para o jogo e Jase me deu um beijo na têmpora. E então, contra minha pele, ele disse as palavras que eu nunca me cansava de ouvir.

Ele sussurrou *eu te amo*.

AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada, agradeço a Kevan Lyon e à equipe da Marsal Lyon Literary e Taryn Fagerness Agency. Tessa Woodward — fico muito feliz por você amar os personagens tanto quanto eu, e seu trabalho de editora não tem preço. Obrigada Jessie, Abigail, Jen, Molly e Pam — vocês são os personagens nos bastidores, saindo para o mundo e facilitando muito meu trabalho como escritora.

Jen Fisher, obrigada por permitir que eu transformasse você e seus cupcakes em personagens fictícios. Você é fantástica, assim como seus cupcakes. *Fique Comigo* jamais teria acontecido sem Stacey Morgan. Ela não só é uma grande amiga e assistente, como também é a pobre alma que tem de ler meus manuscritos. Outro grande obrigado às moças (dentro e fora do mundo literário) que são demais: Laura Kaye, Sophie Jordan, Molly McAdams, Cora Carmack e Lisa Desrochers.

Por fim, e mais importante, um obrigado imenso a todos os leitores e críticos por aí. Livros não seriam possíveis sem vocês. Vocês são a parte mais importante de tudo isso e OBRIGADA do fundo do coração.

CONHEÇA OUTRAS HISTÓRIAS DE CASAIS QUE SE
APAIXONARAM PERDIDAMENTE



Espero Por Você

J. LYNN

Avery Morgansten precisa fugir. Ir para uma faculdade a centenas de quilômetros de casa foi a única forma que encontrou para esquecer o acontecimento fatídico que, cinco anos antes, mudara a sua vida para sempre. O que não estava em seus planos era atrair a atenção do único rapaz que pode mudar totalmente a rota do futuro que Avery está tentando construir.

Cameron Hamilton tem uma habilidade notável para fazer com que Avery deseje coisas que ela acreditava terem sido roubadas irrevogavelmente dela. Envolver-se com ele é perigoso. No entanto, ignorar a tensão entre eles — e despertar um lado dela que nunca soube que existia — é impossível.

Até onde ela estará disposta a ir e o que fará para esquecer o passado e viver aquela relação intensa e apaixonada?

Disponível em livro e e-book



Louco Por Você

JASINDA WILDER

Nell e Kyle são amigos desde a infância. Sempre fizeram tudo juntos, então ela nem se lembra de quando se tornaram realmente um casal. Quando Kyle morre da forma mais repentina, o mundo de Nell é lançado em um abismo de incertezas e dor. É quando Nell conhece Colton, irmão de Kyle e até então um completo desconhecido para ela.

Estranhamente, é como se Colton a conhecesse há muito tempo... é como se ele a conhecesse por dentro. Ambos passam, então, a lutar para seguir em frente da melhor maneira possível. Nell, sufocada pelo peso da culpa. Colton, lutando contra a força que o arrasta em direção a ela... Cada um à sua maneira, os dois precisam desesperadamente encontrar o sentido da cura e do perdão.

Disponível em livro e e-book



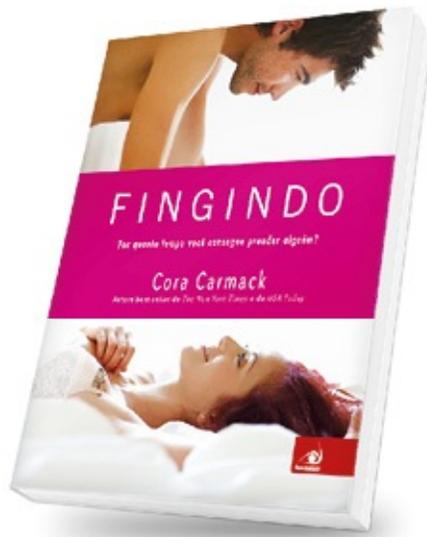
Perdendo-me

CORA CARMACK

VIRGINDADE. Bliss Edwards vai se formar na faculdade e ainda tem a sua. Chateada por ser a única virgem da turma, ela decide que o único jeito de lidar com o problema é perdê-lo da maneira mais rápida e simples possível com uma noite de sexo casual.

Tudo se complica quando, usando a mais esfarrapada das desculpas, ela abandona um cara charmosíssimo em sua própria cama. Como se isso não fosse suficientemente embaraçoso, Bliss chega à faculdade para a primeira aula do último semestre e... adivinhe quem ela encontra?

Disponível em livro e e-book



Fingindo

CORA CARMACK

Com seus cabelos coloridos, tatuagens e um namorado que combina com tudo isso, Max tem exatamente o estilo que seus pais mais desprezam... E eles nem sonham que a filha vive assim.

Ela fica em apuros quando seus pais a visitam na faculdade e exigem conhecer o futuro genro. A solução que Max encontra para não ser desmascarada é pedir para um desconhecido se passar por seu namorado.

Para Cade, a proposta veio em boa hora: é a chance que ele esperava para acabar com a sua fama de bom moço, que até hoje só serviu para atrapalhar sua vida.

Disponível em livro e e-book



Encontrando-me

CORA CARMACK

A maioria das pessoas adoraria passar meses viajando pela Europa após concluir a faculdade sem responsabilidades, sem pais e sem limites no cartão de crédito. Kelsey Summers não é exceção. No entanto, bebidas e festas não são suficientes para afastar a solidão de Kelsey, e talvez Hunt possa ajudá-la.

Depois de alguns encontros casuais, eles embarcam em uma aventura pelo continente. A cada nova cidade, uma experiência. A mente de Kelsey torna-se um pouco mais clara e cada vez mais seu coração deixa de pertencer somente a ela. Hunt a ajuda desvendar seus próprios sonhos e desejos. No entanto, quanto mais ela aprende sobre si mesma, mais percebe o quão pouco sabe sobre Hunt.

Disponível em livro e e-book

Saiba mais sobre a Editora Novo Conceito acessando o site:

www.editoranovoconceito.com.br

Não quer perder nenhuma notícia da Editora Novo Conceito?
Visite nossas redes sociais e fique por dentro dos lançamentos e novidades.
Você ainda pode participar de sorteios e fóruns de discussão de livros.



www.grupoeditorialnovoconceito.com.br



www.grupoeditorialnovoconceito.com.br/blog/



Facebook.com/editoranc



Twitter.com/novo_conceito



Instagram.com/novo_conceito



Skoob.com.br/novo_conceito



Youtube.com/editoranc



Pinterest.com/editoranc



Editora Novo Conceito

Rua Dr. Hugo Fortes, 1885 – Pq. Industrial Lagoinha

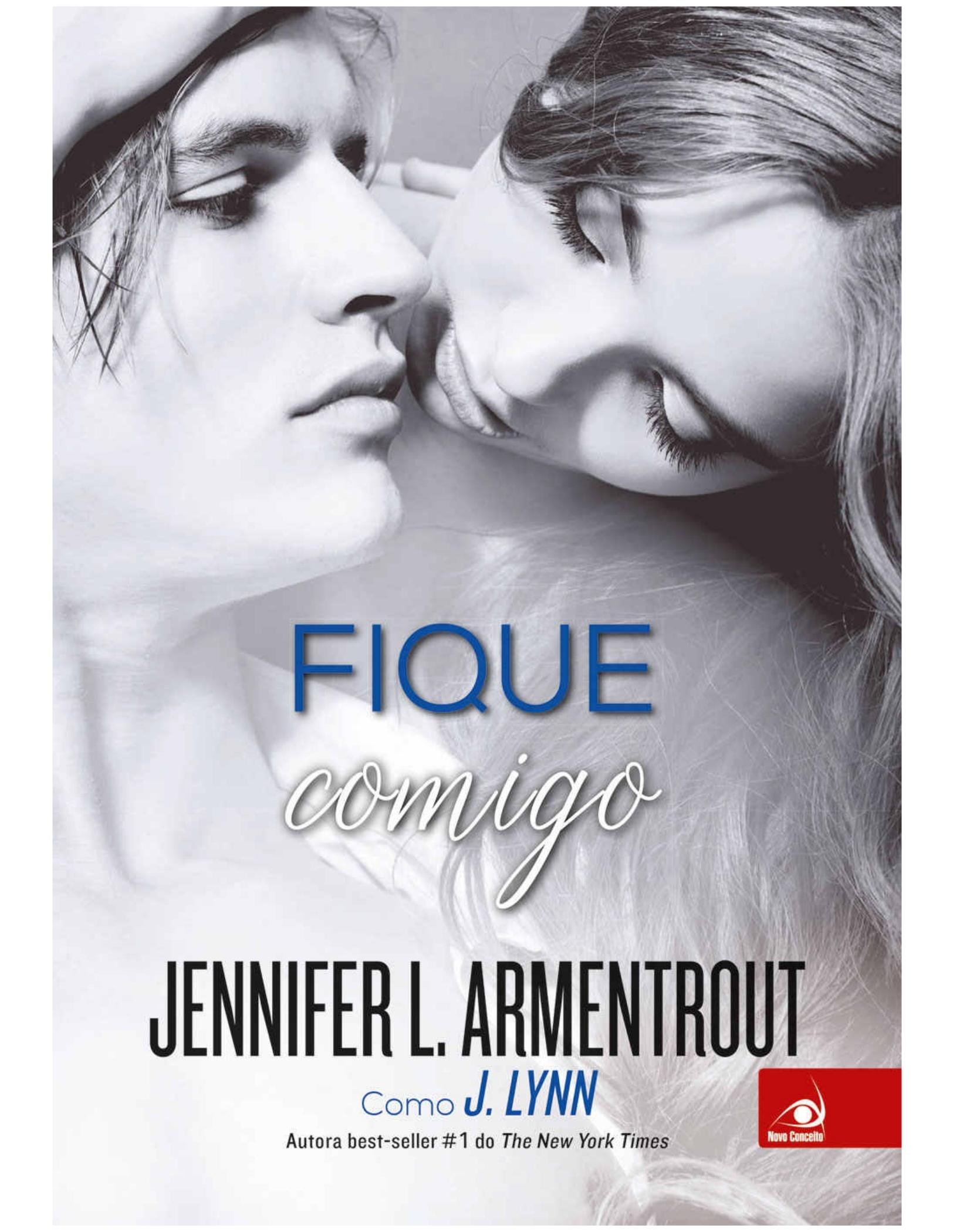
Ribeirão Preto/SP • Brasil • 14095-260

+55 16 3512.5507

contato@nceditora.com.br

NOTA

[1] A autora faz uma referência ao famoso acrônimo MILF — mother I'd like to fuck. (N. T.)



FIQUE
comigo

JENNIFER L. ARMENTROUT

Como **J. LYNN**

Autora best-seller #1 do *The New York Times*

